

DIÁRIOS DE BICICLETA

DAVID BYRNE





DIÁRIOS DE BICICLETA

DAVID BYRNE

Tradução de
Otávio Albuquerque,
Anna Lim e Fabiana de Carvalho

Prefácio de Tom Zé



Título original em inglês: *Bicycle diaries*
Copyright © Todo Mundo Ltd., 2009.

Amarilys é um selo editorial Manole.

Este livro contempla as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil.

As fotos e ilustrações que não pertencem ao autor são devidamente creditadas em cada página.

Capa

Hélio de Almeida, sobre ilustração de David Byrne

ISBN 978-85-204-3378-2

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, por qualquer processo, sem a permissão expressa dos editores.

A Editora Manole é filiada à ABDR – Associação Brasileira de Direitos Reprográficos.

Direitos em língua portuguesa adquiridos pela:

Editora Manole Ltda.

Av. Ceci, 672 – Tamboré

06460-120 – Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 4196-6000 – Fax: (11) 4196-6021

www.manole.com.br | www.amarilyseditora.com.br

info@amarilyseditora.com.br

Para Malu – que não anda de bicicleta... ainda

Sumário

Capa

Folha de rosto

Copyright

Dedicatória

Prefácio

Prefácio à edição de bolso americana

Introdução

Cidades dos Estados Unidos

Berlim

Istambul

Buenos Aires

Manila

Sydney

Londres

São Francisco

Nova York

Epílogo: o futuro da locomoção

Apêndice

Outros desenhos de David Byrne para paraciclos em Nova York

Agradecimentos

Sobre o autor

Centelha-Byrne

Se ele fosse Emerson, convidaria você para viver nos bosques. Se fosse Thoreau, para a desobediência civil...

Que tal? David Byrne o convida para dar umas voltas de bicicleta e mostra como isso se transforma num ato de consciência, numa centelha que pode passar do individual para o coletivo e dar ao planeta mais vida, alento e respeito.

Apesar da propalada timidez do roqueiro de Nova York, ao acompanhá-lo nessas pedaladas é melhor tratá-lo de David. Mais cerimonioso que isso é arriscado, porque o texto é tão enxuto que me lembrei do susto que levei ao ler pela primeira vez o Jorge Amado ainda proletário.

Que simplicidade!

Uma simplicidade com que DB evita desviar-se da perseguição obstinada do ser humano lutando para se reencontrar, além de dividir com o leitor-parceiro-de-guidom a aventura de pensar o mundo com ele.

Ezra Pound, a língua mais virulenta da crítica poética, elogiou Camões, entre outras coisas, porque nos caudalosos versos d’Os Lusíadas, o português, embora escoreito, não gasta papel com teses e filosofias. Mas, além disso, David é texto límpido e generosidade humana. Aspiração de mudar o mundo, sim, mas numa leitura sem aqueles vícios ensaísticos. O homem é escritor. Ponto. Agarra o leitor desde a primeira página. Sua escrita lembra o frescor inesperado dos contos de Katherine Mansfield.

O título, *Diários de bicicleta*, remete a seu predecessor, *Diários de motocicleta* (título com o qual o livro foi lançado nos Estados Unidos), viagem de Che Guevara pela América Latina. Façam ligações, diferenciações, estabeleçam pontes entre a situação de um guerrilheiro latino e de um guerrilheiro ciclista.

* * *

Segure o guidom e salte no coxim porque logo na [pedalada 19](#) ele conta como as cidades americanas fizeram tudo para ser simpáticas ao carro. Na [21](#), lembra os subúrbios da Baltimore de sua infância escocesa transplantada para os EUA. Era uma época em que os americanos temiam Rússia e Cuba, achando que os bairros onde viviam pudessem ser bombardeados a qualquer momento. Diz que as pessoas de Baltimore, morando num lugar careta, não são nem tipos sofisticados nem camponeses; são estoicos, tranquilos. O que ajuda a explicar a adaptabilidade de DB a viagens como algumas que ele narra, que pediram de fato algum estoicismo.

Na [pedalada 89](#), diz que as migrações humanas são infinitas, nunca terminaram. Duvida que alguém possa afirmar, hoje, ser nativo de algum lugar — “na maioria dos casos, não”. É um golpe certo contra a discriminação baseada em origem.

Pouco adiante, dá uma ferroada na arquitetura: para ele, os feios prédios atuais dizem que não seremos como nossos pais; que nós, “pessoas modernas”, somos diferentes, não mais caipiras. E, botando abaixo edificações de cidades antigas, mostramos que não queremos associar nenhuma parte do cenário urbano ao nosso passado, que o passado é uma prisão visual. Observa que “os chineses estão fazendo isso agora, a passos largos”.

Bem no alvo, DB continua, cutucando o preconceito inerente às aparentes mudanças: os caixotes de concreto e vidro representam o triunfo do culto ao capitalismo e do materialismo marxista... “Sistemas opostos chegaram mais ou menos ao mesmo resultado estético”.

Byrne cita dois (ex)prefeitos sul-americanos: o de Bogotá, Peñalosa, que quis que na sua cidade igualdade significasse democracia – conexão que, segundo DB, não é tão vigente assim nos Estados Unidos, olhem, é ele quem está dizendo – tornando a vida social mais tranquila e alegre, reduzindo a criminalidade. E Jaime Lerner, de Curitiba, que, com um planejamento urbano inteligente e barato, fez modificações que melhoraram a vida dos moradores.

Em cima do guidom da bicicleta, que permite uma visão mais alta e abrangente que a da janela do automóvel, você irá com ele da Turquia a Buenos Aires, das Filipinas à Austrália (que apavorantes aranhas urbanas tem Sydney!), de Nova York a Londres e São Francisco. Compreendendo instantaneamente, com o olhar, essa linguagem que é o procedimento humano construindo e destruindo suas cidades.

No final, você pode sentir uma vontade louca de subir também numa bicicleta para fazer suas próprias observações e incentivar a reformulação das cidades, das convivências, da poluição, porque uma ideia simples pode provocar um efeito dominó e transformar o mundo.

Numa das últimas pedaladas, David Byrne comenta com você: “Observar e participar da vida de uma cidade — mesmo para uma pessoa reticente e frequentemente tímida como eu — é uma das maiores alegrias da vida. Ser uma criatura social — isso faz parte do que significa ser humano”.

*Tom Zé,
São Paulo,
setembro de 2009*

Prefácio à edição de bolso americana

Quando as edições deste livro em capa dura e e-book foram lançadas, eu resolvi que, em vez de promovê-lo com leituras, eu iria participar de pequenos eventos em várias cidades. Essas apresentações e discussões teriam como foco não apenas as bicicletas, mas também o passado e o futuro de nossas cidades. (Por sua vez, este livro — o leitor logo irá descobrir, espero eu — não é realmente sobre bicicletas.) Visitei São Francisco, Portland, Los Angeles, Seattle, Austin, Minneapolis, Chicago, Toronto, Ottawa, Philadelphia, Washinton, D.C., Providence, Boston e Atlanta. Em cada um desses lugares, havia quatro de nós no palco: um representante da autoridade local da cidade, um ativista (geralmente em prol do ciclismo urbano, mas, às vezes, ligado ao transporte público também), um historiador ou teórico de urbanismo e eu. Cada um de nós falava por cerca de vinte minutos, mostrava slides e respondia a perguntas no final. Esses eventos eram de uma escala modesta — normalmente, os teatros tinham lotação máxima de menos de mil pessoas —, mas na maioria dos casos deixaram uma impressão duradoura, tanto em mim quanto nos participantes locais. Em cada cidade, encontrei diversas pessoas que, de várias formas, estão lidando com muitas das ideias, considerações e problemas urbanos que discuto neste livro. Muitas dessas ideias não são originais. Outros já disseram as mesmas coisas, às vezes, até melhor; certamente, com muito mais detalhes do que eu fiz. Minhas ideias vêm, em parte, de livros, mas com a mesma frequência elas surgem de passeios de bicicleta em cidades como as que mencionei aqui.

As pessoas que se apresentam e comparecem a esses fóruns são aquelas que estão de fato trabalhando para transformar nossas cidades. Uma das coisas que captei nesses eventos foi a sensação de que há uma movimento na opinião pública no sentido de tornar nossas cidades menos centradas nos automóveis e mais adequadas às pessoas em geral. Esses encontros às vezes se transformavam em um ponto de convergência desse desejo, um lugar onde se podia discutir abertamente, o que foi empolgante. Fiquei com a impressão de que, com um pouco mais de esforço, a mudança não é apenas possível: é inevitável.

Como isso aconteceu? Em parte, esse impulso sentido amplamente não é inspirado por discursos de estudiosos ou políticos; ele deve-se ao fato de que as cidades voltaram a ser um lugar atraente para morar, trabalhar e educar nossos filhos — muito mais do que eram há algum tempo. Conforme as cidades ficaram mais atraentes, seus habitantes naturalmente olharam para os ambientes ao seu redor com outros olhos; eles se envolvem muito mais se aquele não é apenas um lugar onde trabalhar durante o dia ou, ocasionalmente, assistir a um show ou comer fora. Há um egoísmo saudável envolvido no movimento para tornar as cidades mais agradáveis. Para os residentes urbanos, tudo está ligado: suas vidas domésticas, suas carreiras, o modo como vão de casa pra o trabalho, do trabalho para casa e o que tudo isso os faz sentir. A vida das pessoas não é assim tão compartimentalizada — geralmente, o lugar em que se vive, se trabalha e se diverte está a uma pedalada de distância. Fazer com que todas essas coisas se juntem e se misturem em vez de estar completamente separadas e isoladas umas das outras pode deixar a vida muito mais gostosa. Sem “trabalho agora para o futuro”¹, como disse a banda Devo, parafraseando nossa tendência religiosa de adiar a vida e a

diversão — como se tivéssemos que suportar circunstâncias abaixo do ideal porque seremos recompensados mais tarde. Com o quê, uma casa no subúrbio? É essa a recompensa? Muita gente percebe que isto não é o sonho dourado que dizem ser.

Quando a compartimentalização da vida de alguém começa a se partir, o impulso é tentar melhorar *tudo*, não se concentrar apenas em ter gramados melhores, ruas arborizadas e *country clubs* nos subúrbios, a quilômetros de onde a pessoa trabalha... ou focar-se apenas em um escritório maior e uma vaga exclusiva para o seu carro quando se está na cidade. Nesses encontros, senti que as pessoas estão começando a ver suas cidades não apenas como uma parada temporária em sua carreira profissional ou em sua vida — já não é um lugar do qual fugir assim que se junta dinheiro o suficiente —, mas como um fim em si mesmas. Quanto mais pessoas compartilham essa atitude, o capital criativo nas cidades passa a superar a suposta vantagem dos gramados e da facilidade de estacionar oferecidas pelos subúrbios. As cidades sempre foram o lugar onde é possível se reinventar pessoal, psicológica e criativamente de modo contínuo. Finalmente aceitamos que chegou a hora de torná-las habitáveis também.

Ficou claro que teremos que desfazer muito do que foi feito nos últimos setenta anos. Como os russos saindo do sistema soviético, estamos começando a emergir da era da domínio do automóvel. Da mesma forma que eles, temos que superar padrões e modos de pensar (ou deixar de pensar) arraigados.

As percepções que tirei desses eventos têm sido muito animadoras, apesar da atual falta de iniciativa em lidar com uma vastidão de outros problemas, desde o aquecimento global e o colapso da economia até o comportamento dos bancos (ainda sem regulação, no momento em que escrevo!). Uma pessoa pode se tornar muito cínica com tudo isso. Talvez eu tenha dado sorte, mas esses eventos me mostraram que há razões para o otimismo. Em geral, os representantes municipais que participaram estavam do mesmo lado dos ativistas. Ambos concordavam que estruturar nossas cidades em torno dos automóveis nos levou a um — *hum*... — beco sem saída. O resultado desse modelo não é, de modo algum, uma cidade, mas uma intersecção junto a um estacionamento. Eu já estive em cidades assim — ou no que sobrou delas.

Foi interessante notar que, em nossas reuniões anteriores aos eventos, vários dos participantes presumiram que eu seria o foco da atenção. Mas não foi o que aconteceu. O público compareceu porque estava energizado e empolgado com os assuntos discutidos ali — é a vida deles, afinal —, então eles geralmente concentravam suas perguntas nos representantes do poder público. Eu fiquei feliz em ser simplesmente o catalisador ou a desculpa para fazer aquilo acontecer, mas os detalhes mais intrincados dos projetos e propostas apresentados eram, de fato, o interesse real. Esses participantes querem ver sua cidade melhorada, e sabiam que não era eu quem faria isso acontecer. Às vezes esse foco no representante do poder público descambava para pedidos de “eu preciso de uma ciclovias na minha rua” ou em reclamações sobre motoristas insensíveis, mas as pessoas, em sua maioria, sentiam que suas cidades estavam mudando para melhor, e que essa mudança vem aos poucos.

Às vezes os políticos locais eram evasivos e davam declarações tortuosas e indiretas, sem planos concretos para apresentar em resposta às questões do público. Mas vários deles apresentaram iniciativas e propostas reais e conseguiram citar melhorias que já estavam sendo

providenciadas.

Nesses eventos, eram os historiadores e urbanistas a fonte de imprevisibilidade. Don Shoup juntou-se a nós em Los Angeles, onde ele é considerado o “guru do estacionamento” — um assunto em alta conta entre os “angelinos”. Ele fez uma apresentação detalhando o comportamento dos motoristas em busca de vagas para estacionar. Por quanto tempo eles dão a volta no mesmo quarteirão? Quantos quarteirões, em média, eles contornam? Se existe a possibilidade de estacionamento gratuito nas proximidades, será inevitável que as ruas fiquem cheias, atulhadas de motoristas esperançosos dando voltas em busca de uma vaga? (Sim, é incrível como uma grande parcela do tráfego é de fato criada por gente procurando um lugar para parar o carro na rua.) Em Nova York, Mitchell Joachim propôs que casas pudessem literalmente ser plantadas — feitas de plantas criadas e treinadas para ser nossos ninhos, sendo, assim, “verde” em vários sentidos. Ele fez ainda outra proposta, para casas feitas de carne criada em laboratório! A janela redonda, que podia ser aberta e fechada como uma lente, parecia um ânus gigante! Eca. O historiador Samuel Zipp, da Brown University, em Providence, Rhode Island, mostrou a evolução e as transformações daquela cidade utilizando-se exclusivamente de lindos cartões-postais históricos. Começando com as imagens de vias repletas de bondes e quase nenhum carro, indo até o início dos anos 1970, quando estudei lá, e quando o rio que cruza a cidade foi pavimentado para transformar o centro da cidade em um gigantesco anel viário. (Daquela época para cá, o rio deixou de ser coberto, e o centro da cidade melhorou muito.) Nem sempre os erros são eternos.



Nova ciclovía na Market Street, São Francisco. ©Frank Chan, San Francisco Bike Coalition.

Embora nosso modo de pensar as cidades esteja atrás de trincheiras, eventos recentes indicam que as coisas podem estar mudando. Detroit, segundo ouvimos, está transformando seu centro urbano vazio e abandonado em terra fértil para plantio. Programas para compartilhamento de bicicletas estão se iniciando em Ottawa, Denver, Minneapolis, Washington, D.C. e Toronto. São Francisco emergiu de anos de trâmites burocráticos e acrescentou uma ciclovía protegida na Market Street.

No Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro estão dando início a programas de ciclismo. Los Angeles mudou a cara de seus ônibus e criou faixas exclusivas para eles (como fez também Nova York, um ano depois); o uso de transporte público aumentou significativamente ali — algo espantoso para aquela cidade. Há um grande impulso nessa direção.

Aqui em Nova York, a chefe do Departamento de Transporte, Janette Sadik-Khan, continua a fazer mudanças que seriam impensáveis alguns anos atrás. O trecho da Broadway que fica entre a 48th e a 34th Street agora se divide entre zona pedestre, praça pública e ciclovia. A 34th Street vai receber corredores de ônibus e mais espaço para o pedestre; o espaço público ao redor da Union Square será expandido, e o tráfego, eliminado de seu lado norte. Ciclovias estão chegando ao lado leste de Manhattan. Posso imaginar algumas de nossas ruas menos amigáveis transformando-se em versões do Novo Mundo de lugares como, por exemplo, La Rambla, em Barcelona: grandes bulevares que têm espaço para automóveis, mas que são, primordialmente, um lugar para andar, para ver e ser visto, e para ir de um lugar ao outro de maneira agradável.

Eu experimentei o programa público de aluguel de bicicletas em Paris, o Vélib. Soltar a bicicleta foi meio confuso a princípio, com todos os movimentos exigidos e botões a serem apertados, mas depois disso é fácil. Dei um passeio ao longo do Sena, passando por uma ponte para pedestres junto à torre Eiffel, e voltei para o meu hotel. Custa um euro o período de 24 horas (e você também pode comprar um passe mensal ou anual), e dentro desse período o uso é ilimitado, desde que cada passeio individualmente não ultrapasse trinta minutos. Isso significa que você pode fazer compras, ir ao cinema, encontrar-se com amigos para jantar ou mesmo ir para o trabalho, se não for muito distante. E como há estações Vélib por toda a cidade, você reinsere a bicicleta em um dos paraciclos da que estiver mais próxima do seu local de destino e o cronômetro para de contar. Depois, sem taxa adicional, você pode pegar outra para voltar para casa ou ir até sua próxima parada, e o cronômetro zera outra vez.



Velib, o programa de aluguel de bicicletas de Paris. © Matthew Rankin

Uma das bicicletas na estação estava com o pneu murcho, e seu paraciclo piscava, em vermelho, indicando que ela não estava disponível para uso. Também fui aconselhado a checar as correntes e os freios antes de pegar uma bicicleta, pois às vezes elas não estão em

boas condições. Quando perguntei sobre as histórias veiculadas recentemente na imprensa americana, de que as bicicletas Vélib estariam sofrendo vandalismo e sendo estragadas, supostamente pela população imigrante dos subúrbios de Paris, me disseram que tudo não passava de boato, e que a taxa de roubo e vandalismo era muito menor do que diziam. Também fui informado que o sistema tem sido extremamente lucrativo para a cidade, e que talvez os custos que diziam ser necessários para a manutenção fossem um esforço da companhia de mobiliário urbano e publicidade JC Decaux para renegociar seu contrato com o município. Seja lá qual for a verdade, os franceses parecem orgulhosos de seu sistema.

Dito isso, nós, na América do Norte, ainda temos um longo caminho pela frente. A nova meta de consumo de combustíveis do governo dos EUA é de 6,63L/100km — o que, francamente, é patético. Nós temos a capacidade de produzir, hoje, carros que conseguem fazer 2,35L/100km, mas é claro que isso tiraria todos os utilitários e Hummers das ruas, então acho que isso ainda não é aceitável, ao menos por enquanto. Acabo de ler que a GM está otimista com seu novo carro — um novo modelo do Jeep Cherokee! Isso é que é padrão arraigado de pensamento! Onde meus pais moram, na bucólica Columbia, Maryland, existe apenas um ônibus para chegar ou sair da cidade por dia. Como eles não dirigem mais, estão efetivamente encurralados, prisioneiros em um subúrbio bem-cuidado. Muitos outros velhinhos que se mudaram para os subúrbios estão se vendo em situações parecidas, ou logo estarão assim, em um futuro próximo.

Fabricantes de bicicletas também estão reagindo ao desenvolvimento urbano. Existem muito mais modelos de bicicletas urbanas disponíveis agora do que havia há um ou dois anos. Essas bicicletas — várias delas vagamente inspiradas no modelo holandês ou nas antigas bicicletas que alguns de nós tivemos na infância — não são para correr ou executar manobras, mas para pedalar por aí com elegância e asseio. Elas costumam ter cestas onde colocar nossas sacolas de compras, e proteção para não sujar nossas roupas. Agora existem também bicicletas elétricas, para que a pessoa possa ir até o trabalho a uma distância maior sem chegar molhada de suor. Vi há pouco tempo em desenvolvimento no MIT uma bicicleta elétrica de dois lugares que, além de dar uma forçinha à pedalada, conecta-se automaticamente a um website que poderá lhe garantir créditos de carbono por ir de bicicleta ao trabalho. Esse tipo de incentivo monetário tornaria o ciclismo extremamente sedutor e popular.

Para onde tudo isso aponta? Ando otimista nos últimos tempos. Eu visualizo cidades transformadas, em geral com mais gente nas ruas, pessoas que não são forçadas a se sentirem como intrusas, como secundárias frente aos automóveis. Percebo uma volta à união da vizinhança e tenho a sensação que muitos de nós estão aprendendo a ir mais devagar e a apreciar um pouco mais a vida. E não estou falando só sobre as bicicletas. Várias cidades americanas, inclusive Cincinnati, Dallas e Los Angeles, têm planos de tornar algumas de suas rodovias subterrâneas e colocar parques por cima delas.



Maquete para um parque sobre uma via expressa em Dallas. © Mei-Chun Jau

Já fizeram isso em Boston, e é maravilhoso. O parque reconecta a margem do rio com o resto da cidade; as pessoas estão, digamos, bem mais felizes. A ciclovía do Hudson River Park na parte oeste de Manhattan é gloriosa – eu a utilizo para ir e voltar do centro com segurança e rapidez quase todos os dias – mas é bem ao lado de uma rodovia, separada da cidade como um todo. Eu sonho com o dia em que a rodovia possa ser enterrada e o parque atual possa se expandir e se integrar às ruas de Manhattan. Eu não moro perto da velha e má FDR Drive, no lado leste, mas ao que me toca, ela podia muito bem ser enterrada também.

Essas mudanças trazem recompensas. Ampliar a qualidade de vida nas cidades resulta em aumento de produtividade, prosperidade e saúde, tanto física quanto mental. Funcionários faltam menos por motivo de doença e o sistema de saúde fica menos sobrecarregado — o fardo que todos carregamos fica mais leve. É claro, essas mudanças também são mais ecológicas, embora ser ecológico porque é bom para o nosso futuro não pareça ser uma motivação tão atraente. O que eu noto é que se algo faz a pessoa se sentir melhor, isso é um incentivo mais forte. Esse tipo de *feedback* positivo imediato foi o que criou este impulso, este movimento, e as mudanças legislativas e estruturais irão mantê-lo nos trilhos.

Eu nunca pretendi me tornar um ativista desses assuntos — e não sou. Sinto-me mais como um observador, alguém relatando seu próprio ponto de vista sobre as coisas. Nossas cidades estão vivas, como nós; elas têm tanto uma presença física quanto uma inteligência que as guia. Elas são um corpo e um cérebro. São nossas redes neurais em grande escala, nossos impulsos psicológicos tornados físicos, e ao mudar e consertar nossas cidades, estamos refletindo mudanças similares que ocorrem em nosso interior. Quando nosso mundo físico não corresponde minuciosamente à nossa visão, à nossa fisiologia e à nossa psicologia inata, nós sofremos e nos sentimos alienados, como se estivessemos morando no corpo ou na mente errada. Quando o que nos cerca está mais alinhado conosco, nós nos encaixamos melhor, de maneira mais confortável. As recompensas são imensas e variadas.

Mas, antes de tudo, é muito mais divertido.

*David Byrne,
Nova York, maio de 2010*

¹ N.T.: Tradução livre de “duty now for the future”, título de um álbum da banda Devo, lançado em 1979.

Introdução

A bicicleta é o meio de transporte mais utilizado no mundo.

Venho usando uma bicicleta como meu principal meio de transporte em Nova York desde o início dos anos 80. Comecei aos poucos e me senti muito bem, mesmo aqui nesta cidade. Passei a me sentir mais livre e bem disposto. Eu tinha uma bicicleta velha de três marchas que ganhei quando era pequeno nos subúrbios de Baltimore, e para as ruas de Nova York, isso já é mais do que o suficiente. Naquela época, minha vida era mais ou menos restrita ao centro de Manhattan — East Village e Soho — e logo vi que pedalar era uma forma muito fácil de se locomover pela cidade durante o dia ou ir a boates, exposições de arte ou lugares badalados à noite sem precisar recorrer a um táxi ou à estação de metrô mais próxima. Eu sei, noitadas e ciclismo podem não parecer uma mistura muito comum, mas há tantas coisas para se ver e ouvir em Nova York que acabei descobrindo que pedalar era uma forma bastante rápida e eficiente de se ir de um lugar a outro. E continuei pedalando, apesar do perigo e de toda a aura nem um pouco descolada, já que muito poucas pessoas andavam de bicicleta na época. Os motoristas não sabiam dividir as ruas com ciclistas e você acabava sendo fechado ou espremido contra os outros carros estacionados mais ainda do que hoje em dia. Quando fiquei um pouco mais velho, acho que senti também o quanto pedalar era uma boa maneira de se fazer algum exercício, mas nem havia pensado nisso quando comecei. Eu apenas gostava de andar pelas ruas sujas e esburacadas da cidade. Era fantástico.

No final dos anos 80, descobri as bicicletas dobráveis e, conforme o meu trabalho e a minha curiosidade me levavam para os mais diversos cantos do mundo, costumava levá-las comigo. A mesma sensação de liberdade que experimentei em Nova York me acompanhou enquanto pedalava por várias das maiores capitais do mundo. Eu me sentia mais ligado à vida nas ruas do que jamais seria possível se estivesse dentro de um carro ou de algum tipo de transporte público. Podia parar onde bem quisesse; a bicicleta era muitas vezes (muitas vezes mesmo) mais rápida do que um carro ou um táxi para se ir do ponto A ao ponto B; e eu não precisava seguir nenhum caminho predeterminado. A mesma empolgação voltava a cada cidade sempre que eu sentia a brisa e a agitação das ruas passando à minha volta. Para mim, isso era viciante.

Esse ponto de vista — mais rápido que uma caminhada, mais lento que um trem e muitas vezes ligeiramente mais elevado que o de uma pessoa — passou a ser minha janela panorâmica em grande parte do mundo ao longo dos últimos trinta anos — e continua sendo. Uma janela enorme e geralmente com vista para um cenário urbano. (Não sou nenhum corredor ou ciclista esportivo.) Através dela, eu acompanho fragmentos de como são as mentes das outras pessoas, que se expressam em meio às cidades onde elas vivem. Concluí que as cidades são manifestações físicas das nossas crenças mais profundas e de pensamentos muitas vezes inconscientes, não tanto como indivíduos, mas como os animais sociais que somos. Um cientista cognitivo só precisa analisar o que nós construímos — as colmeias que criamos — para saber o que se passa pelas nossas cabeças e aquilo a que damos importância, além da

forma como estruturamos esses pensamentos e crenças. Está tudo lá, escancarado, a céu aberto; você não precisa de tomografias e estudos antropológicos para mostrar o que se passa dentro da mente humana; esses processos internos se manifestam em três dimensões bem à nossa volta. Às vezes, a facilidade com que é possível identificar os nossos valores e sonhos chega a ser embaraçosa. Eles estão bem diante dos nossos olhos — em vitrines, museus, templos, lojas, prédios de escritório e nas formas como essas estruturas se correlacionam — ou não. Com uma linguagem visual singular, todas essas coisas dizem: “Isto é o que importa para nós e é assim que vivemos e nos divertimos”. Andar de bicicleta através disso tudo é como navegar pela rede neural de uma vasta mente global. É uma verdadeira jornada pela psique coletiva de um grupo compacto de indivíduos. Como em *A viagem fantástica*, mas sem os efeitos especiais vagabundos. Você pode sentir o cérebro coletivo — feliz, cruel, traiçoeiro e generoso — em plena atividade. Variações infinitas de situações familiares se repetem e retornam: casos de triunfo ou melancolia, esperança ou resignação, mudanças em eterno desdobramento e multiplicação.

Claro, eu visitei a maioria das cidades apenas de passagem. Sendo assim, alguém até poderia dizer que os meus relatos passam uma visão superficial, limitada e particular por definição. Isso é verdade, e muitas das coisas que escrevi sobre as cidades podem ser encaradas como uma espécie de autoanálise onde elas me serviram de espelho. Mas acredito também que, mesmo de passagem, um visitante também pode captar os detalhes, as especificidades à mostra, fazendo com que o contexto geral e as estruturas ocultas da sociedade se mostrem praticamente por si mesmos. A economia se revela nas vitrines das lojas e a história, nos batentes das portas. Por incrível que pareça, quanto mais microscópico for o seu olhar, mais ampla se torna a sua perspectiva.

Cada capítulo deste livro se concentra em uma cidade em particular, embora eu pudesse ter mencionado várias outras. Como é de se esperar, as diferentes cidades têm suas próprias caras e formas de expressar o que seus moradores acham importante. Às vezes, certas perguntas e linhas de raciocínio parecem ser quase predefinidas por um determinado cenário urbano. Por isso, alguns capítulos acabaram se concentrando mais na história da cidade, enquanto outros discutem a música ou a arte local, por exemplo — dependendo da cidade em questão.

Naturalmente, algumas cidades são mais acolhedoras aos ciclistas do que outras. Não só pelas questões geográficas ou climáticas, embora isso faça diferença, mas sim pelos tipos de comportamentos mais encorajados e pela forma como as cidades são organizadas — ou desorganizadas. Por incrível que pareça, as menos acolhedoras são às vezes as mais interessantes. Roma, por exemplo, é ótima para se pedalar. O trânsito nas principais cidades italianas é notoriamente complicado, o que favorece as bicicletas. Desde que as famosas colinas romanas sejam evitadas, você pode pedalar de uma linda paisagem até outra sem problemas. Roma não é de forma alguma uma cidade adaptada às bicicletas — a filosofia de cada um por si não encorajou a criação de nenhuma ciclovia segura nessas grandes cidades —, mas se você aceitar esse fato, mesmo que temporariamente, e tomar os devidos cuidados, é um lugar altamente recomendável.

Estes diários têm pelo menos doze anos. Muitos relatos foram escritos durante visitas a trabalho a diversas cidades — para shows ou exposições, no meu caso. Muitas pessoas têm

trabalhos que as fazem viajar pelo mundo todo. Eu descobri que pedalar algumas horas por dia — ou até mesmo só para ir e voltar do trabalho — é algo que me mantém em equilíbrio. As pessoas podem ficar desorientadas quando viajam ao se verem sem as bases de seus ambientes físicos familiares, o que de certa forma também afrouxa algumas conexões psíquicas. Às vezes, isso é bom — pois pode abrir sua mente e gerar novas ideias —, mas com frequência também pode ser algo traumático e nada interessante. Algumas pessoas se escondem dentro de si mesmas ou de seus quartos de hotel quando estão em um lugar estranho, ou extravasam de vez na tentativa de recobrar um pouco do controle sobre a situação. Pessoalmente, acho que o bem-estar físico proporcionado por um meio de transporte autoalimentado, junto à sensação de autocontrole inerente à locomoção sobre duas rodas, é muito fortalecedor e reconfortante, mesmo que por alguns instantes — o bastante para me manter nos eixos pelo resto do dia.

Falando assim, até parece que isso é algum tipo de meditação, mas de certa forma é mesmo. Realizar uma tarefa corriqueira como dirigir um carro ou andar de bicicleta coloca as pessoas em um estado mental não muito profundo nem envolvente. A atividade se torna repetitiva, mecânica, e distrai e ocupa a mente consciente, ou pelo menos parte dela, de uma forma que deixa você razoavelmente alerta, mas não muito, apenas o suficiente para não ser pego de surpresa. Isso proporciona um estado que abre um pouco de espaço, bastante apenas para que o subconsciente comece a borbulhar. Como alguém que vê grande parte da origem de seu trabalho e criatividade nessas borbulhas, acho que essa é uma boa estratégia para se fazer essa conexão. Assim como problemas de alta complexidade às vezes são resolvidos durante uma noite de sono, quando a mente consciente se distrai, o inconsciente assume o comando.

Ao longo do tempo em que estes diários foram escritos, eu vi algumas cidades, como Nova York, tornarem-se radicalmente mais adaptadas às bicicletas. Em outras, as mudanças foram lentas e gradativas — e ainda não chegaram ao ponto em que a bicicleta pode ser encarada como um meio de transporte válido e prático. Algumas cidades conseguiram encontrar formas de se tornarem mais habitáveis, e puderam colher boas recompensas financeiras como resultado, enquanto outras afundaram ainda mais nas valas que elas mesmas começaram a cavar décadas atrás. Exploro esses processos de desenvolvimento, planejamento urbano e políticas públicas no capítulo sobre Nova York e também descrevo o meu pequeno envolvimento no cenário político (e cultural) na luta para que a cidade se tornasse mais receptiva às bicicletas e, na minha opinião, um lugar mais humano para se viver.

Cidades dos Estados Unidos

A maioria das cidades dos Estados Unidos não é simpática às bicicletas. Também não é lá muito simpática aos pedestres. Essas cidades são simpáticas apenas aos carros — ou pelo menos tentam de tudo para ser. Em muitos desses lugares, seria possível dizer que as máquinas venceram. A vida das pessoas, o planejamento urbano, as verbas, o tempo, tudo gira em torno dos automóveis. É um estilo de vida insustentável a longo prazo e desgastante a curto prazo. Como as coisas chegaram a esse ponto? Talvez a culpa seja de Le Corbusier e seus “visionários” projetos para a Cidade Radiante no começo do século passado:



Le Corbusier, “Cidade Radiante” (maquetes). Banque d’Images/Art Resource, NY. © 2009 Artists Rights Society (ARS), Nova York/ADAGP, Paris/FLC

Os projetos utópicos de Le Corbusier — cidades (na verdade, apenas prédios) em meio a uma rede de vias expressas com múltiplas faixas — estavam em perfeito compasso com o que as empresas automotivas e petrolíferas queriam. Considerando-se que quatro das cinco maiores corporações do mundo ainda são do ramo de petróleo e gasolina, não é nada surpreendente ver como esses projetos estranhos e acolhedores aos carros ainda existem. No período pós-guerra, a General Motors era a maior empresa do mundo. O presidente da companhia, Charlie Wilson, disse: “O que é bom para a GM, é bom para o país”. Mas será que alguém ainda acredita que a GM pensava no que era melhor para os Estados Unidos?

Talvez nós também possamos culpar Robert Moses, que conseguiu com tanto sucesso encher Nova York de vias expressas elevadas e cânions de concreto. O ímpeto e o proselitismo desse homem causaram os mais variados efeitos. Outras sociedades copiaram esse exemplo. Ou talvez a culpa seja de Hitler, que construiu as *Autobahns* para que as tropas e suprimentos alemães tivessem um acesso rápido, eficiente e confiável a todos os pontos ao longo das frentes de batalha durante a 2ª Guerra Mundial.

Tentei explorar de bicicleta alguns desses lugares — Dallas, Detroit, Phoenix, Atlanta — e foi muito frustrante. As diversas partes dessas cidades muitas vezes são “conectadas” — se é

que se pode usar esse termo — principalmente por vias expressas, enormes e impressionantes laços de concreto que em geral massacram os bairros por onde passam e muitas vezes também as regiões que elas supostamente deveriam interligar.

As áreas em volta dessas vias expressas fatalmente se tornam zonas mortas. Pode até haver alguma rampa no entorno da cidade desembocando perto de um KFC ou um Red Lobster, mas esses restaurantes não formam bairros. Os restos mortais dessas comunidades mutiladas acabam sendo substituídos por shoppings e enormes lojas isoladas em meio a vastos estacionamento desérticos. Esses pontos de comércio se espalham ao longo das vias expressas responsáveis pela morte das vizinhanças que elas foram projetadas para interligar. Por fim, asfalto, shoppings e projetos habitacionais sem foco algum se espalham até onde a vista alcança, enquanto essas estradas se alastram cada vez mais. Monótonas, tediosas, cansativas... e de vida curta, suspeito eu.

Cresci nos subúrbios de Baltimore. Uma das casas em que nós moramos tinha um projeto habitacional à direita e algumas casas mais antigas na parte de trás — com um bosque e uma fazenda na frente. Nossa casa ficava bem onde o projeto habitacional suburbano acabava (na época) — na divisa com a fazenda. Como muitas pessoas, desenvolvi uma aversão aos subúrbios pelo seu quê de artificial e estéril. Mas nunca me esqueci por completo desses lugares. Eles incitam um tipo estranho de encanto e atração do qual eu (e muitos outros, imagino) nunca consegui me livrar.

Acho que me envolvi com o ciclismo desde cedo: no colégio, eu costumava ir de bicicleta até a casa da minha namorada, que ficava a pelo menos uns seis quilômetros e meio da minha, para poder conversar e trocar alguns beijinhos à tarde depois do dever de casa. A gente quase transou uma vez bem ao lado do lixão municipal — não haveria curiosos por ali.

A minha geração gosta de tirar sarro dos subúrbios, shoppings, comerciais e séries de tevê com as quais crescemos — mas tudo isso faz parte de nós também. Por isso mesmo, no fundo essa nossa visão irônica tem um pouco de amor. Mesmo que todos não vissem a hora de ir embora, eles representam algo reconfortante para nós. Por termos vindo desses lugares completamente caretas, nós nunca vamos conseguir ser iguais aos tipos urbanos e sofisticados que vemos nas revistas, mas também não somos gente do campo — estoicos, autossuficientes e tranquilos — adaptados e confortáveis em meio à natureza. Esses subúrbios, onde muitos passaram seus anos de formação, ainda disparam gatilhos emocionais dentro de nós; são lugares ao mesmo tempo cativantes e perturbadores.

Durante a época do colégio em Baltimore, eu costumava ir de ônibus ao centro da cidade para passear pelas áreas de comércio. Era divertido. Os shoppings ainda nem existiam! Havia sempre muita gente, agitação e barulho. Andar de escada rolante na Hutzler's ou na Hecht's (lojas de departamentos do centro) era o máximo! As meninas mais rebeldes iam lá para roubar roupas bacanas. Mas o *white flight*¹ já havia começado e, não muito depois, em pouquíssimo tempo, todos os moradores abandonaram o centro de Baltimore, a não ser aqueles que não podiam bancar essa mudança. Muitas ruas logo ficaram cheias de casas vazias. E no fim dos anos 60, a cidade explodiu com revoltas raciais, afastando ainda mais moradores brancos e forçando os bares de esquina a adotar o que se chamava de “arquitetura de choque”. Eles não ensinam esse tipo de coisa nas aulas em Yale. A técnica consiste em tampar as janelas do seu estabelecimento com blocos de concreto pintados, deixando alguns

tijolos de vidro no meio. Do outro lado dessa área central de comércio, quadras inteiras foram simplesmente destruídas; como o lendário South Bronx, que parecia uma zona de guerra — e de certa forma, era isso mesmo. Uma guerra civil não declarada em que os carros estavam vencendo. As vítimas foram as nossas cidades e, na maioria dos casos, afro-americanos e latinos.

Antigamente, as cidades eram criadas a partir de motivações geográficas: um encontro entre rios, como em Pittsburgh; a desembocadura de um rio em algum lugar, como em Cleveland ou Chicago; um canal que termina em um lago, como em Buffalo; um porto protegido e seguro, como em Baltimore, Houston e Galveston. Com o tempo, essas justificativas geográficas para se escolher um lugar em detrimento de outro foram deixadas de lado quando as ferrovias começaram a atravessar áreas vazias e interligar essas cidades. Conforme mais e mais gente era atraída para essas cidades, as crescentes oportunidades habitacionais e no ramo de serviços também se tornaram novos motivos para que ainda mais pessoas se estabelecessem por lá. As pessoas foram levadas a viver próximas umas das outras, como animais sociais. Em muitos casos, a existência de rios ou lagos se tornou irrelevante e o transporte de cargas foi transferido para outros lugares ou os barcos foram substituídos por trens e depois por caminhões. Em decorrência disso, os rios e os portos logo ficaram abandonados e toda a indústria que existia em torno deles se tornou um decrépito inconveniente. Os cidadãos “de bem” passaram a evitar essas regiões. Talvez eu esteja sendo um pouco didático demais nessa recapitulação histórica — mas não me leve a mal, é só uma forma de eu mesmo tentar entender como chegamos até aqui.

Muitas cidades costumam ter uma rodovia ao longo das margens de seus rios. Antes da construção dessas rodovias, essas áreas costeiras, que já eram zonas mortas, foram vistas como o lugar mais lógico para se dar início à usurpação de terras a serem convertidas em artérias de concreto. Fatalmente, pouco a pouco, os moradores dessas cidades ficaram isolados de suas próprias regiões costeiras, e essas áreas se transformaram em ainda outro tipo de zona morta — espaços desérticos de concreto imaculado com viadutos enormes e rampas de acesso que logo ficaram cheios de carros barulhentos. As áreas embaixo desses elevados foram tomadas por carrinhos de supermercado abandonados, sem-tetos e pilhas de lixo tóxico. Em geral, os pedestres nem tinham acesso à orla, a menos que pulassem algumas cercas.

Na maioria das vezes, o que na verdade acontece é que os carros usam essas rodovias não para ter um acesso mais fácil a locais de emprego ou moradia na cidade ali perto, como era a intenção original, mas sim para contornar a cidade por inteiro. Essas rodovias permitiram que as pessoas fugissem da cidade e se isolassem em cidades dormitório, o que deve ter parecido uma boa escolha para muitos — a chance de ter seu próprio lugar, um jardim para as crianças, escolas seguras, churrascos no quintal e um amplo espaço de estacionamento.

Anos atrás, muitos acreditavam que as nossas cidades não eram adaptadas o bastante aos carros. Aqueles que queriam se locomover rapidamente de carro tinham que enfrentar congestionamentos frustrantes e ruas lotadas. Isso levou os engenheiros a sugerirem que novas vias expressas e artérias de concreto poderiam resolver a questão do trânsito. Mas não resolveram. Elas logo ficaram cheias com mais carros ainda — talvez porque muitas pessoas acharam que agora seria mais rápido ir e vir por essas vias expressas. E então ainda mais

rodovias foram construídas.

Em alguns casos, rodoanéis foram construídos, contornando as cidades, para permitir que os motoristas fossem de um lado ao outro da cidade, ou de um subúrbio ao outro, sem nem sequer entrar na cidade. Quando ando de bicicleta por esses lugares, muitas vezes percebo que a única forma de se ir de um lugar ao outro é por meio de uma rodovia. As ruas menores ficaram atrofiadas ou simplesmente desapareceram. Muitas delas foram divididas ao meio ou desfiguradas pelas artérias maiores a ponto de inviabilizar a locomoção por ruas comuns, mesmo que se queira. Como ciclista ou pedestre, isso faz com que você se sinta indesejado ali, como um intruso, e você acaba se irritando. Nem preciso dizer que andar de bicicleta pelo acostamento de uma via expressa não é nem um pouco divertido. E não há nada de romântico nisso também — não é como se você fosse um rebelde descolado, você simplesmente está em um lugar onde não devia.

Cataratas do Niágara

Acordo nos Estados Unidos. O sol brilha no céu e eu estou no ônibus da turnê em um enorme estacionamento de Buffalo — em algum lugar perto da fronteira canadense. Há uma rodovia logo ao lado por onde passam carros zunindo.

Estou no meio do nada. Um pouco mais ao longe, fica um prédio comercial e, à minha esquerda, um hotel. Dentro desse hotel, mulheres com roupas idênticas estão sentadas, assistindo a uma apresentação em PowerPoint em uma sala envidraçada. Um homem anda para lá e para cá pelo saguão, explicando um projeto de marketing pelo *head-set* de um telefone celular a plenos pulmões. Os norte-americanos são focados, decididos, sempre em busca do autoaprimoramento e maiores fatias do mercado. Os jornais no saguão mostram o exército dos EUA atacando uma mesquita e as revistas estampam iraquianos de capuz sendo torturados e humilhados pelos militares ianques. O Exército da Salvação está montando algumas mesas em frente às salas de reunião. Todas as mulheres estão segurando copos gigantes do Burger King.

Como ainda tenho algumas horas livres, saio de bicicleta para ir visitar as Cataratas do Niágara, que não ficam tão longe de Buffalo, embora na verdade fiquem mais longe do que eu imaginava. Sigo pelo acostamento de uma estrada cheia de lojas de grandes redes, sendo que nenhuma delas é específica desta área. Assim sendo, todos os funcionários ali são empregados por alguma corporação anônima distante. Eles provavelmente só têm autorização para tomar pequenas decisões e não devem receber quase nenhum investimento ou apoio nos lugares em que trabalham. Marx chamava isso de alienação. O comunismo pode até ter sido um devaneio doentio, mas ele estava certo nesse ponto. Não consigo ver nenhuma dessas pessoas que trabalham aqui ao longo do acostamento da estrada, é claro. Não há ninguém por aqui, apenas carros entrando e saindo dos estacionamentos. Passo por vários restaurantes, Hooters, Denny's, Ponderosa, Fuddruckers, Tops, Red Lobster, um Marriott Hotel, um Red Roof Inn, Wendy's, IHOP, Olive Garden... e ruas com nomes como Commerce, Sweet Home e Corporate Parkway.

Passo por algumas placas com informações sobre as cataratas. Devo estar chegando perto! E depois, mais adiante, vejo vários e vários motéis. Anos atrás, este lugar era um destino muito cobiçado por casais em lua-de-mel — embora hoje seja um pouco difícil imaginar como

alguém poderia vir em lua-de-mel para cá a não ser por ironia. Uma lua-de-mel irônica? Enfim, quem iria querer passar sua lua-de-mel em um trecho de estrada que poderia muito bem estar em qualquer outro lugar dos EUA?



Mais adiante, ao longo da estrada — já percorri mais de quinze quilômetros até agora — encontro sinais do imenso potencial energético gerado pelas cataratas ainda fora do meu campo de visão. O sol está brilhando e me sinto um tanto estranho, com calor e meio cansado... este cenário conta uma história esquisita. Em algum lugar mais para frente, fica um incrível e espetacular fenômeno natural, mas estas terras pelas quais estou passando não são adequadas nem sequer para indústrias e, por isso mesmo, hoje estão abandonadas — avisto uma garça em um rio lamacento em meio a pneus velhos e pedaços de placas quebradas. A fábrica quase fechada da Lockheed no alto de uma encosta tem a aparência sinistra de um presídio moderno.



Chego à cidade das Cataratas do Niágara em si, que é um gueto bastante peculiar de negros e imigrantes italianos. Passo por mercadinhos italianos, salões de cabeleireiros e lojas de bebidas. Paro para comer um sanduíche de linguiça e tomar um Gatorade. Uma mulher pálida de uns setenta anos está sentada em frente a um cinzeiro cheio de bitucas de cigarro enquanto folheia uma revista *Country Weekly*. Comento que ela poderia se queimar com o sol em um dia quente como hoje. Ela funga, ignorando o meu aviso e me mostra uma foto de Alan Jackson na revista. Ela me diz que é seu cantor favorito — “este ano”.

As cataratas são espetaculares. Assim do nada, você atravessa uma cidadezinha e começa a ver placas indicando a ponte que vai até o Canadá, a guarda da fronteira e o parque. Ao se aproximar das cataratas, é possível avistar aquela estranha névoa pairando ao longe e o ar agora está frio, como se eu tivesse entrado em uma gigantesca sala com ar condicionado. Fico em frente a um parapeito, olho para esse incrível colosso e fico olhando, olhando, como se esse olhar prolongado pudesse consolidar essa visão no meu cérebro; depois me viro e vou embora.

A luta, o espetáculo

Vi um vídeo incrível chamado *The backyard* [O quintal]. É um vídeo de luta livre de quintal — jovens imitando golpes da WWF e indo um pouco além, fazendo coisas mais radicais. Eles usam tacos cobertos de arame farpado, pulam em buracos cheios de lâmpadas fluorescentes, ateam fogo uns nos outros e, é claro, se atacam com cadeiras e escadas, igual aos lutadores da tevê, mas tudo com uma pegada mais “faça você mesmo”.

É de cair o queixo — hilário e às vezes grotesco. É difícil não desviar o rosto ao ver um garoto se cortando com uma gilete para que o sangue dê mais realismo às lutas.

Às vezes, os próprios pais deles estão na torcida.

Quase sempre tudo se resume apenas a fazer um ótimo, porém inofensivo, espetáculo, como na própria WWF, mas ao que parece, um belo espetáculo exige uma certa dose de sangue de verdade e riscos e perigos genuínos. Em alguns casos, os “lutadores” se empolgam um pouco além da conta e a separação entre o espetáculo e a vida real fica meio confusa.

Pergunto-me se esses jovens têm uma necessidade de se machucarem para ver se ainda sentem alguma coisa — como diz a música de Trent Reznor. Será que eles sofrem tanto com

uma falta de sentimentos que qualquer tipo de sensação, inclusive a dor, já serve como alívio? A dor é uma sensação muito fácil de se conseguir. As “vítimas” das surras nessas lutas costumam agir de forma bastante passiva, apenas esperando com toda paciência até serem atingidas na cabeça por uma lâmpada fluorescente ou uma lata de lixo. Eles parecem aceitar essas “surras” como algo inevitável, quase desejado. Mas pode ser mesmo uma “surra” se a pessoa aceita e deseja isso?

O que está acontecendo atrás dessas tranquilas casas suburbanas enquanto passo por elas de bicicleta é isto: espetáculos radicais e violentos, dramas perigosos, tortura, dor e gritos de louca empolgação. Eu e meus amigos gostávamos de brincar de exército no nosso bairro suburbano quando éramos crianças, mas não éramos tão criativos como esses caras — e quase nunca havia contato físico.

Momentos Kodak

Estou em Rochester, Nova York, para uma exposição dos meus trabalhos e um bate-papo na Eastman House, a antiga casa de George Eastman, o fundador da Kodak.



Hulton Archive/Getty Images

O sr. Eastman, como ele era chamado por aqui, nunca se casou, sempre morou com a mãe e acabou se suicidando com um tiro. Ele deixou uma carta de suicídio com uma única frase, que ainda está aqui: “Aos meus amigos: meu trabalho está feito. Por que esperar?”. Ele se matou quase imediatamente depois de assinar uma atualização de seu testamento. Muito atencioso, eficiente e talvez um pouco obcecado demais pelo perfeccionismo, ele até colocou um pano

úmido sobre o peito para minimizar a sujeira antes de puxar o gatilho. George estava fisicamente debilitado e queria evitar maiores sofrimentos.

Há relógios espalhados discretamente por toda a residência. A maioria deles está escondida nos cantos das salas ou ao lado de pinturas, de modo que o sr. Eastman pudesse manter a pontualidade de seus empregados. Eles sabiam que ele estava sempre de olho no relógio porque, mesmo quando ele parecia estar olhando para eles, era provável que na verdade houvesse um relógio em algum lugar. Todos os objetos e móveis da casa tinham uma etiqueta (Propriedade de G. Eastman) parafusada em alguma superfície escondida.

O quarto da mãe de George, que ficava bem em frente ao dele, tem duas camas pequenas dispostas lado a lado. O quarto dele está vazio agora — só a lareira ainda está lá. Foi ali onde ele se suicidou. Até acho que George na verdade dormia ao lado da mãe, mas talvez minha imaginação seja hiperativa demais.

No centro de Rochester há uma linda cachoeira, uma versão menor, mas ainda assim fantástica das Cataratas do Niágara, em que o rio Genesee mergulha em uma enorme garganta.



© 2009 Rudy Rucker

Passei de bicicleta por essa catarata da última vez que me apresentei aqui, meio que por acaso. A cachoeira é espetacular e, a princípio, é intrigante pensar por que a cidade não deu um maior foco a ela. O escritor Rudy Rucker disse que, até trinta anos atrás, as pessoas nem sequer conseguiam ver a cachoeira graças à pesada poluição industrial, então acho que isso responde a pergunta.

Dou uma olhada em volta da garganta. Dominando um lado do cenário, fica uma fábrica abandonada da Kodak que sem dúvida alguma usava o rio como fonte de energia e também como escoadouro de toneladas de produtos químicos. Do outro lado do rio, ficam mais fábricas e restos de uma usina hidroelétrica. Parece que esta cidade (que teve sua primeira explosão de crescimento quando o canal de Erie foi interligado ao rio local, permitindo que navios dos Grandes Lagos e de Chicago pudessem subir e descer pelo Genesee e tivessem acesso à Nova York) aceitou alegremente a indústria como uma prioridade e logo ocupou sua região costeira por todos os lados. Na época, o rio ficou quase escondido da vista dos moradores em grande parte da cidade. As mansões dos ricos ficavam bem longe da zona

industrial. George até criava vacas na propriedade dele, pois gostava de leite fresco.

O homem que me levou à Eastman House comenta que os projetos habitacionais construídos nos anos 60 agora ocupam uma parte da região costeira, e que eles foram erguidos ali por aquela não ser uma área muito valorizada na época. Em pouco tempo, as casas começaram a ser abandonadas e agora os empreiteiros estão querendo despejar o restante das pessoas que ainda mora ali, já que a região em frente ao rio está se tornando cada vez mais interessante, cobiçada e lucrativa.

Esta área abriga instalações não só da Kodak, como também da Xerox, Bausch & Lomb e, em uma pequena cidade vizinha... da Jell-O. Todas essas empresas me parecem representar coisas do século passado. A Kodak passou por uma forte onda de demissões nos últimos tempos e, curiosamente, a empresa parece estar otimista quanto ao próprio futuro. Mas há quem acredite que os filmes fotográficos possam continuar sendo um ramo importante da indústria por muito tempo? E quem ainda usa uma máquina de xérox? Por outro lado, sempre haverá lugar para gelatina.

Andando de bicicleta, é fácil ver o quanto o cenário natural da cidade é bonito — embora o passado ainda tente se segurar por aqui com suas fortes garras, garras que estrangulam várias cidades como esta. Não que os prédios e bairros antigos devam ser demolidos, pelo contrário, mas eles provavelmente precisam de novas funções.

“Ele conseguiu o que queria, mas perdeu o que tinha”

Chego no fim da tarde a Valencia, uma “cidade” perto de Los Angeles. Tomo um banho e saio para dar um passeio e conhecer o lugar. Sinto-me como se estivesse no meio do nada ou no cenário de algum filme — não há viva alma pelas calçadas e os prédios ao meu redor são condomínios em versões falsas de certos estilos. Do outro lado da rua, avisto galerias com lojas internas e externas que tentam imitar ruas, mas essas “ruas” estão totalmente desertas.



Uma estátua de bronze de duas mulheres carregando sacolas — mãe e filha pegadas no meio das compras — adorna a calçada. É um monumento ao consumismo ou um memorial? Sigo em frente e sinto um arrepio — tenho mais medo de andar por aqui do que nos bairros

problemáticos de Nova York. É como se uma bomba de nêutrons tivesse explodido aqui pouco antes da minha chegada ou como se o lugar já tivesse sido ocupado por uma agitada civilização que acabou de evacuar a cidade. Será que estou prestes a descobrir por que todos saíram com tanta pressa? Há exuberantes áreas verdes por toda parte, refrescadas por irrigadores escondidos e tudo está limpo. Isso me parece uma manifestação física daquele verso de Little Richard: “He got what he wanted but lost what he had”². Este lugar é obviamente a concretização de um sonho — visualmente falando, pelo menos. Ele parece ser tudo aquilo que nós supostamente queremos — mas, às vezes, conseguir o que nós tanto queremos pode acabar se tornando um pesadelo.

Na manhã seguinte, sou levado até os escritórios e set de filmagens da série *Big Love* da HBO, e faço um pequeno tour pelos cenários de interiores do programa — cenários que representam as casas das três esposas mórmons da série. Adoro esses lugares artificiais. Senti-me dentro de uma casa suburbana totalmente realista — com livros e revistas espalhados que os personagens muito provavelmente leriam e algumas roupas que eles parecem ter largado por ali. Mas aí você olha para cima e vê que a casa não tem teto, apenas enormes tubos do ar condicionado serpenteando lá no alto. Do lado de fora da “janela”, fica uma enorme cortina de fundo, mostrando as montanhas que cercam o subúrbio de Salt Lake City, onde a história se passa.



Essas justaposições contrastantes são lindas — de certa forma, elas fazem com que os nossos próprios lares, cafês e bares pareçam tão vazios e superficiais quanto esses cenários. O que nós chamamos de casa é só um cenário também. Nós costumamos pensar nos detalhes íntimos e familiares dos nossos próprios espaços — como aqueles livros e revistas ou as peças de roupas jogadas ao acaso — como elementos únicos que fazem parte só das nossas vidas. Mas em certo sentido, tudo isso serve apenas como cenário para as nossas próprias narrativas. Nós vemos os nossos espaços pessoais como “verdadeiros”, e achamos que eles estão cheios de coisas referentes às nossas vidas que são diferentes das de qualquer outra pessoa. Mas especialmente aqui, em Valencia, os lugares “verdadeiros” pelos quais estou passando são compostos por estruturas que não me parecem mais reais do que este estúdio de tevê. Essa sensação de deslocamento mental é maravilhosa. De certa forma, essa desconexão é excitante.

Minha cidade natal

Nós percorremos enormes distâncias para contemplar as ruínas de antigas civilizações, mas onde estão as ruínas contemporâneas? Onde estão sendo criadas as ruínas no mundo de hoje? Onde ficam as antigas grandes cidades que agora estão sendo gradualmente abandonadas em uma lenta decadência, deixando sinais do que as futuras gerações irão escavar e encontrar daqui a mil anos?

Estou em um trem, passando por Baltimore, onde cresci. Vejo terrenos vazios, restos enegrecidos de prédios queimados com lixo em volta e *outdoors* com anúncios de igrejas e testes de paternidade. O Hospital Johns Hopkins desponta em meio a toda essa miséria. O hospital fica em uma ilha isolada um pouco mais ao leste do centro. A área central é separada do hospital por um mar de casas dilapidadas, uma via expressa e um enorme complexo presidiário. Imagens do leste europeu e do bloco soviético me vêm à mente. Projetos industriais e habitacionais falidos e reassentamentos forçados sob o disfarce da renovação urbana.

Ao longe, ouço uma cacofonia abafada de vários toques de celular pelo vagão do trem — trechos de Mozart e hip-hop, toques antigos e refrões de músicas pop, tudo emanando dos minúsculos autofalantes dos celulares. Todos tilintando aqui e ali. Todos com versões incrivelmente toscas de outras músicas. Esses toques são “representações” de músicas “verdadeiras”. Não se trata de música feita para ser ouvida como música em si, mas sim apenas para lembrar e servir de referência a uma outra música de verdade. Eles são como placas de estrada que dizem “Sou uma pessoa que escuta Mozart” ou, como é mais comum, “Nem me dou ao trabalho de escolher um toque de celular direito”. Uma sinfonia moderna de música que não é música, mas que leva você a pensar em música.

Em um bosque ao lado dos trilhos do trem, dois homens estão agachados em frente a uma pequena fogueira em um terreno baldio tomado por uma vegetação alta. Eles estão dividindo uma garrafa de bebida. Um acampamento urbano, ao que parece. Atrás deles, do outro lado da parca folhagem de outono das árvores, é possível avistar uma rua movimentada. Lá estão eles. Huck Finn e Jim. Escondidos bem diante dos nossos olhos. Um mundo paralelo invisível.

Li neste final de semana que a taxa de homicídios de Baltimore é cinco vezes mais alta que a de Nova York. Cinco vezes! Não é à toa que a série *The Wire* da HBO se passava aqui. Eles passaram a usar o nome Charm City na semana em que os lixeiros entraram em greve.

Grande parte de Washington, DC, aqui perto, é assim também, embora existam bolsões isolados de enclaves para os mais abastados por lá. Baltimore perdeu a indústria do aço, as fábricas de navios, a indústria portuária e de transporte de cargas e grande parte da indústria aeroespacial (que ficava nos subúrbios de qualquer forma). Não sinto falta alguma das siderúrgicas e das minas de carvão, e nem mesmo das fábricas da GM que — ainda! — se recusam a fazer qualquer outra coisa além de carros que torram gasolina, como têm feito há décadas. Eles que se danem — a conta está chegando (enquanto reviso este trecho em abril de 2009, eles ainda estão buscando salvação junto ao governo). Eles merecem quebrar depois de tanta ganância e miopia de mercado. A parte triste é que os peixes pequenos vão perder seus empregos por culpa da estupidez dos peixes grandes. Os peixes grandes sempre vão arrumar outro emprego milionário. Todos os chefões da GM deveriam ser substituídos por pessoas

novas, talvez japoneses ou coreanos, que pelo menos sabem fazer carros econômicos e com baixo consumo de combustível.

Estamos acostumados a encontrar esse tipo de decadência e devastação no leste europeu e nas antigas repúblicas soviéticas, mas não fomos ensinados a ver isso por aqui também. Nós, ocidentais, fomos educados com a teoria de que essas sociedades viviam sob o domínio do mal, um império ineficiente — onde a vontade e a determinação do povo eram esmagadas — e que essa decadência é o resultado disso. Mas será que a vontade popular, se ela houvesse tido chance de manifestar-se naqueles países, teria chegado a algo diferente? Será que nós, com as nossas pretensas democracias, não chegamos ao mesmo lugar?

A realidade à minha frente contrasta com o que me ensinaram na escola. A realidade que vejo mostra que não há nenhuma diferença e que, independente de qualquer ideologia, o resultado final é praticamente o mesmo. Certo, estou exagerando; da janela do trem ou da minha bicicleta, às vezes só consigo ver a parte dos fundos de tudo, o que pode ser injusto.

O trem começa a se afastar da cidade. É possível ver os fundos das fábricas. Videiras kudzu. Madressilvas. Sumagres com ramos frondosos. Cercas de metal. Lixo. Pneus velhos e peças enferrujadas de caminhão. Ruas idênticas com fileiras de casas idênticas — lares de trabalhadores como em um romance de Dickens. Um *outdoor* dizendo “Eu Te Amo, Minha Querida”. Estacionamentos e garagens de caminhões. E então, de repente, já estamos fora da cidade. Garças voam sobre pântanos e atravessam a água suja. A floresta secundária da costa leste aparece — uma densa concentração de pequenas árvores raquíticas.

Detroit

Saio do centro e vou pedalando até os subúrbios. É um passeio incrível — é como uma linha do tempo que mostra a história da cidade, com suas glórias e fracassos. Detroit não é muito diferente de várias outras cidades dos Estados Unidos, mas seus altos e baixos foram mais dramáticos. A região central da cidade tem um centro de convenções e um estádio. Há também uma área de comércio que, como em Baltimore, já passou por dias muito melhores — e agora se resume em maior parte a maltrapilhas lojas de descontos que vendem perucas e artigos importados vagabundos. Há uma rua com restaurantes gregos em uma área chamada Greektown. Eles quebram pratos em alguns desses lugares, o que é bem divertido. Assim que saio do centro, começo a ver sinais de verdadeira devastação. Como em diversas cidades parecidas, Detroit é composta por anéis vagamente concêntricos de zonas de escritórios, indústrias, moradias de baixa renda, comércio e, por fim, os subúrbios. De início, à medida que me distancio do centro, vejo-me passando pelo que parecem ser as ruínas de um gueto, uma área dominada agora pela vegetação e voltando a se integrar à natureza: enormes terrenos baldios cobertos de grama e alguns cheios de entulho. Se você já viu fotos de Berlim depois da guerra, pode imaginar como é esta área — desolada, deserta. Há sinais aqui e ali de casas ainda habitadas, mas, em sua maior parte, o lugar é um cenário pós-apocalíptico perfeito.



Brush Park, Michigan. © Yves Marchand e Romain Meffre

Seguindo em frente, entro no distrito da indústria leve, ou antiga indústria leve, já que grande parte desta área também já foi abandonada. Futuros condomínios ou lofts para artistas, talvez — se aqui fosse Londres ou Berlim. Mas a pobre Detroit vem levando golpes sucessivos e as chances de uma possível recuperação parecem distantes. Por outro lado, se alguém me dissesse tempos atrás que o prédio residencial mais caro de Nova York ficaria hoje quase ao lado de Bowery, teria dito, “Você está sonhando, e cuidado para não pisar nesse sem-teto aí no chão”.

Quilômetros depois — passando por mais alguns bairros decrepitos, mas pelo menos mais habitados — chego aos subúrbios, onde vejo pequenas “vilas” e casas com jardins bem cuidados. Imagino que depois deste círculo suburbano, em algum lugar perto da agora famosa Eight Mile Road do Eminem, o mesmo filme comece a rodar de trás para frente; a desolação ressurgir, mas agora com um toque mais rural — estacionamentos de trailers e pequenas casas.

De certa forma, esse foi um dos meus melhores e mais memoráveis passeios de bicicleta. Uma pessoa de carro teria desviado por alguma via expressa, uma das notórias artérias de concreto da cidade, e nunca teria visto nada disso. Pedalar por horas bem ao lado desse cenário foi uma experiência visceral e desconcertante — e bem diferente do que ruínas antigas poderiam propiciar. Eu recomendo.



Michigan Central Station © Yves Marchand e Romain Meffre

Sweetwater, Texas

Saio para comer em um restaurante do outro lado da estrada, em frente ao hotel onde estou hospedado. Meu filé está uma delícia — como seria de se esperar por aqui. A decoração do restaurante é toda em tons de vermelho — cadeiras, mesas e enfeites — em homenagem ao time de futebol americano do colégio local, os Mustangs. A parede atrás de mim tem uma pintura enorme de um técnico de futebol americano. Na mesa em frente, vejo um homem aplicar em si mesmo uma injeção de insulina após terminar de comer com a mulher. Ele faz isso com toda a destreza, casualmente, como alguém que olha para o relógio. É lindo.

O restaurante (o único perto do meu hotel, que não tem um lugar para se comer) não serve bebidas alcoólicas. Isso não me surpreende. Com as pessoas jantando tão cedo — para um nova-iorquino — e os vários municípios onde a venda de bebidas alcoólicas é proibida, já percebi que não estou mais em Nova York. Gosto de não estar em Nova York. Não tenho nenhuma ilusão de que o meu mundo seja melhor do que este aqui, mas me pergunto como algumas dessas restrições puritanas ainda se sustentam — a pressão para se dormir cedo e a ideia de que tomar uma bebida enquanto se come seja algo ruim. Imagino que beber — ainda que só uma ou duas taças de vinho durante o jantar — seja visto como um indício de fraqueza moral por aqui, assim como o uso de drogas. Isso pressupõe que dentro de nós se esgueiram desejos secretos por prazeres carnais, sensuais e desenfreados, algo que deve ser cortado pela raiz por motivos pragmáticos. De certa forma, soltar-se talvez fosse mesmo um hábito a ser reprimido pelos primeiros colonos, já que os fazendeiros que se estabeleceram por aqui viviam sob condições bastante hostis. Nunca se sabe o que pode sair da garrafa depois que você tira a tampa. Se a vida é dura e você está lutando para sobreviver, escapar do caminho reto e estreito da realidade pode trazer sérias consequências. Portanto, a bebida, assim como as drogas, acaba sendo relegada a lugares “do mal” — bares decrepitos, escuros e deprimentes. De qualquer forma, os drogados e alcoólatras costumam ser criativos em suas próprias contraculturas. Ao serem proscritos eles criam os mesmos lugares “do mal” que essa punição tinha a esperança de erradicar.

O jornal local estampa um debate sobre a adoção ou não de um toque de recolher para os estudantes colegiais. Não está muito claro qual é o horário proposto, mas alguns dos estudantes que pretendem trabalhar depois da escola com certeza não conseguiriam ser admitidos caso seus turnos de trabalho extrapolassem o toque de recolher. Outros estudantes que praticam esportes e outras atividades depois das aulas também teriam problemas. A maioria desses jovens precisa voltar a pé desses trabalhos ou atividades, já que são novos demais para dirigir ou ainda não têm seus próprios carros, o que os faria correr o risco de serem pegos violando o toque de recolher.

Um dos estudantes citados no artigo comentou que desde o fechamento do ringue de patinação e de alguns outros lugares, não há mais nada para se fazer na cidade e que os jovens, completamente entediados, arrumariam algo para fazer de uma forma ou de outra, o que talvez possa trazer resultados destrutivos — toda essa energia adolescente precisa ir para algum lugar.

Por outro lado, alguns estudantes são a favor do toque de recolher, assim como os treinadores dos times locais de futebol americano, que parecem fazer o papel dos sábios anciões por aqui. Suspeito que essa proposta seja uma forma velada e não oficial de facilitar e legitimar as prisões de jovens mexicanos “vagabundos” — que sem dúvida parecem ser vistos como os maiores encrenqueiros por aqui.

Pedalo pela parte mais antiga da cidade. Um motel que antes ficava na estrada principal reitera a mensagem moral: se Jesus nunca falha, então o problema só pode ser com você.

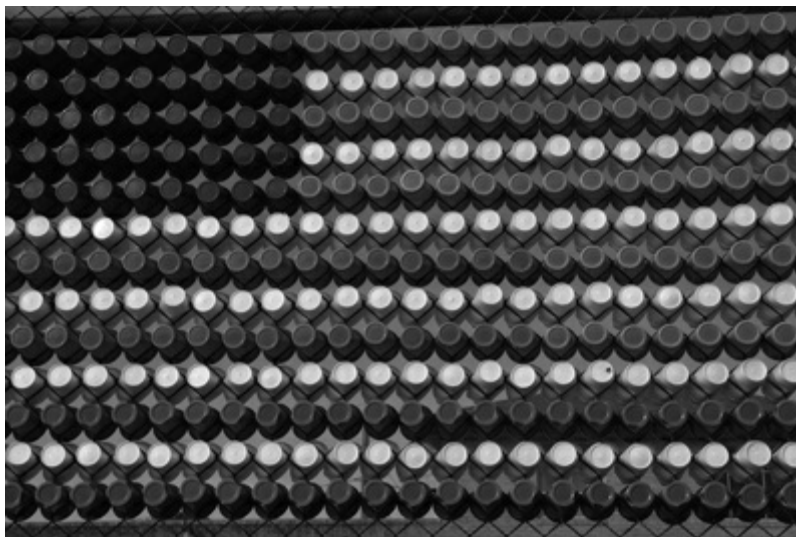


Pergunto-me se é esse fundamentalismo puritano, associado ao pragmatismo econômico, a razão pela qual prédios como este sejam tão triviais, comuns e aceitáveis por aqui.



Eles são de uma simplicidade linda e meramente funcionais e, com toda essa austeridade, estão em perfeito compasso com o lema do arquiteto Louis Sullivan do século XIX: “a forma advém da função”. Ele afirmava que “essa é a lei que impera sobre todas as coisas orgânicas e inorgânicas, de tudo o que é físico ou metafísico”. Ele queria dizer que isso não se trata apenas de uma diretriz de estilo ou estética. Trata-se de um código moral. É assim que Deus, o arquiteto supremo, trabalha. Essa humilde construção — e várias outras por aqui — seguiram esse lema à risca! Esses prédios representam o ápice dessa filosofia: eles fazem com que o trabalho dos modernistas do século XX pareça quase barroco — e, por consequência, menos ético.

Algumas pessoas estão vendendo melancias no estacionamento de um shopping, ao lado de uma bandeira dos EUA feita de copos plásticos enfiados em uma cerca.



Mais adiante, fica um cinema *drive-in* abandonado e uma igreja em um prédio de metal pré-fabricado com uma placa pedindo aos seguidores: “Juntem-se a Nós”.



Columbus, Ohio

Passo de bicicleta por um parque industrial suburbano e chego à parte de trás de um complexo que inclui um shopping e uma rua “artificial” cheia de restaurantes e alguns condomínios. A noite está começando a cair, as lâmpadas de vapor de sódio se acendem e iluminam o estacionamento com seu brilho químico alaranjado. Os jardins planejados e de grama bem cortada ganham uma coloração esquisita sob essa luz estranha. Passar por este lugar é uma experiência quase sobrenatural. Isso me lembra de um filme em que os belos jardins e as ruas de curvas suaves contornadas por meios-fios brancos escondiam crimes violentos e perturbadores, além de experiências secretas que eram realizadas dentro de característicos prédios anônimos de estilo moderno. Ninguém repararia em qualquer comportamento estranho por aqui. Nada poderia parecer suspeito ou fora do normal. Vejo relances da estrada interestadual através das árvores de um bosque. Ela vai até Cleveland e Cincinnati. O ronco dos carros e caminhões passando é como uma distante música industrial de elevador, o som de uma máquina de ondas artificiais, ou uma conversa aos sussurros ouvida através de uma densa folhagem.

Para todos os efeitos, esse cenário perfeito ainda mantém sua familiaridade superficial, mas os verdadeiros motivos por trás de sua existência — sociais e sensoriais — foram eliminados. Áreas verdes imaculadas preenchem os canteiros nas ruas de acesso. Um bosque de árvores cheias de folhas cuidadosamente podadas suaviza os contornos das paredes espelhadas de uma empresa de pesquisas. Há câmeras escondidas instaladas em postes em meio aos galhos e placas discretas que alertam sobre a presença de cães de guarda — a única coisa que macula a sisudez e a seriedade de seja lá o que se passa ali dentro. A decoração e o paisagismo perfeito suscitam memórias de um determinado cenário — trata-se da “descrição” visual de algum lugar, mas sem ser esse lugar em si. Os arbustos e jardins bem cuidados são alusões que “apontam” e fazem referências ao arquétipo de uma cena bucólica. Todos os elementos necessários para a composição de um lindo cenário estão aqui, mas reduzidos a meros símbolos e metáforas. Essa é a imitação de um planeta com uma cultura bem desenvolvida de onde essas coisas originalmente evoluíram.

Pressinto que o mesmo impulso, que mantém as garrafas de cerveja e taças de vinho longe dos restaurantes locais e considera a simplicidade radical uma escolha arquitetônica mais

sábia, também estava envolvido na construção desta paisagem. O fundamentalismo religioso maluco que domina grande parte dos Estados Unidos cria lugares que, ao menos nas aparências, não contradizem nenhuma de suas bases religiosas. Mas tudo continua lá, um alicerce invisível, profundo e implícito, nos parques industriais com projetos paisagísticos e bizarros “não espaços” que invocam uma nostalgia por algo que nem sequer existe.

Na tevê em cima do balcão, o personagem de uma novela diz, “Você o matou! Você o sufocou com rosquinhas!”. Em uma outra cena, outra personagem principal — sentada em uma sala com um outro homem e uma senhora — se pergunta se está morta. O homem diz, “Não, você está viva”, e a outra mulher oferece a ela um prato de rosquinhas.

Entra uma propaganda. Cenas de um casal em um encontro enquanto a narração da mulher comenta em pensamento o quanto esse cara que uma amiga arrumou para ela é maravilhoso: “Ele é tão bonito e o QI dele é maior do que a minha conta bancária... mas ela não me disse que ele tinha... síndrome de Tourette”.

Nova Orleans — Uma alternativa

Antes do furacão Katrina, já havia pedalado muitas vezes por Nova Orleans. A cidade é bastante plana, o que é um alívio para os joelhos. Em uma dessas viagens, descobri uma ciclovia que passa sobre alguns dos diques de terra. Foi maravilhoso; dava para ver o rio de um lado e a cidade que se estendia do outro.

Aqui existem poucas dessas estradas interestaduais, que costumam dividir e retalhar as cidades. Praticamente existe apenas a I-10, sobre seus imensos pilares de concreto, que serpenteia até o centro da cidade, tentando desesperadamente se manter acima de toda a decadência e humanidade lá embaixo. Nova Orleans era, e suspeito que ainda seja, uma das poucas grandes cidades dos EUA com personalidade, culinária, cultura, linguagem e música bastante próprias. Esta é uma cidade sempre inspiradora, mesmo tendo surgido em meio a grandes negligências e anos de abusos que só foram revelados ao mundo com a passagem do furacão.



Pedalo pela Magazine Street e depois pela St. Charles, onde o que à primeira vista parecem ser tufos de barba-de-velho nas árvores, na verdade são colares de Mardi Gras pendurados

nos estranhos galhos, quadra após quadra — e ainda nem é época de Mardi Gras.

O clima por aqui é bem aberto — as pessoas olham para você, falam com você e são incrivelmente amigáveis. É um pouco parecido com o Brasil nesse sentido, com um toque mais africano, principalmente na forma como as pessoas se cumprimentam, com certeza mais intensa do que em Denver ou San Diego, onde as pessoas desviam o rosto e ficam desconfiadas se você diz “olá”. Embora possa parecer estranho dizer isso sobre o extremo sul dos EUA, esta também parece ser uma das cidades menos racistas do país em certos aspectos. Sei que isso pode não ser totalmente verdadeiro, mas, em meio à hegemonia branca de sempre, percebo que existem mais negros controlando comércios, projetos culturais e empresas por aqui do que em várias outras cidades. Sinto aqui um pouco menos do ódio, medo e desconfiança que muitas vezes permeiam as cidades norte-americanas — embora eu saiba que este é um lugar de pobreza e desalento para muitos. O desespero e os crimes violentos também estão presentes aqui.

Gostaria de acreditar que alguns dos aspectos positivos desta cidade vêm em parte da herança afro-americana, mas aí me lembro da minha cidade natal — Baltimore — cuja maioria da população é negra, ou de Washington, DC, também conhecida como Cidade Chocolate, que, quando eu era jovem, tinha 70% de moradores negros. A não ser pelos prédios governamentais ou enclaves brancos, esses lugares, e seus centros urbanos, são deprimentes, tristes e perigosos. Deve haver outros fatores em ação nesta cidade que a impediram de seguir pelo mesmo caminho das outras. Talvez a postura católico-romana dos franceses em relação ao pecado e ao prazer tenha ajudado a tornar a sensualidade africana mais aceitável por aqui. Esse meu palpite se baseia na semelhança de Nova Orleans com cidades latino-americanas como Havana, Lima, Cartagena e Salvador, onde a mistura de elementos africanos e do catolicismo romano também produziu resultados espetaculares na música e na cultura.

Também sinto uma alienação muito menor entre as pessoas e seus trabalhos por aqui. Talvez porque a maioria das empresas é local ou porque as pessoas se relacionam entre si de maneira diferente. Seja qual for a explicação, esta é uma das poucas cidades dos EUA que se concentra em viver, embora a vida esteja longe de ser fácil por aqui e grande parte dessa energia tenha sido devastada, bem como uma boa parcela da infraestrutura local, pelo furacão Katrina e a falta de ajuda. É triste ver como uma das poucas grandes cidades dos EUA com uma personalidade tão singular acabou sendo abandonada e esquecida sob as águas.

Por muitos anos, achei surreal, intrigante e completamente bizarro andar de bicicleta por zonas mortas, subúrbios devastados ou áreas centrais que mais pareciam ruínas. Esses cenários tão estranhos são cativantes. Mas isso já não é mais tão novo para mim e agora me sinto mais atraído por lugares em que posso pedalar por trilhas e parques ao lado de rios e lagos, e não em acostamentos de vias expressas, respirando fumaça e arriscando a minha vida.

A renascença de Pittsburgh

Encontro-me com meu amigo, John Chernoff, que é professor, escritor e baterista, na Mattress Factory, um espaço de arte na zona norte da cidade. Ele me fala sobre as finanças da cidade e as transformações pelas quais ela está passando. Alguns moradores da velha guarda

ainda se lembram de quando Pittsburgh era barulhenta e enfumaçada. Graças à fumaça das fundições, o pó de carvão e a fuligem dos sistemas de aquecimento a carvão das casas, o céu muitas vezes ficava escuro ao meio-dia. Nuvens negras cobriam a cidade pela maior parte do ano. É difícil imaginar como um cenário tão apocalíptico poderia ser real, mas era. Imagino que devam existir várias cidades assim na China hoje em dia.



W. Eugene Smith/Black Star

A última siderúrgica fechou há pouco tempo. As fábricas foram demolidas e essas áreas agora são chamadas de campos marrons — em especial as que estão sendo revitalizadas. John comenta que “os novos empreendimentos à margem do rio são todos em campos marrons. Várias áreas estão passando por uma grande reconstrução, como o lugar da antiga fundição Homestead, onde agora existe um empreendimento chamado Waterfront. Na zona sul, onde antes ficavam as antigas fábricas de aço Jones e Laughlin, a revitalização também já começou. Um ‘campo marrom’ é uma área que foi limpa e preparada para revitalização ou reaproveitamento”.

Durante seus dias de glória, essas fundições eram imensas — a maior delas se estendia por quilômetros ao longo da margem do rio. Os pequenos vales que despontam do rio principal eram ocupados cada um por suas próprias minas e pequenas cidades dormitório para os trabalhadores, além de igrejas que se espremiavam no espaço restante. Uma lei, que ainda existe, diz que se uma reserva de carvão for encontrada embaixo da sua casa, você é obrigado a permitir que ela seja explorada.

Agora, é claro, com o desmantelamento de toda essa indústria, muitas dessas pequenas cidades estão abandonadas, assim como já aconteceu antes com vários bairros de Pittsburgh. Mas em 2005, outras partes começaram a ressurgir, voltando à vida, de uma forma ou de outra. No ano 2000, o desemprego em Pittsburgh era maior do que em Detroit ou Cleveland —

as coisas estavam muito feias. Pessoas que antes ganhavam vinte e três dólares por hora em fundições de aço agora estavam tendo que trabalhar em restaurantes. Muitos abandonaram a cidade, e os que ficaram ainda tinham a esperança de que a indústria de aço voltasse à ativa. Isso não aconteceu, mas a maioria das pessoas acabou indo para o ramo da saúde ou da tecnologia, em empregos que não pagavam muito bem — mas com algumas reestruturações, eles conseguiram seguir em frente.

A cidade ainda está praticamente falida, especialmente após construir dois estádios espetaculares um bem ao lado do outro. Os eleitores foram contra os gastos com os estádios, mas uma proposta reformulada conseguiu ser aceita; agora as contas estão vencendo, e como não houve um aumento de impostos para que elas pudessem ser pagas, as dívidas estão imensas. A bancada republicana vetou qualquer tipo de aumento de impostos, especialmente nos subúrbios mais abastados, então outros serviços tiveram que ser cortados para a construção dos estádios: as piscinas municipais foram fechadas e o efetivo policial foi diminuído. O fardo dos gastos e impostos acabou ficando com aqueles que ainda moram na cidade em si, especialmente os mais pobres.

Por sorte, alguns dos oligarcas locais — os Heinzes, os Mellons e alguns outros — continuam vivendo por aqui e não querem que a cidade vá para o buraco. Por isso mesmo, estão trabalhando para revigorar o centro, quadra por quadra, centímetro por centímetro, e encontrar formas de conseguir dinheiro da camada mais rica de proprietários das terras locais. Os grandes arrendatários da cidade hoje em dia, nessa era pós-indústria pesada, são escolas e hospitais, que infelizmente não pagam impostos, então alguma outra coisa precisa ser feita para aumentar a arrecadação. A cidade precisa dar algum jeito de arrumar dinheiro ou essas instituições também terão que fechar as portas. Mas John e muitos outros parecem otimistas com a situação. John me explica: “A cidade não está falida só por causa dos estádios. Existem vários fatores em cena, como o encolhimento da população. A exemplo de várias outras cidades, Pittsburgh sofre com a falta de financiamento federal e estadual. Além dos oligarcas, muitas pessoas estão trabalhando para mudar as coisas — grupos de comunidades de base e pequenos negócios estão se mobilizando por toda parte. A padaria que nós visitamos em Millvale é um exemplo de negócios abertos em bairros antigos para ajudar na revitalização dessas áreas”.

Vários projetos desastrosos de renovação urbana dos anos 60 e 70 ainda precisam ser consertados. Uma linda via expressa corta a zona norte ao meio, isolando os estádios e todos os estabelecimentos relacionados do resto dos outros bairros locais. John comenta: “Diversos esforços comunitários estão sendo feitos para resolver essas questões, como a dos bairros da zona norte em volta dos estádios. As casas restauradas que nós vimos em volta do centro da zona norte e das ruas da Guerra Mexicana valem muito dinheiro agora”.

Os projetos habitacionais criaram áreas de alta criminalidade. Os bairros que foram considerados irrecuperáveis — que não receberam a “dádiva” da revitalização urbana naquela época, bairros espalhados aqui e ali com casas de trabalhadores imigrantes — são os que estão voltando à vida agora. Alguns deles são lindos. Eles ainda têm bares, lojinhas de bairro e pedestres pelas ruas. Eu via o mesmo tipo de coisa acontecendo em Milwaukee.

Depois do almoço, nós visitamos uma igreja em Millvale que me recomendaram por ter pinturas interessantes. Millvale é uma antiga vila de mineiros instalada em um daqueles

pequenos vales a alguns quilômetros rio acima. As ruas estão cheias de lojas abandonadas, mas uma padaria francesa, bem como John havia me dito, está lá em sua corajosa empreitada. Compro um bolo, já que é meu aniversário.

A igreja desta cidadezinha é croata, e as pinturas, de Maxo Vanka, são espetaculares. Ele é o Diego Rivera de Pittsburgh, eu diria. As pinturas foram feitas ao longo de oito semanas em 1937 e cobrem o interior da igreja. É claro que há uma imagem da Virgem segurando uma criança, mas abaixo dela, por exemplo, de cada lado do que agora é o altar, ficam imagens de croatas: à esquerda, vê-se uma multidão de croatas do velho mundo e outra do novo à direita; com uma fundição de aço soltando fumaça atrás deles.

Ainda mais incomuns para uma igreja são os traços políticos e antibélicos das pinturas que espelham a crucificação — viúvas chorando sobre um soldado em um caixão contendo um cadáver ensanguentado e cruzeiros cobrindo uma colina atrás delas. Uma outra parede mostra a corrupção da justiça: uma figura usando uma máscara de gás segura uma balança em que o ouro pesa mais do que o pão. Fica claro que a 1ª Guerra Mundial teve um grande impacto em Maxo.

Em uma das imagens, a Virgem, prestes a levar um golpe de baioneta, separa dois soldados.



Em outra pintura, um oligarca vestido como a Morte lê um relatório financeiro enquanto dois servos negros lhe servem um prato de frango. Por fim, há uma outra com Jesus sendo perfurado por uma baioneta em uma espécie de segunda crucificação.



Um material bastante forte e ousado para confrontar os paroquianos dominicais. As pinturas estão precisando urgentemente de uma restauração — anos de fuligem de carvão as escureceram. Mas ainda existe esperança de que elas sobrevivam e sejam limpas em breve.

Em uma visita mais recente, pedalei pelas colinas que, exceto pela região costeira, espalham-se por toda a cidade, tornando-se um desafio para os ciclistas. Já percebi mudanças desde minha última visita, quatro anos atrás. Parece que a cidade está fazendo mais do que apenas se aguentar em pé — a região de atividades culturais no centro fica cheia nos finais de semana, os pequenos bairros estão fervilhando com bares de esquina e mercadinhos, o distrito comercial ainda tem suas lojas movimentadas e, pelo que eu soube, as pessoas estão começando a voltar para a cidade. A volta dos moradores é essencial para o renascimento de Pittsburgh, já que serão eles os responsáveis pela criação de uma nova base de contribuintes e de energia humana que permitirá que o projeto iniciado pelos Heinzes e várias outras pessoas siga em frente por conta própria.



Às vezes, um renascimento pode começar em uma região e se espalhar pelas áreas à sua volta — se elas não estiverem separadas ou isoladas. Artistas se mudam para um antigo bairro industrial e logo são seguidos por cafês e mercearias. Uma casa noturna é inaugurada, depois uma galeria de arte e uma livraria. Os empreiteiros transformam galpões em condomínios de

luxo e o processo recomeça em algum outro lugar. Ou, como em alguns centros como o de Kansas City, um empresário local pode decidir fazer shows em algum lugar como o Uptown Theater, uma casa de shows em uma parte problemática da cidade que estava prestes a ser demolida. É uma oportunidade de negócios e uma demonstração de fé. Um bar abriu ali perto, uma loja de discos e, em pouco tempo, a área começou a ficar mais habitável. Às vezes, um investimento significativo pode disparar uma cadeia de eventos. Os Heinzes fizeram algo parecido no centro de Pittsburgh, restaurando os teatros e centros de arte, o que atraiu outros negócios. Está dando certo.

* * *

Embora eu tenha descrito um panorama um tanto sombrio, nem todas as cidades dos EUA estão desmoronando em meio a indústrias moribundas, decisões estúpidas de planejamento urbano ou movimentações demográficas de cunho racial. As coisas não precisam ser assim. São Francisco, Portland, grande parte de Seattle, a maior parte de Chicago, Minneapolis, Savannah e várias outras cidades são ótimas e cheias de vida. Estes são lugares que estão se saindo bem, onde a qualidade de vida melhorou muito ou nunca chegou a ter problemas sérios. De certa maneira, a recente crise financeira pode ser uma ótima oportunidade. Opções sustentáveis, transportes públicos e ciclovias não são mais alvos de piadas. O congressista Earl Blumenauer, um antigo defensor da bicicleta como meio de transporte público, acha que agora é a hora dessa virada.

Algumas dessas outras cidades que eu visitei também podem se recuperar. Em geral, basta um pouco de vontade política e uma ou duas mudanças significativas para que os avanços comecem a ocorrer por si mesmos. Por via de regra, as cidades usam menos energia *per capita* do que as comunidades suburbanas em que as pessoas vivem mais afastadas umas das outras. Assim sendo, com o aumento de preços da energia, todas essas ruas urbanas imundas podem oferecer novas oportunidades. A economia afundou, os Estados Unidos podem perder seu lugar como a potência número um do mundo, mas isso não significa que muitas dessas cidades não possam se tornar ainda mais habitáveis. A vida ainda pode ser boa — não apenas boa, ela pode ser até melhor do que a maioria de nós consegue imaginar. Um bairro de operários pode ser cheio de vida. Em geral, um bairro com diversos tipos de pessoas e negócios é um bom lugar para se viver. Seria até interessante se houvesse uma lei obrigando os empreiteiros a criarem áreas com diferentes tipos de comércio e de pessoas em seus projetos de revitalização, porque esses são os tipos mais vigorosos e saudáveis de comunidades.

¹ N.T.: Tendência demográfica e sociológica em que a população branca abandona uma determinada região urbana em decorrência de conflitos raciais e se muda para subúrbios racialmente segregados.

² N.T.: “Ele conseguiu o que queria, mas perdeu o que tinha”.

A nostalgia da lama

Chegando ao Aeroporto Tegel em Berlim, olho para baixo e vejo as plantações e estradas bem divididas — até as árvores das florestas ali em volta estão alinhadas em perfeita ordem — e penso comigo mesmo o quanto este país inteiro, as paisagens, tudo até onde a vista alcança, foi meticulosamente organizado. Não há espaço para campos selvagens, caos ou extravagâncias, não aqui e em nenhuma outra parte da Europa industrializada. O homem está no comando e vem pondo há muitos séculos a natureza em seu devido lugar. Em vários países, existe um ethos que sustenta essa visão de mundo “cultivadora” — um ethos que valoriza a natureza. O resultado disso são reservas naturais e parques isolados — como zoológicos verdes — que podem ser encontrados aqui e ali.

Lembro-me de ter visitado os campos da Alemanha em 1988 à procura de locações para um filme chamado *The forest* que o diretor de teatro Bob Wilson e eu estávamos querendo fazer. Durante esse tempo todo, o muro ainda estava de pé, mas consegui também dar uma olhada em locações da Alemanha Oriental, o que deixou o meu trabalho mais divertido e desafiador. Como sugere o nome da obra, as cenas rodadas em uma floresta virginal seriam inevitáveis, então saí para encontrar uma. Em toda a Alemanha, encontrei apenas uma área de floresta assim — uma reserva de um quilômetro quadrado ao lado de uma estrada.

De fato, era um lugar diferente, muito diferente, de todas as outras florestas que eu já tinha visto. Nenhuma das árvores era reta; elas eram tortas, retorcidas e pareciam ter levado vidas muito interessantes. O chão da floresta era pontilhado por enormes troncos apodrecidos — corpos deformados, ancestrais dos gigantes que ainda estavam de pé. Ela era exatamente como as florestas descritas nos contos de fadas ou vistas em certos filmes — caótica, mas quase aconchegante; sinistra, mas linda e sedutora. Era como estar dentro e fora de uma criatura ao mesmo tempo. Como se você estivesse passeando em meio às entranhas de uma entidade gigantesca. Acho um pouco triste que a minha referência visual de uma floresta intocada venha apenas das imagens de filmes e da literatura. É triste pensar também que áreas preservadas como essa já foram algo muito comum, mas que agora praticamente só existem em nossas imaginações coletivas — uma imagem entalhada em nossas psiques ao longo de milênios, indelével, mas que agora tem pouca relação com o mundo real. Essa pequena área foi tudo o que restou — a não ser por uma outra floresta supostamente maior na Polônia, mas seria impraticável ir até lá para filmar.

A Europa é um lugar retocado. A não ser por algumas regiões semi-inacessíveis nos Alpes, ao norte da Escócia e da Escandinávia, o continente inteiro foi aperfeiçoado e retocado pela mão do homem. É um vasto projeto milenar, um esforço constante que exigiu a cooperação de diversas nações e pessoas ao longo de séculos, todas com suas línguas e culturas diferentes. O maior empreendimento físico da humanidade na história.

Os EUA não têm nada parecido. Nenhuma área foi retocada com semelhante esmero, a não ser talvez pela região ironicamente chamada de Nova Inglaterra, ou certas partes das grandes

planícies onde as estepes norte-americanas foram organizadas pelo agronegócio. Ainda é possível encontrar porções, mesmo que aos pedaços e um tanto escondidas, de campos selvagens intocados e perigosos pelos EUA. Mesmo em alguns lugares onde a natureza é ilusória, ela ainda existe dentro da memória viva, pelo menos por enquanto — as pessoas internalizaram a existência dessa natureza e agem como se ela ainda estivesse lá, comportando-se de acordo com essa ideia. A sedução e o perigo do caos e os caprichos do desconhecido estão logo além das cercas das fazendas em vários lugares — ou pelo menos ainda existem memórias de que tudo isso já esteve lá algum dia.

A postura dos europeus em relação à natureza é de cultivar o continente com um viés filosófico como se fosse um vasto jardim, enquanto os norte-americanos preferem subjugar seus cenários naturais por meio da força, asphaltando áreas imensas ou cobrindo quilômetros com um único tipo de plantação — como o milho — que se estende até onde a vista alcança. No Novo Mundo, a ideia de que sempre haverá mais terra no horizonte é comum, fazendo com que o cultivo sustentável e os esforços de conservação sejam vistos como mero romantismo. Imagino que o mesmo aconteça em grande parte da Rússia e das antigas repúblicas soviéticas, o que ajuda a explicar algumas coisas. Talvez seja por isso que muitos norte-americanos queiram dominar e controlar o mundo inteiro, enquanto os europeus, que já alcançaram mais ou menos esse controle sobre suas próprias terras, sintam-se na obrigação de proteger e zelar pela natureza e não apenas subjugar-lá. Hoje em dia, a industrialização e o domínio agrário são coisas do passado em grande parte da Europa — deixando como legado uma repugnante memória de céus cinzentos e rios poluídos, dos quais muitos estão sendo revitalizados. Mais ou menos.

* * *

Pedalo pelas ciclovias aqui em Berlim e tudo me parece muito civilizado, agradável e evoluído. Nenhum carro estaciona ou anda nas ciclovias, e os ciclistas não zanzam pelas ruas e também não sobem nas calçadas. Existem pequenos semáforos só para os ciclistas e as bicicletas têm até sinal de seta! (Em geral, os ciclistas são liberados alguns segundos antes do resto do trânsito para poderem sair do caminho.) E não há necessidade de dizer que a maioria dos ciclistas aqui para nesses semáforos. Os pedestres também não entram nas ciclovias! Fico até um pouco chocado — tudo funciona tão bem. Por que não pode ser assim onde eu moro?



Aqui, até as bicicletas são práticas. Elas são, geralmente, pretas, com apenas algumas poucas marchas, para-lamas, e muitas vezes um cesto — coisa que nenhum ciclista esportivo jamais sonharia em acoplar à sua mountain bike nos EUA. Na Holanda, eles vão ainda mais longe e instalam carrinhos especiais para levar os filhos ou compras e até para-brisas (!) para proteger as crianças. Mas claro, pedalar pelas ruas de Nova York com seus constantes buracos, lombadas e recapeamentos mal-feitos, é mesmo algo mais próximo de um esporte radical do que andar de bicicleta por aqui, onde, por algum motivo, a maioria das ruas é lisa como um tapete e não tem obstáculos, apesar dos invernos rigorosos. Hmmm. Os maiores problemas por aqui ficam por conta de algumas ruas de paralelepípedos ou trechos de calçamento. Como eles conseguem fazer isso? Ou melhor, como o país mais rico do mundo não consegue fazer isso?

Alguns podem até dizer que ao construir ruas perfeitas, os alemães também eliminaram os obstáculos psicológicos de suas vidas cotidianas. Se as ruas de Nova York são mais insanas e descontroladas (pelo menos em frente ao “Mall Manhattan”), então estas aqui são ruas que tomaram Prozac — civilizadas, embora um pouco menos empolgantes. Mas por que nós nos EUA deveríamos ser forçados a andar por ruas “empolgantes”?

A sociedade moderna do norte europeu é bastante homogênea. Existem sim alguns imigrantes, mas eles ainda não representam uma porcentagem muito grande da população. Há também menos diferenças econômicas e abismos entre classes aqui do que nos EUA, a não ser entre os imigrantes — os turcos na Alemanha, os indonésios na Holanda, os africanos na Bélgica e os norte-africanos e árabes na França. Para os brancos, os habitantes locais, a vida aqui é certamente mais igualitária e, portanto, mais democrática do que nos EUA. Esses mesmos brancos agora já estão cientes de que os imigrantes de suas antigas colônias andam se perguntando por que eles também não podem ter acesso gratuito a hospitais e escolas. Mesmo que em determinado país as pessoas tenham direito ao voto, assim como elas também têm na maior parte dos EUA, grandes diferenças econômicas e desigualdades em relação à saúde e à educação fazem com que os interesses da maioria e o bem público deixem de prevalecer. A vontade de uma minoria acaba atropelando a da maioria. Nesse caso, o conceito de uma verdadeira representação igualitária deixa de existir.

Já passei por aqui várias vezes ao longo dos anos. Na primeira, no fim dos anos 70, Berlim me parecia um lugar exótico e empolgante, um ícone da Guerra Fria. Eu me lembro de ter cruzado o bem vigiado corredor que ia de Berlim a Hamburgo — que na época nós víamos como um corredor polonês que atravessava parte da Alemanha Oriental — e depois passar pelo posto de checagem Charlie, o portão controlado pelos EUA no Muro de Berlim, com suas famosas histórias e propagandas mostrando tentativas desesperadas e fracassadas de fugas do leste. Ao mesmo tempo, havia também um quê de decadência evidenciado pelos vários bares punk e discotecas da Berlim Ocidental. Você sempre se lembrava de que estava confinado ali, um prisioneiro em uma ilha de luxúria, cultura e prazer — bem no meio da monotonia, sisudez e idealismo do leste. A cidade era provocadora, uma tentação. Imagino que devia ser mais divertido e um pouco mais insano morar lá por causa disso.

Para uma cidade murada e sem espaço para se expandir como era nos anos 60, 70 e 80, Berlim tinha um surpreendente número de parques e áreas verdes, e por ser quase totalmente plana, a cidade era, e ainda é, um lugar perfeito para se andar de bicicleta, embora os invernos possam ser bem gelados com os fortes ventos que sopram do norte. Berlim tem um ótimo festival de cinema que muitas vezes exibia filmes da Alemanha Oriental e de outros países cuja produção cinematográfica não era conhecida no Ocidente. Uma vez, vi um filme turco maravilhoso em que um respeitado diretor de teatro aceita um pequeno trabalho como ator em um comercial de xampu e então acaba se vendo preso no mundo imaginário dos personagens da propaganda. A nova família dele só o reconhece como o personagem do anúncio e sabe o que ele faz da vida e tudo mais, mas ele, o ator em si, não sabe de nada. Depois de algumas confusões iniciais, ele desiste e tenta se ajustar à sua nova vida.

Detento número sete

Há relatos de que quando Rudolf Hess, o último detento nazista da Prisão de Spandau, morreu após supostamente ter se enforcado com um cabo de força, o prédio inteiro no subúrbio da cidade foi desmontado, pedaço por pedaço. Ao longo da noite, os tijolos foram retirados pelos britânicos, que comandavam o setor onde ficava o presídio, moídos até virarem pó e depois jogados no mar — como se a prisão, ou até mesmo os tijolos, pudessem atrair simpatizantes neonazistas se permanecessem intactos. O que eles achavam? Que os neonazistas iriam acreditar que um pouco da energia de Hess ainda estava ali naqueles tijolos? Enfim, um belo dia o prédio estava lá, e no outro já não estava mais, deixando para trás apenas um terreno baldio.

Por vinte anos, Hess foi o único detento do presídio inteiro, “o homem mais solitário do mundo”, segundo um livro. Que linda imagem. Ao que parece, ele podia andar mais ou menos à vontade pelo vasto complexo, mas ninguém tinha permissão de tocar nele ou de apertar sua mão (mais uma vez, a exemplo dos tijolos, era como se todos achassem que ele tinha algum tipo de aura mágica nazista). Ele ganhou fama ao ir de avião até a Escócia em 1941 na esperança de negociar um acordo de paz. Ele desceu de paraquedas nas terras de um fazendeiro ao sul de Glasgow e teria sido preso por um homem armado com um tridente.

Trocas

Vou do aeroporto para a cidade. O táxi segue lentamente à procura do meu destino sob um começo de manhã cinzento com as ruas vazias. Até que avisto um homem do outro lado da rua com uma roupa vermelha e brilhante; um alemão rechonchudo fantasiado de chefe índio norte-americano, com um cocar de penas, mocassins de inverno e tudo mais. Ele está sozinho — a rua está deserta. A princípio, penso comigo mesmo, “Nossa, os doidos daqui são mesmo criativos!”, mas aí me lembro de que estamos na semana do carnaval e que esse homem deve só estar voltando para casa depois de uma longa noite. Essa paixão pelo Velho Oeste é um grande fenômeno por aqui — iniciado pelo romancista Karl May com sua famosa série de livros de faroeste em que os índios são os heróis.

As cores nacionais da Alemanha, não as da bandeira, mas as cores mais vistas por aqui, são o amarelo, em geral de um tom baço e sulfuroso; o verde, pendendo mais para uma tonalidade baça de floresta; e o marrom, que vai de um bege amarronzado até um tom forte cor de terra. Essas cores terrosas quentes e suas combinações são as mais usadas em prédios, roupas e acessórios. Para mim, elas representam o germanismo — uma identidade nacional e cultural. Isso é um estereótipo nacional, claro, mas me faz pensar: toda cultura tem sua paleta de cores? Antigamente, a maioria dos prédios era feita com materiais da própria região e, como resultado, as construções de Londres são em geral feitas de tijolos vermelhos, enquanto as de Dallas de tijolos beges.

O elevador do hotel tem paredes de vidro, permitindo que você veja a avenida bem em frente ao hotel, o fosso do elevador e os seus mecanismos do outro lado. Todos os cabos e peças estão impecáveis — imaculados e quase sem pó. Em Nova York, esse lugar estaria imundo, totalmente coberto de sujeira e décadas de graxa velha, e o piso do fosso estaria coberto de copos de café e veneno de rato. Quando comentei isso com meu amigo norte-americano, ele rebateu, “Pode ser, mas a nossa música é melhor”.

Opa, espere aí! Você pode até não dar a mínima para o *techno*, alicerce musical de muitas casas noturnas por aqui, mas várias pessoas poderiam dizer que Ludwig van, Bach e Wagner sozinhos já seriam capazes de enfrentar qualquer outro lixo norte-americano. Então, sim, o comentário foi ridículo, mas o que ele realmente significa? O que ele implica? Além de ser discutível, ele não teria também uma concepção implícita de que as qualidades culturais e sociais são finitas? De que o excedente de uma implica a escassez da outra? De que a pureza e a ordem acabam inibindo fatalmente algumas outras qualidades? (Como no corolário de que se uma pessoa é bonita, ela deve ser burra.) De que pessoas e nações inteiras possuem elementos psíquicos em comum que só entram em atividade assim que você passa pela alfândega? Isso teria a ver com a ideia exposta naquele conto maluco do escritor Will Self, *A teoria quantitativa da insanidade*, de que existe uma porção limitada de sanidade no mundo? Segundo essa concepção, cada traço psicológico, cada fragmento do nosso caráter e personalidade, representa uma troca feita por alguma outra forma inexprimível de comportamento social. Sob essa ótica, se você é mais feliz do que a média, isso significa que você abriu mão de alguma outra coisa — da sua inteligência, por exemplo.

Nossos cérebros têm mesmo essa estranha limitação? Será que intuímos essa ideia de escambo psicológico? Todos conhecem os casos de pessoas cegas que sofreram alterações em suas ondas cerebrais e começaram a criar novas conexões neurológicas em áreas antes usadas pela visão. Seria essa mesma lógica válida para outros elementos psíquicos dos nossos seres?

Será que algum desses clichês mentais/psicológicos têm um fundo de verdade? Grandes gênios criativos estão fadados a ter menos senso comum ou tino para negócios? Mentes racionais ao extremo perdem invariavelmente um pouco das intuições mais radicais e criativas? Pessoas sensuais são mesmo mais desorganizadas? O aprimoramento de uma determinada área implica necessariamente a atrofia e degradação de outra? Existe algum gráfico de escalas variáveis que podemos consultar para descobrir nossa classificação nesse ranking psíquico?

A música nua

Atualmente, Berlim é vista como o centro cultural da Europa. Bom, ao menos por alguns. À tarde, decidi passear por algumas galerias com o artista/designer Stefan Sagmeister. Todo mundo nas galerias é super amigável e prestativo sem ser insistente ou solícito demais, o que é uma bela diferença em comparação ao tratamento indiferente que é comum receber nas galerias de Nova York. Muitas das galerias daqui funcionam em prédios mais velhos com uma estrutura curiosa. Os quarteirões são bem grandes, então muitas vezes esses prédios — com escritórios, apartamentos e agora galerias — ficam em complexos que formam o perímetro de um quarteirão inteiro, como uma gigantesca rosquinha retangular — formato que deixa um enorme espaço vazio no meio, longe do trânsito das ruas e acessível apenas por meio de alguns túneis em volta da “rosquinha”.

Esses pátios internos são enormes. Eles são tão grandes que em muitos casos há um outro prédio residencial inteiro ali dentro. Às vezes, pode haver ainda um outro prédio dentro do segundo — como uma versão arquitetônica daquelas bonecas russas. Alguns desses prédios internos eram pequenas fábricas, hoje transformados em charmosos cafês com mesas ao ar livre e espaços para os clientes estacionarem as suas bicicletas — muitas vezes sem correntes. As entradas para as novas galerias de arte costumam ficar dentro desses pátios. Em geral, essas galerias não são tão grandes quanto em outras partes do mundo, já que ficam em antigos escritórios restaurados e reformados, e não nos amplos espaços das antigas fábricas.



© 2006 Aerowest/Google Inc.

Stefan e eu conversamos sobre o destino do CD e da música em mídias físicas de forma

geral. Ele tinha acabado de voltar da Coreia do Sul, que, segundo ele, é um lugar alguns anos à nossa frente em certos aspectos — ele disse que ninguém mais compra CDs por lá. Na verdade, ele comentou que quando queria comprar uma cópia em CD de alguma música, tinha que ir a lojas especializadas — como as pessoas fazem na Europa ou na América do Norte ou do Sul para comprar discos de vinil.

Falamos sobre o destino das imagens e dos projetos artísticos associados aos LPs e CDs — coisa com que ele trabalhou em diversas ocasiões. Ele me lembrou de que a ligação entre imagem e música só surgiu graças à fragilidade do vinil, o que fazia com que os discos precisassem de embalagens resistentes. E até relativamente pouco tempo atrás, nem essas embalagens vinham com imagens, créditos, notas do artista, nem nada — no começo, a embalagem dos discos era genérica. As pessoas apreciaram suas músicas por séculos sem nenhum artifício visual complementar ou embalagens cativantes. Por outro lado, fiquei sabendo que quando Alex Steinweiss fez a primeira capa para a sinfonia *Eroica* de Beethoven, a embalagem provocou uma explosão nas vendas. Sendo assim, o poder das capas não pode ser subestimado. O pacote musical evoluiu para se tornar a personificação de uma visão de mundo representada não só pela música, mas também pelas embalagens, artistas, bandas, shows, roupas, videocliques e todos os outros materiais periféricos. Mas muito em breve tudo isso pode voltar a se resumir apenas ao áudio graças ao mundo digital, em que as pessoas podem comprar versões digitais apenas da canção de que elas gostam, enquanto todo o resto, materiais secundários e imagens são esquecidos ou ignorados. A era da nuvem de dados que fez da música pop um elemento representativo da percepção do mundo pode estar com os dias contados. E Stefan não me pareceu muito nostálgico em relação a isso.

Arte política

Nós jantamos com Matthias Arndt, um galerista local, e sua namorada, uma historiadora da arte. Matthias transferiu sua galeria de Mitte, onde ela foi aberta, para um enorme espaço novo perto do antigo posto de checagem Charlie, local que vem atraindo diversas galerias novas. Ele comenta que a maioria das vendas é destinada a colecionadores de fora de Berlim — e a maioria deles é de fora da Alemanha. Apesar da abundância de galerias e artistas por aqui, a comunidade local de potenciais clientes e curadores não consegue sustentar os artistas locais. Eles só fazem sucesso — pelo menos no sentido de serem colecionados — em outros lugares.

Mas os artistas locais têm outras grandes vantagens aqui. Diversos apartamentos e estúdios incríveis podem ser encontrados a preços muito mais baixos do que em Williamsburg ou no leste de Londres. E eles ficam no centro da cidade também.

Na galeria de Matthias havia uma obra muito interessante de Thomas Hirschhorn que mostra as mãos de vários manequins erguendo para o alto uma mistura de obras literárias e ferramentas comuns — criando uma hilariante imagem intelectual do tipo “Avante, trabalhadores!”. Uma revolução idealizada — corporificada simbolicamente sobre o tampo de uma (enorme) mesa. Em outros tempos, eu até poderia imaginar que essa obra era na verdade uma proposta para um monumento em grande escala a ser erguido na antiga porção oriental. Uma proposta que teria sido feita por um simples colegial, usando apenas os materiais à disposição: edições baratas em brochura representando livros antigos de capa dura, de maior

impacto visual, e pequenas chaves de fenda e fitas métricas no lugar dos grandes martelos e foices. E, claro, como qualquer projeto de estudante para uma feira de ciências, a obra de Hirschhorn é toda sustentada por fita adesiva.



Thomas Hirschhorn, “Exhibition Photograph, Matthias Gallery Show” © 2009 Artists Rights Society (ARS), Nova York/ADAGP, Paris

O “problema” da beleza

Matthias menciona um jovem pintor formado em Leipzig que agora está fazendo muito sucesso — um artista que ele preferiu não agenciar alguns anos atrás. Na época, ele achou que as pinturas eram “bonitas demais”. Ele me explica que tem alguns problemas com a beleza — e sabe que esse preconceito nem sempre age em seu favor. Stefan cita o falecido Tibor Kalman — o designer para quem ele trabalhava e que também já trabalhou comigo muitas vezes — que costumava dizer: “Não tenho nada contra a beleza, mas ela não é muito interessante”.

Matthias diz que a beleza, por ser efêmera, frágil e inconstante, nos lembra a morte. Eu nunca teria feito esse tipo de conexão — isso me parece romântico demais, como os poemas de Rilke, mas entendo o que ele quer dizer. A morbidez da beleza. Hum. Acho que tratando-se de pessoas — um homem ou uma mulher de incrível beleza — isso me parece verdadeiro, já que essa beleza tende inevitavelmente a se exaurir até algum dia desaparecer por completo. Então, por esse prisma, folhear uma revista de moda é, em essência, uma experiência trágica e melancólica. Bom, e pode ser mesmo, mas por outros motivos. Mas e as pessoas que envelhecem com dignidade — que com o passar dos anos ficam mais interessantes ou mais bonitas de um jeito menos tradicional? Para Matthias, uma visita ao Louvre seria deprimente. Muitas vezes, penso na beleza de uma música (algo que desaparece assim que você acaba de ouvir), da imagem efêmera de uma paisagem que irá se renovar (esperamos nós) ou de alguns tipos de objetos que às vezes ficam ainda mais bonitos conforme envelhecem e começam a mostrar sinais de uso e desgaste. Minha amiga C diz que o mesmo acontece com as pessoas — algumas delas demonstram o crescimento em suas feições, tendo um rosto muito infantil quando jovens, por exemplo, sem serem muito interessantes, mas que se firmam melhor como

si mesmas assim que começam a mostrar mais idade. Elas não são muito bonitas quando jovens, não profundamente, pelo menos.

Algumas pessoas acham difícil definir a beleza — muitas vezes, as coisas que a princípio achamos feias ou estranhas acabam nos conquistando e descobrimos uma dimensão e uma beleza que podem ser muito mais profundas do que um mero encanto. A definição da beleza é complexa, inconstante e muda conforme o tempo. Ela não é absoluta, não pode ser determinada. Se isso for verdade, ninguém pode olhar para alguma coisa ou pessoa e dizer inequivocamente: “É belo”.

Em uma tentativa de defender a noção de um tipo absoluto de beleza, eu li que existem motivos evolucionários e biológicos que explicam nossos critérios para definir a beleza física das pessoas. Nascermos com preferências visuais inatas que tanto as pessoas como os animais usam para julgar a atratividade e a boa forma. Estudos indicam que a simetria, por exemplo, é evidência de um bom desenvolvimento fisiológico — ou seja, que feições faciais simétricas sinalizam uma maior chance de genes mais saudáveis e vigorosos. A implicação inerente nessa teoria é que nós podemos estar biologicamente programados para identificar certas coisas — bem como pessoas — como bonitas. A outra implicação é que nós achamos essas pessoas bonitas na verdade por elas serem adequadas e desejáveis como parceiros reprodutivos. Nós as vemos como bonitas, mas estamos pensando em outra coisa.

Suspeito que se essa teoria for verdadeira, isso poderia se estender também a outras áreas estéticas — paisagens e decorações, por exemplo. Por que não? Afinal, algumas paisagens, com seu ambiente tão particular e único, não teriam motivado algum tipo de critério atemporal que serviu de indício para os nossos ancestrais de que ali seria um bom lugar para se viver, caçar, cultivar alimentos e conhecer um parceiro?

O rumo da conversa desvia em certo sentido para o antônimo da beleza — os artistas do movimento acionista dos anos 60 em Viena, especialmente o falecido Otto Muehl, que foi preso após supostamente ter feito sexo com tudo e todos em sua comunidade, inclusive crianças.

Este é um texto que descreve uma de suas “ações artísticas”: “Espalhei mel artificial sobre uma vovozinha e então deixei que ela fosse atacada por cinco quilos de moscas que eu havia deixado sem comida por sete dias em uma caixa. Em seguida, matei todas as moscas sobre a pele enrugada dela com um mata-moscas”. Pobre vovó.

E um outro (do site www.brightlightsfilm.com/38/muehl1.php):

A ação foi dividida em várias fases. Primeiro, entra a natureza morta. O início é muito econômico. Você começa pondo água morna sobre os corpos das modelos, que escorre — isso não causa nenhum estrago. Em seguida, entram o óleo, vários tipos de sopas com almôndegas, carnes e legumes, talvez até um cacho de uvas. Depoiz [sic], é hora das cores: catchup, geleia e suco de beterraba escorrendo. A pele ainda está visível. Em seguida, a coisa esquenta e entra em cena a artilharia pesada. Em geral uso massas, que descem lentamente pelo corpo, ou um ovo, farinha ou repolho. Por fim, eu espalhei uma camada de penas de travesseiro. Havia uma certa estrutura ali, na forma como os materiais foram usados um após o outro. Foi quase como cozinhar. Certa vez, eu também fiz “Traseiros Empanados”. Usei leite, depois farinha, ovos e farelos de pão. Não cobri o corpo inteiro — só a bunda, foi muito provocante. A mulher se ajoelhou em uma poltrona com as nádegas viradas para o público. Primeiro, molhei a bunda dela com leite. Depois, polvilhei com farinha, como se fosse empanar um *Wienerschnitzel*. A farinha grudou. Em seguida, espalhei uma gema de ovo por cima de tudo e por fim usei os farelos de pão. Ficou maravilhoso!

E a ação pela qual ele foi preso:

A ação de Natal, “*O Tannenbaum*”. Eu me deitei pelado na cama com uma mulher embaixo de uma árvore de Natal. Tinha contratado um açougueiro. Ele matou um porco com uma pistola de abate, arrancou o coração e o jogou em cima da gente. O coração ainda estava se retorcendo. O sangue jorrou. Um silêncio de excitação reinou pela sala.

Subi lentamente em uma escada e urinei em cima da mulher e do coração de porco na cama abaixo. Nesse ponto, uma feminista na plateia se exaltou. A mulher subiu correndo a escada onde eu estava e gritou: “Seu porco, seu suíno imundo!”. Eu estava com um quilo de farinha que joguei em cima dela. Uma névoa branca. Ela gritou de novo, “Seu porco!”, e depois sumiu, desapareceu. Nesse meio tempo, um sujeito tentou me atacar usando batatas. Ele se aproximou mais e mais e foi ficando perigoso. Eu ainda tinha outro quilo de farinha e o joguei em cima dele. O sujeito ficou com o rosto e o terno cobertos de farinha. E ficou lá, como um abominável homem das neves.



Foto de Otto Muehl, de “Can Anyone Explain” © 2009 Artists Rights Society (ARS), Nova York/ADAGP, Paris

Otto uma vez declarou, “Minha vida deveria ser perfeita, dirigida, uma obra de arte”. Ele acabou levando esse desejo a sério e logo abandonou as ações artísticas e manifestações criadas para o público rarefeito do mundo das artes e decidiu que elas eram como uma espécie de terapia por si só — que elas não precisavam de uma plateia. Sendo assim, essas atividades poderiam ser incorporadas e integradas de forma benéfica à vida das pessoas fora do contexto dos museus e galerias de arte. Ele finalmente conseguiria se libertar de sua “moldura” como há muito tempo sonhava.

“A ação também tem uma moldura, um palco e pessoas ao seu redor. Ela não é séria, mas sim algo produzido artificialmente. Quero me livrar da palavra artificial.”

Ele fundou uma comunidade influenciada pelas teorias psicosssexuais de Wilhelm Reich, que realizava uma espécie de ação grupal de psicanálise. Os participantes eram encorajados a externar — fisicamente — seus problemas sexuais e psicológicos. Com base nas ações

anteriores de Muehl, nos resta apenas imaginar como eram essas sessões. O casamento era proibido na comunidade. Havia também uma banda de jazz, já que Muehl era um grande fã de Charlie Parker. Segundo os rumores, a comunidade teria se tornado um feudo particular para ele, um verdadeiro pesadelo artístico grotesco em uma seita hippie.



Otto Muehl, Untitled, CNAC/MNAM/Dist. Réunion des Musées Nationaux/Art Resource, NY. © Artists Rights Society (ARS), Nova York/ADAGP, Paris

Agora, já mais reabilitado aos olhos do mundo da arte, Muehl vem aparecendo em importantes retrospectivas em museus de grande prestígio nos últimos anos.

Stasilândia

Berlim é linda no verão. Pela manhã, tento ir passear em Tiergarten, o enorme parque central da cidade, mas Colin Powell, o enviado do Império do Mal (o governo Bush ainda estava no poder na época), está hospedado no Hotel Intercontinental, então muitas das ruas de Berlim foram fechadas e há policiais armados da tropa de choque por toda parte. Em geral, eles estão bastante entediados, então só ficam lá, tomando sol, lendo jornais e bebendo café.

A presença do império aqui me força a fazer um percurso muito sinuoso sempre que quero ir ao centro da cidade — evitando bloqueios e desvios — mas o clima está perfeito, então, tudo bem.

Fiquei sabendo que existe um museu da Stasi aqui em Berlim, e como eu tinha acabado de ler o livro *Stasilândia*, que detalha a vida no país na época em que o Grande Irmão encorajava todos a espionarem uns aos outros, imaginei que devia ser intrigante. O museu fica um pouco longe do centro — quase nos subúrbios — em um enorme complexo que antes servia como quartel-general para os serviços de segurança da Alemanha Oriental. Ele não

aparece na maioria dos guias de museus — e Berlim tem vários museus —, então é preciso pesquisar um pouco para encontrá-lo. Para completar, pego minha bicicleta e atravesso a espetacular Karl-Marx-Allee, um tipo de versão soviética da Champs Élysées ou da Avenida 9 de Julio em Buenos Aires ou talvez até como a Park Avenue de Nova York. Mas o bulevar alemão é maior e mais largo do que boa parte desses exemplos. Os enormes prédios residenciais de estilo vagamente moscovita que o ladeiam superam com folga os de Moscou e competem com os prédios de grandes avenidas de várias outras cidades, embora os daqui sejam mais organizados e repetitivos, todos muito parecidos e se estendendo um atrás do outro até onde a vista alcança. A escala da rua e desses prédios não é nada humana, e as imagens que me vêm à mente e as sensações que elas suscitam me fazem pensar em um paraíso infinito da utopia idealista. Afinal, os ideais e as ideologias não têm limites. Para mim, esse paraíso em particular não é como os típicos projetos modernistas feios e insossos. Eles também representam um outro tipo de utopia. Os prédios daqui possuem detalhes que quase lembram o norte da Itália e, embora possam ser assustadores graças à escala colossal e à repetição surrealista de seus modelos, eles são muito mais cativantes do que os típicos projetos habitacionais norte-americanos ou até mesmo muitos dos prédios modernistas ocidentais em que a falta de adornos passou a ser encarada como uma virtude moral. Esta é uma imagem digital de infravermelho:



De um lado do bulevar, os pisos térreos dos prédios são ocupados por lugares tristes e abandonados — antigos cinemas, lojas de ferramentas ou suprimentos médicos — dos quais muitos hoje estão fechados, decrépitos ou sendo reutilizados como lojas de DVDs ou negócios semelhantes em busca de dinheiro rápido. O outro lado tem charmosos cafés ao ar livre com mesas dispostas embaixo das sombras das árvores. Em geral, as lojas nesta parte da cidade parecem não ter passado pelo processo de gentrificação que agora é endêmico no centro da cidade desde que o muro caiu. As lojas de artigos de luxo e os produtos que inundaram o antigo centro da Berlim Oriental ainda não chegaram aqui. Encontrei uma vitrine de uma loja de suprimentos médicos que me fez lembrar de outras épocas:



Uma coisa linda. Mas que *tipo* de coisa? Uma referência aos grupos básicos de alimentos? Bom, não exatamente os grupos básicos de alimentos que nós conhecemos, mas talvez tenha sido essa a intenção mesmo.

As dificuldades enfrentadas por alguns países do bloco comunista oriental após a 2ª Guerra Mundial ajudaram a deixar intacta parte da arquitetura existente. Sim, é clichê dizer que o abandono leva à preservação, mas também há um fundo de verdade nisso. Pelo menos os prédios que escaparam dos bombardeios ao longo das sucessivas guerras não foram derrubados e substituídos por edifícios novos e insossos, empreendimentos imobiliários ou viadutos. Os países do bloco oriental não tinham dinheiro para isso. Assim sendo, esses prédios muitas vezes eram reutilizados, já que era mais barato fazer uma pequena reforma do que construir uma estrutura totalmente nova. Não existia muito dinheiro aqui para o desenvolvimento urbano, ao contrário do que aconteceu em diversas cidades do oeste europeu e da América do Norte. De qualquer forma, grande parte da cidade já havia sido devastada pelos bombardeios Aliados. Ao passo que em Nova York, Robert Moses teve que derrubar bairros inteiros para abrir espaço para as suas avenidas e seus empreendimentos imobiliários, aqui o trabalho de demolição já havia sido feito. Prédios que teriam sido derrubados no ocidente acabaram sendo mantidos aqui por serem alguns dos poucos que ainda estavam de pé, e hoje eles são muito cobiçados. Uma exceção gritante é o antigo quartel-general do Partido Comunista em Alexanderplatz, na antiga Berlim Oriental, um gigantesco monumento modernista pós-guerra revestido de cobre espelhado e tóxico — química e psicologicamente — que está sendo desmontado aos poucos com todo cuidado por causa da grande quantidade de amianto presente no interior da estrutura. A retirada desse desagradável marco psicológico é controversa, pois apaga de forma simbólica uma proeminente recordação do antigo regime e da história recente do país — como quando os nazistas assumiram o controle e ocuparam os antigos prédios judeus e, tempos depois, os comunistas reformularam e rebatizaram os prédios nazistas para seu uso próprio. Eliminar essa ferida significa destruir parte da memória coletiva.

Visitei Berlim Ocidental a passeio e a trabalho muitas vezes nos anos 80, quando o muro ainda estava de pé. Na época, Berlim Ocidental era uma vitrine artística capitalista artificialmente suntuosa para mostrar aos comunistas do outro lado da cerca o estilo de vida e cultura que eles estavam perdendo. Berlim Oriental era cheia de prédios históricos incríveis, apartamentos modestos e não havia espaço algum para amenidades. Era um lugar cinzento e deprimente — pelo menos para um visitante. Isso sem falar no cheiro característico — muitas das casas e lojas eram aquecidas por fornos de carvão, um cheiro que eu conhecia, e adorava, das visitas à casa da minha avó em Glasgow quando eu era criança. Até o céu parecia mais cinzento para os visitantes ocidentais na época.

Acredito que muitas das pessoas que moravam no lado oriental discordavam de tudo isso e viam a metade ocidental de Berlim como um antro extravagante de drogados e prostitutas (o que era verdade em até certo ponto), enquanto elas se encarregavam sozinhas de manter os valores e padrões intelectuais, culturais e morais tradicionalmente elevados da Alemanha. Eles deviam pensar que alguém tinha que preservar a civilização, enquanto os ianques transformavam Berlim Ocidental em um parque de diversões para os soldados e um paraíso para artistas malucos, dramaturgos, drogados e músicos de talento questionável.

Na Berlim Ocidental daquela época, os jovens alemães que não se importavam em viver dentro de uma ilha murada tinham suas compensações — eles podiam escapar do serviço militar obrigatório, os aluguéis eram relativamente mais baratos e quase não existiam leis regulamentando os locais de estacionamento (era permitido estacionar nas calçadas e em qualquer ângulo sem nunca ser guinchado). Kreuzberg, a baixa zona leste de Berlim Ocidental, foi um dos lugares mais excêntricos que já vi. Muito couro preto, heroína e boates punk — uma espécie de mundo boêmio patrocinado pelo governo; fora de alcance, mas claramente visível para os vizinhos orientais do outro lado do muro. O resto da luxuosa extravagância ocidental — a fartura de alimentos, roupas malucas e carros caros — podia ser vista pelos vizinhos orientais em gravações piratas de filmes e programas de tevê, e eles provavelmente podiam sentir o cheiro das *Currywursts* e dos *kebabs* que alimentavam a vida noturna do outro lado da terra de ninguém.

Depois que o muro caiu, tudo mudou. Não havia mais a necessidade de estimular as pessoas artificialmente a viverem em uma cidade-ilha isolada. Agora, a extravagância aqui é de outro tipo e migrou para vários bairros no centro do antigo lado oriental. A Friedrichstrasse e os bulevares em volta dela estão todos cheios de butikues de artigos de luxo, marcas famosas e hotéis sofisticados. Houve um breve período logo depois da queda do muro em que os prédios históricos de Mitte estavam sendo vendidos a preço de banana e muitos rapidamente foram invadidos ou viraram uma alternativa barata de moradia para artistas, mas isso durou relativamente pouco. Atualmente ainda existem alguns poucos cafês e pichações como lembrança daqueles dias pós-queda do muro, mas as lojas de artigos de luxo e empreiteiras continuam avançando cada vez mais e os aluguéis estão subindo. O mais perturbador, ao menos para mim, é que o centro inteiro da cidade mudou de lugar. Quando o muro estava de pé, o centro, o que nós ocidentais víamos como o centro, ficava no entorno da torre bombardeada da Kaiser Wilhelm Gedächtniskirche, da Kurfürstendamm e da Kantstrasse, e se espalhava a partir dali, mas agora o centro voltou a ser mais ou menos o que era antigamente, antes da Guerra Fria — resumindo-se à Friedrichstrasse, Alexanderplatz e a Potsdamer Platz.

É como se a minha memória estivesse me pregando uma peça.

A velha Karl-Marx-Allee ainda não foi atingida pela onda de gentrificação, mas os prédios residenciais foram reformados e ouvi dizer que os antigos apartamentos de membros do partido e altos oficiais da Stasi são lindos. Então, esse caminho serve como um ótimo prelúdio para uma visita ao Museu Stasi.

Em seu livro *Stasilândia*, Anna Funder, uma jornalista australiana radicada na antiga Alemanha Oriental, investiga as histórias pessoais envolvidas com essa famosa agência secreta estatal. As ideias de Funder são maravilhosas. Ela comenta a bizarrice e a opressão concentrando-se não apenas nas prisões, nas técnicas de espionagem usadas contra os cidadãos e nas mortes misteriosas, mas também em coisas como uma estranha dança popular assexuada (a Lipsi) que o governo tentou introduzir na cultura popular como uma espécie de antídoto contra o rebolado do rock'n roll de Elvis.

A Stasi tinha volumosos “arquivos” de todos os tipos: como potes com cheiros de suspeitos subversivos — potes contendo pedaços de roupas, ou de preferência peças íntimas, confiscados pelo serviço secreto de alguma pobre alma suspeita de falta de patriotismo. Em alguns casos, se nenhuma peça de roupa do suspeito fosse encontrada, os agentes limpavam sorrateiramente um lugar onde o suspeito havia se sentado com um pedaço de pano que era rapidamente arquivado, junto com o nome e o tempo de permanência do suspeito no assento em questão. Tudo isso era guardado imaginando-se que caso essas pessoas tentassem fugir no futuro, um cachorro poderia farejar os panos e supostamente localizar o esconderijo dos procurados.



Arnd Wiegmann/Reuters

E a lista continua... O livro relata uma linda cena kafkaniana em que uma mulher é chamada para um interrogatório após ser recusada em um emprego por suas atividades suspeitas.

— Por que você não está empregada?

— É você quem deveria me responder isso.

— Você é uma mulher inteligente, com certeza poderia encontrar um emprego.

— Não, estou desempregada.

— Isso é impossível, não há desemprego na República Democrática.

Gostamos de pensar nessas histórias como algo típico da paranoia do centro europeu e do comportamento sob regimes socialistas ditatoriais. Mas imagine alguém sendo interrogado pelo Departamento de Segurança Interna dos EUA e dizendo algo como:

— Mas eu fui torturado, fui coagido a dar essa informação.

— Isso é impossível, os Estados Unidos não torturam seus prisioneiros.

Hoje em dia, muitas pessoas conhecem a Stasi pelo recente filme *A vida dos outros*. A produção é uma mistura terrível de terror psicológico e orwelliano, embora cativante de certa maneira. A agência era famosa por fazer seus cidadãos vigiarem os próprios vizinhos por meio de pressões sutis, ameaças implícitas e incentivos financeiros. Acho que isso é algo feito por diversas agências de segurança nacional de tempos em tempos (como os cartazes com os dizeres “Se você vir alguma coisa, diga alguma coisa” que foram colados em pontos de ônibus e estações de metrô nos EUA após os atentados de 11 de setembro). Tratar os cidadãos como ratos faz com que toda a população fique dócil e amedrontada, e depois de um tempo, ninguém mais sabe quem está vigiando quem. *Qualquer* um poderia ser um informante ou agente secreto. O mundo passa a ser como um romance de Phillip K. Dick — embora na versão dele todas as pessoas também estariam se autovigiando.

O Museu Stasi é um enorme complexo que ocupa um quarteirão inteiro. Vou com a minha bicicleta até o pátio interno e a tranco ali. Como o estacionamento e as principais entradas para os vários prédios ficam dentro do complexo, ninguém podia ver quem entrava ou saía em seus tempos de atividade — todas as entradas e saídas ficavam dentro do enorme pátio interno. Fiquei sabendo que o complexo inteiro está à venda agora! Por um euro! Bom, há algumas condições. A cidade está tentando vender o lugar para a Alemanha sob a condição de que o governo o transforme em um museu de verdade.

Da forma como é hoje, o museu é bem rudimentar. Um dos andares dos antigos escritórios exhibe aparelhos desengonçados de espionagem: câmeras escondidas em troncos, enormes botões de casacos e pedras falsas. Esta aqui fica dentro de uma casa de passarinho — nada muito discreto, eu acho:



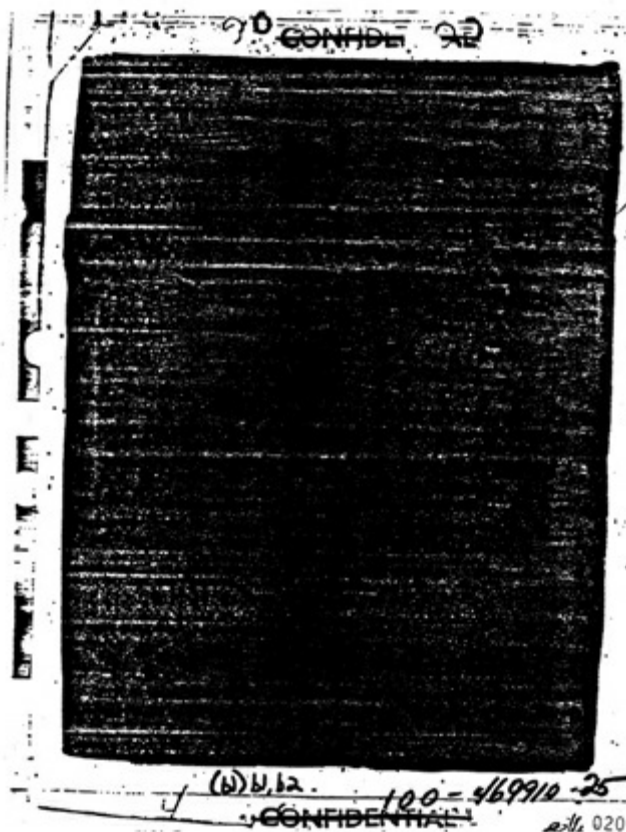
Mas talvez a intenção fosse mesmo não esconder muito os aparelhos de vigilância. Talvez fosse mais importante deixar as pessoas cientes de que elas estavam sendo vistas e ouvidas em vez de fazer com que a população apenas suspeitasse da espionagem. Uma câmera tão mal escondida assim confirmaria essa teoria. Se você não tem a certeza de que está sendo vigiado, caso não haja provas disso, você não tem por que viver com medo e todo o esforço do governo seria em vão. A melhor forma de se vigiar as pessoas é fazer com que elas suspeitem de que há alguém as observando o tempo todo. Os governantes nem precisam vigiar as câmeras — eles só precisam fazer com que as pessoas *achem* que estão sendo vigiadas. Às vezes, os prédios dos Estados Unidos usam câmeras falsas de vigilância na esperança de desencorajar os bandidos. Claro, o quartel-general da Stasi não se resume apenas a essas charmosas bugigangas falsas de vigilância — nem tudo aqui são aparelhos desengonçados que hoje são até divertidos para nós. Vidas foram arruinadas, devastadas e destruídas aqui; diversas carreiras chegaram ao fim por pequenas suspeitas. Muitos foram presos e torturados sem nenhum motivo oficial (onde eu já vi isso antes?), e a informação e a cultura eram fortemente censuradas. E a comida no lado oriental não era grande coisa também.

Em um andar mais alto, ainda ficam os escritórios preservados do chefe da Stasi, Erich Mielke. Eles não eram muito grandes para os padrões ocidentais, mas ele tinha um pequeno apartamento particular ali que é bem aconchegante. Hoje nós podemos ver esse tipo de decoração como um exemplo de uma estética muito peculiar. Estou certo de que, para alguns, a simples visão dessas cortinas e telefones velhos poderia causar tremedeiras, mas para a maioria das pessoas hoje, isso representa apenas um estilo *kitsch* totalitarista.



O estilo não é nada luxuoso — talvez porque esses altos oficiais se viam como meros funcionários, apenas fazendo um nobre trabalho para o Estado e para as massas, em vez de viverem cercados de luxo como os pseudo-oligarcas ou a realeza da época. Eu me lembro de ter visitado o quartel-general de Pravda em Moscou nos anos 90 e acho que ele foi decorado pelo mesmo sujeito. Aquela sala também não tinha nenhum toque de decadência — o que era até surpreendente em um nexo de poder como aquele. Quase não há símbolos de poder — nenhuma escadaria de mármore, lustres gigantes ou nem mesmo cadeiras macias de couro. Talvez essa austeridade servisse para representar um propósito mais elevado, mas, neste contexto, essa pretensão se uniu ao poder absoluto e tudo ficou ainda mais assustador. O gabinete do diretor de Pravda tinha um objeto de decoração muito estranho — uma estante de livros bem longa contendo apenas as obras de Lênin (Onde Lênin arrumou tempo para escrever tudo aquilo?).

Quando o Muro de Berlim começou a cair, as fragmentadoras deste complexo ficaram sobrecarregadas. Imagine o tipo de mudança instantânea de visão de mundo que isso causou — de uma hora para outra, pessoas foram de honrados administradores do destino das massas para meros vermes repulsivos tentando apagar o trabalho de suas vidas inteiras. Acho que os caras que apagaram as fitas com registros de tortura da CIA e os dezoito minutos da entrevista de Nixon se sentiram do mesmo jeito. Talvez não tenham se sentido exatamente culpados, mas sabiam pelo menos que eles e seus chefes estariam totalmente ferrados se fossem pegos. A maioria das fragmentadoras da Stasi acabou entupindo e eles tiveram que chamar reforços. Uma quantidade enorme de documentos foi destruída, mas havia arquivos demais para serem descartados em tão poucos dias, tanto que atualmente existem organizações que permitem a localização de certos arquivos que ainda estão legíveis. Há também um grupo tentando reconstruir alguns documentos a partir dos papéis picados — um processo deveras trabalhoso. Do outro lado do oceano, na cidade de Nova York, também existem registros preservados, como esta página do arquivo do FBI sobre John Lennon. Nesta parte específica, “quase nada foi censurado” — ela parece mais uma obra de arte conceitual.



Cortesia do Federal Bureau of Investigation

Qual é o limite da justiça?

As pessoas que tiveram suas vidas arruinadas pela Stasi, ou qualquer outra agência semelhante de outros governos, deveriam ter direito a reparações financeiras? Elas ou seus herdeiros deveriam receber seus imóveis de volta? Seria possível ao menos criar uma comissão de verdade e reconciliação, como aconteceu na África do Sul para fazer uma faxina e permitir que o país e seus cidadãos sigam em frente? (Na versão sul-africana, não eram previstas punições ou reparações, apenas se a verdade fosse exposta por completo.)

Nos últimos anos, a população do Zimbábue, a antiga Rodésia, vem tentando reclamar a posse das fazendas que foram tomadas de seus ancestrais muitas décadas atrás pelos colonos brancos. Algumas famílias brancas já vivem há três gerações ou mais nessas terras e, naturalmente, enxergam essas fazendas como algo que é delas por direito e também tratam esse lugar como sua terra natal agora. Os brancos concordam — até onde sabemos — que o país não deve e não pode mais ser governado por estrangeiros, ou nem mesmo pela pequena minoria branca, mas enxergam essas casas e fazendas como propriedade deles. Eles criaram seus filhos, construíram toda a infraestrutura local e aprimoraram os campos. Mas isso não se resume às fazendas. Até certo ponto, eles construíram as estruturas que permitiram o funcionamento do país como um todo. Mas como a maré política mudou recentemente e os brancos não são mais os chefes políticos, hoje o direito dessas pessoas a manterem 80% das terras aráveis só porque seus ancestrais as roubaram anos atrás nos parece um argumento menos viável e que dificilmente continuará a se sustentar. O presidente Mugabe, que foi eleito mostrando promessas de que um país africano autorregulado abundante em recursos e com sistemas em bom funcionamento poderia avançar, infelizmente acabou se tornando mais um

déspota corrupto e violento, desesperado para se manter no poder a qualquer custo. Os descendentes dos habitantes originais da era pré-colonial e os representantes automeados de Mugabe, gananciosos e oportunistas, começaram a retomar as fazendas por meio da força.

Isso é justo? Não exatamente, mas a expropriação dessas terras anos atrás pelos brancos também não foi. Alguém poderia dizer que a justiça apenas chegou atrasada. Se eu posso roubar suas posses e terras e você não tem como se defender, mesmo que por várias gerações, elas podem se tornar legal e moralmente minhas em algum momento? Com o tempo, o direito a essas propriedades seria transferido para mim? Em quanto tempo? Dez anos? Cem? Mil?

É mais provável que qualquer tentativa de se chegar à justiça agora seja bastante distorcida. Talvez a justiça absoluta, como qualquer tipo de coisa absoluta, dificilmente exista a não ser na matemática. No Zimbábue, os brancos serão expulsos, algumas terras produtivas infelizmente ficarão abandonadas e muitas fazendas expropriadas poderão ser subutilizadas pelos seus novos proprietários por não terem o costume de administrar esse tipo de recurso. Com certeza haverá casos de expropriações inescrupulosas de terras e disputas entre os novos proprietários. Mas talvez, depois de algum tempo, se as coisas não fugirem totalmente de controle, uma espécie de equilíbrio poderá ser alcançado. Algumas pessoas podem argumentar que nenhum branco deveria estar nesse país, e isso pode até ser verdade. Mas com um pouco de compaixão e clemência, talvez alguns dos descendentes dos ladrões originais possam conseguir manter seus lares e até um pouco de honra e respeito. Quase todos nós, de qualquer raça, temos algum motivo de vergonha em nossa história. Pode ser algo recente, ainda vivo em nossa memória, um lembrete constante. Mas pode ser algo que aconteceu há muitas gerações, algum evento pelo qual nós não sentimos nenhuma ligação ou culpa, mas as coisas podem mudar, trazendo o que estava esquecido e enterrado de volta à tona.

Acredito que atualmente é cada vez mais difícil que alguém, em qualquer parte do mundo, possa dizer algo como, “Eu deveria estar aqui e você não”. As migrações humanas nunca terminaram, elas são infinitas, e a miscigenação é um processo complicado, mas que pode ser muito proveitoso — uma fonte de inovação e criatividade.

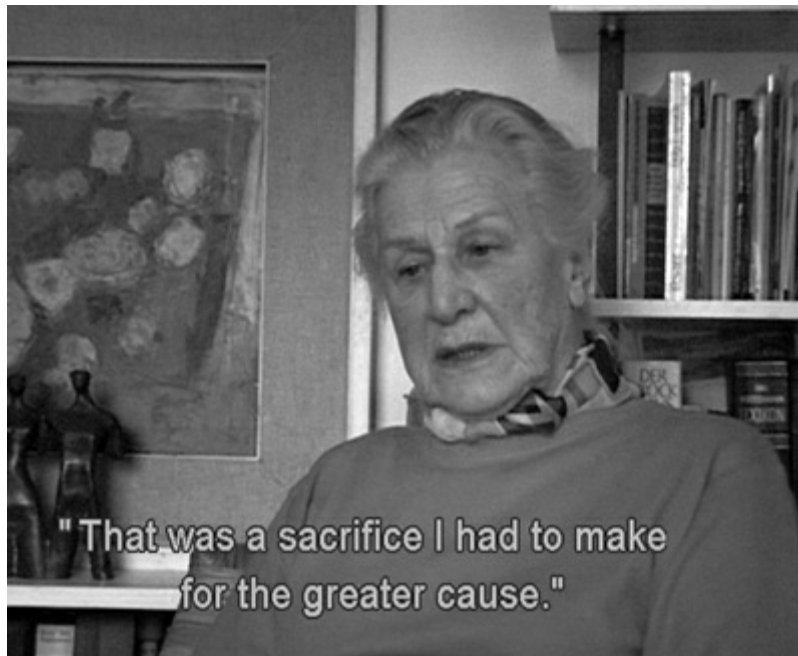
Será que algum dia veremos uma sangrenta disputa por aquelas lindas casas modernistas dos anos 50 no distrito de Vedado em Havana? Israel, Palestina, Dakota do Sul, Tibet — todos esses lugares passaram por apropriações indevidas de terras por um grupo ou por outro. O roubo de terras ou posses profetiza inevitavelmente um roubo de reciprocidade tempos depois? A justiça tardia é inevitável? Isso pode ser chamado de justiça?

Quando se esgota a areia na ampulheta da justiça e da reparação, se é que ela se esgota? As vítimas da Stasi poderiam exigir algum tipo de compensação? Os judeus alemães podem reclamar suas casas (as que ainda estão de pé) em Leipzig e Berlim? Os descendentes dos russos exilados desde a revolução podem voltar e exigir de volta suas lindas casas em São Petersburgo? Os milhões de chineses que durante a revolução cultural foram expulsos dos lugares onde viviam há gerações pela truculência da Guarda Vermelha já podem agora voltar para casa? Podemos simplesmente fazer a história voltar à época em que esses grupos estavam no poder? E a violência associada a esse processo constituiria mesmo a justiça?

Alguém é nativo de algum lugar? Acho que na maioria dos casos, não. E talvez, de alguma forma, essa possa ser a resposta para essas indagações.

Paralelos

Esta é uma imagem do documentário *Eu fui a secretária de Hitler*, que é basicamente uma longa entrevista contemporânea com essa mulher. Isso é um exemplo fantástico de como o ser humano é capaz de se enganar, iludir e fechar os olhos.



Eu fui a secretária de Hitler. Um filme de André Heller e Othmar Schmiderer (Produção da Dor Film). Dor Film/Heller Werkstatt.

*Aquele foi um sacrifício que eu tive que fazer por uma causa maior.

Agora, é claro, ela entende bem o que se recusou a enxergar ou admitir, assim como várias pessoas hoje (menos agora do que antes) se recusam a admitir que as ações do governo Bush foram antiéticas, inconstitucionais e talvez até criminosas porque suas mentes foram dominadas por termos como *segurança nacional*, *patriotismo*, *terrorismo*, *democracia*, *Estado mínimo*, *mercado livre*...

A nossa capacidade de viver em negação e ignorar os fatos que estão bem diante dos nossos olhos é óbvia. Não consigo crer que alguém seja capaz de perpetrar certos horrores sem justificar esses atos para si mesmo, ou pior ainda, negar a existência deles por completo — ou, como no caso da secretária de Hitler, afirmar que alguns ovos inevitavelmente precisam ser quebrados para se fazer um omelete. Acho que alguém do governo Bush deve ter usado a mesma metáfora. Talvez essa capacidade de autoengano tenha evoluído como um mecanismo de sobrevivência — uma habilidade mental que ajuda a manter o foco, deixando de lado notícias inúteis e selecionando ou distorcendo as informações durante uma caçada ou ao se cortejar um parceiro. A habilidade e a complexidade dos comportamentos de negação podem ter se tornado algo essencial e absolutamente necessário nos momentos em que eles eram úteis — mesmo que, às vezes, um novo ponto de vista pudesse surgir tempos depois, fazendo com que a verdade fosse confrontada.

Longe de ser um problema, uma deficiência, isso era, e ainda é, um mecanismo muito útil de sobrevivência — que, perversamente, nos torna humanos. Os animais costumam negar seus atos? Um cachorro seria capaz de dizer algo como “O quê? Se eu fiz cocô no tapete? Você

está brincando?” ou, e talvez ainda mais importante, um cachorro seria capaz de convencer a si mesmo de que não fez cocô no tapete? Acho que os animais podem sim ser falsos e traiçoeiros, mas seriam eles capazes de enganar a si mesmos? Bom, acho que nunca vamos saber. Talvez seja esse conjunto de habilidades mentais o que nos permite sermos tão obstinados, e também tão bem-sucedidos, como em geral somos.

A manipulação desses poderosos instintos e comportamentos inatos por parte de demagogos, publicitários, especialistas em marketing e líderes religiosos é muitas vezes desastrosa, mas talvez inevitável. O uso dessas habilidades por essas pessoas é deletério porque elas fazem isso apenas para benefício *próprio*. Nossas adaptações acabam sendo usadas contra nós mesmos. Por outro lado, como essas habilidades são naturais, talvez também seja natural que elas sejam exploradas e que certas pessoas inevitavelmente se tornem mais aptas nessa arte da exploração e da manipulação do que outras.

No entanto, por mais poderosas e atraentes que sejam certas palavras-chave, às vezes é possível resistir a elas, ou ao menos perceber quando elas estão sendo usadas — seja para o bem ou para o mal. Mas no mínimo você pode escolher se quer ou se permitirá ou não que sua mente seja manipulada e/ou autoiludida. Há momentos em que uma certa dose de autoengano é até “boa” — quando isso nos permite realizar uma tarefa necessária ou criar algo improvável ou novo (quando estou compondo uma música, não gosto de ouvir nenhuma crítica muito dura, por exemplo). Isso pode até nos dar coragem para expressar nossos sentimentos. Nesses casos, a negação — como algo que nos dá esperança — pode ser vista como um recurso válido.

Os dois maiores casos de autoengano da humanidade são que a vida tem um “sentido” e que cada um de nós é um ser único. É fácil entender a utilidade prática do desenvolvimento de mecanismos internos que nos desviam de conclusões deprimentes e inevitáveis. Tudo bem, talvez nós sejamos únicos de certa forma: o número de variações de traços físicos, comportamentos, tipos de corpo e experiências de vida que constroem cada um de nós vai além da nossa imaginação. Nossa variedade é imensa, mas, ainda assim, isso precisa se ater a certos limites, ou nós nem conseguiríamos nos reconhecer como seres humanos. Aquilo que nós somos tende ao “infinito”, mas é sempre moldado de forma semelhante ao mesmo tempo. Trata-se de uma variedade quase infinita dentro de limitações altamente restritas.

Talvez aquilo que chamamos de identidade, o que nos define como indivíduos, o que nos dá personalidade e características únicas, também exista em cães e talvez até nas bases da cadeia alimentar como nos insetos. Os insetos têm personalidade? Por que não? Por que parar nos cães? Um inseto pode ser igualzinho a mim. Eu, o que eu *chamo* de eu, pode não ser nada único no final das contas. A gama de combinações possíveis de traços de personalidade pode se estender tanto para cima como para baixo na árvore evolucionária. Talvez existam tantas personalidades em cada espécie quanto entre nós, seres humanos. A nossa polícia interna nos diz “nem pense nisso!” quando entramos em uma zona proibida de raciocínio como essa e começamos a ter ideias que poderiam nos levar à loucura ou inibir ações mais importantes — ideias como “talvez eu não seja mesmo único afinal”. Às vezes, essa polícia interna nos diz isso para o nosso próprio bem — para impedir-nos de enlouquecer e permitir que façamos aquilo que precisa ser feito. Para sobrevivermos como espécie, precisamos ter nossas pequenas ilusões.

O outro caso de autoengano — de que a vida tem sentido — é sempre abordado pelas religiões do mundo todo. A nossa propensão e suscetibilidade a essa confortante ideia é inegável. Eu poderia dizer que as religiões são na verdade apenas um apanhado de superstições além de uma desculpa esfarrapada para atos de violência e incontáveis horrores, mas elas também podem ser úteis. Parece-me que elas pelo menos são capazes de fazer com que seja mais fácil acordar todos os dias, viver em sociedade e seguir em frente se você acreditar que nossas vidas (humanas) têm sentido.

Reconstrução

Embora a reconstrução de Berlim após a 2ª Guerra Mundial tenha reduzido em grande parte a quantidade de entulho, o progresso foi prejudicado pela construção do muro e pela ocupação nos dois lados da barreira — os soviéticos no lado leste e os ianques e britânicos no oeste. Vastas áreas próximas ao muro, onde antes ficava o centro da cidade, foram deixadas como matagais e terrenos baldios, às vezes ocupados por caravanas de ciganos ou mercados de pulgas. Era como se eles soubessem que o muro acabaria caindo, então esses espaços nunca foram utilizados. Desde 1989, agora já sem o muro e os invasores, uma cidade nova e estranha surgiu. Em um dos antigos centros pré-guerra, Potsdamer Platz, gigantescos edifícios de grandes corporações foram erguidos — empresas como Sony, Mercedes, Siemens e outras têm seus novos arranha-céus de aço e vidro na região. Ali perto, o novo centro do governo, trazido rapidamente da minúscula cidade de Bonn para cá, também está tentando achar seu espaço. Um terminal de transportes foi construído e, para isso, o rio foi desviado e depois canalizado de volta. Esse tipo de desenvolvimento não é nada orgânico; trata-se do planejamento de uma cidade em uma escala gigantesca. É um experimento colossal que suscita a seguinte pergunta: “Seria possível criar um centro urbano (espetacular) do zero?”

Passeio com a minha bicicleta por Mitte, onde as galerias e os cafés estão sendo atropelados pelas butikues de luxo, como aconteceu no SoHo em Nova York. E hoje, alguns anos depois de ter escrito isso, vejo que Berlim merece ser aclamada como uma capital cultural, ou talvez até mesmo como *a* capital cultural da Europa. Apesar das áreas tomadas por gigantescos prédios corporativos envidraçados e suas desérticas praças cimentadas, este é um lugar que faz o impossível parecer concretizável — o que antes já foi uma cidade vibrante, um centro da cultura europeia, voltou à vida.

Andar de bicicleta em Istambul? Você está maluco? Sim... e não. O trânsito aqui é bem caótico e o lugar é cheio de subidas, mas as ruas ficaram tão congestionadas nos últimos anos que hoje é mais rápido — ao menos durante o dia — chegar ao centro da cidade de bicicleta do que de carro. Como em vários outros lugares, sou quase o único de bicicleta por aqui. Mais uma vez, suspeito que a preocupação com o status possa ser o grande motivo por trás disso — em muitos países, andar de bicicleta significa pobreza. Pedalei por Las Vegas e fiquei sabendo que, além de mim, as únicas pessoas que andavam de bicicleta por lá eram aquelas que haviam perdido tudo, provavelmente nos cassinos. Pessoas que perderam seus empregos, famílias, casas e — talvez o mais absoluto insulto para um norte-americano — seus carros. E tudo o que lhes restou foi uma bicicleta para andar por aí. Com a queda dos preços dos carros, o meu medo é que muitos moradores da Índia e da China acabem se livrando rapidamente de suas bicicletas para se tornarem também novos elegantes motoristas modernos.

Passo por cafés cheios de pessoas jogando gamão freneticamente, enquanto outras fumam narguilés. Compro algumas imitações de produtos de marca em uma loja de sapatos. As torres das mesquitas servem como ótimos pontos de referência. Eu adoro esta cidade. Adoro o lugar em si — cercado de água e espalhado entre suas três porções de terra, sendo que uma delas fica na fronteira com a Ásia. O estilo de vida local — que me parece mediterrâneo e cosmopolita, mas sem perder um toque da rica história do Oriente Médio — é encantador.

Em geral, sigo pelas diversas ruas que se estendem ao longo do estreito de Bósforo e do mar de Mármara, evitando assim as diversas colinas do interior da cidade. De vez em quando, avisto algumas casas antigas de madeira, o que me faz pensar em como era este lugar antes de todas elas terem sido derrubadas ou incendiadas.

Prédios modernos e feios como ícones religiosos

Enquanto pedalo pela cidade, percebo que os prédios antigos — casas de madeira, palácios de estilo europeu do século XIX e edifícios do período otomano — estão sumindo. Por toda parte, só vejo tediosos prédios residenciais de concreto sendo erguidos. Fico pensando em como prédios e bairros tão característicos podem ser eliminados com tanta facilidade. O que essas pessoas têm na cabeça? Isso pode até parecer algo que o Príncipe Charles diria, mas não entendo como ninguém consegue enxergar o que está acontecendo.

No mundo todo, aquilo que o Museu de Arte Moderna classifica como “estilo internacional” foi usado como desculpa para a construção de inúmeros prédios que mais parecem casamatas, projetos habitacionais horrorosos, prédios apáticos de escritórios e os inconfundíveis e decadentes projetos habitacionais e comerciais terceiro-mundistas de blocos de concreto. Esse lixo é visto como algo de qualidade porque imita, ainda que porcamente, um estilo prestigioso. Mas por que esse estilo se alastrou tanto assim? Por que as mais lindas cidades no mundo inteiro estão sendo transformadas em um enorme labirinto de tijolos

cinzentos verticais com fileiras de janelas idênticas nas fachadas?

Imagino que talvez essas estruturas expressem alguma coisa. Algo mais do que apenas o lucro no orçamento de uma empreiteira. Talvez além de uma técnica mais simples e barata de construção, isso também sirva, de alguma maneira, como amostra dos sonhos e desejos coletivos da sociedade. Para muitas pessoas, talvez elas representem ou simbolizem um novo começo, uma ruptura com todas as outras construções antigas com as quais elas conviviam até hoje. E, especialmente nas cidades antigas, prédios novos representam um fim para a história. Eles dizem, “Nós não seremos como nossos pais! Nós não somos governados por reis, czares, imperadores, xás ou qualquer um desses idiotas do nosso passado. Nós, pessoas modernas, somos diferentes. Não somos mais camponeses. Não somos mais caipiras ou sitiantes. Não queremos associar nenhuma parte do cenário urbano ao nosso passado, por mais nobre que ele tenha sido, nem aos elementos que moldaram nossas memórias. O peso da nossa história nos esmaga. Para nós, o passado é uma prisão visual e simbólica. Queremos começar do zero e fazer algo nunca antes visto na face da Terra. (Deus sabe que os chineses estão fazendo isso agora mesmo a passos largos.) E se nós tivermos que fazer algum estrago no meio do caminho, que assim seja”. Imagino que pelo menos seja essa a lógica emocional que vem motivando muitas pessoas aqui e em outros lugares do mundo.

Talvez esses prédios novos não sejam bonitos ou nem mesmo visionários, como alguns arquitetos acadêmicos e teóricos do modernismo esperavam, mas são baratos, funcionais e não lembram as pessoas de nada que já tenha existido antes. As paredes são retas, nenhuma é torta ou bamba, e com ângulos de 90 graus perfeitos, graças a Deus e à engenharia moderna, e os encanamentos funcionam — por enquanto. Para o bem ou para o mal, esses prédios projetam uma autodeterminação quanto ao futuro. Eles dizem: “O futuro será nosso”. As novas gerações poderão se dar ao luxo de ignorar o peso de incontáveis milênios e declarar simbolicamente que são livres. Equivocados, talvez, feios com certeza, mas livres. E esse é o elemento religioso, ideológico e emocional inerente a essas monstruosidades.

Esses prédios representam o triunfo do culto ao capitalismo e do materialismo marxista. Paradoxalmente, esses sistemas opostos chegaram a mais ou menos o mesmo resultado estético. Caminhos divergentes convergindo. É o triunfo dos deuses da razão sobre a beleza, a extravagância, os instintos animais e nosso senso estético nato — se é que podemos acreditar que nascemos com algo assim. Nós associamos essas qualidades ou aos camponeses — pessoas simples que nunca conseguiriam erguer uma parede reta ou deixar de lado seus peculiares toques decorativos — ou à realeza e à alta classe — nossos desprezíveis antigos governantes (e seus suntuosos palácios) a quem hoje, no mundo moderno, podemos tratar de igual para igual, pelo menos em um nível imaginário ou teórico.

Esta é uma foto de Salvador, no Brasil, onde uma área de galpões e prédios comerciais da época colonial já foi quase completamente transformada em uma zona comercial apática como qualquer outra. Um músico brasileiro amigo meu comentou que essas áreas de muita personalidade em outras épocas deveriam ter sido tratadas como as “cidades europeias”.



Um guindaste caiu aqui em Manhattan hoje, enquanto eu estava escrevendo este texto. O acidente matou pelo menos quatro pessoas e destruiu parte de um prédio vizinho. Um outro prédio desabou duas semanas atrás, e uma semana antes disso, parte do edifício Trump desmoronou e um homem foi decapitado.

Sob o disfarce do avanço e do progresso, esses prédios na verdade desumanizam as pessoas, isso quando simplesmente não as matam. Embora todos eles sejam feitos com materiais idênticos — concreto reforçado, vidro e aço — nenhum deles tem curvas ou a grandiosidade das rodovias interestaduais, represas e pontes feitas com os mesmos materiais. Os belos arcos dos trevos rodoviários em grandes vias expressas e estradas parecem não ter lugar nesses blocos residenciais. E eles também não são feitos para durar como essas outras estruturas. O futuro é aqui, em espírito, por um breve instante, mas logo irá sumir e desmoronar bem diante dos nossos olhos.

Então, em vez de alguns poucos “monumentos” realmente importantes como os que ainda existem do nosso desprezado passado histórico, o nosso século irá deixar, por todo o planeta, uma porção de estruturas praticamente idênticas. De certa forma, elas são como um gigantesco monumento conceitual global com partes e peças espalhadas pelas cidades e subúrbios do mundo todo. Como uma única cidade em diversos lugares.

Isso está acontecendo em Nova York agora mesmo. Por toda parte, prédios quase idênticos de vidro e concreto estão sendo erguidos. Muitos são construídos com uma rapidez tão voraz que até nos faz pensar se essa agilidade não é uma maneira de erguer logo esses edifícios antes que alguém possa contestar esse processo. Atualmente, com a desastrosa crise econômica e de crédito, o principal foco está em gastar todo o dinheiro que já estava previamente alocado para essas construções. Alguns prédios têm projetos assinados por arquitetos famosos, outros não. Em geral, é difícil diferenciar um do outro pelas fachadas — no fundo, todos eles são projetados pelas empreiteiras; o arquiteto é só mais uma logomarca que pode ser usada na tentativa de diferenciar os produtos.

* * *

Em uma visita anterior, fui convidado por um grupo chamado Dream Design Factory para fazer uma instalação artística pública durante a Bienal de Istambul. A bienal é fantástica. Nem todas as obras são espetaculares e eu não conheço a maioria dos artistas — muitos são da Turquia, Síria, Grécia, Egito, Índia e Irã. As galerias de Chelsea não têm obras de muitos artistas desses lugares; ainda não, pelo menos. Os espaços usados para as exposições são maravilhosas construções antigas espalhadas por toda a cidade — fábricas, depósitos, escritórios da alfândega e até uma cisterna romana que fica sob uma parte da região histórica

da cidade.

Minha obra não vai ficar em nenhum desses lugares. Na verdade, vou fazer a instalação em um espaço ainda vazio de um shopping center moderno que não fica muito no centro da cidade. Pelo menos o lugar tem um alto trânsito de pedestres. Fico um pouco decepcionado por não ser algo mais no centro, mas já estou feliz só por estar aqui. A minha exposição será uma montagem com caixas de luz do tamanho de um ponto de ônibus e imagens de armas de fogo e dinheiro manipuladas por computador. Tudo é feito para lembrar os reluzentes anúncios de hoje, então a ideia do shopping center pode não ter sido tão má assim no final das contas. Estou hospedado no Pera Palas Hotel, um lugar um tanto quanto precário, que tempos atrás, na época do Expresso do Oriente, já foi o ápice da elegância. Hemingway, Garbo, Hitchcock e até o Rei Eduardo III já ficaram aqui, além de espões famosos como Mata Hari e Kim Philby. Atatürk também já se hospedou aqui, e o quarto dele, o de número 101, é hoje um museu.



Elevador do Pera Palas Hotel em Istambul, 1994

Sakip Sabanci

No dia seguinte, o pessoal da Dream Design me encontra no hotel e nós saímos de carro pelas ruas ao longo do Bósforo. O grupo é liderado por Arhan, que parece uma versão turca do Tintim, com um tufo de cabelo em cima da testa. A Dream Design Factory trabalha com design gráfico, além de eventos, promoções, desfiles de moda e *raves*. Conheço está Esra, uma jovem que parece ter preparado o passeio de hoje, e uma senhora chamada Saba, uma artista turca, amiga de Arhan, que hoje mora na ilha de Elba, perto da costa da Itália. Está chovendo, o trânsito está lento como sempre e eu já passei por este caminho de bicicleta antes, então acabo dormindo no banco de trás do carro. Mas ainda consigo ouvir Saba, que é meio marxista, reclamando ao ver os vários novos *outdoors* que inundam a cidade, dizendo: “Quem controla a minha visão? Quem controla o que eu vejo?”.

A mistura de Esra, uma mulher jovem e cosmopolita, Saba, a artista de esquerda, e Arhan, o designer empreendedor das *raves*, criou um grupo interessante.

Depois de um tempo, Esra me lembra — “David, chegamos.” — e vejo um enorme portão branco se abrindo na frente do carro. No final dessa rua fica uma gigantesca mansão com vista para o Bósforo. Mais à esquerda, há uma outra casa um pouco menor e mais moderna dentro

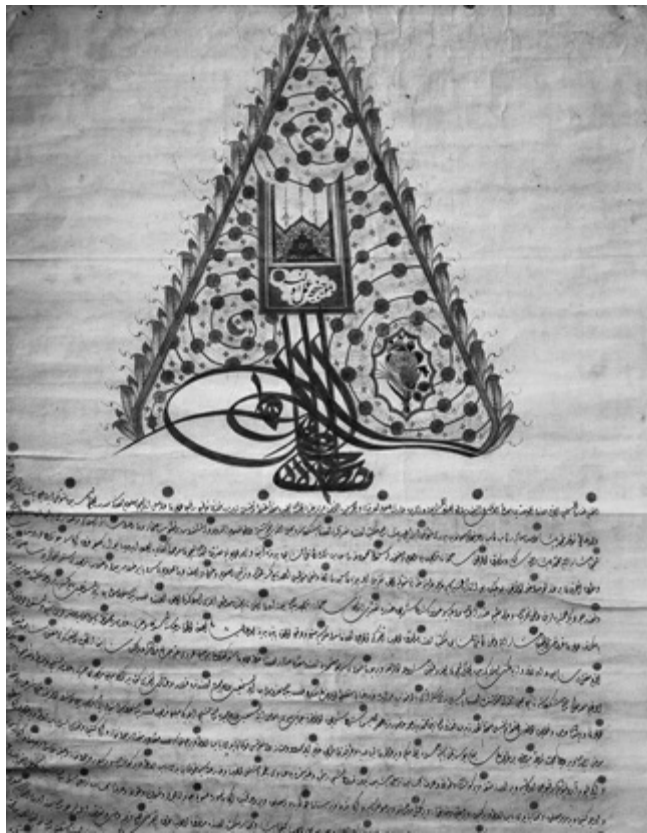
do mesmo terreno. Sigo até a mansão, ainda meio sonolento. “Não, não é essa, é a outra”, alguém grita. Passamos pela enorme janela de uma sala de estilo contemporâneo e eu aceno para uma mulher sentada em um sofá segurando uma criança.

A mulher nos recebe na porta. Estranhamente, ela não é muito maior do que parecia quando estava sentada no sofá — as pernas dela ficaram atrofiadas e retorcidas em decorrência de uma paralisia cerebral. Pouco depois, a irmã dela chega e nos oferece algumas bebidas que um mordomo vestindo um terno com duas fileiras de botões se apressa para buscar. Trocamos amenidades. Elas se desculparam por não terem ido à estreia da minha exposição aqui. Uma mulher que ainda não nos tinha sido apresentada está em silêncio, alimentando uma criança. Passeio pelo lugar, admirando as pinturas com suas rebuscadas molduras douradas nas paredes.

Esra diz que nós podemos ver a coleção do pai de Sakip se quisermos. Nem sei de que tipo de coleção ela está falando, mas me interessa. Vamos até a enorme mansão depois de uma breve chamada via celular alertando os funcionários da casa. A irmã, a babá e a criança ficam para trás. Sakip Sabanci foi um dos empresários mais bem-sucedidos da Turquia e também é conhecido por ser um grande filantropo — ele construiu hospitais e fundou uma universidade.

Somos recebidos pelo mesmo mordomo, que deve ter chegado aqui antes da gente. A casa é um museu — em estilo vitoriano. O andar térreo é tomado do chão ao teto por pinturas, vasos, móveis de época, estátuas e cristaleiras cheias de objetos de prata. Assim que entramos em uma sala à direita, ouvimos um aviso — “Esta é a sala azul.” — e nada mais. Todas as perguntas sobre as pinturas são respondidas pelo mordomo. Seguimos em frente de sala em sala. Saba, a senhora de mais idade, reconhece as obras de alguns colegas turcos, pintores exilados que depois se mudaram para Paris. A maioria das pinturas é de estilo “orientalista”, imagens românticas das ruas de Istambul no período otomano, embora haja também algumas paisagens românticas da Rússia — o sol se pondo sobre o rio Neva e pinturas de São Petersburgo.

O primeiro andar, subindo as escadas, é dedicado a uma espetacular coleção de caligrafia. Declarações políticas e legislativas do período otomano, cartas e Alcorões, é claro, com suas páginas douradas abertas em lindas passagens adornadas do Livro dos Livros. Tudo é muito bonito. É interessante notar como as peças de caligrafia otomanas e asiáticas são muito mais impressionantes para o nosso gosto contemporâneo (ocidental) do que os quadros e esculturas tipicamente ocidentais do andar de baixo. As pinturas ocidentais e especialmente as orientalistas nos suscitam uma visão colonial romântica e datada do oriente que alguns preferem ver como algo já superado. Essas pinturas nos trazem uma lembrança clara demais dos nossos preconceitos e presunções. Por outro lado, essas obras de caligrafia nos parecem, ao menos por enquanto, estar em perfeita sincronia com o gosto contemporâneo ocidental — ver o texto como arte, a palavra que ganha beleza ao ser tangível — ainda que elas talvez estivessem a abismos de distância dessas ideias abstratas e formais quando foram produzidas.



G. Dagli Orti/De Agostini Picture Library/Getty Images

Dança do ventre

De volta ao hotel, eu me encontro com um grupo de turcos exilados (que agora vivem na Bélgica, Nova Jersey e Chicago) e assim que um cazaquistânês chega, seguimos até o bairro de Sulukule para comer, beber e curtir um show barato de dança do ventre. Esse bairro cigano com mil anos de história é ocupado quase totalmente por moradias decadentes e casas de chá entupidas de clientes que se espalham pelas ruas mal-asfaltadas sob a brisa fria da noite. Infelizmente, a região inteira poderá ser demolida em breve, pois vem sendo cobiçada pelas empreiteiras.

Nosso amigo cazaquistânês já conhece o lugar para onde estamos indo, então nós ignoramos o enxame de crianças que avança sobre o carro, tentando nos levar para os bares de suas famílias, e vamos direto até o “Chez Moi”. Somos recebidos por mais cazaquistâneses — bancários, segundo eles, embora não se saiba exatamente em que tipo de “banco” esses sujeitos trabalham — e depois por um grupo de garotas com os cabelos tingidos de loiro, bochechas maquiadas e blusas grossas. A governanta do lugar, uma mulher baixinha com um vestido largo (ela está grávida?), leva-nos até os nossos “quartos” no andar de cima, onde veremos uma apresentação e seremos, conforme já fomos avisados de antemão, depenados.

Este lugar é o extremo oposto da mansão de Sakip Sabanci. Como a sala está muito fria, a “mamãe” traz um balde com carvões em brasa lá de fora e despeja tudo no meio do piso de linóleo que está bem gasto em algumas partes. Nosso amigo cazaquistânês começa a negociar enquanto nos acomodamos. A sala não tem quase nada a não ser algumas cadeiras de tipos diferentes encostadas nas paredes. Um jovem traz uma espécie de mesa de carteador dobrável. Quatro músicos (dois percussionistas, um tocador de tambor e um homem com um banjo turco)

sentam-se na nossa frente e começam a se preparar.

As dançarinas, ainda com seus casacos de inverno, entram por um breve instante e depois voltam a sair. A governanta anota nossos pedidos de bebidas — cerveja para os exilados e eu, raki para os turcos e vodka para os cazaquistaneses. Um homem curdo, que poderia estar com a gente, entra e se senta perto dos músicos. Ele não bebe nada.

Os músicos começam a tocar. O som é ótimo, cheio de um vigor e de uma emoção que irrompem em explosões repentinas de uma tristeza linda e intensa. Toda a tristeza do mundo está nessa música. Eles até podem estar tocando para a gente só para ganhar uns trocados, mas é comovente mesmo assim. Eu me sinto sendo levado dali. Uma jovem passa pela sala, pegando “doações”. Queijo, cenouras raladas e porções de pistache aparecem e, por fim, até mesmo uma das dançarinas, que passeia pela sala antes de começar a pedir mais doações (notas pequenas parecem ser o bastante). Ela tira a blusa e a joga em cima de uma cadeira, revelando não um traje típico, mas sim um sutiã e uma meia-calça abaixada só o bastante para revelar a borda da calcinha. Ela começa a dançar. Não é bem uma dança do ventre, mas seja lá o que for, tem seu carisma. Talvez pelo frio, pela bebida, pela música ou pela situação em geral, todos estão muito animados, rindo e brindando uns com os outros.

A dançarina roda de novo pela sala e agora nós colocamos dinheiro em seu sutiã. De vez em quando, ela ensaia alguns movimentos muito básicos de dança do ventre. Senta-se no colo de alguém (homem ou mulher, não parece fazer diferença) e pula para cima e para baixo. É mais engraçado do que sensual. Tudo é muito comportado e ela não faz a dança do ventre de verdade, mas todos estão se divertindo bastante. A não ser pelo homem à minha esquerda que não para de mexer um colar de contas e sempre pede para que as garotas passem reto por ele, enquanto a maioria de nós se levanta de tempos em tempos para dançar com elas ou entre nós mesmos. Todos riem, enchem os copos uns dos outros, cantam, berram e grudam notas velhas nos corpos das garotas. Os cazaquistaneses estão mandando ver na vodka, mas não causam nenhum problema. E como nem as dançarinas têm barrigas muito adequadas para a dança do ventre, algumas mulheres tiram as camisas dos homens, expondo barrigas mais corpulentas para a dança.

Em um dado momento, nós ouvimos um tumulto do lado de fora e descobrimos que está ali uma equipe de tevê, liderada por um famoso apresentador local (que lembra um pouco Fidel Castro pela barba e por estar usando um macacão militar verde). Só falta uma semana para as eleições turcas e ele veio entrevistar os cidadãos desta área mais pobre para saber como anda a situação deles. O apresentador está cercado de dançarinas de folga, crianças de rua e os donos do lugar onde nós estamos.

Ouçó dizer que o resultado dessa eleição, como o de diversos outros futuros pleitos na Ásia Central e nas antigas repúblicas russas, servirá para mostrar até que ponto uma parte considerável da população prefere voltar a um mundo mais estável, seja por meio do fundamentalismo ou do comunismo fervoroso. Pelo que dizem, os fundamentalistas daqui são muito bem organizados, ao contrário dos jovens modernos e seculares que são em sua maioria apáticos e não dão a mínima para a política. Segundo boatos, o partido religioso estaria até convocando eleitores de fora, trazidos de avião de comunidades turcas na Alemanha e na Áustria. Eles estariam pagando pela viagem de ida e volta só para garantir alguns votos a mais dos exilados. Naturalmente, todo esse debate é mais intenso na região leste do país, longe de

Istambul, onde a guerra contra os curdos também vem se arrastando há anos.

Há um grande abismo entre ricos e pobres aqui, assim como nos Estados Unidos, embora em Istambul, ao contrário do que acontece em Nova York e em outras cidades, a camada mais pobre da população não seja excluída da sociedade. O país fica bem na fronteira entre o oriente e o ocidente e é marcado pelos conflitos entre a ocidentalização — o caos das liberdades democráticas e do capitalismo implacável — e o antigo estilo de vida que se sustenta nos braços virtuosos e acolhedores de Deus e da tradição.

No dia seguinte, pedalo até o lindo Palácio de Topkapi, uma atração turística, para conhecer o harém que hoje é um museu. Embora as proporções e os arabescos da estrutura interna do palácio sejam incríveis, fico mais interessado pela exposição de relíquias religiosas. Em outros lugares, em outros países, esses artefatos estariam em uma catedral ou algum tipo de templo — afinal, eles são o que há de mais santo entre o sagrado —, mas aqui eles estão todos reunidos em uma sala de museu. Um fio de cabelo do profeta, uma pegada da sandália de Maomé, um osso do braço de São João Batista e vários outros crânios e ossos; tudo isso pode ser encontrado aqui como se para comprovar o sucesso de Atatürk em transformar o país em uma nação laica.



Fios de cabelo do profeta, Palácio de Topkapi, Istambul, 1992



Pegadas do profeta, Palácio de Topkapi, Istambul, 1992

Volto para o hotel de bicicleta pela ponte sobre o cabo Horn. Mais à noite, vou a um jantar com a promotora de eventos local e alguns de seus assistentes. Alev, a promotora, é uma mulher franca e cheia de energia, e Daniel (embora tenha certeza de que esse não era o nome verdadeiro dele, imagino que seja um anglicismo), seu assistente que me pegou no aeroporto, é um imigrante levemente afeminado do Cazaquistão que chegou aqui de Moscou. Em outras palavras, ele ainda não teve tempo para deixar crescer aquele bigode característico dos turcos, o que talvez o faça parecer um pouco menos masculino do que os homens daqui em geral. Segundo Alev e seus assistentes, esses famosos bigodes são um traço típico dos anatólios. Esse estigma capilar dá aos meus amigos um ar mais cosmopolita e talvez um leve quê de alienação — algo comparável à imagem dos meus *mullets*, eu imagino.

Durante seus cinco anos de existência, o principal foco da empresa de Alev tem sido a promoção de *raves* e eventos musicais (eventos de música *house* e *techno*, no caso, não balé). O festival do qual vou participar será em uma praia do mar Negro, a mais ou menos uma hora e meia de carro daqui. O evento foi batizado de Alternatif Festival e terá uma tenda bem grande, banheiros químicos e toda a estrutura dos festivais musicais europeus, além dos patrocinadores de sempre — uma marca de jeans, a cerveja Carlsberg, uma estação de rádio e a CNBC.

Ao que parece, o espaço originalmente escolhido para o evento ficava perto de um vilarejo em que parte da “máfia” local estava quase terminando uma enorme boate que será inaugurada em breve como uma grande atração naquela área. Segundo boatos, graças a certas ligações com o exército local (os militares operam como a polícia fora dos municípios aqui), os

mafiosos teriam pedido que o exército “dificultasse” a realização do festival. Supostamente, os mafiosos teriam enxergado o evento como um possível concorrente para a boate no futuro. Esse impasse chegou a um ponto crítico nos últimos dias; os militares declararam oficialmente que aquele local não era seguro o bastante para a realização do festival, citando o risco de afogamentos, incêndios nas matas e o possível uso de drogas.

Alev me disse ter pedido ajuda a vários ministros, sendo que alguns deles eram fundamentalistas muçulmanos. Dá para imaginar...? Em primeiro lugar, com certeza eles não devem gostar de discutir com mulheres, e depois, eles veem esse tipo de evento, e a música pop do ocidente em geral, como obra do demônio. Então, boa sorte, amiga...

Depois disso, os organizadores do Alternatif Festival apelaram para o governo nacional. Ir das lideranças locais para o governo federal pode parecer um passo meio grande, mas aparentemente a corrupção é muito arraigada por aqui, então esses saltos são necessários para se driblar os vícios do sistema. Nossos amigos do festival decidiram fazer uma ponte entre o direito à realização do festival e a almejada filiação do país à União Europeia — algo que a Turquia ainda sonha em conquistar. Mas como um evento desses poderia ajudar o país a entrar para a União Europeia?

Enquanto escrevo este texto, a Turquia pleiteia sua entrada na União Europeia. Ao que parece, o país atende em maior parte as exigências econômicas. Por outro lado, tratando-se de direitos humanos e cultura, ainda existe um abismo enorme. A questão dos direitos humanos é a mais crítica, o que até chega a ser um clichê turco, já que todos se lembram do filme *O expresso da meia-noite* quando pensam na Turquia. (Imagine como seria se toda a sua nação e cultura fossem representadas por um filme, e um filme que mostra seu país como um antro de brutalidade. Eu só rezaria para que algum novo filme de sucesso sobre qualquer outro tema fosse lançado logo. Uma bela história de amor talvez.) A União Europeia também exige que suas nações associadas tenham todo um leque de instituições culturais — sociedades de preservação histórica, associações de apoio às tradições locais e regionais, escolas e instituições focadas em diversos estratos socioeconômicos do país.

E é aí que eu entro. Esses programas destinados ao público jovem fazem parte das exigências culturais da União Europeia. Os outros festivais daqui costumam ser de jazz, música clássica e “étnica” (ou seja, *world music*) e são realizados em locais de alto prestígio, luxuosas salas de concertos e outros lugares do tipo, assim como os festivais de jazz no mundo inteiro. Obviamente, esses festivais de jazz são organizados para um segmento mais sofisticado do público turco que raramente se mistura com alguma parte das massas (eu muitas vezes represento a personificação dessa mistura nesses festivais). Mas os organizadores do Alt Festival querem mostrar que a juventude local não vem sendo atendida por esses festivais oficialmente sancionados e que a comissão da União Europeia precisa ver mais eventos como o Alt acontecendo pelo país para se garantir de que todas as camadas do público turco estejam sendo atendidas. Ao meu ver, parece um argumento vago, mas toda sorte a eles.

Aqui neste lado do mundo, ainda é pequeno o público que se interessa por esse segmento mais periférico, ainda que descolado, da cultura pop global, do qual artistas como Jarvis Cocker, Sneaker Pimps e eu fazemos parte. A importância de ver essa nossa fatia do mercado global da cultura sendo representada no mundo inteiro e até com apoio estatal é algo discutível. Eu diria que o mesmo serve para as orquestras e festivais de jazz e arte

contemporânea que recebem esse tipo de patrocínio há muitos anos. O jazz (para não falar da música clássica) foi exportado por décadas pelos EUA e turnês foram organizadas pelo Departamento de Estado e até mesmo pela CIA por serem elementos representativos de uma parte descolada da cultura norte-americana, o que ajudou muito a tornar esse tipo de música aceitável e adequada para as salas de concertos no mundo inteiro. Mas isso já é outra história.

Sendo otimista, Alev imagina que em alguns anos eu poderei me apresentar em um circuito passando por lugares como Beirute, Cairo, Sofia, Ancara e Tel Aviv, o que me parece muito interessante. Já fiz shows em duas dessas cidades antes, e seria muito legal poder ligar todos os pontos algum dia. Mas será que esses países precisam mesmo da música pop ocidental? É claro que uma parte mais cosmopolita da população gosta dessa ideia, mas cada vez mais surgem novos artistas locais que são tão bons quanto qualquer outra coisa que venha de fora. Por outro lado, em muitos países, um artista estrangeiro tende a cativar muito mais respeito e interesse do que qualquer artista local — é triste, mas é verdade.

Até o momento, o festival ainda está de pé, mas as últimas notícias são de que ele foi transferido para outro local — talvez sem a tenda agora, mas com um palco completo e todo o resto. Cruzes. As coisas poderiam ficar meio tensas se eles só levassem o palco, mas não os banheiros, caminhões de água e barracas de alimentação.

Comento com os promotores que pretendo visitar o lado asiático da cidade de bicicleta hoje. Não é um lugar tão turístico, mas eu já vi as principais atrações locais em minhas visitas anteriores — a Basílica de Santa Sofia, a Mesquita Azul e a enorme cisterna subterrânea construída pelos romanos. Desço até a praia onde pego uma balsa e depois pedalo pelo calçadão que se estende ao longo da costa do outro lado do Bósforo. As balsas saem mais ou menos a cada quinze minutos, então eu pego uma que contorna a parte externa do porto de Istambul e me deixa perto de uma grande universidade do lado asiático. Há uma bela faixa arborizada para pedestres rente ao mar com diversos cafês, o que vai me garantir um agradável passeio de volta até o outro terminal asiático de balsas — um que fica bem em frente ao ponto de onde eu saí do outro lado do Bósforo.

Passo de bicicleta em frente à primeira estação de trem construída no oriente. Os trens que saem daqui vão para Bagdá e outros pontos ao leste, e o começo da linha fica aqui perto, no Bósforo. Casais estão passeando e tomando sorvetes.

Assim que volto ao hotel, fico sabendo que a realização do festival no segundo espaço foi recusada, o que não é uma grande surpresa. Acho que as justificativas de que um festival de música pop poderia fazer maravilhas à imagem da cultura e dos direitos humanos da Turquia não colaram.

O show tem que continuar

Passo o resto do dia andando pela cidade de bicicleta e compro lindas esculturas em alto-relevo de Atatürk e algumas impressões antigas muito legais de mapas árabes e gravuras médicas de cérebros dissecados. Na volta, encontro-me com Daniel, o assistente cazaquistânês de Alev, no saguão, onde achei que nós iríamos falar com alguns jornalistas. Mas na verdade ele me leva até o jardim do hotel, onde algumas mesas e cadeiras estão

montadas para o que parece ser uma coletiva de imprensa (surpresa!) completa com cobertura da tevê e tudo mais. Bom, enfim, fazer o quê?

Em seguida, Alev vem falar comigo e me avisa em voz baixa que agora o festival foi totalmente cancelado. Fico um pouco chocado, mas só um pouco. Alev convocou esta coletiva de imprensa para anunciar o cancelamento do festival. Sento-me ao lado dela e digo aos jornais e à tevê que estou triste pelo que aconteceu, já que estava muito empolgado em poder me apresentar aqui de novo.

Enquanto isso, todos os jornalistas na minha frente começam a fazer ligações de seus celulares — é muito estranho falar para um grupo de pessoas enquanto todas elas estão no telefone. Até Alev também está falando no celular, mas de repente ela anuncia que um novo local talvez possa ser utilizado. Esse seria um lugar menor e mais próximo à cidade (uma boa notícia, eu acho, pelo menos a última parte, considerando-se o trânsito caótico daqui).

Saio para jantar com a minha banda e a minha equipe, mas antes sou levado para uma emissora de tevê, onde concordo em participar de um programa. Quando nós finalmente chegamos lá, descubro que o programa é sobre esportes e que a febre da Copa do Mundo está em alta. Eles conseguem me encaixar de algum jeito no programa graças à empolgação geral criada pela Copa do Mundo. Quem sabe talvez eu consiga absorver um pouco dessa euforia.

Na manhã seguinte, o festival parece estar mesmo de volta aos trilhos, agora em seu terceiro local. Minha equipe sai logo de manhã. Mesmo tendo nos preparado para fazer uma passagem de som e um ensaio logo cedo, tudo é adiado duas vezes — para as duas da tarde. Isso me preocupa um pouco, já que temos dois novos músicos de cordas na banda e estamos todos fora da estrada há alguns meses, portanto, os ensaios viriam bem a calhar... mas não podemos fazer nada.

Saímos em um pequeno ônibus a caminho do parque onde o show será realizado, mas o motorista (que é britânico) se perde e acabamos voltando para o hotel. Não muito tempo depois, já estamos de novo no trânsito de Istambul. A não ser por um trólebus em um bulevar e algumas linhas de ônibus, não há nenhum outro tipo de transporte público, então as ruas travam de verdade na hora do *rush*.

Nossa passagem de som e o ensaio são bem curtos — o gerador foi desligado logo quando a gente ia começar. Mas nós fazemos alguns avanços, aprendendo a tocar *Lazy* — uma versão ao vivo de uma remixagem com cordas. A música vai ficar ótima — melancólica e orquestrada em algumas partes, mas dançante e cheia de energia em outras. Ela ainda precisa de alguns ajustes, então nós decidimos não tocá-la hoje à noite, mas quem sabe depois de um outro ensaio.

O show acaba sendo bem legal. O som ficou ótimo. Embora não tão numeroso quanto as oito mil pessoas esperadas pelos organizadores, o público do evento é considerável e empolgado. Eles adoraram a entrada das cordas nas partes ritmadas! Todos agitaram e balançaram as mãos. É muito bom cantar e dançar. Penso em um milhão de coisas — pessoais ou não — enquanto estou cantando e é isso o que renova o meu interesse pelas músicas. Os dois novos músicos de cordas se saem muito bem, levando-se em conta que eles só ensaiaram a maior parte do material com o grupo de cordas e não com a banda inteira. O show é curto, já que estamos em um festival e outras bandas vão tocar logo em seguida.

Arhan está nos bastidores. Ele liga para Esra, que pede para irmos nos encontrar com ela. Ela marcou um jantar com os ministros do turismo e do Estado em um restaurante chique depois da inauguração de um museu.

Esra acabou de se casar semana passada em Paris com um cara que eu já conhecia — um executivo, eu acho — e assim que nós chegamos, sou apresentado a vários ministros e suas esposas ou namoradas, além de um estilista turco.

O restaurante fica em uma colina com vista para o Bósforo. Sento-me à ponta da mesa, perto de Esra e na frente de Arhan. Nossa mesa fica do lado de fora, em um gramado. A vista é incrível. É possível ver os barcos e as balsas deslizando lá embaixo pelo Bósforo e uma torrente contínua de carros cruzando a imensa ponte até a Ásia, além dos palácios iluminados e o Hotel Kempinski ao longo da orla.

Esra deve ser meio rica, imagino eu. Ela é charmosa e atraente, mas não tem uma beleza muito convencional. Ela está animada e se inclina atenciosamente na direção do ministro do turismo à esquerda dela — um homem enorme com olhos miudinhos que me lembra o sr. Creosote, aquele personagem de Monty Python que come até explodir. Quando se inclina para trás depois de fazer um comentário, a cabeça dele até parece uma antena no alto de uma montanha.

Todos os ministros têm bigodes. Todas as esposas e namoradas têm decotes.

Algumas das mulheres falam inglês; os ministros não, pelo menos comigo. As conversas são um tanto esporádicas, mas como sou um elemento novo no grupo, o papo volta a se animar — por um tempo, pelo menos, até que finalmente Arhan e eu vamos embora, porque eu preciso fazer as malas para ir até Belgrado na manhã seguinte.

Dado o trânsito local que está entre um dos piores do mundo — a população da cidade explodiu nas últimas décadas — é difícil entender por que o centro de Istambul, com seu agradável clima mediterrâneo, ainda não adotou as bicicletas como um meio de transporte. A não ser pelas colinas, eu só consigo pensar no estigma de status como a única explicação possível. Claro, como em Nova York, as pessoas vão dizer, “Mas não é perigoso? E onde vou estacionar a minha bicicleta?”. Todas essas questões podem ser facilmente respondidas e eliminadas quando se existe vontade política — ou quando a gasolina estiver custando cinco vezes mais do que hoje. Na verdade, esses problemas são apenas desculpas, meras justificativas para não se fazer nada; não questões reais.

Buenos Aires

A Paris do hemisfério sul, dizem alguns — graças às suas largas avenidas, cafês e vida noturna agitada. A Avenida 9 de Julio é a mais larga do mundo, então tome essa, Barão Haussmann! Não fosse pelo obelisco cravado no meio dessa avenida, daria até para pousar um 747 bem no centro da cidade.



Angelo Cavalli/Stone/Getty Images

Buenos Aires fica o bastante ao sul para não se enquadrar na zona temperada, o que diferencia esta cidade, assim como Santiago no Chile, do outro lado dos Andes, de seus vizinhos mais ao norte. Existem enormes diferenças psicológicas também — os argentinos costumam se enxergar como um povo mais europeu e, por consequência, mais sofisticado do que seus vizinhos brasileiros. Naturalmente, *aham*, os músicos e outros artistas não compartilham dessa postura esnobe, mas isso é algo que pode ser notado na arquitetura, culinária e até nas vestimentas.

Embora a Argentina e o sul do Brasil tenham sido colonizados por sucessivas ondas de imigrantes italianos e alemães, entre outros, os argentinos preferem negar a existência de elementos africanos em sua cultura, enquanto no norte do Brasil, esses elementos ainda são fortes e proeminentes, e os brasileiros costumam se orgulhar do sangue e cultura africanos em suas origens. Quase não existem negros na Argentina, mas a influência deles continua lá, camuflada e renegada, mas intacta.

Por ficar na planície aluvial do rio da Prata, a cidade é bastante plana. E graças ao clima temperado e às suas ruas mais ou menos organizadas, Buenos Aires é ótima para se pedalar. Apesar disso, daria para contar nos dedos de uma só mão o número de moradores locais que andam de bicicleta. Por quê? Estaria eu destinado a encontrar mais uma vez o motivo por trás dessa ausência de ciclistas? Haveria mais alguma obscura explicação secreta esperando por mim? Será que eu sou tão ingênuo assim? Teria algo a ver com o fato de o trânsito ser tão

caótico, os roubos tão frequentes, a gasolina tão barata e o carro ser um símbolo tão forte de status? Será que é mesmo tão careta andar de bicicleta aqui a ponto de até os carteiros procurarem outros meios de locomoção?

Acredito que não seja por nenhum desses motivos. Acho que a ideia de se usar uma bicicleta simplesmente não é cogitada por aqui. O meme do ciclismo ainda não foi inserido na cultura, ou talvez nunca tenha se firmado. Tendo a concordar com Jared Diamond em seu livro *Colapso*, em que ele afirma que as pessoas desenvolvem afinidades culturais com certos alimentos, meios de locomoção, roupas e costumes que se tornam tão arraigados a ponto de, segundo ele, fazer com que as pessoas insistam nesses hábitos mesmo que isso signifique a extinção delas mesmas ou até de toda uma civilização. Ele mostra diversas evidências históricas, como o caso de uma colônia norueguesa do século XI na Groenlândia, em que os colonos insistiram em criar gado, por mais inviável que isso fosse. Os forasteiros nunca adotaram ou adaptaram a culinária e os hábitos dos inuítes — a dieta e os costumes dos habitantes locais não eram culturalmente aceitáveis —, o que, por fim, resultou na morte de todos os colonos. E isso também não aconteceu do dia para a noite — o processo levou mais de quatrocentos anos, o bastante para que eles se convencessem de que tudo estava indo bem. E, claro, em uma era marcada pela total dependência de combustíveis fósseis e pela ameaça do aquecimento global, as aulas de história de Diamond suscitam repercussões assustadoras. Então, embora todos prefiram pensar que a humanidade não é idiota o bastante a ponto de causar sua própria extinção — com alternativas que poderiam nos salvar bem na nossa frente — é importante saber que isso é possível sim e fatalmente acontecerá.

Não estou dizendo que andar de bicicleta seja uma questão de sobrevivência — embora isso talvez seja parte da nossa solução para o futuro — mas aqui em Buenos Aires esse seria um meio de transporte tão coerente que essa suposta aversão cultural é o único motivo que me vem à cabeça para justificar a falta de ciclistas pelas ruas. Esse meu hábito era visto como algo tão inusitado que meus passeios de bicicleta por várias regiões até viraram notícia — gerando matérias nos jornais locais.

Em geral, venho a Buenos Aires para fazer shows, mas sempre tento preparar minha agenda para ter tempo de passear um pouco. Com o tempo, passei a conhecer um pouco da música e das bandas daqui. Elas estão entre as minhas favoritas do mundo todo, assim como esta cidade.

Falando ao contrário

Logo pela manhã, decido pedalar até a Tierra Santa na expectativa de tirar algumas fotos legais. Trata-se de um parque temático, perto do rio e do aeroporto doméstico, que oferece “um dia em Jerusalém em Buenos Aires”. Chegando lá, descubro que o lugar está fechado hoje, mas consigo ver o “calvário” com três cruzeiros despontando no alto de um monte artificial do outro lado do portão. Não vou conseguir tirar as fotos irônicas que eu queria, mas o passeio foi gostoso. Saindo do hotel, passei por parques enormes cheios de babás profissionais de cachorros (nenhuma delas estava com menos de cinco cães) e depois segui pelo calçadão ao lado do rio, que é tão largo que você nem consegue ver a outra margem — alguém poderia até pensar que está olhando para o mar ou um lago gigante.



Os pescadores se apoiam no parapeito. Diversos quiosques se espalham entre distâncias regulares pelo calçadão, vendendo carnes grelhadas para os caminhoneiros ou qualquer um que queira comer algo rápido. Os sacos de carvão empilhados nas laterais desses quiosques alimentarão o fogo que grelha chouriço, filés, hambúrgueres e vários outros cortes da lendária carne argentina, que começam a ser preparados logo cedo para saciar a multidão da hora do almoço. Muitos desses quiosques vendem *choripan*, um sanduíche de pão com chouriço. Há também uma outra opção chamada *vaciopan*, que significa literalmente “pão sem nada”, mas que na verdade é um outro corte de carne. Este definitivamente não é um lugar para vegetarianos.



O *lunfardo*, uma gíria local, é muito complexo e criativo. Existe até um gênero específico da gíria chamado *vesre*, no qual você inverte as sílabas — *vesre* significa *revés* (inverso) com as sílabas invertidas. *Tango* se transforma em *gotán* e *café con leche* vira *feca con chele*. Às vezes, isso é levado ainda mais longe quando algum eufemismo — como para se referir à maconha ou à mulher de alguém — é dito de trás para frente, dando ainda mais um toque de obscuridade a essa gíria que por si só já chega a ser quase outra língua.

Bobo

Meu lindo hotel no distrito de Palermo empresta seu nome do livro *Bobos in paradise*, um ensaio bem-humorado escrito pelo norte-americano David Brooks sobre a gentrificação e

comercialização da cultura boêmia, o que me faz estranhar um pouco o nome do hotel, já que tanto ele como o resto da vizinhança são ótimos exemplos desse processo. Essa palavra também significa “tolo” em algumas línguas. Seria como se o Tribeca Grand tivesse um nome que brinca com a sua localização em uma área gentrificada e moderna. Este hotel fica na Rua Guatemala, entre a Jorge Luis Borges e a Tâmis — os nomes das ruas já dizem muito sobre a fachada cultural da cidade, com sua mistura de referências latino-americanas e europeias. Isso me lembra de como os nomes de ruas e cidades não são apenas homenagens a políticos famosos (ou infames) e datas comemorativas (como La Guardia Place e FDR Drive em Nova York ou 9 de Julio e Avenida de Mayo aqui), mas também a manifestação de uma busca por identidade e certos anseios culturais — pertencimento, continuidade histórica e status. Exemplos disso são as centenas de cidadezinhas chamadas Paris ou Madri nos EUA, as diversas cidades com nomes gregos ao norte de Nova York, New London, Nova Jersey, Nova Orleans e Venice Boulevard — a imagem que as pessoas têm de si mesmas, ou a que seus antepassados tinham, é latente nesses nomes. Uma breve olhada já é o bastante para se entender como o passado é percebido — o que as pessoas querem guardar como parte de sua história e o que é intencionalmente omitido.

Mauro, um percussionista que toca comigo, comentou em tom de decepção que via Santiago, um dos pontos pelos quais já tínhamos passado nesta viagem, como uma cidade “americana” demais (no sentido de “norte-americana”). E eu entendo o que ele quer dizer; o lugar é bonito, limpo e cheio de prédios envidraçados de escritórios, sem nem um pinga da personalidade caótica, do charme ou da agitação do Brasil, seu país natal. Ele também comenta que o Chile foi um dos poucos países que nunca teve escravos. Talvez ele estivesse tentando dizer que os africanos foram responsáveis em grande parte pela personalidade da cultura sul-americana. Sendo brasileiro, faz sentido que ele pense assim. Sem dúvida, muitos dos ritmos característicos deste continente — e hoje em dia, por consequência, de vários outros — são uma mistura de estilos europeus, indígenas e africanos. Alguns afirmam que até o tango tem alguns ramos africanos em sua árvore genealógica. Embora não seja muito difícil notar as raízes e as influências musicais, pelo menos para mim, as influências culturais se espalham de formas mais profundas e sutis — como na gramática e na sintaxe, no humor e em certas posturas relacionadas ao corpo e ao sexo —, que são mais difíceis de se distinguir do que todas as outras influências. O passado faz parte dessa trama como um todo, mas nós muitas vezes vemos apenas os seus nós mais superficiais.

* * *

Noite passada, alguns de nós jantamos com Ignacio Varchausky da orquestra de tango local, El Arranque. Ele comentou que atualmente diversos grupos vêm experimentando uma mistura de tango e música eletrônica, mas que nenhum deles conseguiu acertar a mão ainda — embora ele veja essas tentativas com bons olhos. Ao contrário de muitos *tangueros* daqui, que em geral são muito defensivos e conservadores, ele e seus colegas da El Arranque estão sempre abertos a parcerias e novas abordagens, tanto de elementos do passado local como de outros estilos estrangeiros. Recentemente, os integrantes da banda desenterraram antigos arranjos orquestrados de tango (dos anos 40) que, segundo ele, são bastante radicais. Desde então, as orquestrações passaram a ganhar toques mais suaves e conservadores, e essas obras mais antigas e ousadas foram varridas para baixo do tapete e esquecidas. O grupo deles está

terminando um CD em que velhos mestres do tango (os que ainda estão vivos) fazem uma participação, tocando com os mais novos. Ele me diz que isso é pouco comum, já que a cena musical do tango não é muito aberta ou dada a esse tipo de parceria.

Mais tarde naquela mesma noite, eu me encontro com Nito, membro da banda local Los Autenticos Decadentes, uma grande banda que surgiu nos anos 80, junto com Los Fabulosos Cadillacs (na verdade, o nome “Cadillacs” tem intenções tanto sinceras como irônicas; aqui é possível amar e se distanciar da cultura pop norte-americana ao mesmo tempo). As duas bandas se inspiraram inicialmente nas bandas de *two tone* do Reino Unido e na cena local de ska (Madness, The Specials, Selector), assim como o No Doubt e muitas outras bandas do mundo. Apesar de suas efêmeras carreiras, essas bandas do Reino Unido deixaram mais órfãos por aí do que se costuma imaginar. As duas bandas argentinas evoluíram rapidamente e começaram a incorporar influências locais. Los Decadentes se apaixonaram pelos estilos populares regionais — a *dance* music da classe operária e a *murga*, uma espécie de ritmo carnavalesco — misturados com letras modernas, enquanto Los Fabulosos Cadillacs passaram a incorporar ritmos e sons mais afro-uruguaios além de pitadas de tango.

Nito e eu nos vimos anos atrás em Nova York quando Los Decadentes foram tocar em uma boate e eu lhes emprestei um acordeom. Naquela época, a banda era vista pelo público de Buenos Aires como uma espécie de grupo teatral cômico — um bando anárquico de bobalhões, o que eles até eram no começo. Musicalmente falando, eles não eram levados muito a sério, mas a banda logo aprendeu a tocar, manter o ritmo e compor músicas incríveis e cativantes em uma série de gêneros populares e de raiz — se você considerar os clássicos da música disco como som de raízes; e eu considero sim, já que o ritmo disco pop é ouvido por toda parte aqui, bem como a *ranchera* e a *cumbia*. Eles logo emplacaram diversos sucessos e ficaram muito famosos.

Encontrei-me com Nito na Cidade do México depois de um show que fiz por lá; ele deixou todos embasbacados com seu conhecimento sobre os *narco corridos*, as baladas típicas do norte do México que enaltecem os feitos dos narcotraficantes. Alguém até poderia traçar um paralelo entre isso e as letras de rap atuais, como as da faixa *Kilo*, de Ghostface Killah, mas essas canções mexicanas usam acordeons e guitarras. Nito sabia as letras de todas elas. Agora, aqui em Buenos Aires, ele me deu uma pilha de CDs de bandas argentinas e paraguaias de *cumbia*. Eu nem sabia que esses países tinham bandas desse tipo (esse ritmo é mais comum na Colômbia e no México, e não nos países mais ao sul). Mas existem até bandas de *bachata* por aqui, coisa que eu nunca tinha visto fora da ilha caribenha de Santo Domingo. Nito me diz que o Paraguai é a Jamaica da América do Sul, embora não fique muito claro o que ele quer dizer com isso. Ele não está falando das drogas. Talvez ele ache que os paraguaios têm um estilo original de música e um apetite voraz por tudo o que escutam, seja lá de onde for. A música popular paraguaia incorpora e absorve vários elementos de outros estilos, mas tudo é processado e recebe toques originais, além de ser muito influente — em um nível primordial. A música que essas bandas paraguaias tocam não é sofisticada no sentido mais comum da palavra. É um ritmo visceral para se dançar e beber, mas como muitas vezes acontece, esses marginais — os músicos de Buenos Aires — estão recuperando essa música de baixa classe para reapresentá-la a um novo público, assim como os britânicos se apropriaram do blues dos EUA e do *techno* de Detroit e venderam tudo de volta para o mesmo lugar de origem.

Nito tenta me explicar o que representam os vários CDs de *cumbia* que ele me deu. Ele diz: “As letras são profundas e sérias, como as do Leonard Cohen”. Por um lado, duvido que essa seja uma analogia adequada, já que esse estilo musical é apreciado em geral por pessoas mais humildes e tende a refletir suas preocupações, assim como já aconteceu com o rap por um tempo na América do Norte. Mas eu entendo o que ele quer dizer. Essas músicas têm uma poesia profunda, na mesma forma que nós vemos o blues como algo profundamente poético dentro de certos parâmetros verbais e estruturais autoimpostos. Outros também poderiam ver Tupac ou Biggie Smalls como poetas não reconhecidos que apenas operavam dentro de seus parâmetros vernaculares e linguísticos.

Nito comenta que o rock 'n roll agora é visto como o som das grandes empresas por ser um estilo que costuma vir de países ricos, quase sempre do hemisfério norte, e por isso não é mais considerado como a voz do povo — nem mesmo do povo de onde ele vem. E de fato, visto daqui, o rock contemporâneo é um produto das grandes multinacionais estrangeiras, em geral norte-americanas. Graças às pressões do mercado, o rock se tornou insosso, previsível e genérico; apenas mais um produto corporativo que é (ou era) exportado. Independentemente de como ou quem sejam os artistas, ou das boas intenções que alguém como eu possa imaginar que tenhamos, ao chegar aqui, a nossa música invariavelmente já está contaminada por quem a vende ou por sua origem. Apesar disso, o “rock” internacional foi uma parte importante da dieta musical de toda uma geração aqui. Ele está no sangue de todo mundo e é uma língua internacional, mesmo em lugares como a Argentina, longe da “fonte” norte-americana do rock, que já não se voltam mais para o norte em busca de novidades e inspirações musicais.

Por incrível que pareça, na primeira vez em que eu toquei aqui, trouxemos uma grande banda latina, o que deve ter sido uma surpresa para quem estava esperando ouvir *Psycho Killer*. Nós tocamos muita salsa, *cumbia* e samba. Na verdade, eu toquei *Psycho Killer* sim, mas com dois berimbaus — um instrumento brasileiro de uma só corda em geral associado à dança/arte marcial da capoeira. Fiquei um pouco chocado quando fiz aquele show. Imaginei que com certeza todos os diversos tons e sabores da música latina seriam reconhecidos aqui, ainda que eles não fossem comuns entre a geração atual de músicos, mas isso não aconteceu. Supus equivocadamente que todos aqueles contagiantes ritmos latinos que eu sempre ouço em Nova York estariam espalhados por toda a América do Sul. Mas eu estava muito enganado. Embora existam muito, muito poucos artistas latino-americanos que conseguem fazer sucesso em todo o continente (e muitas vezes na Europa também), a maior parte dos estilos regionais daqui tem públicos, bom, regionais. Salsa, *cumbia*, *bachata* e *reggaeton* ainda têm um público que engloba a bacia caribenha e seus imigrantes que se estabeleceram em Nova York, mas a não ser por alguns artistas, esse tipo de música, que por décadas foi uma parte muito importante do cenário musical nova-iorquino, não consegue chegar ao sul do equador.

De um jeito estranho, era o sr. Psycho Killer quem estava trazendo a salsa e o samba para Buenos Aires! Achei que isso seria como levar carvões para Newcastle (ou “areia para a praia”, como diriam os brasileiros). Achei que tinha feito um grande esforço para trazer algo que já era conhecido e disponível em copiosas quantidades por aqui, mas pelo visto o mundo não é tão simples assim.

Atualmente, muitas bandas daqui passaram a incorporar ritmos e estilos locais ao que antes era em essência apenas uma versão, embora bastante criativa, do rock do hemisfério norte.

Alguns dizem que isso pode limitar o público internacional dessas bandas (embora eu tenda a acreditar que na verdade seja o contrário). Nito me diz que fica contente em pensar que a banda deles pode nunca chegar a ser “internacional”. Ele se orgulha de representar a cultura e a identidade desta região, mesmo sabendo que isso pode limitar o apelo comercial da banda; afinal é o que lhe parece o mais certo a ser feito.

Día de los niños

Na tarde do dia seguinte, pedalo até um parque onde encontro um “santuário” que se resume a uma pequena estátua de um santo cercada por garrafas plásticas de água — centenas delas — por toda parte, como oferendas. Para um observador desatento, pode até parecer à primeira vista um depósito de lixo reciclável. Mas o lugar tem a aparência distinta e inconfundível de uma ação humana deliberada e inexplicável. Uma ação de fé, um processo que gerou um nexo de anseios e magia. As garrafas parecem ser algo com um propósito inegável ali e não apenas um monte de lixo. Esses objetos corriqueiros foram dispostos de forma organizada e ativa, conferindo poder e significado, enchendo-os de esperanças e desejos. Mesmo para quem não é daqui, é fácil perceber que isso é resultado de uma ação criativa e espiritual. Uma transferência de ímpeto de dentro para fora. Tiro algumas fotos e sigo em frente.



Vilarejos dos mortos

Continuo pedalando pela cidade. Algumas avenidas maiores com várias faixas são menos receptivas aos ciclistas, então às vezes prefiro seguir pelas ruas secundárias. Como cada bairro aqui é mais ou menos disposto em uma malha organizada, não é tão difícil aprender a andar pela cidade. Muitas vezes eu até consigo ir de um bairro a outro sem perder de vista alguns parques maiores ou o calçadão da orla.

Passo pela Recoleta, que é uma região um pouco parecida com o Upper East Side de Manhattan ou o 16^o Arrondissement de Paris: elegante, antiga, com prédios residenciais de estilo europeu e esculturas ornamentadas, lar de patrícios abastados (em geral pessoas mais velhas), luxuosas boutiques de moda e restaurantes de alta classe. Aqui também fica o cemitério onde Evita foi enterrada. A maior parte dos túmulos fica acima do chão, como em Nova

Orleans, mas com uma grande diferença — os daqui são enormes, pomposos e poderiam muito bem ser mausoléus de reis e rainhas. Os caixões e seus habitantes podem até mesmo ser vistos através das portas envidraçadas de muitos desses “pequenos palácios”. Afinal, é isso mesmo o que eles são — mansões. Este lugar é um bairro, um *barrio*, destinado exclusivamente aos mortos. Uma cidade inteira, uma necrópole. Em muitas dessas “casas”, também é possível avistar escadas que descem até recantos mais escuros nos quais é possível identificar relances de mais prateleiras com mais moradores. Imagino que seja aí onde “vivem” os membros da antiga geração.



Em uma outra necrópole — la Chacarita — fica o túmulo de Carlos Gardel, o famoso cantor de tango que morreu em um acidente de avião. O jazigo é coberto de placas que o celebram como músico influente e exemplo inspirador.



Alguns moradores desta cidade ainda estão de pé, mas outros já se cansaram de viver.



O lugar possui longas avenidas de “prédios” de diversos estilos arquitetônicos — *art déco*, greco-romano clássico, gótico, moderno — quadra após quadra, uma cidade inteira só para os mortos, construída em uma escala levemente menor do que uma metrópole de verdade, que desponta do outro lado das altas muralhas que cercam o cemitério. Funcionários varrem o chão e retiram as flores mortas enquanto os visitantes caminham a esmo pelo lugar, alguns trazendo flores novas.

Conexões musicais

Vou tocar hoje à noite, acompanhando algumas músicas da banda local La Portuaria, cujo vocalista, Diego Frenkel, é meu conhecido. A esposa dele apareceu à tarde por aqui com o bebê recém-nascido deles. Ela fazia parte da formação original da companhia de teatro De La Guarda quando o grupo veio para Nova York apresentar a peça *Villa Villa*. Quando vi aquela montagem — em que fui até erguido pelo ar por um homem de bunda peluda — encarei o espetáculo como uma espécie de alegoria política, uma celebração da independência, da liberdade e da anarquia após anos de ditadura — um rugido de liberdade, mas, ainda assim, uma lembrança dos sofrimentos e horrores do passado. Isso pode até ser coisa da minha cabeça, uma projeção das minhas próprias ideias sobre a cultura e a memória argentinas nessa estonteante peça de teatro físico. Mas talvez esse tipo de explosão teatral seja o resultado de tanta repressão.

Descubro que Diego também é amigo de Juana Molina, uma das convidadas da minha turnê mais recente pelos EUA. Ouvi o segundo álbum dela, *Segundo*, e adorei, mesmo sem conhecer a sua história na época. O pai de Juana, Horacio Molina, foi um grande músico que, quando ela era pequena, recebia em casa visitas de nomes como Vinicius de Moraes e Chico Buarque. Durante a ditadura, sua família acabou tendo que deixar a Argentina e viver exilada em Paris por seis anos. Tempos depois, junto com suas irmãs, ela mostrou ter um dom para atuar e fazer comédia, e não demorou muito para ganhar seu próprio programa de tevê, chamado *Juana y sus hermanas*. Ela poderia ser comparada à Tracy Ullman, caso alguém precise de uma referência. O sucesso foi uma ótima recompensa, mas também uma armadilha e um enorme desvio da carreira musical que ela sempre quis ter, o que fez com que ela abandonasse o programa de tevê alguns anos atrás para se dedicar às suas lindas canções serenas e peculiares.

O público local detestou a primeira incursão musical de Juana. Ela foi recebida com vaias e gritos para que fizesse algo engraçado. Por sorte, ela soube depois que suas músicas estavam sendo tocadas na rádio KCRW de Los Angeles e se mudou para lá, onde começou a cultivar um pequeno público. Não sei como ela é recebida em Buenos Aires atualmente, mas com elogios da crítica norte-americana debaixo do braço, talvez o público local esteja pronto para lhe dar uma segunda chance. As músicas dela são sérias, tranquilas e experimentais, por falta de uma palavra melhor — obviamente ela não largou a tevê para ser uma pop star.

“Máximo esforço — mínimos resultados”

Ainda na Recoleta, faço uma visita ao novo museu local de arte contemporânea, o MALBI, onde há uma exposição chamada *Los usos de la imagen* com obras em maior parte emprestadas de uma enorme coleção de arte mexicana. O museu traz alguns dos nomes internacionais de sempre, mas também um bom número de artistas da América Central e do Sul, dos quais alguns são novos para mim. Um deles, Santiago Sierra, fez um vídeo de mulheres indígenas repetindo uma frase em espanhol que elas aprenderam apenas foneticamente: “Estou sendo paga para dizer algo que não sei o que é”.

Sierra fez também uma foto de outro grupo indígena ao qual ele pagou para que todos tingissem os cabelos de loiro — um símbolo muito forte em grande parte da América Latina. Em uma outra obra, um caminhão foi contratado para bloquear uma avenida por cinco minutos. Ele também pagou gente para encher uma sala, segurar uma parede e se masturbar. Achei tudo isso bastante perturbador. Não sei se essas pessoas estavam sendo simplesmente exploradas ou se essa exploração, por ser tão óbvia, era na verdade uma crítica irônica à exploração que existe por toda parte. Achei essa ambiguidade inquietante.

Outro artista, Francis Alÿs, um belga que agora vive no México, pagou para que quinhentos peruanos formassem, lado a lado, uma enorme fileira e então comesçassem a pegar a areia de uma gigantesca duna do deserto ao sul de Lima enquanto todos seguiam em frente, passo a passo, jogando a areia para trás. Teoricamente, eles estariam tirando a duna inteira do lugar, pouco a pouco, ao mesmo tempo que a enorme corrente humana de trabalhadores avançava pelo deserto. “Máximo esforço — mínimos resultados” era o *slogan* que resumia essa obra.

Imagino que, de alguma forma, essas obras sejam uma crítica à exploração da mão de obra local e o abismo entre ricos e pobres em muitos países da América Latina. A troca de dinheiro por comportamentos absurdos ou simbólicos é um pouco engraçada, mas muito deprimente. Em um contexto artístico, é chocante — mas é fácil se acostumar com essas imagens nas ruas, onde as pessoas se sujeitam por vontade própria a trabalhos tediosos e repetitivos por pouquíssimo dinheiro. Isso me lembra um pouco as “brigas de mendigos” — em que jovens de Los Angeles pagam mendigos de bairros pobres para lutar entre si e depois divulgam os vídeos com o resultado. É um jeito humilhante, insolente e degradante de se tratar as pessoas. Ser pago para cavar areia ou decorar uma frase sem sentido pode ser aviltante, mas não tanto quanto tomar uma surra por dinheiro.

O “trabalho” pelo qual esses artistas pagam pode ser absurdo, mas é inofensivo. É uma provocação deprimente e perturbadora. Como resposta poética para um contexto socioeconômico, essas ações podem parecer naturais, instintivas, mas ao serem levadas a um festival de arte ou uma pomposa galeria ou museu de Nova York, todo um outro nível de significado emerge. E quando bilionários começam a comprar ou vender obras de arte sobre a exploração das classes baixas, as camadas de contexto e significado podem escapar daquilo que o artista tinha em mente.

O santo dos desempregados

Afasto-me mais do centro, sem qualquer destino específico, e encontro uma *feria*, que é um festival a céu aberto em celebração às culturas gaúcha e do campo. O evento fica em uma pequena praça dos subúrbios. No caminho, passo por uma fila de pessoas, mas tudo o que

veja é uma fila que parece não ter motivo nem fim — só as pessoas em pé, esperando e dando um passo à frente de tempos em tempos, embora não fique claro o porquê. É tão grande que desaparece rua abaixo e é impossível ver onde ela termina. A fila serpenteia por entre diversos bairros, entrando e saindo de pequenos centros da cidade. Eu a perco de vista e, pouco depois, fico surpreso ao avistá-la de novo. Ela tem pelo menos quatro quilômetros de comprimento. Meio milhão de pessoas ou mais estavam reunidas ali, pelo que me disseram depois, esperando para ver San Cayetano, o santo padroeiro dos desempregados. Esse é o santo para o qual as pessoas rezam quando precisam de emprego, e hoje é o dia dele. Todas as ruas da área em torno da igreja em que o santo está foram interditadas pela polícia. As pessoas vêm até aqui para rezar, pedindo trabalho e emprego. Algumas estão levando para casa ramos de trigo pintados com tinta fluorescente como lembrança, ao passo que outras saem de mãos vazias.

Sendo o outdoor de si mesmo

A maioria das garotas de todas as grandes cidades argentinas que visitei este ano usava calças jeans justas extremamente apertadas. É como se elas estivessem no meio de algum ritual de acasalamento que nós, estrangeiros, temos o privilégio de assistir. Essas calças coladas são como plumagens chamativas. Em geral, os homens daqui fingem não reparar nisso. Mas como não? É um esforço tão escancarado para chamar a atenção deles. Para fazer pose, os homens entram em um complexo jogo de dissimulação. O resultado é essa mistura da busca gritante por atenção e a indiferença simulada. É uma coisa linda, mas a tensão deve ser insuportável.

Ao que parece, existem mais mulheres do que homens na Argentina, então talvez essa seja parte da explicação — com esse desequilíbrio, as mulheres passam a enfrentar uma competição maior do que na maioria dos outros países, o que as força a irem mais longe para atrair a atenção de um homem. Essa seria a explicação em termos darwinianos, pelo menos.

Acho que um processo semelhante acontece em Los Angeles, embora o contexto de lá seja um pouco diferente. Não sei qual é a proporção entre homens e mulheres em LA, mas imagino que pela relativa falta de contato físico entre as pessoas, já que a maioria em geral fica isolada no trabalho, em casa ou em seus carros, elas precisem deixar uma impressão imediata e marcante no sexo oposto e em seus rivais sempre que surge uma chance. Nesse tipo de contexto, a sutileza não leva a nada.

Isso se aplica em especial a LA, mas também a grande parte dos EUA, onde as chances e as oportunidades de se ser visto e notado pelo sexo oposto, além de raras, às vezes também acontecem a certa distância física — de longe em um estacionamento enquanto se sai do carro para entrar em um prédio ou em um shopping lotado. Por isso mesmo, o sinal de que sou sensual, poderoso e desejável precisa ser transmitido em um volume levemente “mais alto” do que em outras cidades onde as pessoas conseguem de fato se aproximar umas das outras sem que seja preciso “gritar”. Em LA, você tem que ser o seu próprio *outdoor*.

Em decorrência disso, as mulheres de LA devem sentir uma necessidade maior de estarem bonitas, bronzeadas e terem longas madeixas que possam ser vistas de uma distância considerável. Elas usam roupas um pouco sensuais demais (especialmente quando vistas de

perto) e fazem poses provocantes enquanto andam ou ficam paradas — posturas que distraem os homens de Los Angeles e, provavelmente, influenciam grande parte da produção criativa da cidade.

O prédio roubado

Volto para o centro da cidade e passo no caminho por um lindo prédio antigo do governo. Ele é revestido de ladrilhos de cerâmica de diversas cores, que me parecem diferentes dos outros usados na cidade. Fiquei sabendo depois que esse prédio abriga o Departamento de Águas, que é responsável pelo abastecimento de água da cidade. A necessidade desse órgão se mostrou dolorosamente óbvia durante a grande epidemia de febre amarela na cidade em 1871, quando cerca de 150 a 170 pessoas morriam a cada dia. A epidemia matou metade da população de Buenos Aires e, no ápice da crise, um número tão grande de pessoas morria todos os dias que a companhia ferroviária teve que criar uma linha emergencial que dava acesso a um novo cemitério — trens especiais para levar os cadáveres à magnífica cidade dos mortos.

No entanto, por que esse prédio é tão diferente de todos os outros construídos na mesma época? Ao que parece, todos os ladrilhos e ornamentos foram trazidos da Europa em um barco, originalmente destinados à construção de um prédio na Venezuela, mas acabou chegando na Argentina por engano. O equívoco foi encarado como obra do acaso e, em vez de enviá-lo para o destino correto, o material foi usado na construção do prédio do Departamento de Águas.

No encuentros

Pedalo pelo Parque Ecológico, que atravessa os charcos que cercam um lado inteiro da cidade. É como se os pântanos de Nova Jersey fizessem fronteira com Manhattan e tivessem caminhos sinuosos entrecruzando seus vários hectares de juncos e brejos. Ao que parece, o parque também deve ser usado para encontros às escondidas, já que existem placas avisando que este não é um lugar para “*encuentros*”... no sentido sexual da palavra. Os juncos escondem grande parte da cidade, embora ela fique logo ao lado. O parque é meio estranho. Mesmo que você queira, é impossível sair das trilhas, já que a única forma de se aventurar fora delas seria invadindo os pântanos lamacentos.

Mondo cane

Paro em frente ao rio para observar um grupo de mais ou menos uns seis cães que se reuniu ali. Um cãozinho preto, que parece ser de fora, talvez querendo entrar no bando ou pelo menos tentando ser levado a sério, está mais distante dos outros cães e late, de forma bastante agressiva, enquanto um enorme labrador monta repetidas vezes em uma fêmea tristonha que parece um sabujo. O labrador acaba conseguindo o que queria e os dois ficam engatados um no outro por alguns minutos.

Nenhum dos outros cães parece reparar muito no ato sexual que está acontecendo ao lado deles. O pretinho rebelde é expulso pelos outros diversas vezes, mas insiste sempre em voltar. Um irmão gêmeo do labrador taradão começa a latir, querendo que as pessoas ali perto joguem gravetos na água para ele buscar — de alguma forma, ele parece ignorar milagrosamente toda a confusão de sexo, latidos e rosnados em volta dele. Esse cachorro sabe se concentrar! Os amantes já estão desengatados agora, e os outros passam um após o outro para cheirar a vagina da cadelinha tristonha, mas não tentam montar nela. Os dois amantes estão lambendo suas partes íntimas agora... talvez para aliviar a dor de terem ficado atados um ao outro.

Irritado com os insistentes e agressivos rosnados e latidos do pretinho forasteiro, um corpulento integrante da matilha finalmente decide dar cabo do assunto e agarra o pretinho pela coleira para tentar afogá-lo, enquanto os dois estão dentro do rio com a água até os joelhos. Ou pelo menos é o que parece que ele está tentando fazer. Os outros entram na briga — um deles mordendo a perna do pobre pretinho. Segue-se um violento alvoroço. O pretinho forasteiro poderia facilmente ter se afogado no momento em que os outros se amontoavam e pulavam sobre ele, mas não, depois de um ou dois minutos de agressões, todos saem de cima dele e não há nenhuma gota de sangue na água, apesar de todo o mostrar de dentes e o que imaginei serem mordidas de verdade.

A matilha parece estar satisfeita em pensar que talvez o pretinho agora já saiba o seu devido lugar. Parece que a intenção deles era não machucá-lo. Tudo foi apenas um espetáculo para demonstrar que todo aquele barulho, valentia e ameaças veladas não seriam tolerados. A hierarquia social foi restabelecida. O pretinho se levanta, ainda com a água até os joelhos, encharcado, um pouco grogue, sem se mexer. Ele não foge. Segue lentamente até a margem em busca da “proteção” de alguns arbustos. Mas, logo em seguida, lá vem ele de novo para outra surra, latindo mais uma vez seus incessantes desafios.

Um dos cães urina na cara do outro. Ele não reage. Como assim? A hierarquia por aqui deve ser bem rígida a ponto de o cão urinado nem sequer esboçar uma reação.

Enquanto pedalo de onde moro em Manhattan até o centro, às vezes passo por um pequeno parque para cachorros entre a 23th Street e a 11th Avenue, ao lado da ciclovia do West Side. O lugar é um triângulo formado por pequenas colinas artificiais. Em geral, os cães que são levados lá por seus donos escolhem um monte para ocupar e ficam em cima dele — um cachorro em cima de cada montinho, cada um o rei de sua própria montanha. Todos ficam felizes. É uma ideia interessante para um parque desses.

Acho que haveria mais brigas se o parque só tivesse um montinho — uma disputa ferrenha e constante para decidir qual cão ficaria por cima — mas como há diversas opções disponíveis, cada um pode ser rei, mesmo que só por algum tempo.

Ao observar os cães, fica fácil perceber que nós não “avancamos” muito em relação às batalhas territoriais e hierárquicas que eles encampam com tanta transparência bem diante dos nossos olhos. Mas o interessante nos cães é que, em geral, a postura deles é simples assim: o pretinho não se machucou de verdade, nenhum sangue foi derramado; a violência real na verdade é o último recurso. Nós, seres humanos, também nos esforçamos constantemente para testar certos limites, mas, às vezes, quando isso acontece em uma escala nacional ou global, ou quando essa atitude envolve armas ou tanques e bombas de fragmentação, fica fácil demais

dar alguns tiros e destruir um alvo, sabendo que provavelmente não haverá qualquer repercussão (imediate). Em vez de apenas relegar uma pessoa “inferior” ao seu devido lugar na ordem hierárquica, ela acaba sendo completamente eliminada.

Pedalo de volta até o hotel, e sou avisado para não entrar com a bicicleta pelo saguão. Eles sugerem que eu desça até o estacionamento no subsolo — de onde seria possível pegar o elevador, com a bicicleta, até meu quarto.

O que está acontecendo no seu país?

No dia seguinte, dou uma entrevista em uma rádio local. O estúdio está cheio de pessoas fazendo coisas estranhas, todas elas produzindo vários tipos de barulhos. Acabo percebendo que é algo totalmente proposital. Um homem ao meu lado levanta casualmente um pedaço de metal amarrado por uma corda e o solta — *CLAANNNGG!* Uma mulher brinca com uma criança barulhenta no chão. Um outro homem dedilha a esmo um violão desafinado. Papéis são amassados. É como se eles estivessem fazendo uma “trilha de fundo” para a minha conversa — criando uma ambientação sonora artificial e um “lugar” imaginário para a entrevista. Fico pensando se eles poderiam recriar diversos outros tipos de lugares e ambientações — escritórios, praias (em um final de semana), fábricas, florestas, fazendas.

Há pequenos livros sobre a mesa. Um deles não tem mais de dois centímetros e meio de altura. Eles foram publicados no Peru e trazem citações e ditados populares. Os livrinhos têm o tamanho de uma mordida. Eu poderia comer um.

Estamos no meio de agosto e muitos jornalistas nessa época me perguntam, “O que está acontecendo em Nova York?”. Na verdade, eles querem dizer: qual é o sentimento político por lá depois de 11 de setembro? Em geral, respondo que depois de um ou dois anos, Nova York voltou a ser mais ou menos a cidade cosmopolita e plural de antes, em que ninguém repara se o motorista do táxi está usando um turbante. Mas no interior do país, onde o *USA Today* e a Fox News são as únicas fontes de informação, bom, as pessoas ainda estão tremendo de medo de que Saddam ou Osama bin Laden apareçam para roubar seus carros utilitários. A falta de informação disponível que não é pura propaganda ideológica e os constantes esforços do governo Bush para manter todos com medo criaram uma nação que não quer mais nada além de fechar suas portas e forçar os outros — as tropas imperiais — a expurgarem seja lá que tipo de ameaça imaginária possa estar lá fora. As pessoas só querem que alguém as proteja desse inimigo estranho, inescrutável e invisível que supostamente estaria tentando acabar com as vidas confortáveis do povo norte-americano.

A maioria dos jornalistas por aqui, como na Europa, quer que eu explique por que a população dos EUA continua apoiando Bush e companhia. O fato de ele ter sido reeleito é um grande enigma para eles. E para mim também. Enquanto o apoio ao governo Bush e suas políticas segue firme nos EUA, a imprensa e as pessoas daqui perdem o pouco que restava da admiração pelo povo norte-americano, que já foi muito louvado por sua coragem, imaginação, criatividade, empreendedorismo, força de vontade e fantástica cultura pop. As instituições democráticas norte-americanas também são admiradas — mas isso é mais complicado, já que todos esses países do sul sabem por experiência própria que os EUA ajudaram a promover e apoiar as ditaduras sob as quais eles viveram por décadas. Por isso mesmo, os velhos

chavões dos políticos norte-americanos sobre a expansão da democracia e da liberdade são bastante inócuos por aqui — esses discursos são encarados como mera fachada para a difusão da influência, poderio e intenções econômicas dos EUA.

Respondo que estou cautelosamente otimista. Nessa minha turnê mais recente pelos EUA, percebi que várias pessoas comuns, das quais muitas de fato votaram em Bush da última vez, agora acreditam que ele não fez um trabalho muito bom, mesmo que elas continuem acreditando, por exemplo, que a invasão do Iraque tenha sido justificável. Acho que ainda vamos levar muitos anos para saber a dimensão do estrago causado por ele e seus comparsas. Isso me deixa triste porque, como diversas pessoas, eu tinha uma certa fé e esperança de que as oportunidades e o sistema de separação de poderes que os EUA pareciam representar consolidariam uma nova figura política. Figura essa que poderia influenciar e inspirar definitivamente muitas pessoas mundo afora (de certa forma o fez). Esse mito de influências e inspirações benignas e benéficas para outras nações e pessoas era verdadeiro, pelo menos até certo ponto. O melhor dos EUA — o rock'n roll, o rhythm & blues, Martin Luther King e por aí vai — serviram de influência em outras culturas completamente distintas. Mas agora, ao ler relatos mais recentes, fiquei mais cético depois de descobrir as inúmeras desventuras em que o país se meteu — apoiando ditaduras e derrubando democracias. Ainda assim, continuo cultivando uma ideia de que, bem lá no fundo, uma mão moral invisível — o às vezes estranho, mas pragmático e bem-intencionado povo norte-americano — terá o bom-senso de ajustar a sua rota e continuar servindo de exemplo para as outras nações. Nos meses de agosto, eu (e, ao que me parece, grande parte do mundo) tenho sérias dúvidas sobre isso. Mas agora, com a eleição de Barack Obama, uma enorme onda de esperança, otimismo e respeito voltou à tona, embora esse pobre sujeito tenha recebido um país imerso em uma crise econômica e atolado na dispendiosa e interminável ocupação militar no Iraque e no Afeganistão.

Conexões musicais II

No começo da noite, León Gieco e eu paramos para tomar um chá no apartamento de Mercedes Sosa, uma potência da música argentina há várias décadas. Isso me lembra da corrente humana de conexões que me trouxe até aqui, ao apartamento dela. Bernardo Palombo, um cantor argentino de música popular, estava me ensinando espanhol no começo dos anos 90 em Nova York. Durante as aulas, ele me apresentou as músicas de Susana Baca, Silvio Rodriguez e outros, e eu treinava o meu espanhol ainda rudimentar perguntando sobre as músicas e letras deles. Amelia Lafferriere, uma amiga de Bernardo aqui de Buenos Aires, já tinha trabalhado com Silvio e também com León Gieco, um cantor de rock popular local. León é amigo de Mercedes Sosa. Fiz um *cover* de uma das músicas de León, *Solo le pido a Dios* (e também de uma outra que ficou famosa na voz de Mercedes, *Todo cambia*), na minha primeira turnê por aqui, e depois em Nova York, ele me convidou para tocar com ele em um show com Pete Seeger. (As conexões são de torcer o cérebro, até mesmo para mim. Seis graus de separação musical, de fato.)

Mercedes é uma cantora espetacular e tem uma personalidade fantástica. Ela ficou famosa em meados dos anos 60 e poderia ser considerada uma cantora de música popular alternativa,

já que faz poucas concessões aos gostos do *mainstream* pop. De certa forma, alguns desses compositores eram musicalmente mais próximos dos músicos britânicos por buscarem inspiração em seus próprios sons e raízes culturais e históricas. Seria até possível incluir Mercedes no movimento *nueva trova, nueva canción*, que surgiu nos anos 60 aqui e em toda a América Latina, sem que houvesse nada equivalente no hemisfério norte — embora existisse sim um paralelo com os cantores populares dos anos 60, que também incluíram canções sobre política e direitos humanos em seus repertórios. Aqui, no entanto, cantar sobre direitos humanos e liberdade, pelo menos na época, era uma questão de vida ou morte. Isso exigia uma espécie de paixão e bravura que nós, músicos do norte, não precisávamos ter.

Os tropicalistas brasileiros foram presos ou exilados. Aqui e no Chile, as coisas foram ainda piores. Mercedes foi presa em pleno palco e exilada. Víctor Jara no Chile teve as mãos cortadas e foi assassinado. León também foi forçado a se exilar. Mercedes fugiu primeiro para o Brasil e depois para Paris e Madri, enquanto León foi para Ann Arbor, em Michigan.

León se parece um pouco com Sting, isso se Sting andasse de caminhão pela Patagônia. León é mais roqueiro do que Mercedes, embora os dois costumem usar e absorver elementos dos ritmos locais em suas músicas e gravações, e não me refiro apenas ao tango. Para mim, essa mistura musical diz tanto sobre o que esses artistas estão fazendo quanto as suas letras. Esse estilo mostra que eles têm orgulho da herança e da cultura de seu povo e que eles não querem apenas imitar os modelos norte-americanos — mesmo usando também elementos desse tipo de música na mistura. Para mim, isso mostra que eles, e muitos outros, conseguem enxergar a si mesmos e o presente como uma terceira via, um híbrido que não se resume a uma coisa ou outra de maneira exclusiva, mas que pode emprestar toques de tudo o que existe mundo afora. Esses músicos definem suas identidades de uma maneira formal que pode ser percebida instantaneamente. León também já compôs músicas que expressam em palavras, como algumas canções de Bob Dylan, o que muitas pessoas sentiram em uma determinada época, é por isso que atualmente ele é reverenciado e uma legião de fãs conhece suas letras de cor.

Por um tempo, León fez parte de uma banda com Charly García, um adepto do rock clássico local, então existe uma linha entre Mercedes, León e Charly que conecta uma gama bastante diversificada de estilos musicais. E pelo menos no que diz respeito às influências, acho que eu também faço parte dessa corrente, já que tenho muito orgulho em conhecer os dois — tanto pela música como pelo que eles representam cultural e politicamente.

Mercedes é uma mulher grande e tem uma voz retumbante que, em termos de volume, poderia ser comparada à de um cantor de ópera. O rosto dela tem cativantes feições mestiças com traços indígenas — ou talvez eu só esteja imaginando isso pelo fato de ela muitas vezes usar um poncho no palco. As conversas entre ela e León são intensas e abrangentes — variando desde lembranças de Víctor Jara até uma grande admiração por David Lindley e outros músicos malucos e talentosos de Los Angeles com quem León gravou algumas músicas recentemente.

São duas horas da manhã agora, o que é cedo para os padrões de Buenos Aires, e nós descemos para um restaurante japonês no hotel. Depois do jantar, enquanto estamos indo embora, algumas garotas que estavam sentadas na calçada esperando pela aparição de algum astro jovem local cercam Mercedes com abraços e beijos. Há uma diferença de mais de uma

geração entre elas, mas até os jovens daqui sabem quem ela é.

O templo do futebol

No dia seguinte, os jogadores mexicanos e argentinos entram em campo para a partida que decidirá qual dos dois times continua rumo à final da Copa do Mundo. A cidade inteira parou para ver o jogo pela tevê. Tudo está nesse estado de suspensão. Estou fazendo a passagem de som em uma boate em que vou tocar com La Portuaria. Todos os técnicos da boate e da banda pararam de trabalhar para se aglomerar em volta de uma tevê. Os hinos nacionais já foram cantados e os jogadores estão em campo. As ruas lá fora estão praticamente desertas e as enormes avenidas quase sem trânsito algum. Todas as lojas e restaurantes estão fechados, a não ser por alguns em que se pode avistar um televisor em meio a um aglomerado de pessoas.

Depois da passagem de som, Diego, o vocalista da La Portuaria, e eu paramos em uma lanchonete para um almoço atrasado. Todo o atendimento está por conta de uma só mulher, o que talvez explique por que o lugar ainda está aberto (todos os homens estão grudados na tevê). Mesmo sem ser o centro das atenções, há um pequeno televisor em cima do balcão, competindo com um CD de música *techno*. Diego comenta que estava no colégio durante a ditadura. Uma Copa do Mundo foi realizada aqui em 78 — e ele me diz que, para muitos, o evento teria servido como uma cortina de fumaça, enquanto diversas pessoas eram presas e desapareciam. O governo apoiava muito o esporte e o usava como uma saída inteligente para sumir com algumas pessoas enquanto a maior parte do povo estava distraída. Em um dia como hoje, é simples perceber como isso deveria ser fácil. Esta seria uma boa hora para uma invasão.

Naquela época, e mesmo nos dias de hoje, uma grande parcela da população se negava a perceber o que acontecia à sua volta; muitos diziam que não sabiam e não tinham visto nada — embora a maioria percebesse que algo estava acontecendo. Certo dia, quando ainda era estudante, Diego foi visitar alguns de seus amigos e ninguém atendeu a porta. Ele logo percebeu que não havia ninguém lá e a casa ficou vazia desde então. Tempos depois, o pai dele comentou que talvez eles tivessem sido presos. Havia um sentimento geral de paranoia no ar e Diego me diz que, para um jovem colegial, esse medo se manifestava de uma forma muito comum entre todos os estudantes daquela época — de que você teria problemas se o seu cabelo fosse longo demais ou estaria perdido se fosse pego com um baseado. Esses típicos comportamentos adolescentes poderiam ser vistos pelo governo como um sinal externo de que você era um simpatizante do inimigo. E, embora essas mesmas preocupações possam ter afetado os jovens de diversos países, as consequências de ser pego como um hippie de cabelos compridos por aqui eram muito mais sombrias. Todo mundo era cauteloso; discussões políticas eram abafadas. Tiros ecoavam pelas ruas à noite — o som dos militares ou da polícia (que muitas vezes eram a mesma coisa) fazendo seu trabalho sujo.

Lembro-me de sentir algo semelhante enquanto estava no primário em Baltimore, embora com certeza não tenha sido tão intenso quanto o que aconteceu por aqui. Era a época da crise dos mísseis em Cuba e os níveis de medo e paranoia nos EUA deviam estar nas alturas. Claro, sendo criança, eu achava que as coisas eram como eram e ponto final, fossem elas anormais ou não. Só agora em retrospecto consigo ver o quanto isso era perturbador.

Lembro também de ter voltado a pé da escola (devia estar na quinta série — com uns dez anos talvez?), que ficava à coisa de um quilômetro e meio de casa, e eu em geral vinha por um caminho que passava por bairros mais suburbanos com jardins e árvores, sobrados e casas de madeira. Lembro-me de imaginar aviões bombardeiros de asas negras surgindo de repente no céu. (Seriam aviões cubanos? Ou russos?) Primeiro nós ouviríamos as turbinas se aproximando, um zumbido baixo e sinistro vindo de algum lugar ao longe e, então, eles despontariam sobre os nossos telhados suburbanos. Voltava para casa tentando planejar minha fuga para algum abrigo caso isso acontecesse. Quadra após quadra, pensava comigo mesmo, “Partindo daqui, daria para correr até a casa do Dean” — a casa dele ficava a uma ou duas quadras dali — e depois, um pouco mais adiante, percebia que a casa do meu amigo Ricky poderia ser um melhor abrigo. Todo o meu caminho de volta para casa foi pensado, medido e planejado de um abrigo em potencial a outro. Foram tempos assustadores para uma criança. Não é de se espantar que os filmes daquela época eram como eram, cheios de monstros e paranoias. Todos estavam apavorados e o monstro era invisível.

Gentrificação

Palermo, o distrito em que nós agora estamos comendo nossos sanduíches, costumava ser um bairro tranquilo com vários pequenos parques — que ainda estão lá, embora já sem a mesma tranquilidade. A área passou por um processo de gentrificação nos últimos anos e atualmente está tomada por lojas de roupas, restaurantes chiques e bares. Diego se mudou há pouco tempo de um apartamento que ficava do outro lado da praça em frente a esta lanchonete. A casa dele está à venda. Ele me pergunta sobre o tipo de mudanças pelas quais Nova York está passando — e comenta que agora a cidade parece muito limpa. O processo é o mesmo — artistas e recém-chegados passam a procurar apartamentos mais distantes enquanto o aumento dos aluguéis os expulsa para longe do centro. Comento que a diminuição da mistura entre os vários tipos de pessoas — artistas, trabalhadores e operários — resultante disso acaba afetando a criatividade. Em todos os sentidos. Com as mentes criativas agora espalhadas por Nova Jersey, Bronx, Williamsburg, Red Hook e vários outros lugares, é muito mais difícil que qualquer tipo de cena ou movimento ganhe sustentação. É preciso que haja densidade o bastante para que esse tipo de coisa se desenvolva. A criatividade floresce quando as pessoas estão ombro a ombro, quando elas se trombam em bares ou cafés e sentem um espírito de coletividade mais forte. Se tudo continuar como está, Nova York, ou pelo menos Manhattan, irá acabar como Hong Kong ou Cingapura — um vasto e reluzente centro financeiro e comercial. A criatividade — uma qualidade indefinível que a China, por exemplo, deve invejar muito — será extinta em Nova York se os contatos sociais frequentes e aleatórios forem extintos.

Muitos dizem que atualmente a proximidade já não importa tanto — que temos escritórios virtuais, comunidades on-line e redes sociais que eliminam as barreiras do espaço físico. Mas sou cético em relação a isso. Acho que as comunidades on-line tendem a reunir mais do mesmo, o que é ótimo para certos propósitos, mas às vezes a inspiração vem de encontros acidentais com pessoas de fora da sua própria área, e as chances de que isso ocorra são menores se você só se comunica com seus “amigos”.

Não tenho nenhuma visão romântica dos bairros decadentes em que papelotes de crack usados se espalham pela calçada e o encanamento mal funciona. Tudo bem, esses bairros em geral têm aluguéis mais baratos e uma maior tolerância ao barulho e pessoas excêntricas, mas não podemos confundir a disponibilidade de espaço com as tristes circunstâncias que muitas vezes tornam essas regiões mais baratas — uma coisa não precisa ser decorrente da outra.

Voltamos a pé para o meu hotel, que fica a algumas quadras dali. As ruas continuam vazias (o jogo ainda está rolando). A chuva parou. Diego me pergunta se eu gosto de hip-hop. Respondo que acho as batidas e as músicas muito inovadoras e às vezes sofisticadas, mas que em sua grande maioria, o gênero hoje se resume à rebeldia corporativa. O que não quer dizer que eu não goste de muitas coisas — *Trapped in the closet* é um dos cliques mais insanos e criativos que já vi nos últimos anos. Diego comenta sobre os bailes funk — uma ramificação brasileira bem recente das batidas eletrônicas de 808, *techno*, hip-hop e funk (embora o som pareça mais um violento passeio de montanha-russa do que um funk de verdade, na minha opinião). Nós concordamos que o ritmo é muito inovador e estupidamente radical. Diego me diz que as letras dos funks brasileiros são violentas e grosseiras, mas ao contrário do hip-hop norte-americano, as músicas em geral são cantadas do ponto de vista das “vítimas”.

A história contada por meio da vida noturna

Passo em uma loja de livros e discos em que escolho vários CDs e converso com um atendente que me mostra alguns trechos de gravações locais: um solo de *bandoneón* (um instrumento parecido com um acordeom, que é usado no tango), um candombe jazz (uma mistura inesperada para mim, já que o candombe é um ritmo carnavalesco afro-uruguaio) e uma grande orquestra tocando velhos tangos. Em cima de uma mesa, encontro vários livros com detalhes históricos da cena do rock nacional e outros sobre a diversidade da vida noturna portenha.

A história da vida noturna! — mas que conceito interessante. A história de um povo, contada não por meio de suas lutas diárias e sucessivas revoluções políticas, mas sim pela ótica das mudanças de suas celebrações e manifestações noturnas. Nessa narrativa, a história vem acompanhada de uma garrafa de Malbec, um belo filé argentino, tango, dança e fofocas. Ela se desenrola lado a lado e por meio de atividades ilícitas que acontecem em diversos salões de dança, discotecas e boates. O que movimenta essa história, a forma como as pessoas vivem, é determinado madrugada a dentro em ruas mal-iluminadas, bares e restaurantes esfumaçados. Ela está gravada em canções, cardápios, memórias de conversas aos pedaços, casos de amor, brigas entre bêbados e anos de uso de drogas.

Pergunto-me se o que as pessoas fazem para relaxar — depois do trabalho ou dos estudos — não é também um espelho de como elas são por dentro e uma amostra de seus medos, esperanças e desejos. Opiniões e sentimentos que são reprimidos em público, durante o dia, e ficam ocultos em um típico discurso político. A vida noturna pode oferecer uma visão mais verdadeira e profunda de certos momentos históricos e políticos do que as costumeiras manobras dos governantes e oligarcas que ficam nos registros oficiais. Ou ela pode ser pelo menos um mundo paralelo, um outro lado da moeda.

Vendo agora em retrospecto, é fácil perceber como o que acontecia nos cabarés de Weimar

prenunciava a 2ª Guerra Mundial ou como o punk rock foi um reflexo sombrio da era Reagan, mas talvez faça sentido analisar todas as formas de vida noturna dessa maneira. O surgimento simultâneo tanto do Studio 54 como do CBGB em Nova York enquanto a cidade estava em uma profunda crise financeira teria sido mera coincidência? Talvez não. Esse último colapso econômico poderá ser visto como marco inicial de uma renascença criativa e a volta de uma vida noturna a preços acessíveis e onde tudo pode acontecer? Seria possível entender o presente ou o futuro olhando para as pistas de dança, para os bastidores ou para quem está sentado nos bancos dos bares? Os inúmeros restaurantes e boates da última década na cidade de Nova York costumavam fervilhar com bilionários que fizeram suas fortunas com fundos derivativos, e a ascensão da prática de se comprar garrafas inteiras de bebidas a altos preços em casas noturnas e clubes de celebridades pode ser vista agora como um prenúncio do que estava por vir. Mas sim, claro, é fácil dizer isso olhando para trás.

Cidade dos vampiros

Depois da apresentação, vou até uma boate a convite de Charly García, que veio para ver o show. Charly foi um dos instigadores do movimento do rock nacional argentino que surgiu nos anos 60. Ele ficou mais famoso no começo dos anos 70. Charly foi contemporâneo dos artistas de música popular e da *nueva trova*, que já mencionei antes, mas embora esses outros nomes também fossem respeitados, para pessoas como Charly a música popular poderia muito bem ter sido o alvo de sua rebeldia. Ele e muitos outros foram representantes do sexo, drogas e rock'n roll — a excentricidade em vez das causas políticas.

A banda Man Ray acabou de subir no palco da boate. São duas e meia da manhã. O grupo é liderado por uma mulher que às vezes canta como Charly. Em termos sociais, esta cidade se parece com Nova York — shows durante as madrugadas e pessoas na rua até o sol nascer — mas, de certa forma, as coisas acontecem ainda mais tarde do que em Nova York. A ampla maioria dos restaurantes por aqui fica aberta até pelo menos quatro da manhã — muitos mais do que em Nova York — e as ruas ficam lotadas até as três e meia! Os cinemas têm sessões regulares que começam à uma e meia da manhã, e não com filmes como *The rocky horror picture show* ou outras produções comuns nesse tipo de horário — até *El rey león* (*O rei leão*) estava passando às três da manhã! E depois dos filmes, o público inevitavelmente sai para comer ou tomar alguma coisa. Famílias inteiras saem para passear no meio da madrugada! Quando eles dormem? Como nas grandes cidades da Espanha, as pessoas jantam tarde — nunca antes das nove e meia — e depois saem para ver shows que começam no início da madrugada.

Uma cidade de vampiros. Alguém aqui trabalha durante o dia? Eles fazem esse horário a semana inteira? Será que existem duas sociedades separadas — as pessoas da noite e as pessoas do dia? Dois turnos, duas populações urbanas que nunca se encontram ou cruzam seus caminhos? Será que eles usam cocaína ou gigantescas quantidades de chá de erva mate para não dormir? Ou será que eles tiram um pequeno cochilo depois do trabalho enquanto o resto de nós está jantando em Nova York?

Desisto lá pelas quatro da manhã e volto ao hotel para desabar na cama.

Mauro e alguns caras da minha equipe ficam na rua até as sete da manhã — eles saem

daquela boate de rock e vão para um outro lugar embalado por uma música descrita por eles como uma mistura de *zydeco* e *cumbia* tocada por DJs. Segundo eles, a festa foi até as cinco ou seis da manhã.

Glover Gill, líder da banda texana Tosca Tango Orchestra, está aqui, e como um músico de cordas deles está tocando na minha banda, eles conseguiram encaixar algumas datas dos seus shows enquanto estão por aqui. Alguns de nós saímos para ver um grupo tradicional de tango em um palácio barroco, El Palacio de San Martín, como parte do Festival Mundial de Tango que está acontecendo na cidade. O palácio é uma construção incrível — o lugar tem uma sacada de estilo beaux-arts e um vitral de São Jorge matando o dragão atrás dela. Uma orquestra de tango à moda antiga está no palco e um grupo de dançarinos se apresenta na pista de dança antes de o público se acomodar.

A não ser por nós, todos na plateia estão muito bem vestidos — muito elegantes e sensuais. Alguns dos dançarinos são excelentes, o que é um pouco intimidador. Depois da apresentação, nós vamos para La Cumparsita, uma casa de tango para turistas no distrito de San Telmo. As paredes são enfeitadas com fotos características de Carlos Gardel — várias e várias delas. Já estou cheio dessa adoração por Gardel. A minha vontade é dizer, “Ele já morreu faz muito, muito tempo — já é hora de superar esse cara, partir pra outra!”.

Foi difícil acordar hoje de manhã. Pedalo até a Casa del Tango, que fica a uns quatro quilômetros do hotel, onde vou me encontrar com os músicos de cordas para assistir a um ensaio da El Arranque. Sento-me nas poltronas escuras do estúdio deles — um antigo teatro bem modesto — e observo as pessoas se preparando. Elas discutem arranjos e como irão tocar diversas partes da música. Em seguida, eles tocam algumas peças inteiras, o que é espetacular.

A contrapartida

Enquanto a Argentina estava sob uma ditadura militar nos anos 70, o FMI e o Banco Mundial ofereceram empréstimos, exigindo em troca que as indústrias locais se abrissem para a entrada de investidores estrangeiros e que as empresas estatais fossem privatizadas. O país logo afundou em uma enorme dívida (o que é bastante comum quando o Banco Mundial se envolve em qualquer lugar) e o desemprego disparou.

Grande parte da riqueza do país foi sendo consumida silenciosamente em dólares. Em 2001, a situação se tornou insustentável e o governo bloqueou o acesso dos argentinos às suas próprias contas bancárias, fazendo com que protestos por comida eclodissem por toda parte. O peso se desvalorizou, fábricas foram fechadas e metade da população caiu abaixo da linha da pobreza.

Mais tarde, naquele mesmo ano, trabalhadores decidiram reativar por conta própria algumas das fábricas fechadas. Os donos que haviam abandonado essas instalações protestaram e processaram esses trabalhadores. A intenção de proprietários e bancos era vender esses recursos — máquinas e matérias primas — para ganhar um dinheiro rápido. Em alguns casos, os trabalhadores conquistaram o direito de continuar gerindo as fábricas — ao que parece, os juízes às vezes concluíam que os empregos eram mais importantes do que um

lucro rápido. Algumas dessas fábricas atualmente funcionam sem padrões; elas pagam seus impostos e começaram a quitar suas dívidas. Esta é uma imagem de um documentário chamado *The take*:



The take. © Andres D'Elia. Todos os direitos reservados.

Isso agora pode servir de inspiração para algumas empresas dos EUA. Os jornais, por exemplo, estão atolados em dívidas decorrentes de aquisições por parte de fundos de investimentos e muitos estão sendo forçados a declarar falência. Pergunto-me se os trabalhadores dessas empresas, ou talvez até os de Detroit, não poderiam gerir por conta própria esses negócios. Nas eleições de 2003 por aqui, o presidente Menem, que apoiou os donos das fábricas, acabou desistindo da disputa e Néstor Kirchner foi eleito. A atual presidente é a esposa de Kirchner, que aparece na foto ao lado com Mercedes Sosa. Os tempos mudam — como mudaram nos Estados Unidos.



Mercedes Sosa e Cristina Kirchner. Imagem licenciada sob a atribuição 2.0 da Creative Commons. Fonte: Site oficial da presidência da Argentina

O distinto som fanhoso do sotaque “norte-americano” ecoa pelo avião enquanto volto para o norte. Estou voando pela American Airlines até Miami. As vozes exalam confiança e superioridade (elas não parecem vir de pessoas muito flexíveis ou de mente aberta, e não vêm mesmo). Depois de ouvir as vogais suaves e provocantes da América Latina, a minha própria língua me parece bruta, cruel e autoritária.

Esta não é a cidade mais simpática às bicicletas no mundo – mesmo que várias cidades do sudeste asiático fervilhem com enxames de lambretas, entregadores de comida em motocicletas e ciclo-táxis. Acho que dou mais valor à perspectiva e à liberdade que a bicicleta me proporcionam do que imagino. Sou mais viciado do que eu pensava. Bom, sei também que, ao contrário de Los Angeles ou da Cidade do México, esta cidade é relativamente densa. Assim, embora algumas coisas e certos bairros afastados estejam a uma distância considerável, muito do que dá sabor à cidade é acessível por bicicleta. Posso explorá-la sem um itinerário, embora tenha feito pesquisas e marcado encontros de antemão.

Duas citações resumem a razão pela qual vim a Manila. Uma é do livro de James Hamilton-Paterson, *America's boy*, um dos melhores relatos da era Marcos: “Há momentos em que parece que as questões mundiais estão sendo tratadas por sonhadores. Há uma tristeza aqui no espetáculo das nações, meros indivíduos, ajudando uns aos outros com os seus delírios. O que parece ser pragmatismo lúcido pode na verdade estar sustentando uma ideologia de um regime cuja proposta oculta em si é nada mais que aplacar a dor do passado infeliz de uma única pessoa”.

E esta, do livro *Imperial grunts*, de Robert D. Kaplan: “Assim como a poesia e os romances emocionantes de Rudyard Kipling celebravam o trabalho do imperialismo britânico [...] o artista norte-americano Frederic Remington, em suas esculturas de bronze e pinturas a óleo, faria o mesmo pela conquista do Oeste Selvagem [...] ‘Bem-vindo ao território índio’ era o refrão que ouvi das tropas [norte-americanas] da Colômbia às Filipinas, incluindo o Afeganistão e o Iraque [...] a Guerra ao Terrorismo queria mesmo domar as fronteiras”.

A primeira citação, para mim, resume a visão Rosebud de eventos históricos (e contemporâneos), enquanto a segunda trata do uso do poder perene da mitologia e das imagens fortes para justificar, bom, qualquer coisa que você quiser.

Cheguei em Manila no feriado de Natal em 2005 com um propósito bem específico. Alguns anos antes me lembraram de que a ex-primeira-dama das Filipinas, Imelda Marcos, frequentava discotecas durante o final dos anos 70 e começo dos 80. Esta teria sido a era do Studio 54, Regine's, Privilege e Le Palace (em Paris), entre outros clubes exclusivos. Esta também era, hã, a era da lei marcial e da censura pesada nas Filipinas. Sendo fã de algumas das músicas que tocavam nesses clubes da época, fiquei imaginando se elas poderiam ter fornecido a trilha sonora para Imelda, uma pessoa no centro do poder. Será que a dance music poderia ser um veículo para contar uma história como a dela? Uma história de poder, dor pessoal, amor e classe social? Será que a leveza, efervescência e embriaguez inerente àquela música – e as drogas que a acompanhavam – eram semelhantes ao que se sente quando se está em uma posição de poder? E será que havia alguma história que fundamentasse essa ideia?

Eu também tinha outra intenção, outra razão que me atraiu a um projeto como este – queria ver se havia algum jeito de ligar um grupo de canções além do fato de elas estarem no mesmo CD. Queria saber se, nesta forma, as canções se interlaçariam e receberiam um peso adicional umas das outras? Por que não, se os mesmos personagens reaparecem aqui e ali? Neste

formato, o ouvinte poderia receber algumas percepções complementares e acompanhar as vidas e os sentimentos dos personagens e, assim, as músicas seriam informadas por outras músicas. Dentro de um ciclo de canções como este, será que canções amarradas poderiam se tornar mais do que a soma de suas partes?

Eu tinha passado um ano lendo e pesquisando e logo me interessei pelo que vi como uma história que elucidava perfeitamente a proposta de Hamilton-Paterson de que a política e a história são uma espécie de espetáculo psicológico pessoal. As Filipinas são uma sociedade extremamente sensível a classes, e Imelda, que cresceu num dos ramos malsucedidos de uma família importante da região, foi, depois de sua mãe morrer, criada por uma empregada, Estrella, que era apenas um pouco mais velha que ela. Estando tão *perto* de ser socialmente aceita, mas sem chegar lá, Imelda tinha uma pilha de bagagem psicológica para carregar desde muito cedo. Imaginei que parte de uma possível história pudesse tratar da proximidade inicial dessas duas mulheres e seu subsequente afastamento, e também da “luta de classes” de Imelda – a sua necessidade de ser aceita e o modo como ela resolveu essa necessidade em público e em grande escala. O projeto seria sobre sua fusão de fantasia, dor pessoal e política, uma combinação que se desenrolou de modo trágico e dramático na história daquela época.

Entrei em contato com Fatboy Slim, o DJ britânico, para que ele escrevesse comigo músicas que eu sentia que representariam o que essas duas mulheres estavam sentindo em diversos pontos dessa história e que, quando apropriado, soariam autenticamente dançantes. Algumas vezes usei as palavras das próprias mulheres ou textos de discursos ou entrevistas como base para as letras, o que foi uma experiência nova para mim. Foi libertador escrever quase exclusivamente sob o ponto de vista delas – e algumas vezes até usar suas palavras. Não que eu não tenha escrito por meio de personagens antes, mas ter as palavras delas disponíveis me ajudava a encontrar frases realmente únicas e surpreendentes que eu não conseguiria criar sozinho.

Uma destas citações serve, por enquanto, como título deste projeto: *Here lies love*. Em uma entrevista atual feita para o documentário *Imelda*, de Ramona Diaz, a sra. Marcos é citada desejando que seu epitáfio, o que ela quer escrito em seu túmulo, não seja seu nome, mas as palavras *aqui jaz amor*. Em sua visão, ela, nas palavras de uma canção clássica filipina, “fez tudo isso por você”. Sendo “você”, no ponto de vista dela, o povo filipino.

Pequenas portas

Uma vez que eu tinha essas canções – cerca de vinte, mais ou menos – escritas e gravadas em demo, pensei que seria uma boa ideia ver em primeira mão o país e o povo sobre o qual estive lendo. Além de fazer mais pesquisa e reunir mais material de arquivo – imagens, vídeo, filmes e textos – esperava que indo lá eu conseguisse apreender e absorver um pouco do ethos, sensibilidade e consciência filipinos – por osmose e por meio de conversas. Percebi que essa sequência estava invertida. Por isso, eu estava meio que preparado para descobrir que minhas suposições e pesquisas anteriores poderiam estar completamente erradas, em cujo caso eu teria que revisar tudo ou jogar o projeto fora. Essa viagem talvez tivesse que ter acontecido antes, e eu logo descobriria se era o caso.

Acredito que a política, além de pragmática, social e psicológica, seja também uma

expressão de um contexto ambiente mais amplo. Isso inclui tudo que possa afetar o que as pessoas sentem e fazem – música, paisagem, comida, roupas, religião, o que quer que seja. A política é um reflexo das ruas, dos cheiros, do que constitui o erotismo e da rotina de vidas corriqueiras, da mesma forma que é um resultado de acordos, ideologias e atos de legislação debaixo dos panos. Algumas vezes isso ocorre de formas óbvias. As Filipinas são um país católico com raízes animistas, espalhado por ilhas distribuídas e cidades isoladas geograficamente e distantes da capital Manila, e todos esses fatores contam. Às vezes, há pistas visuais e de outros tipos para as coisas que influenciam eventos – atitudes expressas e visíveis pela postura, linguagem corporal, humor. Uma linguagem visual e gestual é por natureza intraduzível em palavras, mas mesmo assim indicativa de atitudes e até de ideologias. Eu queria captar um pouco disso ou, pelo menos, o máximo que pudesse.

Assim como há elementos em nossos genes esperando por chaves químicas que permitam se expressar como um fígado de galinha ou um coração humano, deve haver também elementos em algum lugar que disparam expressões por meio da política, da ação e da cultura. Muito do comportamento humano é uma manifestação dessas chaves sendo inseridas e giradas – chaves que abrem portas genéticas, geográficas e culturais – pelas quais as tendências latentes passam.

Alguns amigos e conhecidos de Nova York me puseram em contato com um pessoal de Manila. Perguntei a alguns deles se achavam muito insano da minha parte levar uma bicicleta para me locomover lá. Alguns acharam que eu estava louco ou apenas obcecado, mas alguns disseram, “Por que não? As ruas são lotadas e caóticas, mas você pode tentar”. Empacotei minha mountain bike dobrável e, depois de um longo voo, vi pela janelinha do avião a cidade de Manila e a baía ao redor e fiquei imaginando no que eu tinha me metido.

Joel Torre, um ator local, generosamente me encontra no aeroporto e todo mundo o cumprimenta no nosso caminho para a área de embarque de carros. Passamos pelo Centro Cultural de Imelda no caminho para o hotel – um edifício gigante no estilo do Lincoln Center, que a sra. Marcos construiu sobre um aterro. Ela queria ao mesmo tempo colocar as Filipinas no mapa cultural mundial e encorajar o talento local. E, especialmente com as escolas de cinema e teatro que fundou, ela com certeza conseguiu o último objetivo.

Fiz uma reserva no Aloha Hotel, um prediozinho cor-de-rosa de frente para a baía. Alguns amigos em Nova York me recomendaram ficar em Makati, o bairro mais elegante de arranha-céus modernos, hotéis de luxo e shopping centers envidraçados, mas geograficamente a área menos chique parecia mais próxima aos marcos políticos e históricos sobre os quais eu tinha lido.

Na frente do hotel há uma esplanada que margeia a baía. É cheia de quiosques, vendedores, bares e cafês ao ar livre, alguns com música ao vivo ou som ambiente. De fato, enquanto desfaço a mala e monto minha bicicleta no quarto do hotel, as batidas de discoteca de um dos cafês entra pela janela. Sem chance de tirar um cochilo pós-voo com a música bombando, e já que há apenas mais algumas horas de luz diurna, forço-me a ficar acordado, sair e conhecer alguma coisa.

Devo dizer, já que estou cheio de pensamentos sobre este projeto, que a música disco me inspira mais do que aborrece – embora eu esteja contente por ela não continuar noite adentro. Uma canção com um sintetizador bastante radical tocando uma pulsação aguda me dá algumas

ideias musicais. Uma versão cover de In da club do 50 Cent é a última coisa que escuto enquanto pedalo ao longo da esplanada em direção ao centro antigo.

Uma relação especial

Passo por mais hotéis, restaurantes chineses gigantes, pelo Rizal Park – onde aconteceram nos anos 80 várias demonstrações e manifestações políticas sobre as quais li – e a embaixada dos EUA, um edifício altamente fortificado que a princípio confundo com uma base militar, o que de certa forma acho que é. A relação especial entre os EUA e as Filipinas fica imediatamente evidente. As Filipinas se tornaram colônia americana apenas um ano após os norte-americanos darem assistência à luta das Filipinas pela independência de seus governantes espanhóis. Depois de expulsar os espanhóis, os prestativos ianques devem ter decidido que era uma oportunidade boa demais para deixar escapar, e então, sob um pretexto suspeito e com a ajuda militante dos jornais Hearst, os EUA tiveram sua primeira colônia de verdade – embora não sem uma longa e arrastada guerra que custou pelo menos um milhão de vidas. As Filipinas alcançaram a independência apenas em 1946. Eles gostam de dizer que sua história foram trezentos anos gastos num convento e cem anos em Hollywood, um modo de explicar as colisões culturais e as atitudes insanas que são abundantes aqui.

Depois da independência e da 2ª Guerra Mundial, os EUA continuaram a manter algumas bases militares gigantescas logo ao norte de Manila. Daqui, linhas de fornecimento foram estabelecidas para o que se tornaria a Guerra do Vietnã. Do ponto de vista dos EUA, qualquer político que governasse as Filipinas deveria estar atento em qual lado do pão está a manteiga. Como resultado, houve sempre um relacionamento estreito entre as duas nações.

Arquitetura emergente

Binondo é a área para onde acabo pedalando hoje. Máquinas de karaokê por todo lugar. Bem na rua! Mesmo as menores banquinhas neste centro velho bagunçado as têm. Este é um bairro de ruas tortas e vendedores, muitos com minúsculos empórios de uma mesa só. O trânsito é vagarosamente lento aqui, ou é relegado a bicicletas e caminhonetes que trazem mercadorias e bens aos vendedores. O tráfego normal parece evitar essas áreas, já que as ruas estreitas são lotadas demais de pedestres e o excesso das barracas inevitavelmente retarda o movimento de veículos motorizados. Aqui os jeepneys¹ customizados são os maiores veículos nas ruas, e mesmo eles só conseguem avançar polegada a polegada enquanto tentam pegar passageiros, mas eu consigo me mover mais depressa que a maioria deles na minha bicicleta. Esta área também é ótima para se caminhar – e para comprar frutas, vegetais, toalhinhas, CDs e DVDs piratas, presentes de Natal (nessa época do ano), peixe fresco, remédios – tudo que possa ser exposto em pequenas pilhas sobre mesas de madeira. Quantos tipos de coisas podem ser empilhados em pequenas pirâmides? Quase tudo que você puder imaginar. Eis um tipo de denominador comum no mundo das coisas.

Por que é que todos os mercados do terceiro mundo são estruturalmente quase os mesmos? Lembro-me de lugares parecidos em Kuala Lumpur, Cartagena, Marrakesh, Salvador e

Oaxaca. É quase como se esses mercados tivessem sido todos desenhados pela mesma pessoa no mundo inteiro, já que eles têm formas muito parecidas em todo lugar. A escala humana e o caos agradável devem ser parte de um plano inconsciente, embora completamente evoluído, assim como os cheiros e as pilhas de dejetos aqui e ali. Um dono de banquinha varre a água da chuva e a lama da rua com uma vassoura. Isto é evidência para mim de um *layout* em branco, uma forma subconsciente, e um mapa invisível, que se estende até a um sistema não escrito de automanutenção. Suponho que este padrão e estrutura recorrentes emergem porque a escala humana automaticamente autorregula a maneira com que bens parecidos vendem melhor, como e onde eles são expostos de maneira mais eficiente. É como se existisse em nós alguma propensão a determinada arquitetura genética, a fim de nos guiar sutil e invisivelmente a como organizar primeiro um quiosque, depois uma banca, e daí acrescentar incrementos como nossos instintos inatos nos orientam, até que logo exista todo um mercado e uma vizinhança. Alguma parte minúscula de nosso DNA nos diz como construir e manter lugares como estes, do mesmo jeito que códigos genéticos dizem ao corpo como fazer um olho ou um fígado. Esse arquiteto que projetou todos os mercados do mundo somos nós. Será que nossos genes nos dizem não apenas como nos estruturar, mas também como construir o mundo exterior? Fico feliz por a cidade inteira não ter sido transformada em shopping centers, como afirmam alguns guias de viagem.

Curiosamente, pode-se dizer quase as mesmas coisas sobre as áreas mais novas de várias cidades grandes, onde muitos dos distritos de condomínios, escritórios com paredes de vidro e cadeias de lojas poderiam ter sido todos desenhados pela mesma pessoa – uma pessoa bem diferente – que então seria, por definição, o designer/arquiteto mais empregado e onipresente do mundo, desprezado por alguns, fonte de orgulho para poucos, invejado por outros. Acho que com shopping centers modernos e prédios comerciais envidraçados há um pouco mais de apropriação consciente, demonstração de ego e competição do que no agradável caldeirão típico das barraquinhas e lojinhas diante de mim.

Em 1956, Victor Gruen construiu o primeiro shopping center em Edina, subúrbio de Minneapolis, e pode-se dizer que ele era mais um desenvolvedor conceitual do que um arquiteto. Malcolm Gladwell, num artigo da *New Yorker*, diz que Gruen não apenas inventou o shopping center; ele inventou um arquétipo, já que tantos outros shopping centers seguiram exatamente o mesmo modelo do primeiro. Eu concordaria que tanto o shopping center como o *souk*² são um tipo parecido de meme para comércio social que se reproduz prolificamente. Um tipo de arquitetura autorreplicante.

Ao longo da passarela ao lado da baía que atravesso para voltar ao meu hotel há restaurantes ao ar livre, muitos com bandas *cover* tocando. Como tinha ouvido dizer, as bandas são surpreendentemente boas – se por boas, você entende: incrivelmente fiéis em sua capacidade de reproduzir canções famosas. Feche os olhos e é Seals and Crofts, ou Neil Young, com um levíssimo sotaque. O canto e o jeito de tocar são uniformemente competentes e profissionais, embora, claro, completamente não originais, o que é de natureza. Um homem canta num pequeno palco ladeado de dois Papais Noéis de plástico brilhantes. Fico imaginando se eu deveria usar uma dessas bandas ou cantores para formar uma banda ao vivo para *Here lies love...*

A aula de história de Sol

Tomo um banho e depois pedalo até um prédio de apartamentos a algumas quadras de distância, onde encontro com um grupo de pessoas que eu tinha contatado por e-mail. Eles estão todos chegando ao apartamento do diretor de cinema Antonio “Butch” Perez. Em frente ao apartamento há um antigo motel com uma grande faixa na entrada proclamando: “Fechado pela Glória de Deus”. Disseram-me que o dono de uma cadeia de motéis, a qual este pertence, tornou-se cristão e decidiu, como novo devoto, que ele obviamente tinha que fechar seus próprios estabelecimentos. Alguns dos outros ainda estão em funcionamento, para que ele ainda tenha uma renda. Ele pode ser devoto, mas não é burro.



O apartamento de Butch é lindo – um loft espaçoso com decoração Zen tropical e, de um lado, janelas oferecendo uma vista sobre tetos de zinco até a Baía de Manila. “Não faz muito tempo, este era um dos lugares mais silenciosos da cidade”, diz ele, “mas agora há som estéreo de carros e alarmes antifurto, buzinas e sirenes de polícia, karaokê a céu aberto na margem da baía, além do trânsito de lambretas – o nível de ruído ficou muito mais alto”. Como bom nova-iorquino, estou acostumado ao barulho, então não me parece excessivo.

A mim se juntam a editora Jessica Zafra (suas revistas *Flip* e *Manila Envelope*, ambas em inglês, são maravilhosas), o poeta e colunista Krip Yuson, o fotógrafo Neal Oshima, a *restauranteuse* Susan Roxas, o artista performático Carlos Celdran, o publicitário David Guerrero... e, por fim, mais cineastas e escritores chegam.

Descrevo do melhor jeito que consigo o projeto de *Here lies love* para todos, o que não quer dizer muito, já que eu não estava preparado para fazer uma exposição. O CD de demos que trouxe e especialmente a coletânea de edições brutas de vídeos feitos com a música conseguem explicar o conceito melhor do que eu poderia fazê-lo verbalmente. Os vídeos, sobretudo, são bem recebidos. Eles são na maior parte editados de imagens de arquivo de notícias da época, das Filipinas e de outros lugares, montados com músicas específicas. Algumas dessas pessoas os assistem atentamente, fascinadas, como se as suas próprias vidas estivessem sendo repassadas, portanto, a visão deles não é exatamente objetiva. Memórias dolorosas, algumas delas.

Sol Vanzi se junta a nós. Ela mora no mesmo andar. Lida informalmente com as relações de Imelda com a mídia local e internacional. (Imelda voltou a Manila de seu exílio no Havaí

depois que Marcos morreu. Ela agora vive em um belo apartamento em Makati.) Sol também comanda um site que agrega notícias das Filipinas: www.newsflash.org. Ela nos conta que tem 61 anos de idade, e imediatamente se senta, abre uma lata de cerveja e começa uma tirada durante a qual questiona todas as informações convencionais sobre o regime de Marcos e Imelda. Ela apenas supõe naturalmente (de forma acertada, creio eu) que não esteja falando com um grupo de partidários de Marcos. Contudo, a maioria das pessoas aqui parece conhecê-la, portanto o seu discurso parece dirigido principalmente a mim.

Eu teria suposto que os eventos naquela época – a era da lei marcial – teriam dividido a sociedade filipina ao meio, entre os defensores e os exilados e reprimidos. Mas parece que aqui todo mundo se conhece, e sempre foi assim, todo mundo se cruza com frequência o bastante para que uma estranha tolerância tenha se desenvolvido. Pessoas que eu teria suposto que fossem inimigos jurados sentam-se e bebem juntos naturalmente. As coisas aqui não são tão simples como eram em meu quadro pré-concebido. Estou feliz por estar aqui.

Sol continua seu monólogo dirigido a mim. Ela diz que pediu para que um *cameraman* se escondesse no porão do palácio quando este estava sendo tomado – minutos após a fuga dos Marcos – com instruções para registrar o estado das coisas no momento em que a família partiu. Ela diz que este vídeo prova que as várias histórias de potes de caviar semiconsumidos e outras provas de excesso extravagante eram “mitos urbanos”, como ela se refere a eles. É prova de que estas coisas foram inventadas – por Cory Aquino e outros dos partidos de oposição, ou assim ela afirma.

Ela também diz que foram os norte-americanos que provavelmente mataram Benigno Aquino quando ele voltou às Filipinas para desafiar Marcos em 1983. (Achei que Marcos tivesse dito na época que haviam sido os comunistas? Ou que foram os rebeldes, que também estavam aliados aos comunistas?) Sol continua, afirmando que Imelda nunca foi pobre quando criança, o que, para ser justo, é uma afirmação que pode ser vista como relativa: Imelda certamente não foi pobre como as pessoas que vivem nas favelas espremidas ao longo da margem dos rios em muitas das cidades filipinas.

Mas é certeza que ela viveu em uma garagem quando criança – com um carro dentro ainda por cima – enquanto os filhos da primeira mulher de seu pai continuavam a morar na casa principal. As coisas desandaram a partir daí; por um tempo Imelda, seu irmão, irmã e sua empregada e amiga Estrella moraram numa cabana *nipa* – um barraco feito de folhas de palmeira entrelaçadas. Então, não, talvez ela estivesse melhor que muitos, mas, para alguém de uma família importante da região, ela era relativamente pobre. Pode-se dizer mais pobre de um ponto de vista psicológico do que econômico, pelo fato de que ela foi esquecida pela parte mais socialmente aceitável de sua família estendida.



Sol continua comentando sobre como a mobilidade de classe é limitada nas Filipinas. Sobre como uma pessoa é automaticamente subjugada se vier de uma cidade provinciana, mesmo se for de uma “boa” família na cidade (este foi o caso de Imelda). Assim, como os outros, ela sugere que é quase impossível subir de posição, já que a sua classe será revelada pelo seu sotaque. Mesmo se isso não o entregar, as pessoas provavelmente vão perguntar de onde você é, e aí o jogo acaba. Isso me lembra o Reino Unido, onde seu sotaque regional pode limitar as suas chances de sucesso em algumas áreas.

O que estou aprendendo, apesar dos protestos intermináveis dela e a negação de afirmações que ninguém sequer fez, é que as coisas aqui não são tão preto e branco como eu e muitos outros ocidentais com tendências esquerdistas gostaríamos de imaginar. O regime Marcos, apesar de corrupto desde a origem, não era mais corrupto, pelo menos no início, do que muitos outros. Talvez até menos, no começo. O que distinguia o casal em alguns aspectos era que eles realmente construíram clínicas, rodovias, estradas, pontes, centros culturais e uma escola de artes, assim como fomentaram um plano de saúde e muitos outros programas que eles prometeram em suas campanhas. (Aquela escola de artes produziu muitos dos tipos criativos que ainda estão ativos – amigos das pessoas nesta sala.) Programas parecidos foram prometidos por outros políticos toda vez que chegava a época das eleições, mas Marcos realmente os cumpriu. Portanto, Ferdinand e Imelda foram realmente amados por muitos filipinos – pelo menos no começo de seu mandato – e, de acordo com alguns, eles continuaram a ser amados nas províncias mesmo durante a sua deposição, um evento que parece ter chocado o povo do interior. A certa altura (nos anos 60), o casal intencionalmente moldou sua imagem à dos Kennedys – posando para fotos de família no Palácio Malacañang, vestindo versões feitas à mão de trajes nativos e geralmente parecendo jovens e glamourosos – o que de fato eles eram. Como acontecia com os Kennedys nos Estados Unidos, o público os amava, assim como a mídia internacional. Os Marcos apareceram na *Time*, na *Life*, e em publicações do mundo todo – eram um casal muito fotogênico. Todo mundo comprou a fantasia – assim como a mídia comprou o mito Kennedy, que estava sendo criado na mesma época.



Ted Spiegel/National Geographic/Getty Images

* * *

Claro, começando com a campanha de reeleição de Marcos em 1969 e depois quando a lei marcial foi declarada em 1972, a balança começou a pender, e o conjunto de trapagens, censura, abusos de direitos humanos, assassinatos, corrupção e mentiras finalmente obscureceu o amor e as boas obras. Aqui jaz amor, de fato – o amor foi massacrado ou mandado para uma conta bancária na Suíça. No início, quando o poder deles parecia mais seguro, logo após uma vitória esmagadora nas eleições ou depois que a lei marcial foi declarada, deve ter sido irresistivelmente tentador colocar esse poder em uso – como os políticos tendem a fazer. Eles não precisariam fazer mais toda aquela politicagem suja, inconveniente e que consumia tanto tempo. Poderia-se dizer que poder e direito de posse tornavam as coisas mais eficientes. Mas me parecia que logo a necessidade de manter esse poder tornou-se mais importante do que quase todo o resto – como acontece normalmente. O palácio no final se tornou um miasma de esquemas, intrigas, paranoia e traição.

Flexibilidade

Um livro que li diz que os políticos filipinos não veem a política como meio de perpetuar seus objetivos ideológicos ou de seu partido, mas simplesmente como uma maneira de estar no poder. Algumas vezes, um político troca de partido e de ideologia se ele acha que vai ter mais chance de vencer como candidato pelo outro lado. Marcos deu um desses passos no começo

de sua carreira, e funcionou. Enquanto nós, nos EUA, podemos pensar nos partidos políticos como entidades com plataformas ideológicas firmes e políticas e intenções mais ou menos consistentes, aqui elas parecem ser mais um conjunto de alianças temporárias que podem ser refeitas conforme a vontade. Claro que comecei a me perguntar se em outros lugares as coisas não seriam muito parecidas, embora a maioria dos outros lugares finjam mais ter uma continuidade ideológica. Isso poderia explicar por que aqui pessoas que eu achava que fossem inimigos políticos podem andar juntas.

O país do karaokê

Depois do discurso de Sol, alguns de nós saímos para comer num dos dois restaurantes de frango de Joel. Vamos de carro até um deles e nosso grupo se senta ao redor de uma pequena mesa de piquenique de madeira do lado de fora. O restaurante costumava ser um simples balcãozinho com uma área de cozinha coberta e algumas mesas no fundo, mas se tornou muito popular – os espetinhos de frango e fígado e o arroz de alho são todos deliciosos. Há uma área coberta em que se pode comer também, mas o negócio é mais um pátio com um teto do que um restaurante coberto. As churrasqueiras para cozinhar as aves estão instaladas na beira da estrada vizinha. Como Joel parece ser um ator famoso, eu estava esperando algo mais pretensioso, mas o lugar é ao mesmo tempo delicioso e casual. Há pessoas de todas as idades, raças e tipos passando o tempo e conversando entre bebidas e frango. O cardápio consiste basicamente no que você vê sendo preparado na sua frente. Se havia outros pratos disponíveis, não vi sinal deles.

No caminho de volta ao distrito em que fica meu hotel, Butch diz que precisa parar em um bar de karaokê para desejar Feliz Natal à sua designer de produção e antiga musa, Marta, que agora “joga no outro time” e está lá com a namorada. Somos levados por um assistente através de um corredor amarelo-manteiga, passando por uma série de portas idênticas. O assistente abre uma delas e lá estão quatro dos amigos de Butch cantando para uma tela de tevê. Pedimos cervejas, mas covardemente não aderimos às festividades de cantoria. Alguém programa *Burning down the house*, talvez na esperança de que eu cante, mas apenas olho para a tela quando um cara que parece um Bon Jovi dos anos 80 posa com uma guitarra enquanto uma maquete de casa queima numa imagem superposta atrás dele. Acho que estou sendo meio que um estraga-prazeres, mas fui pego de surpresa. Marta, exuberante e muito bonita de calça xadrez, canta com a melodia, embora pareça que meu fraseado nessa canção seja um pouco complicado.

Alguns dizem que o karaokê foi inventado aqui em 1975 como o *Sing Along System*, por um homem chamado Roberto del Rosario. Clubes de vídeo karaokê estão em toda parte, em todos os formatos e para todos os bolsos. Talvez seja um jeito de permitir a todos cantar. Mesmo que eu tenha sido um estraga-prazeres no clube de karaokê, sei por experiência própria que cantar é terapêutico e divertido. Eles cantam canções pop ocidentais aqui – e também algumas canções populares filipinas, muitas das quais são cantadas em inglês. Para um filipino, cantar música pop ocidental não é como cantar uma canção estrangeira. O pop ocidental, especialmente norte-americano, é uma parte tão intrínseca da cultura filipina que eles o veem também como sua própria cultura. E é, de certa forma. Quem, ou que país, pode clamar para si

a experiência por que se passa quando você ouve uma música? Há até mesmo um canal de tevê de karaokê. Infundáveis vídeos baratos e cafonas com música tocando e letras que correm. Você pode ficar em casa e cantar junto com sua televisão. Como algum tipo de peça de arte conceitual radical – mas, ao contrário da arte conceitual, é superpopular.

Makati

No dia seguinte, pedalo em direção ao leste e para o interior, até Makati, o bairro onde Imelda vive agora. É uma área de arranha-céus, comunidades fechadas e shopping centers extravagantes – não muito típico das Filipinas, mas uma fonte de orgulho local. Um desses condomínios de arranha-céus foi tomado em 2004 por um grupo de soldados insatisfeitos, mas eles foram logo despejados.



Pedalar aqui neste bairro chique nem sempre é fácil – não há ciclovias como ao longo da área da baía, e a fumaça dos jeepneys e triciclos (uma motocicleta com um carro lateral que comporta talvez dois passageiros) é intensa. Os estrangeiros notam os jeepneys logo de cara. Como não notar? Eles são super coloridos, um fruto anormal de sobras de jipes do exército norte-americano que foram transformados, alongados, mutacionados num tipo de transporte público barato e enfeitado. Motoristas de jeepney adornam seus veículos com nomes e ditados: Adorável, Mama-Cita, Metal Mania, Reze Pelo Nosso Caminho, Queridinho da Vovó, Patrulha de Reconhecimento. Este tem escrito: Simplesmente o Melhor, sem dúvida citando a canção de Tina Turner. É algo como um tipo de sabedoria jeepney.



O trânsito às vezes beira à paralisia, mas na maior parte do tempo as coisas se movem com uma graça caótica e eu, claro, me locomovo melhor que a maioria desses veículos de quatro – ou até três – rodas.



As Filipinas, para muitos norte-americanos, é a terra de onde vêm as empregadas e as enfermeiras, e isso é praticamente tudo que eles sabem. Eu tenho que admitir que vi bastante homens e mulheres em trajes médicos. Filipinos esperam que o Japão, por exemplo, empregue parte de seu pessoal médico altamente treinado, mas os japoneses ficam notoriamente desconfortáveis ao lidar fisicamente com estrangeiros, e a ideia de ser tocado por um, pelo amor de Deus! Os japoneses preferem, em vez disso, desenvolver robôs para tomar conta de suas necessidades médicas e domésticas mundanas. Racismo como estímulo para inovação tecnológica.

Depois de pedalar por Makati, visitar um shopping center e me perder numa comunidade

fechada (seguranças acabam permitindo naturalmente a passagem de um homem branco de certa idade numa bicicleta, como eu), me dirijo de volta à baía para explorar a área do aterro onde Imelda ergueu muitos de seus projetos culturais, um dos quais – o Centro de Cinema – agora hospeda todo um elenco coreano fazendo um show de *drags* com temática egípcia. Este grande edifício é assombrado, dizem, ou amaldiçoado, porque parte dele desabou durante a apressada construção ininterrupta ordenada por Madame Marcos, e há rumores de que alguns dos corpos ainda estão no concreto, assombrando quem visita. Disseram-me que os coreanos não acreditam em fantasmas e, por isso, o espetáculo deles está acontecendo aqui.

O grande Centro Cultural e o Centro de Artes Folclóricas também ficam nesta área, e ainda estão bem ativos. Visito o Centro Cultural uma tarde para estudar os arquivos de fotos e vídeo da era Marcos. Surpreendentemente, não há muita coisa ali – a maior parte do acervo está nos arquivos da universidade agora, ou em mãos particulares. Quem possui quais vídeos parece não estar claro, o que é preocupante, porque de certa forma arquivos de fotos, filme e vídeo são história recente. Em muitos países, as fitas de vídeo usadas em reportagens de notícias foram apagadas e reutilizadas várias vezes, para economizar dinheiro – o que significa que esses meios não têm registro de muitos eventos do passado recente.

Criando mitos

No dia seguinte, ando de bicicleta por um distrito comercial pitoresco (Quiapo) e depois por San Miguel (um bairro central onde Imelda viveu com sua família por um tempo). Faço uma excursão pelo Palácio Malacañang – a Casa Branca de Manila. Chego um pouco molhado de suor, mas o guarda, depois que me identifico, permite que eu estacione a bicicleta no terreno atrás de um prédio administrativo, e me dá um minuto para me secar e me recompor antes de começar o passeio.

Dentro do palácio vejo a cadeira na qual, em 1972, Marcos assinou a declaração de lei marcial que suspendeu o *habeas corpus*, e permitiu que prendesse oponentes políticos e censurasse a imprensa, mantendo o povo no escuro por mais de uma década – tudo em nome de conservar a ordem e a segurança nacionais. Nas paredes há diversas fotos comemorando o Poder do Povo, o movimento em massa que resultou na deposição dos Marcos em 1986. Há imagens de estudantes dando flores a soldados, e várias pessoas vestidas de amarelo. O amarelo, fico sabendo, foi adotado como uma cor da oposição por causa da canção popular Tie a yellow ribbon, escolhida e cantada na espera do retorno de Benigno Aquino, o único rival sério de Marcos, às Filipinas.



Retrato de Ferdinand Marcos por Betsy Westendorp. Coleção do Palácio de Malacañang, sede oficial do governo das Filipinas.

Surreais, essas conexões com a música popular – quem imaginaria um elo entre Tony Orlando e Dawn e um levante popular que derrubou um ditador? Faz minha cabeça rodar. Infelizmente, Benigno “Ninoy” Aquino foi baleado no aeroporto assim que desceu do avião... mas Cory e seus partidários mantiveram o amarelo daí em diante.

A grande sala central é cheia de vitrines de memorabilia celebrando líderes filipinos anteriores – mas há uma ausência gritante. Todos os líderes estão representados exceto os Marcos, que foram relegados a um par de salas do fundo (mas não insubstanciais). Sua ausência poderia ser vista como uma lacuna, um buraco na história, mas essas salas do fundo mais que compensam – estão recheadas de bonecos comemorativos, relógios e, evidentemente, pinturas, muitos deles retratos encomendados pelo próprio casal.

Pairando sobre mim estão dois quadros famosos, nos quais Ferdinand e Imelda aparecem como o casal Ur das Filipinas – Adão e Eva da mitologia tribal filipina, que, na lenda tradicional, surgiram de um pedaço de bambu partido, o homem forte e a bela mulher.

A ideia inerente a essas pinturas era a de que os Marcos estavam cumprindo seu destino, facilitando uma forma de renascimento e renovação da identidade filipina – simbolizada por sua incorporação do casal primário. Para ser justo, um renascimento aconteceu, até certo ponto, e essas pinturas tornam explícito o desejo do casal de também se tornar parte da mitologia nacional. O desejo de encontrar um nicho para si na alma coletiva nacional é profundo. George Bush e Ronald Reagan eram frequentemente fotografados vestindo roupas de caubói, apesar de um ser um WASP³ da Nova Inglaterra e o outro, um astro de Hollywood. Se

um político aparece como um piloto de caça, um caubói, ou como Adão e Eva, a atração e a potência destas imagens são tão poderosas que nós quase sempre reagimos como o desejado, mesmo sabendo ser encenação.



Retrato de Imelda Marcos por Betsy Westendorp. Coleção do Palácio de Malacañang, sede oficial do governo das Filipinas.

Ilocos, terra de sonhos de discoteca

No dia seguinte, pego um avião para a área do país de onde Marcos veio, no extremo norte da ilha grande, onde muitas pessoas ainda celebram sua memória. Seu filho, Bong Bong (sim, esse é seu nome verdadeiro!), é agora o governador dessa província, e Imee, uma de suas filhas, é a congressista local. Em minha pesquisa consta que esta área, Ilocos Norte, é a terra dos caubóis filipinos – tem um clima um pouco mais duro que o sul, que é mais tropical, e conflitos eram, e ainda são, quase sempre resolvidos à bala. Em meu mapa local, vejo um bairro na periferia de Laoag, a capital regional onde estou hospedado. O bairro se chama Discolândia, que soa apropriado para o meu projeto, portanto vou nessa direção. Caminho por uma vizinhança de casas, galinhas vagando, pequenas mercearias. E então, logo depois do terminal de ônibus, creio eu, aparece de súbito toda uma zona de boates. Ainda é dia, de modo que não há música ou atividade no momento, exceto na frente de uma boate onde vejo uma mulher mais velha cuidadosamente pintando as unhas de uma jovem. A porta de um outro clube está aberta, então pergunto se posso dar uma olhada. Sem problema – uma mulher mais velha me acompanha e grita algo enquanto me conduz mais e mais para dentro, onde há algumas cadeiras espalhadas na pista de dança e algumas luzes de Natal penduradas no teto.

Ela me traz a um quarto dos fundos, que é bastante grande, e cheio de beliches rústicos de madeira, a maior parte sem lençóis. Aqui é onde as garotas do bar dormem e repousam, penso comigo mesmo. Ela grita de novo e de um quarto ainda mais no fundo emerge uma bonita garota num vestido vermelho, que imediatamente me leva de volta para a sala do clube me perguntando, “De que você gostaria? Você gosta de garotas?”. Seu rosto está pintado de branco – como se ela estivesse no meio de um tratamento facial. Lembro que a garota das unhas também estava com a cara branca. Com seus lábios cheios e vermelhos, ela parece um palhaço erótico.

Recordo-me de que as farmácias na cidade estão cheias de cremes branqueadores de pele, e também vi vários comerciais de tevê para esses produtos. Quatro entre dez mulheres do Sudeste Asiático usam cremes para embranquecer a pele. Em muitos países, uma pele mais clara significa fortuna e classe – trabalhadores manuais têm pele mais escura, de trabalhar no sol. Estranho que na América do Norte e na Europa um bronzeado tenha se tornado desejável, talvez porque implique o contrário – que você pode se dar ao luxo de passar tempo sob o sol ao invés de trabalhar.

Mas por que esta garota está me fazendo essas perguntas? Aaaaaaah, agora entendi! Dã. Esses lugares são puteiros! Por que não reparei nas placas dizendo: Sem Camisinha, Sem Sexo? E há música ao vivo e karaokê (naturalmente) para passar o tempo enquanto você escolhe. Aqui, algumas das opções:



Sigo em frente. Vejo algumas garotas vagando, algumas lavando roupa à mão e outras sentadas, conversando e tomando refrigerante. Placas dizem: Deixe Suas Armas na Portaria.

Embora eu duvide que esses lugares atendam regularmente estrangeiros, as Filipinas

costumavam ter uma reputação como destino popular para turismo sexual. Achei que a época da oferta de sexo com menores para estrangeiros tivesse terminado aqui, mas pelo visto não. Há pelo menos dois imbecis branquelos em meu hotel, ostentando jovens filipinas em seus braços – as garotas aparentam ter cerca de vinte anos de idade, então talvez não sejam menores. Em minhas voltas de bicicleta por Manila, vi mais alguns desses casais com diferença de idade – lá está o sr. Buster Bloodvessel⁴ procurando amor e mais à frente na rua vejo o Professor⁵ num feriado de sacanagem. Parece que este país ainda é ocasionalmente o lugar para um homem estrangeiro conseguir o que ele nunca teve, ou conseguir o que ele tinha vontade, mas não podia desfrutar em casa. Talvez aqui nesta cidade “ocidental” de Laoag seja possível realizar o desejo de toda uma vida. Colocado assim, até parece bonito.

Também vejo alguns estrangeiros com michês locais – um ianque gordo e manco com sotaque do sul está com dois deles! Num restaurante ele lhes dá ordens, “Sal, preciso de sal... e pimenta”. Um dos rapazes obediamente vai e pega o sal. “Torrada, a torrada está ali?” Um dos rapazes lhe traz três fatias de torrada. Ele parece satisfeito por enquanto. Pode-se ver as tentações do poder agindo – quanto mais ele sente que tem poder, mais ele vai exercê-lo, para vê-lo em ação e desfrutar dele, sentir o prazer de comandar.

“Café e cigarros”, anuncia ele.

E depois, “Café e cigarros é o meu café da manhã lá em casa”.

Para ser justo, nem todos os relacionamentos entre ocidentais e filipinos giram necessariamente ao redor de poder ou fantasia sexual. Uma família no restaurante do hotel aqui em Laoag é composta de um australiano, sua bela esposa filipina e seus filhos. Ele resmunga e grunhe em resposta aos pedidos das crianças, enquanto ela manda mensagens de texto no celular a alguém. Não exatamente um relacionamento perfeito, mas não obviamente predatório tampouco.

É Natal em Laoag, e no Oeste Selvagem as crianças cantam hinos de Natal nas ruas, logo depois que o sol se põe. Canto Joy to the world com um grupo, e então eles olham para mim, esperando dinheiro – e não só porque sou estrangeiro. Afastando-me, vejo-os indo de casa em casa, esperando por pequenos presentes... e isso não quer dizer um chocolate quente.

Começo a pegar triciclos em viagens curtas. Não a bicicleta para crianças, mas uma moto com um motorista e uma coisa parecida com um carrinho lateral anexado. Deixei minha bicicleta em Manila, porque quero fazer viagens diurnas mais longas usando Laoag como base. Um triciclo permite uma visão limitada, de modo que não são muito bons para turismo, mas eles estão em toda parte, e pegar um leva apenas um minuto. Além disso, são lindos.



Combinados com os onipresentes jeepneys e os ônibus, que partem apenas de terminais designados e viajam sobretudo entre cidades, os triciclos são um sistema de transporte público incrivelmente eficiente nas cidades menores e vilarejos. Eles são muito recomendáveis, exceto pela poluição horrível que geram. Nova York tem um sistema de transporte público bastante bom, que rivaliza com, digamos, o da Cidade do México, embora os metrô de Nova York não sejam tão limpos. Mas esta rede filipina improvisada parece muito mais fácil de usar.

Continuo de ônibus até Batac, uma pequena cidade onde Marcos está exposto ao público (é o corpo verdadeiro, supõe-se) num caixão de vidro refrigerado que se recolhe para dentro do chão quando não há ninguém por perto.



Romeo Ranoco/Reuters

O mausoléu tem música litúrgica de Mozart nas caixas de som, criando uma atmosfera assombrada e horripilante, e na câmara com ar condicionado há vários cetos dos dois lados com cabeças de metal esculpidos com ícones que parecem símbolos maçônicos estranhos – luas crescentes, estrelas, espadas, martelos e alguns que são indecifráveis. O cara da segurança não sabe me dizer o que eles simbolizam. O efeito é profundamente místico,

misterioso, quase egípcio. O corpo embalsamado de Marcos certamente parece mais uma estátua de cera do que real. O caixão de vidro está banhado numa sinistra luz azul, e fotos são estritamente proibidas. Há rumores de que o corpo *de verdade* fica mais abaixo, decompondo-se lentamente, e seu enterro entre os antigos presidentes ainda é negado por ordem dos governantes atuais.

Impermanência permanente

Continuo a viagem até Vigan, uma cidadezinha que foi poupada do bombardeio em massa pelos norte-americanos no final da 2ª Guerra Mundial. Vigan agora está na lista das Nações Unidas de importantes lugares históricos mundiais. Por essa razão, apesar de não estar na minha agenda de pesquisa, o lugar é próximo, então por que não dar uma olhada?

O centro da cidade realmente abriga muitas construções antigas, das quais poucas restaram na região de Laoag e ainda menos em Manila. A maioria das estruturas é feita de madeira que suporta bem os tufões em virtude de sua flexibilidade, mas geralmente requerem manutenção periódica por causa da umidade tropical e dos cupins que as destruirão após alguns anos. Pedaco por pedaco, parte por parte, casas como estas serão reformadas e cada parede e viga, substituídas. Impermanência é uma parte aceita da vida nos trópicos. Há uma permanência embutida na continuidade dos padrões e relacionamentos, mas não em construções físicas ou objetos.

Aqui está uma do lado de fora do centro da cidade – linda arquitetura feita sem arquitetos:



A rosa de Tacloban

Imelda nasceu numa cidadezinha na província insular do sul chamada Leyte, e passou uma boa parte de seus anos de formação em Tacloban, a principal cidade da ilha. Mesmo sendo do lado menos afortunado desta família, suas conexões ainda eram consideráveis. Este aspecto Cinderela de seu passado foi bem apagado ou retocado; a parte da pobreza e sofrimento foi suavizada, embora ela às vezes se referisse a ele de passagem, se fosse necessário para algum propósito. Gostaria que todos pudéssemos editar nossas vidas com tanta habilidade. Ela

frequentemente conseguia, ao mesmo tempo, negar o passado e tirar proveito dele – negando sua pobreza, mas afirmando ter sido parte do povo pobre ao mesmo tempo. Passados diferentes para ocasiões diferentes.

Anos mais tarde, ela ergueu um “santuário” aqui em Tacloban, aparentemente a Santo Niño, o Cristo criança. A entrada se abre para uma grande capela com uma peça de altar bizarra – a criança flutuando, rodeada de luzes de discoteca. Entretanto, o santuário é sobretudo para ela mesma. Jeepneys indo em direção a este destino, a partir do centro de Tacloban, simplesmente põem “Imelda” como direção no para-brisas. O santuário abriga muitas peças de sua coleção de móveis, porém, mais importante que isso, ela encomendou uma série de adoráveis dioramas contando a história de sua vida – ou sua história como ela a imaginou.

Aqui está um muito bom, retratando-a como uma jovem garota à beira-mar num passeio de família com uma imagem de Marcos pairando no céu — seu futuro marido aguardando o encontro predestinado dos dois.



O restante do “santuário” é estruturado como uma série de “quartos” e “salas de jantar” (entre aspas porque nenhum deles nunca foi usado com esses fins). Eles funcionam mais como quartos temáticos regionais, cada um com um desses dioramas detalhando o mito de Imelda. Há quinze estações, ou quartos, do calvário.

De volta ao meu hotel para o almoço, ouço Climb every mountain, possivelmente a versão de Tom Jones, num loop infinito – por uma hora! Clímax atrás de clímax! Subindo aquela montanha de novo e de novo. Ocasionalmente consigo ouvir as outras pessoas no restaurante cantando junto baixinho.

Linguagem como prisão

As Filipinas tinham uma linguagem escrita antes da chegada dos colonizadores espanhóis, ao contrário do que muitos deles afirmaram depois. Contudo, era uma linguagem que alguns teóricos acreditam que fosse usada principalmente como um recurso mnemônico para poemas épicos. Simplesmente não havia necessidade para uma linguagem escrita no estilo europeu numa terra descentralizada de pequenos vilarejos pescadores à beira do mar que eram mais que autossuficientes.

Uma teoria a respeito da linguagem defende que ela é principalmente uma ferramenta útil nascida de uma necessidade de controle. Nesta teoria, a linguagem escrita se tornou necessária quando surgiram as administrações hierárquicas das pequenas cidades e vilas. Uma vez que havia chefes, surgiu a necessidade de linguagem escrita. O progresso das grandes metrópoles de Ur e Babilônia tornaram a linguagem escrita comum uma absoluta necessidade – mas era apenas um instrumento para os administradores. Eles e os governantes precisavam manter registros e saber nomes – quem tinha alugado que pedaço de terra, quantas colheitas eles venderam, quantos peixes pescaram, quantas crianças eles têm, quantos búfalos d’água? E mais importante, quanto eles me devem? Nesta visão da evolução da linguagem escrita, nomear e contar parece ser a função “civilizadora” primária da linguagem. Linguagem e números também são práticos para acompanhar o movimento de corpos celestes, rendimento das plantações e ciclo de enchentes. Naturalmente, uma versão das linguagens orais locais foi também, por fim, traduzida em símbolos, e as palavras não administrativas, palavras de poetas épicos orais, meio que entraram no barco, de acordo com essa versão.

O que me espanta é que se aceitarmos essa ideia, então o que pode ter começado como um instrumento de controle socioeconômico foi agora internalizado por nós como uma marca de civilização. Como se ser controlado fosse, por inferência, visto como algo bom, e exibir orgulhosamente a insígnia deste agente de controle – ser capaz de ler e escrever – nos tornasse melhores, superiores, mais avançados. Transformamos um objeto da nossa própria opressão em algo que agora vemos como virtude. Perfeito! Aceitamos a linguagem escrita como algo tão essencial ao nosso modo de vida e a como nos relacionamos no mundo que sentimos e reconhecemos a sua presença como algo exclusivamente positivo, um sinal de iluminação. Acabamos por amar as correntes que nos prendem, que nos controlam, porque acreditamos que elas *somos* nós.

O povo gentil

Em 1971, a descoberta de uma “tribo da Idade da Pedra” numa área remota das Filipinas foi notícia no mundo todo. A *National Geographic* publicou uma matéria grande sobre os gentis Tasaday, que retratava suas vidas como edênicas. Foram mostrados como uma espécie de povo Ur, sem nenhum dos recalques e bagagem que carregamos com nossas problemáticas vidas civilizadas. Descobriram que Xangri-lá existia, e era nas Filipinas.



© John Nance

Os Marcos, de certa forma, ficaram com vergonha de o mundo ver os filipinos em condições tão sem sofisticação (e quinze anos depois, afirmava-se que a descoberta era uma fraude da mídia depois da partida dos Marcos). Essa reação veio depois das visitas de cientistas sociais, jornalistas e documentaristas, cujas intrusões estavam mudando os Tasaday, dizia o governo. Então, Marcos restringiu a área – nenhum visitante poderia perturbar o Éden dos Tasaday – exceto por uma visita de Gina Lollobrigida para um livro e filme em 1976, a neta turista do ditador espanhol Francisco Franco e equipes de médicos à trabalho.

Charles Lindbergh passou vários dias com a tribo em 1971 e 1972, e seu pedido ao governo foi fundamental na declaração da reserva protegida para os Tasaday, que existe até hoje.

Hamilton-Paterson definiu os Tasaday como um claro embuste em seu livro sobre Marcos, *America's boy*, mas retirou essa afirmação alguns anos depois num artigo no *London Review of Books*, percebendo talvez que nas Filipinas as coisas são raramente o que parecem a princípio, mesmo Édens, mesmo fraudes.

Um homem chamado John Nance, que teve vários contatos com os Tasaday, diz que a afirmação de farsa é que era a real farsa:

Os Tasaday em si são autênticos, como concluiu-se em 1987 por uma investigação/audiência aberta congressional que durou quatro meses; pela investigação separada de 1988 realizada pela nova presidente Corazon Aquino; e pelas descobertas de dezoito cientistas sociais – antropólogos, arqueólogos, linguistas, etnobotanistas e um etnólogo – feitas em vinte anos de pesquisa de campo. Nenhum dos antropólogos que diziam que os Tasaday eram uma fraude sequer viu um Tasaday de perto. Foi estabelecido pelo Congresso, pela presidente Aquino e outros, que a campanha de fraude foi organizada por lenhadores, mineradores, rancheiros, políticos locais e tribos vizinhas invejosas que queriam obter as áreas ricas em madeira e reservas minerais na terra ancestral dos Tasaday. A campanha fracassou. Hoje, trinta e oito anos após o primeiro contato, os Tasaday permanecem na terra que ainda leva o seu nome.

Vejo uma placa num prédio em Tacloban que diz: A Ordem Fraterna da Utopia. Um homem passa rapidamente em sua moto com um gorro de Papai Noel se agitando freneticamente.

Narrativa coletiva

Uma última imagem fantasiosa e sexy – Imelda como a deusa mãe provedora, como um grande espírito e também em suas manifestações terrestres.



Kabayanihan. © Leonardo T. Cruz

Embora a fusão da mitologia nacional com as vidas de Ferdinand e Imelda para alinhá-las com seus esforços políticos fosse espalhafatosa, também é bastante óbvia nas maquinações representadas e na imprensa cuidadosamente controlada de muitos outros governos. Às vezes, só conseguimos ver a nós mesmos a partir do momento que nos afastamos o bastante para ter alguma perspectiva. A “história” do triunfo inevitável da democracia (e também da Cristandade messiânica) é um mito poderoso que é vendido com facilidade, uma grande história na qual a mídia frequentemente embarca e aceita como correta e como uma suposição *a priori*. Destino manifesto⁶, a marcha do progresso e o triunfo da civilização são supostamente crenças universais e comuns, até recentemente pelo menos. Uma vez que “histórias” como essas se impõem, são acreditadas e aceitas, tudo que se precisa é fornecer imagens apropriadas, notícias e anedotas para, de modo contínuo, reforçar os mitos e fazê-los parecer inevitáveis e indiscutíveis.

Viver “dentro” de uma história, ser parte de uma narrativa, é muito mais satisfatório do que viver sem uma. Eu nem sempre sei qual é a narrativa, porque estou vivendo minha vida e nem sempre refletindo sobre ela, mas enquanto edito estas páginas estou consciente de que tenho uma certa vontade de ver minha caminhada, às vezes aleatória, como se tivesse um plano, um fim guiado por alguma história subjacente. Imagino que se pudesse me afastar e olhar para a minha vida, eu veria que esta série de encontros e eventos não foram simplesmente aleatórios, que tiveram de acontecer do jeito que foi. Na medida em que a história é reescrita de novo e

de novo, eu começo a imaginar que as nossas vidas aqui têm tantos fios narrativos possíveis – todos existindo ao mesmo tempo como universos paralelos – que o número de histórias humanas é certamente infinito. Heroico, trágico, chato, catastrófico, ridículo e belo. Todos nós vivemos essas histórias e, quase sempre, nossa narrativa inclui mais de uma delas.

¹ N.T.: Meio de transporte mais popular e característico das Filipinas, desenvolvido a partir dos jipes do exército norte-americano deixados lá após a 2^a Guerra Mundial.

² N.T.: Mercado ou área comercial em países árabes.

³ N.T.: Em português, “Branco, Anglo-saxão e Protestante” (*White, Anglo-Saxon and Protestant*).

⁴ N.T.: Personagem do filme *Magical mystery tour* – motorista do ônibus por quem a tia de Ringo se apaixona.

⁵ N.T.: Personagem de *The Professor*, uma peça de William Glette, em que um professor irresistível às jovens alunas desperta a ira dos rapazes de Yale.

⁶ N.T.: Termo que expressa a crença de que os EUA têm uma missão “divina” de se expandir e levar o que acreditam ser suas virtudes e valores além de suas fronteiras.

Sydney

Sydney. Santo *hooley dooley*¹, que cidade mais linda e estranha! Pedalo pelo parque central – o *Domain* [domínio] – assim chamado porque no final dos anos 1700 era terreno particular do governador. Numa área do parque vejo centenas de grandes morcegos pendurados nos galhos das árvores. De vez em quando um deles flexiona as asas imensas. Uma vez, durante um recital de ópera ao ar livre a que assisti no parque, olhei para cima e os vi voando em massa ao pôr do sol, se dispersando pela cidade em busca de insetos e frutas enquanto os cantores gorjeavam árias de *La traviata*. A justaposição de *Domain* – um lembrete linguístico do Império – e estas criaturas gigantes e algo ameaçadoras formava uma bela imagem.



Greg Wood/AFP/Getty Images

Embora tenham se tornado uma das atrações do local, não eram os morcegos aquilo que se pretendia exhibir – era a coleção de árvores e plantas tropicais desta parte do parque. A população de morcegos cresceu e está dizimando algumas das árvores com suas garras e guano. As árvores são bacanas e coisa e tal, mas “Ei, morcegos gigantes!”. Então, agora, existe uma batalha entre os protetores das árvores e os dos morcegos – não sei se alguma organização tem coragem de defender os morcegos. O pessoal do parque tentou fazer os morcegos saírem dali de todos os modos vagamente humanos – acho que odor de jiboia foi um deles – mas nenhum foi bem-sucedido. Este beco sem saída parece uma metáfora para a situação australiana – linda, porém, homem e natureza estão em rota de colisão...

A primeira vez que fui à Austrália, no começo dos anos 80, achei o país repulsivo. Vi o lugar através das lentes do politicamente correto. Do meu ponto de vista, acontecia aqui a mesma merda de sempre, tudo de novo – os colonizadores brancos se estabelecendo ao longo da costa, construindo chalés que imitam os de suas remotas terras natais, fechando os olhos para a sua dominação sistemática e extermínio da população nativa. Senti um vasto continente, na maior parte sinistro e selvagem, com um pouquinho de geleia europeia espalhada nas bordas. Exatamente como as Américas do Sul e do Norte devem ter sido um dia.

A imagem visual, a incongruência que me parecia na época, era desagradável e

perturbadora. Levei algum tempo para superar o choque de ver subúrbios formados por casinhas bonitinhas com jardins quase ingleses numa terra que parecia tão absolutamente pouco apropriada a eles. Para mim, grande parte do sul da Califórnia tem a mesma vibração – um parque temático residencial situado no que é basicamente um deserto.

Aqui está uma vista aérea – boa parte da paisagem é tão aconchegante quanto Marte.



No entanto, após mais algumas visitas, comecei a gostar dos australianos – as pessoas que encontrei eram, em sua maioria, despretensiosas e abertas; a comida e o vinho eram frescos, gostosos e abundantes e o interior um pouco inacessível, mas espetacular.

Como lugar para ciclismo urbano, as cidades australianas são melhores que a maioria das outras no mundo. Sydney é um pouco difícil – a geografia e as artérias movimentadas que ligam os vários bairros não são muito hospitaleiras – mas descobri que Melbourne, Perth e Adelaide são mais amigáveis. O clima é praticamente perfeito, mediterrâneo, e estas cidades, embora sejam um pouco espalhadas, não se comparam em tamanho às dos EUA, portanto pode-se ir de um extremo ao outro da cidade em razoavelmente pouco tempo. Há ciclovias ao longo dos rios que cortam muitas das cidades australianas – vias que acabam levando ao mar, e a cada ano surgem mais delas.

O planejador urbano Jan Gehl foi trazido da Dinamarca há alguns anos e estudou Adelaide, Melbourne e, mais recentemente, Sydney. Os relatórios e recomendações de Gehl para Melbourne, em 1993 e 2005 foram implementados, e como resultado, o centro da cidade todo se tornou um lugar mais habitável. Houve um aumento de 83% no número de residentes nesta região. Isto significa que muitas pessoas agora vivem perto de onde trabalham ou estudam e, portanto, conseguem facilmente resolver a maior parte de suas necessidades de transporte com a bicicleta ou a pé. Parques foram criados, arcadas e becos foram revitalizados e brotaram cafés com espaço ao ar livre – aproximadamente 300 deles. Desnecessário dizer que mais ciclovias foram criadas em toda a cidade. (Falarei sobre a filosofia de Gehl depois.)

Sydney é completamente diferente – é uma estranha mistura de bairros espalhados e distantes em torno de pequenas baías, penínsulas e trilhas antigas. A maior parte da ocupação urbana está do outro lado da baía de Sydney propriamente dita. É necessário atravessar a ponte do porto de carro ou apreciar a paisagem pela balsa para se chegar a estes bairros. Um dia pedalo do centro da cidade até Bondi Beach, que é mais ou menos a leste do centro, do lado de cá da baía. Para uma cidade tão incrivelmente linda, o trajeto é surpreendentemente

difícil e desconfortável. Obviamente, quando chego a Bondi há pessoas surfando no meio da tarde e ainda estamos meio que na cidade.

No dia seguinte decido ir de bicicleta até o Gap, um dos pontos rochosos a leste do centro da cidade que circunda o porto de Sydney como um par de pinças de arenito, uma do lado norte da baía e outra do lado sul. Para evitar algumas das vias maiores que encontrei no caminho para Bondi, tento ficar próximo à margem da água, pedalando ao longo da Baía Rose e por Vaucluse. Casas modestas e despretensiosas contornam as ruas sinuosas. Eu poderia estar numa próspera cidadezinha inglesa, que de algum modo foi içada ao ar e depositada numa ensolarada paisagem semitropical. Ao me aproximar do local, os penhascos à margem do Pacífico fornecem uma vista espetacular – para os mortos. Um cemitério ocupa o que parece ser o ponto mais panorâmico de toda a área.

Você não é bem-vindo aqui

A Austrália é repleta de lembretes desagradáveis da indiferença da natureza em relação aos humanos. Há uma abundância de cobras e sapos venenosos, plantas espinhosas, aranhas tóxicas, poderosas correntes submarinas, poços de areia movediça e desertos infundáveis. Há sempre algo à espreita, lembrando-lhe de que você é apenas um hóspede aqui. É quase como se o mato estivesse sentado como um crocodilo, de mandíbulas abertas, esperando que os desavisados e inocentes perambulem por ali. No filme australiano *Lantana* (nome de uma flor com folhas venenosas), que segue vários casais de Sydney à deriva, um corpo de mulher é encontrado no meio do insidioso emaranhado das plantas locais. Em outro filme, *Picnic at Hanging Rock*, umas garotas numa excursão da escola desaparecem misteriosamente no mato. Nunca mais se tem notícias delas. Para mim, a anomia e alienação que constituem o clima destes filmes quase parecem ser causadas pela vegetação invasiva e paisagem potencialmente hostil. Os cineastas provavelmente veem isso como uma metáfora para seu assunto “real”, mas eu acho que este é o assunto real.

Em uma cidade grande como Sydney, pensa-se estar seguro. Sydney, no entanto, é o lar de uma das criaturas mais perigosas de todas – a aranha-de-teia-de-funil. Lidar com o burburinho urbano não perturbou nem um pouco esta aranha mortal. Ela adora lugares levemente úmidos, e uma toalha caída ao lado da piscina ou no banheiro lhe serve muito bem. Nas palavras do escritor e climatologista Tim Flannery, uma vítima mordida é “imediatamente mergulhada em dor excruciante e logo começa a convulsionar em uma espuma de suor e saliva”. Humanos adultos conseguem suportar por volta de trinta horas disto antes de morrer, mas crianças aguentam apenas uma hora. Para completar o aspecto traiçoeiro da natureza aqui, a peçonha da aranha-de-teia-de-funil é mais ou menos inofensiva para muitos animais, como cães e gatos, mas mortal para humanos. Embora a aranha tenha evoluído muito antes de pessoas terem chegado aqui, parece até que a natureza estava apenas esperando. Como o sul da Califórnia, um lugar com que se parece superficialmente, a Austrália é bela e sedutora, mas pisque e você já era – seja por conta de um desabamento, terremoto, incêndio ou alguma criatura venenosa.

Em Nova York há guaxinins no Central Park e há rumores sobre um castor que se estabeleceu no Bronx. Mas em termos de vida selvagem se impondo aos habitantes da cidade, este país não tem comparação. Em Brisbane houve recentemente um período de chuva que

resultou numa infestação de águas-vivas e equidnas – um pequeno monotremado (da família do ornitorrinco de bico de pato) que possui espinhos como um porco-espinho. As águas-vivas daqui não devem ser enfrentadas. A água-viva Vespa do Mar é um cubo de gelatina particularmente letal. De acordo com uma fonte local, “você não tem chance de sobreviver à picada venenosa, a menos que seja tratado imediatamente. A dor é tão excruciante e esmagadora que é mais provável que você entre em choque e se afogue antes de conseguir chegar à margem”.

Na região de Brisbane foi relatado que os cães locais têm se viciado em lambar sapos-cururus, cujas peles são venenosas, mas que (em pequena quantidade, uma lambidinha) dão barato em cachorros. Alguns cães infelizes exageram e acabam por ter convulsões com espasmos violentos, mas a maioria aprendeu a regular a quantidade de sapo que podem consumir – e depois que uma dose perde o efeito, eles às vezes voltam para pegar mais.

Os sapos-cururus foram introduzidos na Austrália em 1935, na esperança de que comessem o besouro-da-cana, uma peste agrícola. Apesar de serem onívoros, alimentando-se tanto de matéria viva como morta, os sapos-cururus não se interessaram pelos besouros-da-cana. Mas eles se reproduziram prodigiosamente, e sua pele venenosa mata tanto predadores locais como animais de estimação. O suposto exterminador de pestes é agora uma peste. Pessoas morreram em decorrência deles também, porque, como com cachorros, uma lambida de um sapo-cururu pode estimular alucinações que duram por volta de uma hora, e algumas pessoas não são tão espertas como os cães.



David Gray/Reuters

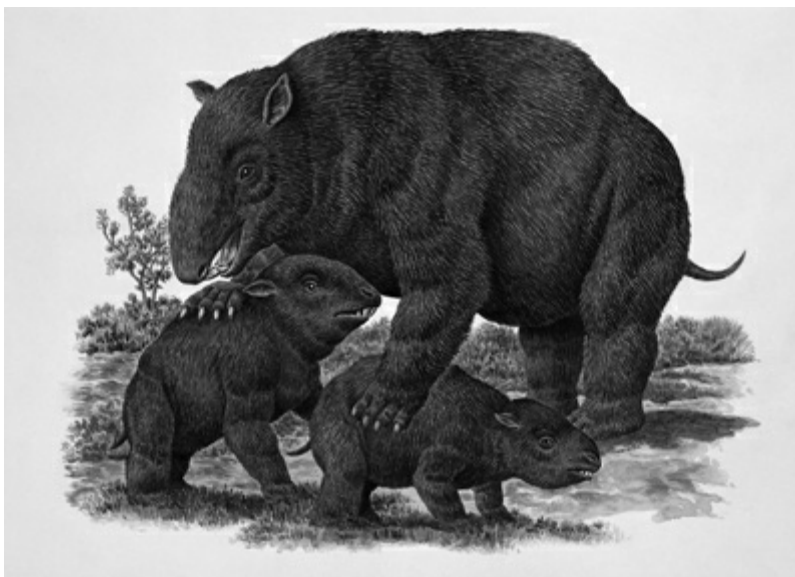
A famosa introdução de vinte e quatro coelhos na Austrália em 1859 (para fins de caça) foi um erro semelhante. Foi um completo desastre ecológico, já que os coelhos aqui comiam todo tipo de vegetação e se reproduziam como... coelhos. Não há na Austrália predadores naturais que possam controlar seu número. Como resultado, uma cerca foi erguida no deserto, indo de uma ponta à outra do continente, na tentativa de limitar o crescimento da população. Em 1950 um vírus foi disseminado para matar os coelhos, o que funcionou – até que eles desenvolveram resistência.

Nem toda forma de vida nativa aqui é hostil. Algumas fazem tudo o possível para nos fazer sentir em casa. O *lyrebird*² imita o chamado de outros pássaros – assim como outros sons que

ouve em seu ambiente. Na série da BBC *A vida dos pássaros*, há cenas em que um *lyrebird* faz uma performance brilhante, primeiro abrindo espaço no mato para seu pequeno palco e depois desafiando todas as suas habilidades acústicas de uma vez num espetáculo de cinco minutos de cantoria. O ciclo de canto é na maioria uma colagem do canto de outros pássaros, mas depois, por incrível que pareça, termina com uma imitação do som do diafragma de uma câmera, o alarme de um carro, alguns passos de madeireiros e, por fim, o som das serras elétricas dos lenhadores cortando uma árvore – estes últimos sons sendo absolutamente precisos, a imitação impecável, como gravações perfeitas!

O reino pacífico

Na época do Pleistoceno, uma “megafauna” gigante habitava a Austrália. Estes animais – o grande *Diprotodon*, parecido com um rinoceronte; o canguru gigante de três metros de altura; um vombate marsupial gigante; *Megalania*, um lagarto goanna com seis metros de comprimento; *Quinkana*, um crocodilo terrestre com três metros de comprimento; *Wonambi*, uma jiboia com sete metros de comprimento; os pássaros *Genyornis* (emus gigantes) e *Dromornis*, que não voam e tinham mais ou menos o mesmo tamanho do grande moa³ – misteriosamente desapareceram da Austrália há quinze mil anos. Supõem-se que as pessoas eram mais ou menos do mesmo tamanho insignificante que são agora.



De Agostini Picture Library/Getty Images

Histórias aborígenes, que foram registradas por toda a Austrália, indicam claramente que estes animais eram parte do meio ambiente dos primeiros homens neste continente, lembrados com temor e espanto – impressões que foram passadas adiante por zilhões de anos, via uma tradição oral única.

A tradição oral aborígene data de... quinze mil anos atrás! Uma continuidade que torna a nossa própria história escrita algo que, bom, não vale o papiro em que está escrita. Pensamos na nossa história como sendo mais sólida, mais real, porque está escrita. Mas a história escrita não chega nem perto desse período. E por que estar escrita a torna necessariamente mais verdadeira e mais real para nós?

Adelaide é uma pequena cidade na extremidade sul do continente – a última cidade considerável antes de chegarmos aos imensos desertos a oeste. Meu nome de deserto favorito – Nullarbor (zero árvores) – fica aqui. Pedalo pela rua principal de Adelaide, passando por grandes construções coloniais antigas com ricos gramados. Um grupo de aborígenes está sentado sobre a grama em um minúsculo parque urbano. Alguns metros adiante, o tráfego ruga pela rua principal e pedestres passam. O pequeno agrupamento de nativos é como de fantasmas vivos, uma lembrança da história profunda desta terra – um lugar agora ocupado por europeus. Estas pessoas são, se não os guardiões da terra, pelo menos seus filhos. Eles nasceram e foram formados por esta terra. Eles não a manipulam, eles a incorporam. (Admito que talvez esta seja uma interpretação romântica minha.)

O fato de eles escolherem se reunir num pedacinho de gramado no meio da cidade, claramente visíveis a todos que passam, mas serem geralmente ignorados e invisíveis é portentoso, significativo. É um sinal, um lembrete, um painel vivo que nos alerta para a superficialidade de todos os nossos prédios, do barulho e da agitação de nós mesmos, em meio a tudo isso. A presença física deles diz que há uma história geológica e biológica lenta e profunda que este novo mundo europeu colonialista tenta obscurecer em silêncio com incontáveis novidades e um frenesi de comércio. Eles são um sinal vivo, um “foda-se” vivo para as torres de escritórios imponentes e gramados bem-cuidados.

Continuo seguindo para oeste e pedalo até a praia seguindo uma ciclovvia ao longo do rio Torrens, que atravessa o centro de Adelaide. A trilha passa por campos de eucaliptos (*gum trees*, como são chamados aqui), onde convivem pássaros *magpie* e pelicanos.



Os eucaliptos começam a escassear, logo desaparecendo por completo, e o rio deságua no mar. É uma tarde de domingo, faz calor, mas há apenas seis pessoas nesta parte da praia. Em outros continentes, se esta praia fosse próxima assim de uma cidade deste porte, ela estaria lotada num dia como hoje. Haveria vendedores ambulantes vendendo tranqueiras e carros estacionados nas redondezas. O país inteiro parece tão novo – para os colonizadores europeus, pelo menos – que mal houve tempo para invadi-lo demais.



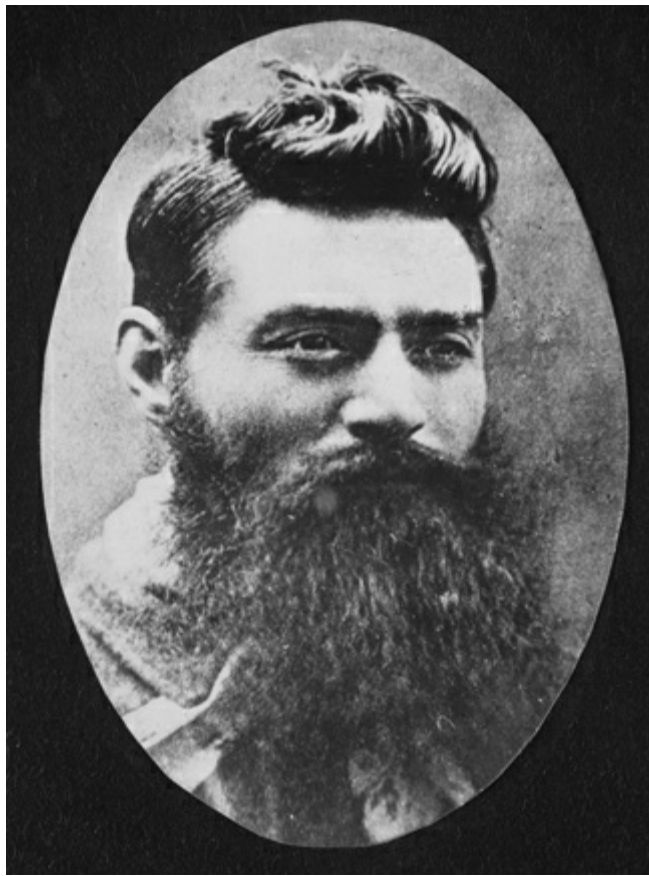
Mais adiante na praia, na cidade de Charles Sturt, há cafês e restaurantes com vista para o oceano. Peço uma cerveja, umas lulas e vários patês vegetais, todos deliciosos.

A comida despretensiosa desse café é incrível. Os imigrantes mediterrâneos da Austrália tiveram uma influência positiva e profunda, inclusive na cozinha. Comi um polvo simples com salada que estava muito, muito melhor que os mirrados tentáculos servidos em alguns dos melhores restaurantes de Nova York. Este parecia um bife, mas com ventosas do lado.

Melbourne

Em Melbourne ando de bicicleta à margem do rio e, por acaso, pego a abertura de um novo parque no centro. É o dia da Austrália, portanto há várias festividades no parque. Os aborígenes veem esse dia como uma comemoração da implantação da vergonha, horror e degradação. Decido prestar homenagem à lenda fora-da-lei local, Ned Kelly, então atravesso a cidade de volta na minha bicicleta até a exposição na cadeia onde ele foi executado.

Esta é a fotografia de Ned tirada no dia em que ele foi enforcado, parecendo mais um elegante *sadhu*⁴ que um fora-da-lei.



Cortesia de State Library of Victoria, foto de Charles Nettleton

Parece ter havido várias circunstâncias atenuantes na história de Kelly. Ele era irlandês, e na época as autoridades eram todas inglesas, que viam os irlandeses como cães e se referiam a eles como tal. Ele pode ter sido tratado injustamente antes de se tornar um criminoso, o que acabou levando-o a uma vida de fugas e a suas batalhas mortais com a polícia. Em preparação para um confronto final, Kelly montou para si mesmo uma armadura caseira na esperança de sobreviver ao ataque iminente. Ele também sabia que ele e sua gangue estavam numa posição sem esperanças, portanto, parte do plano era apenas derrubar o maior número de policiais que conseguissem antes que um tiro de sorte o levasse. Ele foi vencido por um homem que o acertou nos joelhos.



Cortesia de State Library of Victoria

O Centro Vermelho

Estive na Austrália várias vezes, e os locais sempre diziam que eu não teria visto seu país até que eu tivesse conhecido o interior. Decido aceitar o desafio e dirigir pelo Centro Vermelho com um itinerário vago que incluirá Uluru (a Rocha Ayers), Alice Springs e Kings Canyon.

Chegando em Alice Springs, vejo aborígenes por toda parte – diferentemente das cidades costeiras – embora quase todos na cidade estejam relaxando nos parques sob a sombra das poucas árvores. Consigo uma permissão para passar por terras aborígenes e vou em direção oeste em um carro alugado. Não demora muito e todos os traços de presença humana começam a desaparecer, embora eu consiga captar um jogo de críquete no rádio por algum tempo. Já se perguntou o que seria mais chato do que assistir a um jogo de críquete? Bom, eis a resposta.

Logo não há mais marcos, nem postes de telefone ou eletricidade ao longo da estrada (ou alguma vista em qualquer lugar), e nenhum sinal de habitação humana até onde o olho pode alcançar. O jogo de críquete vai sumindo. Mesmo que os sinais de humanidade europeia estejam diminuindo, ainda estou numa estrada asfaltada – por enquanto.

Devo soar como o bonzão da cidade grande, mas mesmo nos confins mais distantes do Oeste Americano pode-se ver linhas de alta tensão ao longe, alguma espécie de antenas em

topos de montanhas distantes, um barraco ou estrutura decrépita qualquer. Aqui, não há nada. Não vejo um carro há pelo menos uma hora – e esta é a estrada principal da região.

Os aborígenes, tradicionalmente nômades, tendem a deixar poucos rastros de sua existência na terra – pelo menos nenhum que eu consiga ver – embora eu ocasionalmente veja um veículo abandonado ou incendiado ou um pneu preso numa árvore morta, algumas vezes colocado ali para marcar uma saída completamente invisível.



Uma hora, quando a estrada entra em terras aborígenes, ela se torna uma estrada de terra e qualquer trânsito que eu tenha visto na estrada pavimentada desaparece completamente. Ao longe há fileiras de colinas, uma formação vagamente circular que, do modo como aparece no mapa, parece ser os restos de uma cratera de meteoro gigantes atirados longe. Um grupo de camelos atravessa a estrada. Camelos! Parece que os camelos foram importados, bem como a força de trabalho afegã, para transportar bens de Adelaide a Alice Springs, até que a ferrovia fosse completada em 1929. Depois que deixaram de ser necessários, os camelos foram simplesmente abandonados. Oitenta anos depois, eles ainda estão vagando por aqui.

Paro e faço uma curta caminhada pelo deserto. Da janela do carro a maior parte da vegetação parece ser gramínea, similar às suculentas do Novo México ou do oeste do Texas. Fico imaginando, se a vegetação é parecida, por que não há gado pastando aqui? Alguns passos à frente e obtenho minha resposta. Estas “gramas” são espinhosas, quase dolorosas se tocadas ou encostadas.

O que quer que seja que os camelos (e cangurus) estejam comendo, provavelmente não é isto.

A trilha desce ocasionalmente para o que se pode chamar de arroios – leitos de rio secos – que em muitos casos são arenosos. Fico feliz por ter alugado um veículo 4x4. À medida que me aproximo do terceiro arroio, ao passar por um ponto alto, vejo algo lá embaixo no leito do rio. É uma família assustadoramente queimada de sol de pé em volta de sua perua (sem tração nas quatro rodas), que está profundamente encalhada na areia, me encarando. Atravesso a areia até a outra margem e saio para ajudar no que for possível.

Eles estavam ali há horas e eu fui o primeiro carro a passar. São de Melbourne. Sendo locais, eles não deveriam saber o que estavam fazendo? O pai está com o porta-malas aberto e, quando me aproximo, ele enfia a mão na geladeira portátil, cheia de cervejas, e me entrega uma gelada. Uma *tinny*, acho que é assim que a chamam aqui. VB, a melhor de Melbourne – embora eu prefira Cascade, a cerveja tasmaniana com o extinto tigre da Tasmânia no rótulo.

A família vermelha precisa sair de debaixo do sol. Sugiro que se o pai quiser ir na frente eu posso empurrá-lo com meu carro, mas o pai parece temer que o empurrão possa amassar sua perua – ou chacoalhar as cervejas, talvez. Ele prefere ser rebocado, mas nenhum de nós tem uma corda. Seu gancho é na parte de trás do carro, portanto o único jeito de movê-lo é puxá-lo de volta para onde ele veio. Posso sentir que na verdade o pai não quer ir para trás, mas é o único jeito que eu poderia arrastá-lo. Ele tira um encerado de algum lugar e diz que se talvez o torcermos e enrolarmos poderia funcionar como uma corda. Vale a pena tentar. Amarramos as traseiras de nossos carros uma na outra e começo a avançar de leve. O encerado se tensiona e o nó que o prende ao carro dele escorrega. Mas o encerado não se rompe nem se rasga. Ele o amarra mais apertado e eu avanço ainda mais lentamente – e polegada a polegada trago seu veículo de volta ao chão firme.

Estou pensando, legal, bom trabalho, mas o pai está com uma cara de quem está pensando. Ele está pensando em tentar atravessar a armadilha de areia da qual eu acabei de puxá-lo e seguir para sei lá onde ele se dirigia. Ele quer tentar atravessar novamente! Dou a entender que há várias outras destas armadilhas de areia mais à frente, já que passei por elas. Digo a ele que é sua decisão, mas eu não vou ajudá-lo pela segunda vez e eu não vou voltar por este caminho. Preparo-me para ir embora. Ao me afastar posso ainda vê-lo pensando se leva sua família para dentro do poço de areia novamente ou não.

Alguns dias depois chego a Uluru (também conhecida como Rocha Ayers) e Kata Tjuta, outra formação rochosa isolada no meio do nada. Ambas ficam em terras aborígenes, e os aborígenes coadministram o parque.

Nós, os tradicionais proprietários do Parque Nacional Uluru-Kata Tjuta, somos descendentes diretos dos seres que criaram nossas terras durante o Tjukurpa (Tempo da Criação). Sempre estivemos aqui. Nos chamamos Anangu, e gostaríamos que você usasse este termo ao se referir a nós.

Os Anangu também preferem que não se escale a rocha, por ser um lugar sagrado para sua cultura, mas seus desejos são claramente ignorados neste caso: há uma corda e outros objetos presos a um dos declives mais suaves da rocha, portanto, algumas pessoas estão fazendo a escalada. Em vez disso, decido correr ao redor da rocha, já que é bem cedo e ainda está fresco. A volta dá cerca de três a quatro quilômetros. Há diversas cavernas e recessos cobertos ao longo da base da rocha, cheias de pinturas e desenhos Anangu.



As pinturas e desenhos nas cavernas são um palimpsesto: cada geração parece ter o mais completo desrespeito pelo trabalho de seus predecessores. Eles pintam e desenhavam diretamente sobre o trabalho anterior, sem se preocupar em liberar uma área ou encontrar uma superfície de pedra que não tenha sido desenhada. Isso me faz pensar que os desenhos e pinturas em si não são o que importa neste caso, mas sim o ato de colocá-los e criá-los. Os desenhos são simplesmente o resíduo deste ato.

Logo acima do horizonte de Uluru fica sua impossibilidade gêmea, Kata Tjuta. Este afloramento se parece com gigantescas bolhas de massa crescida e que então começou a se curvar e despencar para o lado com o próprio peso. Escalá-la é politicamente aceitável, embora visualmente seja um pouco como entrar num “cofrinho” gigante.



De volta ao motel-bunker, a noite já se aproxima e eu dou uma volta pelo deserto novamente. Agora consigo ver pequenos sinais de vida. A seguir está uma foto de um formigueiro, rodeado por folhas de eucalipto que a colônia juntou.



Por algum motivo, ao examinar o formigueiro, desabo e começo a chorar inexplicavelmente. Suspeito que a paisagem desolada e a geografia estranha por que tenho passado possam ter tocado algo profundamente pessoal – mas não sei o quê. No final, as lágrimas são catárticas, embora eu não saiba por que, ou o que exatamente possa ter sido resolvido. Gostaria de pensar que acabei de passar por algum rito de passagem existencial cósmico, deflagrado por um formigueiro, mas suspeito que a explicação seja mais mundana. Seria lindo pensar que a cúpula cheia de estrelas lá em cima e as pequenas criaturas correndo para lá e para cá tenham colocado a mim, a formiga humana, em meu lugar, e me feito ter uma epifania sobre minha sagrada insignificância. Mas considerando que estou a alguns metros de um quarto de hotel horrível feito de blocos de concreto com uma minigeladeira barulhenta, duvido.

- ¹ N.T.: Expressão australiana de surpresa, espanto.
- ² N.T.: Pássaro australiano cujo macho tem cauda em forma de lira.
- ³ N.T.: Ave não voadora extinta.
- ⁴ N.T.: Iogue asceta ou monge hinduísta.

Londres

Londres não é uma cidade planejada, o que pode ser tanto bom como ruim para quem anda de bicicleta. Conhecendo bem as ruas, você pode ziguezaguear pela cidade e escapar das grandes e congestionadas avenidas que serpenteiam através do labirinto de ruas menores. Usando essas artérias secundárias, é possível chegar até o seu destino percorrendo mais ou menos a menor distância entre dois pontos. Por outro lado, como não sou um nativo, acabo tendo que consultar o mapa várias vezes, já que as longas ruas daqui podem fazer com que as pessoas se percam — você pode, por exemplo, estar indo para noroeste e não para oeste sem nem se dar conta e ir se afastando gradativamente do seu caminho por quilômetros.

Londres é enorme para uma cidade antiga. A maioria das capitais europeias é bem compacta, mas Londres, que na verdade é uma junção de vilarejos menores, tem vários centros, e seus lugares interessantes podem estar a quilômetros de distância uns dos outros. Como resultado, suas pedaladas podem ser longas e árduas. Isso não implica necessariamente uma viagem mais demorada do que se você fosse de metrô, mas às vezes eu chegava meio suado ao meu destino.

Depois de muitos anos, aprendi a não preencher todos os meus dias de viagem só com trabalho e a separar um pouco de tempo livre, um respiro, para que eu pudesse manter a sanidade apesar da sensação de deslocamento que acompanha essas viagens. Vagar pelas ruas limpa a sua cabeça de problemas e preocupações que podem estar se esgueirando lá dentro e, às vezes, pode até ser inspirador. Eu prefiro ir a exposições de arte contemporânea por ser uma área com a qual estou envolvido, mas os museus médicos, industriais e o Museu Nacional de Patinação em Lincoln, Nebraska, foram todos igualmente interessantes e ótimos destinos turísticos — embora muitas vezes o mais legal fosse o que eu via pelo caminho até eles.

A polícia interior

Pela manhã, pedalo rumo ao leste, saindo do hotel em Shepherd's Bush e atravessando a cidade até a Galeria Whitechapel, onde tenho uma reunião com Iwona Blazwick, a diretora, sobre uma possível conversa mais séria depois do outono. Isso me faz passar mais ou menos em linha reta por Londres, de leste a oeste, ao norte do rio Tâmesa. Eu poderia ter ido por uma avenida de várias faixas que vai até lá (de Westway até Marylebone Road e Pentonville Road — que são todas a mesma avenida na verdade), mas prefiro passar pelos pontos mais famosos da cidade, coisa que, segundo Henriette Mortensen, da Gehl Architects, um grupo dinamarquês de consultoria e planejamento urbano, é uma espécie comum de instinto urbano. Ela me disse que em certas partes de Nova York há pouquíssimos pontos reconhecíveis, o que deixa as pessoas um pouco desorientadas às vezes. Não que elas fiquem totalmente perdidas — embora isso possa acontecer com turistas — mas o nosso limitado senso instintivo de localização exige mais referências em algumas áreas.

Em várias cidades, esses marcos são prédios famosos, pontes e monumentos. Um arco do

trunfo, uma velha estação de trem ou uma praça com uma torre ou uma igreja no meio são exemplos comuns. Em diversos lugares, tudo isso foi construído em épocas de prosperidade, o que me faz pensar se os arranha-céus de aço e vidro que estão surgindo por toda parte agora — alguns com formas malucas, parecidos com picles ou pirâmides de ângulos agudos — algum dia serão vistos pelas gerações futuras como os marcos charmosos que dão identidade às suas cidades. Será que no futuro esses bizarros monólitos de aço e vidro espelhado poderão causar o mesmo impacto que a Torre Eiffel, o Zócalo e o Arco de Mármore causam hoje?

Meu caminho passa pelo Hyde Park, o Arco de Mármore, o Palácio de Buckingham, Piccadilly Circus, a região dos teatros e o Mercado de Spitalfields. Não é a rota mais curta até Whitechapel, mas zanzar de um marco histórico a outro me dava a sensação de estar em um gigantesco jogo de tabuleiro — e era muito gratificante. Cada marco fica bem perto um do outro, então a jornada rumo ao meu destino era como uma série de passos gigantes.

Assim que eu chego, nós conversamos tomando chá e Iwona me fala que esteve há pouco tempo no Irã para visitar alguns dos artistas de lá. Ela me conta que a maioria deles é surrada regularmente por agentes do governo e que eles já incorporaram isso aos seus estilos de vida e à forma de se vestirem, usando seis calças nos dias em que serão espancados.

Não por acaso, o rumo da conversa volta-se então para as sociedades patriarcais, e ela comenta que as sociedades que dividem os sexos às vezes fazem isso para encorajar a violência e a agressão; para que as pessoas sejam mais belicosas.

Em um dado momento, para exemplificar essa ideia de que pessoas oprimidas se tornam opressoras, ela menciona a agressividade da dominação de Israel sobre os palestinos e o comportamento agressivo dos israelenses como se isso fosse um fato incontestável. Eu não discordo totalmente, mas fico surpreso por ouvir isso sendo dito assim tão abertamente. Nos EUA, e ainda mais em Nova York, existe uma censura interna não muito sutil que cerceia declarações como essa. As pessoas nunca fazem comentários desse tipo, e, se fazem, são alvo de olhares reprovadores ou acusações de antissemitismo.

Eu me pergunto quantos outros aspectos do pensamento norte-americano também sofrem essa autocensura. Vários, imagino eu. Toda cultura precisa ter suas zonas proibidas. Uma “polícia interior”, como dizia William Burroughs. Mesmo que nós às vezes ostentemos a liberdade de expressão como uma virtude absoluta, uma dose de autocensura pode ser aceitável. Há diversas situações em que nós embarcamos em cruéis devaneios de vingança contra motoristas que nos fecharam no trânsito ou sobre o que faríamos com uma pessoa mal-educada que está do outro lado da linha no telefone, mas nem sempre damos vazão a esses sentimentos. Bom, não de verdade. Da mesma forma, um grosseirão pode até externar seu desejo sexual por alguém estranho, mas pessoas mais “refinadas”, que também podem se sentir atraídas pelas pernas de uma mulher bonita ou pela virilha de um homem, em geral guardam esse tipo de coisas para si mesmas. Isso faz parte do contrato social. É assim que convivemos. A autocensura é inerente à nossa condição de animais sociais e, nesse sentido, nem sempre é algo negativo.

Quase sempre tentamos não insultar ou atacar as crenças religiosas dos nossos amigos. Na verdade, o próprio tópico sobre as crenças religiosas de cada pessoa, muitas vezes, é visto como algo inadequado durante uma conversa casual. Da mesma forma, nós em geral não

fazemos brincadeiras com os familiares de uma pessoa na frente dela — pais, filhos ou irmãos. Só ela mesma tem permissão para fazer isso. E a maioria de nós também evita fazer críticas diretas sobre a aparência física dos outros. Não falamos nada quando vemos alguém gordo, malvestido ou com o cabelo esquisito.

Mas aquilo a que Burroughs se referia vai além disso. Ele concluiu, com toda razão, imagino eu, que nós muitas vezes chegamos a um ponto em que a autocensura de algumas ideias pode ser internalizada, e não só as que poderiam ser vistas como um comentário grosseiro. Nesse ponto, pensamentos “maus”, inadequados, politicamente incorretos e não ortodoxos podem nem sequer surgir em nossas mentes. E quando surgem, acabam sendo reprimidos tão rápida e inconscientemente que é como se eles nunca tivessem existido. Em seguida, eles param de se manifestar por completo. Freud notou isso e supôs que esses pensamentos proibidos se acumulam e proliferam em algum lugar: segundo ele, a lixeira nunca pode ser esvaziada apenas jogando fora essas ideias de forma consciente ou intelectual. Para Burroughs, essa censura é prova de uma espécie de controle mental — uma instância da sociedade que limita não só o que nós fazemos e dizemos, mas o que nos permitimos pensar. Para ele, isso é um exemplo de como o policiamento religioso ou o departamento de segurança nacional finalmente conseguiram entrar nas nossas cabeças para instalar um pequeno policial ali. E esse tipo de censura é perfeito — uma vez que você autocensura certas ideias, não há mais a necessidade de uma agência externa de monitoração.

Quando esse nível de autocensura é alcançado, você nem percebe mais o que está acontecendo. Nesse ponto, você age como se não houvesse censura alguma, e acha que seus pensamentos na verdade são livres e independentes. E é bem provável que a fonte externa ou o legislador dos seus pensamentos — o governo, a mídia, seus amigos, seus pais — também esteja convencida de que esses pensamentos nem sequer são possíveis, de que eles não existem. Depois disso, não há mais nem como pensar além de certos limites tratando-se de certo tipo de ideias. Tudo, até o criador desses limites, está dentro dessas limitações.

Vida no campo

No caminho de volta ao hotel, atravesso o Hyde Park. O sol está brilhando forte, o que é raro nesta cidade. Há várias pessoas passeando com o que me parecem ser cães de gente rica. Eu só encontro raças seletas pelas ruas: *setters* irlandeses amarelos, *terriers* escoceses (brancos em maior parte) e um ou outro galgo. Quase nenhum outro membro do mundo canino pode ser visto. O mesmo serve para as pessoas — só algumas poucas espécies parecem andar pelo parque.

Passo pelo que suponho ser uma senhora de classe alta com seus filhos. Ela está com um traje completo — casaco de caça verde, calça bege e botas Wellington. Será que ela está planejando uma tarde radical? Achar uma área mais macia no gramado para afundar as botas na lama? Caçar alguns dos patos ou gansos do parque? (As cores que ela está usando serviriam como uma ótima camuflagem.) Os filhos dela também estão vestidos para um “passeio no campo”. Versões em miniatura da mamãe. É incrível como embora estejam no meio de uma das maiores cidades do mundo, eles ainda possam fingir para si mesmos que estão no alto das montanhas escocesas. Bom, nem tanto — nós sabemos que aqui, mais do que

na maioria dos outros lugares, as roupas servem como indicação da sua classe social.

Depois de almoçar no hotel, saio de novo, desta vez pelo calçadão ao longo da margem norte do rio até chegar à Torre da Ponte, que está cheia de turistas, onde eu sigo pelo sul sobre a ponte até uma pequena rua lateral onde fica o Museu de Design. Tom Heatherwick é curador da Conran Foundation Collection Show, exposição instalada com maestria, hilária e emocionante. A exposição é composta por trinta mil libras — o orçamento do projeto — das coisas mais estranhas que ele conseguiu reunir; algumas são obras de alto design, mas a maioria não. O interessante é que esse projeto não tem nada a ver com a loja Conran, a não ser pelo fato de que Sir Conran faz parte do conselho do museu e patrocina essa exposição em particular. É claro que a maioria dos objetos que Heatherwick escolheu passa longe do alto design e na verdade são coisas que qualquer um pode ter em casa. Com cada item disposto dentro de sua própria vitrine modular de madeira, essa instalação permite que você analise as coisas, de mais elevada ou mais humilde procedência, uma a uma; suportes para creme dental, bugigangas estilosas de alta tecnologia, pentes de plástico e embalagens de Cup Noodles.



© Steve Speller

Tempos atrás, já seria considerada radical a simples ideia de se exhibir objetos de produção em massa em um mesmo lugar dedicado a belas artes — museus com iluminação requintada e pequenas placas explicativas. Agora, por implicação e extensão, potes de Cup Noodles exibidos ao lado de objetos mais caros de design se tornaram coisas iguais. Somos convidados a ver a elegância ou ao menos a devida inovação e inteligência em tralhas banais do dia a dia, que em geral passam despercebidas. Como esse tipo de coisa faz parte do nosso cotidiano, dia após dia, muitas vezes nem reparamos mais nelas. Nós as aceitamos como são, comuns, indistinguíveis, e nos esquecemos de que em algum momento elas foram projetadas por alguém e podem ser de fato objetos elegantes, eficientes e até bonitos.

Depois de ver a exposição, tomo um chá com a (agora ex) diretora do Museu de Design, Alice Rawsthorn, que consegue entrar em sérias discussões filosóficas mais rápido do que qualquer outra pessoa que eu já conheci. Ela logo me perguntou se eu já tinha conhecido alguém realmente interessante entre os jornalistas que me entrevistaram nos últimos tempos.

Respondi comentando uma ideia que me ocorreu em relação à imagem das pessoas criativas, especialmente artistas como eu. O público tende a pensar que o trabalho criativo é a expressão de um desejo ou paixão já pré-existente, uma sensação que se manifesta, e de certa forma, isso até é verdade. Como se um violento rompante de paixão, fúria, amor, sofrimento ou desejo dominasse o artista ou compositor, como poderia acontecer com qualquer um de nós, mas com a diferença de que os artistas não têm outra alternativa a não ser expressar esses sentimentos através de algum meio criativo. Sugerir que, na maioria das vezes, a obra de arte é uma espécie de ferramenta que lança uma luz sobre esse caldo emocional. Ao escrever ou cantar uma música, os cantores (e provavelmente os ouvintes também) não se utilizam de emoções, ideias e sensações pré-construídas, pois usam o ato de cantar como um recurso capaz de reproduzir e resgatar esses sentimentos. A música remonta a emoção — não é a emoção que produz a música. Bom, a emoção teve que estar presente em algum momento na vida da pessoa para que algo possa ser resgatado, mas me parece que esse recurso criativo — se uma obra de arte puder ser encarada como um recurso — consegue invocar sensações de paixão, melancolia, solidão ou euforia, embora ele não seja em si uma expressão, um exemplo, um fruto dessa paixão. O trabalho criativo é na verdade semelhante a uma máquina que escava e encontra coisas, elementos emocionais que servirão algum dia como matéria-prima para que mais coisas sejam produzidas, coisas como ela mesma — uma argila disponível para usos futuros.

Forma é função

Volto para oeste, desta vez pelo calçadão de pedestres que se estende ao longo de South Bank, e sigo ao norte pela Ponte de Waterloo até chegar ao Museu Britânico, onde há uma exposição de gabinetes de curiosidades chamada Iluminismo. De certa forma, parece-me que o ato de se colecionar “curiosidades” e a busca por uma visão iluminada do mundo são coisas quase mutuamente excludentes, ou que pelo menos nem sempre estão ligadas uma a outra. Aqui, no entanto, elas se fundiram, talvez pelo fato de que uma atividade e uma visão de mundo se sobrepuseram no tempo.

Nessas *Wunderkammern*, os gabinetes de curiosidades, existem diversos itens — animais em vidros de formol, livros e tratados estranhos, esculturas antigas, objetos sagrados de outros países — que foram agrupados de forma muitas vezes totalmente arbitrária por Sir John Soane e outros colecionadores da época, seguindo qualquer critério que lhes parecesse adequado, fosse pela forma, material ou cor dos objetos. É possível encontrar, por exemplo, um grupo de objetos esféricos de várias partes do mundo e depois um outro grupo só com itens afiados e pontiagudos. Muitos desses objetos não tinham nada em comum a não ser suas formas semelhantes. Não é bem o que se poderia chamar de um método científico rigoroso e iluminado de categorização, mas pensando agora, acho que em um mundo realmente iluminado, todos os objetos verdes estão sim correlacionados de certa forma, mais do que por serem verdes, mas talvez de alguma maneira que ainda não compreendemos, assim como todos os objetos hexagonais também podem ter traços em comum. Talvez algum dia esses agrupamentos malucos não sejam mais totalmente arbitrários.

Uma forma de taxonomia pode ser tão boa ou válida quanto qualquer outra, mesmo que nós

só venhamos a entender isso no futuro, quando algum estudo científico “descobrir” que formas hexagonais ou esféricas, ou cores ou texturas similares de alguma forma determinam o conteúdo do objeto, assim como a forma de uma molécula de DNA define e é sua função. A forma não é uma *consequência* da função nesse caso — a forma é a função. Talvez a genética esteja à beira de uma grande descoberta como essa; algo que irá além da nossa compreensão do DNA, com base nas estruturas moleculares comuns entre as espécies e formas de vida. Em seu livro *Na língua dos bichos*, Temple Grandin sugere que todos os animais com manchas brancas nos pelos são mais propensos a serem menos tímidos do que seus parentes. À primeira vista, esse conceito pode parecer totalmente irracional, como se a cor do meu cabelo pudesse servir como indicativo ou até mesmo fator determinante da minha personalidade. Mas se uma noção como essa for comprovada, não estaremos muito longe de aceitar “objetos pontudos” e “objetos esféricos” como classificações legítimas.

De certa forma, é como a magia imitativa: a popular concepção ocidental de que rituais “primitivos” imitam aquilo que buscam alcançar — que objetos fálicos podem aumentar a potência masculina e que encenar uma tempestade possa provocar uma chuva. Eu desconfio de conexões tão óbvias assim e suspeito que as ligações entre as coisas, pessoas e processos podem ser igualmente irracionais. Acho que o mundo pode ser mais etéreo, metafórico e poético do que nós imaginamos — mas tão irracional quanto a magia imitativa, quando visto por um viés tipicamente científico. Não ficaria surpreso se a poesia, em sua concepção mais ampla, no sentido de um universo cheio de metáforas, rimas e padrões, formas e estruturas recorrentes fosse a verdadeira forma de funcionamento do mundo. O mundo não é algo lógico, é uma música.

Volto pela Oxford Street, que está um inferno com todos os seus táxis e ônibus de dois andares, e continuo rumo ao sul pelas pequenas ruas do SoHo. Paro para ver uma enorme manifestação muçulmana na Trafalgar Square com várias faixas pedindo que todos (“todos” no sentido de muçulmanos e cristãos) convivam em paz e tentem respeitar e entender uns aos outros. Várias pessoas rezando e cantando. Eu me pergunto se “respeito” nesse caso não é na verdade um código secreto para “chega de ofensas em cartuns dinamarqueses”. Esses cartuns publicados há pouco tempo apenas confirmam aquilo que os muçulmanos já suspeitavam se passar na mente dos infieis sobre o Islã. As entrelinhas — que o ocidente encara os muçulmanos como pessoas sujas, cúmplices barbados de terroristas ou traficantes de armas — podem ser lidas e entendidas em vários artigos de jornal, filmes de ação, reportagens com o suposto embasamento de especialistas na Fox News e em vários discursos políticos ocidentais. Não é como se esses programas e filmes simplesmente dissessem essas coisas abertamente, mas é bem fácil captar a mensagem implícita.

De volta ao hotel, dou uma olhada pelo elegante saguão de entrada. Em maior parte, os funcionários parecem ser jovens russos e italianos vestidos de preto. Dois executivos africanos de terno estão sentados em um sofá perto de mim, folheando seus jornais. Esperando. Um jovem japonês pede um táxi. Vejo casais saindo dos elevadores. Alguns são quase da minha idade (eu já passei dos cinquenta). Imagino que sejam pessoas do interior que não me parecem estar aqui para um encontro amoroso ou viagem de negócios. O que as trouxe até aqui? O som ambiente do bar ao lado está começando a tocar música disco agora que a noite se aproxima, e o saguão, todo escuro e tomado por essa atmosfera, começa a se transformar em algo mais parecido com uma boate do que um hotel. Os casais e turistas agora

me parecem bastante deslocados, como se o saguão de hotel que eles tinham visto à tarde tivesse se transformado sorrateiramente em uma casa noturna enquanto eles passeavam pela cidade.

Mundo baseado em fatos reais

Segundo o jornal *The Independent*, depois da 2ª Guerra Mundial, uma série de estudos e relatos de oficiais militares estima que apenas um entre cada quatro soldados realmente chegou a atirar contra o inimigo. Os outros não estavam psicologicamente preparados para matar e simplesmente não atiravam. Isso irritava muito os comandantes. A imagem cristalizada que temos dos soldados correndo para a batalha e tiros voando para todos os lados simplesmente nunca aconteceu. Um homem chamado Dave Grossman foi trazido para resolver esse problema. Ele usou a técnica de “condicionamento operante”, um termo da psicologia skinneriana, em conjunto com estímulos que reproduziam as condições reais de combate. Antes, os treinamentos com armas de fogo se concentravam mais em disparos contra alvos distantes e na precisão da pontaria. As técnicas de condicionamento psicológico de Grossman foram aprimoradas ao longo dos anos com a chegada de simuladores — aparelhos muito semelhantes aos atuais jogos de tiro em primeira pessoa (o que até nos faz pensar se os militares não merecem um pouco do crédito pela criação de softwares que acabaram se tornando jogos de videogame). O desempenho dos soldados treinados usando essas simulações quadruplicou e assim foi comprovada a extrema eficácia dessa técnica.

Com base nessas evidências, Grossman escreveu um livro chamado *On killing* e desde então se tornou um crítico do impacto gerado pelos videogames, afirmando que eles na verdade estão transformando os jogadores adolescentes em máquinas de matar. Ele acredita que os jogos de tiro ensinam os jovens (e *nerds* frustrados) a adquirirem um instinto assassino, agilizando reflexos e anestesiando inibições. Ele tem uma página na internet sobre isso: www.killology.com.

Isso se parece muito com as reclamações de pais conservadores chocados após terem visto seus filhos jogando *Grand theft auto*. Matar soldados em jogos de guerra ou trucidar zumbis é algo muito comum entre garotos na adolescência, e a maioria deles acaba crescendo e percebe que tudo é só uma brincadeira. Mas Grossman, um especialista no assunto, se é que isso existe, parece afirmar que alguns limites foram cruzados.

Da mesma forma, o recém-falecido professor de comunicação George Gerbner afirmava que, se consumida em quantidade suficiente, a mídia moderna, como a tevê, pode substituir a realidade das ruas pela sua própria realidade “*in loco*”. Segundo ele, pessoas que assistem tevê demais começam a viver suas vidas como se a realidade da tevê fosse um reflexo fidedigno do mundo lá fora. Depois de um tempo, a realidade da tevê acaba subjugando o mundo “real”. E levando-se em conta o que acontece na tevê, essa versão televisiva da verdade pinta o mundo como um lugar perigoso e infestado de criminosos, personagens suspeitos e trapaceiros — e com uma porcentagem bastante hiperbólica da população dedicada à manutenção da lei. As cidades retratadas na tevê estão repletas de homens e mulheres descaradamente sensuais, estereótipos de pessoas bizarras e agentes corruptos, além dos policiais que estão lá para enfrentar todos eles. É um mundo que parece se dividir entre

jovens bonitos e baladeiros, criminosos e oficiais da lei. Segundo Gerbner, essa visão distorcida do mundo tende a se transformar em uma profecia autorrealizável até certo ponto. Quando uma população saturada pelas imagens da tevê começa a agir como se a realidade televisiva fosse real, e passa a se comportar dessa forma — reagindo, segundo a hipótese de Gerbner, com medo e suspeita a um mundo visto como um lugar povoado em maior parte por traficantes e golpistas — o mundo real acaba se ajustando para se enquadrar nessa ficção. A verdade é que existem sim elementos como policiais, traficantes, prostitutas baratas e pessoas bonitas com comentários sagazes e espirituosos na ponta da língua. Esses estereótipos não são totalmente inventados. A existência de todos eles pode ser confirmada. Apenas não nas mesmas proporções vistas no mundo da tevê. Mas é como dizem os profissionais de marketing e publicidade: imagem é tudo.

Eu me pergunto se essa teoria de Gerbner não é alarmista demais. Talvez parte do motivo pelo qual existam tantos pistoleiros e policiais na tevê seja porque esse é o contexto narrativo dramático contemporâneo da atemporal jornada do bravo herói. É um cenário convenientemente disponível, semiverossímil e plausível — capaz de acomodar esses mitos de eterna recorrência. Grandes sagas não costumam se desenrolar em uma mesa de escritório ou terminais de computador — e de qualquer forma, esses ambientes mundanos do dia a dia não são muito interessantes para as mídias visuais. Quando eu era pequeno, só se via faroestes e caubóis na tevê. Alguns anos depois, todos os programas passaram a ser sobre espões. Os caubóis desapareceram. Mas eu sabia — ou ao menos acho que sabia — que o mundo nunca teve tantos caubóis assim a oeste do Mississippi, e que nem todos os homens de terno que eu via eram na verdade brilhantes agentes secretos. Mas as imagens e gatilhos emocionais que tudo isso disparava ainda estão dentro de mim.

Agora, se fossemos levar a sério tudo o que vemos, o mundo seria feito só de espertinhos, policiais, vagabundas curvilíneas e gângsteres. Mas talvez tudo isso seja só um veículo para as mesmas velhas histórias, histórias que amamos e precisamos, mas que não representam necessariamente um espelho da realidade. Ninguém pensa que só por Shakespeare ter escrito principalmente sobre a realeza, seus leitores encaravam o mundo como um lugar infestado de nobres, um universo composto apenas por reis, príncipes e suas tragédias. Esse universo-bolha da nobreza e da aristocracia é por sua própria natureza algo mais artificial e teatral, e assim sendo, mais fácil de ser encarado como uma alegoria. Isso faz dele um cenário mais fértil para as narrativas. E o mesmo acontece com os policiais, ladrões e vagabundas curvilíneas. Talvez todos esses personagens exagerados estejam sempre espelhando um tipo diferente de realidade — a que existe dentro de nós.

O que foi ainda é

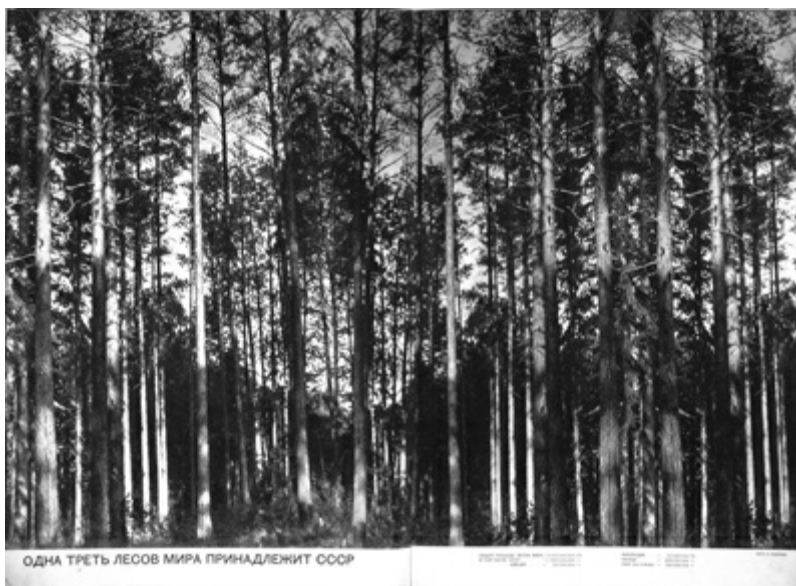
O passado não é um prólogo do presente; o passado é o presente — um pouco adaptado, transformado, distorcido e com um enfoque diferente. Ele é uma versão estruturalmente similar, embora bastante distinta do presente. De certo modo, o tempo — a história — pode, ao menos em nossas mentes, fluir em qualquer direção, já que no fundo, tratando-se das estruturas, nada de fato mudou. Nós agimos como se a humanidade estivesse seguindo em linha reta pelo tempo, progredindo, avançando, mas podemos estar andando em círculos.

O que chamamos de história poderia ser encarado como um registro da maneira como organismos sociais básicos se distorceram e se transformaram. Eles apenas mudam de forma, mas os padrões e comportamentos fundamentais continuam sempre lá, sob a superfície — assim como nos organismos biológicos. Certos traços, órgãos, membros e apêndices se desenvolvem enquanto outros se contraem até ficarem atrofiados para acomodar certas necessidades e contingências evolutivas, mas eles poderiam muito bem seguir outro caminho caso essas demandas e conjunturas fossem outras. Talvez a história se comporte da mesma forma — os nomes e números mudam, mas os padrões fundamentais continuam os mesmos.

A manhã chega, eu acordo e está fazendo sol! Pedalo pelo calçadão de South Bank até chegar ao Museu Tate Modern. Lá, dentro de uma outra exposição, fica uma única sala com pôsteres de uma revista russa publicada nos anos 30 chamada *USSR in Construction*, que já passou pelas mãos de Rodchenko, El Lissitzky e outros artistas bastante radicais da época. Os *layouts* são lindos — obviamente criados como peças de propaganda ideológica (a revista era publicada em diversas línguas) — às vezes bregas que só vendo, mas maravilhosos.

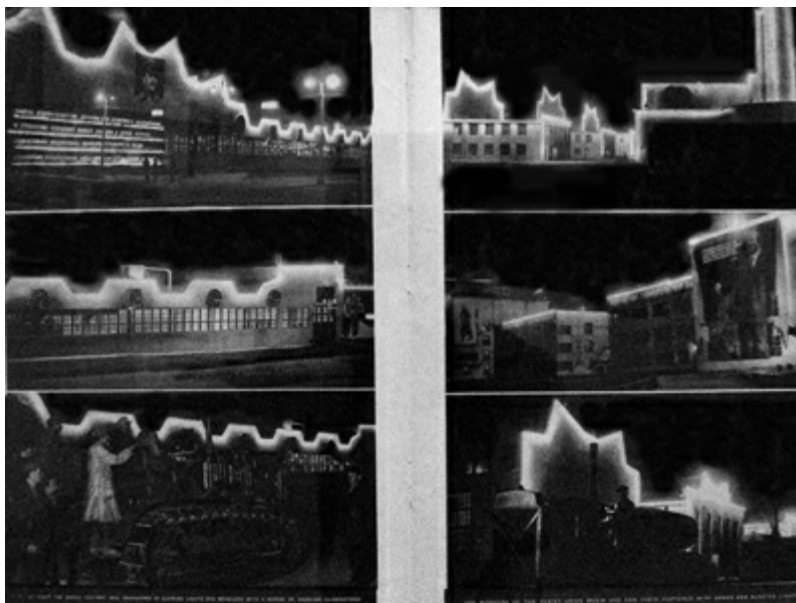
Alguém que nunca ouviu falar da União Soviética poderia olhar para essas composições lindas e radicalmente inovadoras e pensar, “Nossa, que lugar fantástico, que cena mais descolada devia ser essa, e que governo iluminado eles deveriam ter para produzir e patrocinar uma revista tão legal!”. (Décadas depois, alguém poderia ter dito o mesmo sobre as exposições internacionais de arte abstrata e turnês de jazz patrocinadas pelo governo dos EUA — e de fato era essa a intenção.)

Este é um dos layouts de página dupla criados por Rodchenko:



Art © Estate of Alexander Rodchenko/RAO, Moscou/VAGA, Nova York

Esta é uma composição com “iluminações” instaladas em uma fábrica de tratores para a alegria e empolgação dos trabalhadores — na tentativa de criar um ambiente de trabalho parecido com um palácio dos prazeres/parque de diversões. Ao que parece, o Google, um dos lugares mais legais para se trabalhar hoje em dia, com seus escritórios parecidos com um campus universitário, ainda tem muito para aprender.



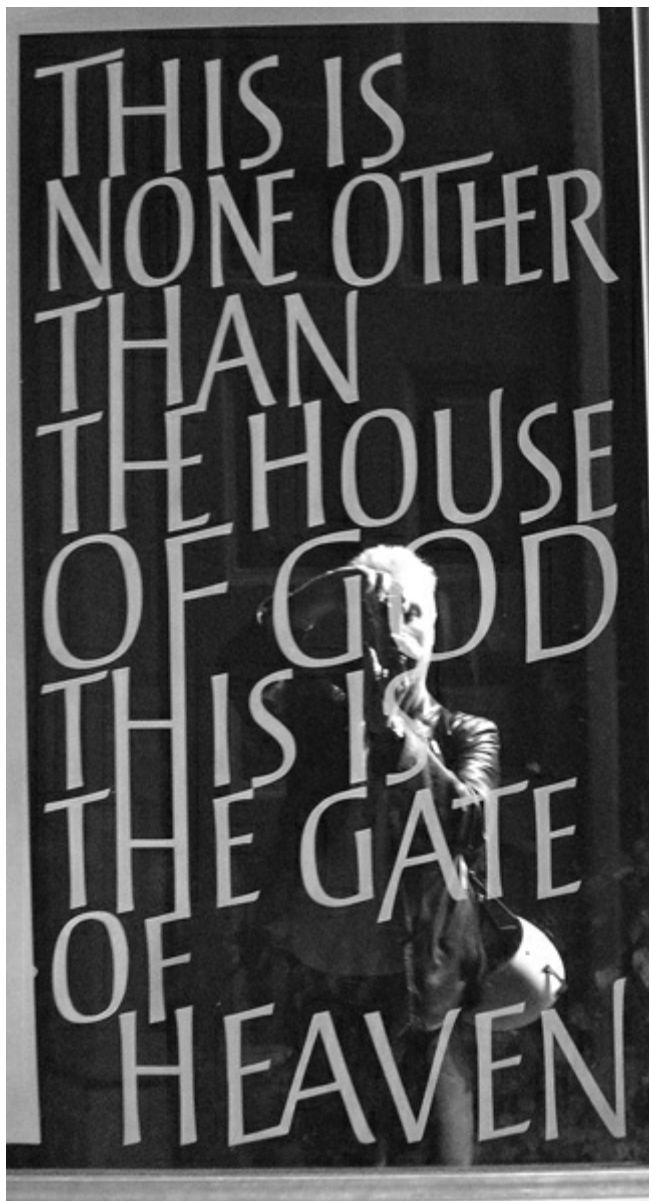
Art © Estate of Alexander Rodchenko/RAO, Moscou/VAGA, Nova York

A revista também tinha complexos pôsteres dobráveis com cor, como o de aldeões sorridentes posando ao lado de Stalin, e um pôster incrível de um soldado paraquedista — com uma parte em cima que pode ser desdobrada para virar um paraquedas colorido. Peças gloriosas e sutis de propaganda ideológica — eu imagino que na época todos esses artistas acreditavam na ideologia do partido ou esperavam conseguir mudar as coisas por dentro.

Ver esses pôsteres dá uma sensação estranha — é de arrepiar, mas muito legal. Olhando em retrospecto agora, nós sabemos dos horrores perpetrados pelo stalinismo, mas precisamos separar esse trabalho gráfico revolucionário da versão pervertida da ideologia que ele tentava vender. É uma questão antiga: com quanta frieza e desapego nós podemos apreciar o design e a inovação formal? Não é muito difícil demonstrar admiração por um inovador comercial contemporâneo de tevê para vender junk food ou calças jeans a preços exorbitantes, mas muitas pessoas ainda têm problemas com as inovações técnicas e formais de Albert Speer e Leni Riefenstahl.

O que em geral é denominado como realismo socialista não foi um movimento exclusivamente russo. Murais de propaganda ideológica exaltando fábricas e operários também foram produzidos em Nova York e outros lugares. Existem esculturas de baixo relevo entalhadas em prédios no centro de Manhattan, mostrando os funcionários da imprensa que trabalhavam lá dentro. Em uma calçada do meu bairro, há uma enorme estátua de bronze de um homem curvado sobre uma máquina de costura, e uma outra escultura de uma agulha e um botão gigante. Glória aos trabalhadores semiescravos das confecções locais! Por outro lado, ao que parece, o culto ao grande líder vivo não conseguiu firmar tantas raízes aqui como no oriente.

Cruzo o rio, passando por uma ponte de pedestres para chegar à Catedral de São Paulo (onde uma música muito sinistra de órgão estava tocando — com acordes grandiosos e soturnos). A porta giratória da entrada tem a seguinte frase estampada:



*Está não é senão a casa de Deus; este é o portão do paraíso.

É uma frase e tanto para uma porta giratória! Acho que você pode ler a mesma coisa de trás para a frente quando está lá dentro.

Para que serve a música?

Minha amiga C e eu almoçamos com dois sujeitos mais jovens que estão administrando uma galeria aqui enquanto os donos estão viajando — um alemão magro que acabou de se mudar para cá alguns meses atrás e um inglês que veio transferido de uma outra galeria local. A galeria fica em Mayfair, área famosa por seus enfadonhos quadros de paisagens com molduras douradas, antiquários, luxuosas butiques de artigos de design e lojas com uma cara peculiarmente britânica — uma delas se chama Cufflink Connoisseur e outra tem equipamentos de polo e chicotes na vitrine.

Os galeristas me perguntam o que eu ando fazendo, como quem diz: “Você já fez *alguma coisa* depois do Talking Heads?”. É sempre meio estranho perceber que as pessoas claramente acham que eu não me envolvi em muita coisa desde aqueles discos que fizeram sucesso quando elas eram crianças. O assunto muda então para os shows que nós vimos ou

ouvimos nos últimos tempos, e o alemão comenta que só foi a cinco shows na vida inteira; ele cresceu ouvindo música *techno* e eletrônica, e é só isso o que ele escuta praticamente — DJs. Pergunto a que horas esses “shows” começam, e ele me diz que os melhores DJs não costumam tocar antes da uma da manhã. Eu fico me sentindo um pouco velho — em geral, eu já estou na cama a essa hora.

O inglês me diz que os alemães são obcecados por *techno*, provocando um olhar levemente intrigado e talvez até de irritação em seu colega. E penso comigo mesmo sobre o quanto nossos conceitos e usos da música são diferentes, e como eles podem ser variados. Suponho que a música do alemão seja como algum tipo de máquina, uma ferramenta que facilita a dança e uma espécie de libertação. Assim sendo, a função dela é simples, clara, e cumpre seu objetivo ou não. Imagino que ela dependa muito de um determinado contexto também. Não é comum ouvir música *techno* ecoando pelas paredes de muitos escritórios. A música, para ele, está associada a um lugar e momento específicos, como ir à academia ou a um museu de arte — não é bem o tipo de coisa que alguém escuta em casa. Talvez também haja algum tipo de interação social nas boates que tocam *techno*, e a música ajuda a criar meios para que isso aconteça. A música, vista por esse prisma, com certeza não se concentra nas letras, óbvio.

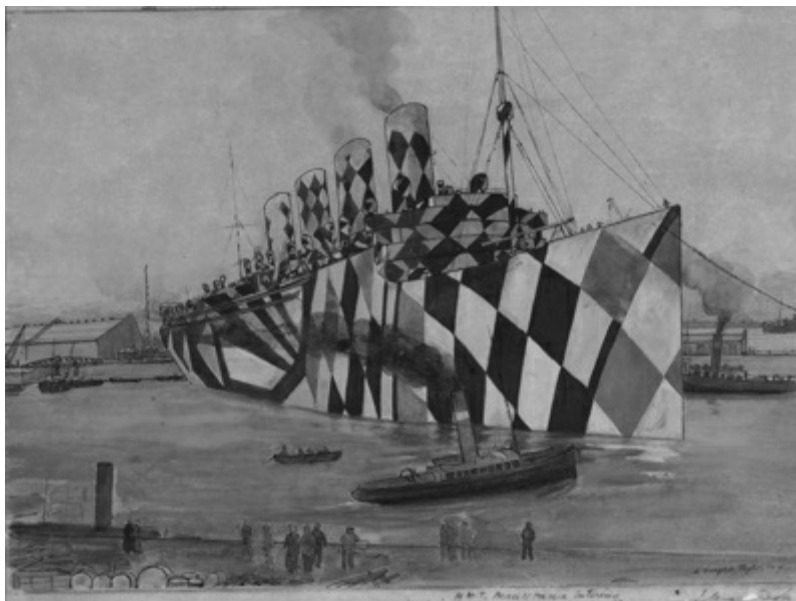
E para que serve a música no meu caso? Bom, eu também gosto de dançar, mas acho que ritmos mais sincopados — funk, música latina, hip-hop, etc. — me ajudam mais a balançar o esqueleto do que as batidas repetitivas e metronômicas do *house* ou do *techno*. Pensei em várias explicações para isso — que ritmos sincopados “ativam” uma série de partes do corpo (e da mente) de diferentes formas e ao mesmo tempo. Imagino que o prazer derivado desse palimpsesto de ritmos sirva como uma metáfora biológica — uma metáfora e espelho dos ritmos e processos sociais e orgânicos que nos agradam. Não acho que esse tipo de música dependa de um contexto específico. Eu já dancei ouvindo isso no meu apartamento ou balancei a cabeça no metrô com o meu iPod. Mas em geral, quando quero ouvir algo sem dançar, prefiro músicas com vocais, porque acho os arcos de melodia, combinados com harmonias e um pulso rítmico, algo muito emocionante e envolvente. Essas músicas podem ser chamadas de canções. Às vezes, as letras também ajudam, mas eu quase sempre consigo aturar uma letra boba se o resto for legal.

Essas são duas formas de se “usar” a música. Por último, eu às vezes ouço trilhas sonoras, música clássica contemporânea e artistas vagamente experimentais — em geral como elemento de fundo, algo para criar um clima ou atmosfera. Nós ouvimos música dessa forma no cinema e na tevê o tempo todo. Isso é a música sendo usada como ar condicionado. Droga, eu me esqueci de contar para o galerista alemão sobre o meu projeto recente com Paul van Dyk, o mestre da música *techno* — isso com certeza teria me rendido alguns pontos e mais credibilidade com ele.

Comento que o garçom parecia estar usando lápis de olho, o que desvia o foco da conversa para a franquia local da Abercrombie & Fitch, onde me disseram que todos os vendedores precisam ser, ou pelo menos ter cara de modelos para serem contratados. Este antigo bastião do estilo WASP de se vestir — que era propositalmente tão sensual quanto os sisudos trajes da Brooks Brothers — se reformulou e agora é uma espécie de posto-avançado fascista-chique homoerótico da moda. Isso é que é maquiagem! Será que existe um Tom of Finland escondido atrás ou dentro de todo sujeito careta e conservador? Dois homens com pinta de

modelo ficam na entrada da loja com calças agarradas e as paredes lá dentro são cobertas de fotos e pinturas (pinturas!) de homens sem camisa. Essa estratégia deu muito certo; jovens de todos os tipos inundam o lugar todos os dias. A loja me parece um maravilhoso parque de diversões *kitsch*, como se um filme de Leni Riefenstahl ou um épico greco-romano ganhassem vida. Mas o que podemos concluir ao ver que roupas de estilo gay *kitsch* fazem sucesso entre jovens héteros? O estilista Calvin Klein vem fazendo isso há décadas. Os anúncios em preto e branco dele parecem pôsteres das revistas gays de *soft-porn* dos anos 50 e 60. Não há dúvida de que o uso dessa estratégia de vendas é intencional e não só uma desculpa dele para conhecer modelos. Será que os jovens heterossexuais que comprem essas roupas, entre os quais muitos nunca se associariam conscientemente a nenhum elemento gay, pensam: “Ah, são só uns caras bonitões...”?

O dia ainda está lindo e ensolarado, então agora eu saio de novo, cruzando o rio rumo ao sul, até o Museu Imperial da Guerra, onde fica uma fantástica exposição de camuflagens, contando inclusive com dois trajes usados no meu filme *Histórias reais*! Este é um barco coberto com a chamada camuflagem “*dazzle*”:



© The Imperial War Museum, imagem ART2291

Como minha amiga C disse: “Onde é que isso serviria de camuflagem? Em um circo?”. Nós sempre pensamos na camuflagem como os famosos padrões de manchas que os militares tanto adoram, seja isso algo prático ou não, mas ao que parece, a camuflagem tinha um escopo mais amplo quando foi criada. Ela não buscava apenas se mesclar às florestas ou desertos. Ela também era usada, como por vários insetos, para confundir a identificação das partes dianteiras e traseiras, formato (e, por consequência, função) e tamanho do objeto camuflado. Há exemplos de incríveis tanques e caminhões infláveis criados para incrementar a proporção de comboios e regimentos. Tanques e veículos de artilharia Potemkin que podiam ser desmontados e dobrados. Um pequeno destacamento avançava com uma série de veículos falsos na esperança de que, ao ver o aparente tamanho das forças inimigas, os oponentes pensassem duas vezes antes de atacar.

Começa a escurecer enquanto eu volto para o hotel. Pedalar por essas sinuosas ruas secundárias é um prazer, especialmente em um dia de sol. A cidade tem proporções bastante humanas e “casinhescas”, como diz minha amiga C. Imagino que existam normas limitando a altura dos prédios em vários bairros daqui. Ao longo dos anos, isso forçou a cidade a crescer desenfreadamente, o que, por sua vez, piorou o trânsito. Em geral, os prédios têm menos de dez andares, e esses detalhes de escala e da arquitetura contam uma história sobre como os ingleses se enxergam como pessoas e como nação. “Nós podemos ser sofisticados, elegantes e aristocráticos; titãs criativos; imperialistas e exploradores, mas no final das contas, somos pessoas simples do campo, acostumadas a viver em casinhas.” Não estou dizendo que a arquitetura literalmente conta uma história. Não estou falando de inscrições entalhadas nas paredes. Mas está tudo arquivado na forma de metáforas. Uma história contada por meio de batentes de portas e janelas, da rainha — com seu estilo *démodé* — e dos trajes de caça da realeza. As janelas que estão por aqui em toda parte, com pequenas vidraças separadas por vigas, são muito mais aconchegantes, acolhedoras e confortáveis do que as enormes janelas modernas. Essas pequenas vidraças remetem ao campo, a uma vida mítica e simples.

Saio das ruas secundárias e chego às grandes vias públicas como a Regent Street e a Piccadilly, que são bem complicadas para os ciclistas por causa de seus enormes ônibus vermelhos e da ausência de ciclovias, embora de modo geral eu venha tendo sorte com o clima e o trânsito.

Tomo alguns drinques com Verity McArthur da Roundhouse, uma casa de eventos reformada há pouco tempo, e Matthew Byam Shaw, um produtor da peça *Frost/Nixon*, e algumas outras pessoas. Nós nos encontramos em um clube particular em Covent Garden chamado Hospital, montado recentemente ao que parece por Dave Stewart (da banda Eurhythmics) em um antigo, bom, hospital. Quase todo mundo está com seus *laptops* abertos sobre as mesas do lugar. Todos interagindo, trocando e-mails e mensagens instantâneas (imagino eu), e bebendo, tudo ao mesmo tempo. Talvez eles estejam todos em meio a uma frenética socialização virtual — tentando decidir para onde irão mais tarde? Ou será que a interação com pessoas reais não é tão estimulante?

O pessoal por aqui adora esses clubes particulares, e eles só começaram a aceitar mulheres depois dos anos 80 mais ou menos, pelo que me disseram. Isso deve ser um legado do sistema de classes que ainda se perpetua obstinadamente de várias maneiras. Sob essa ótica classista, as pessoas precisam se diferenciar do populacho sempre que possível — com seus discursos, roupas e, é claro, onde elas bebem. Mesmo que você não seja da alta sociedade, é preciso se isolar de quem está um pouco abaixo ou até mesmo daqueles ao seu lado que são diferentes de você de alguma maneira. Os hipsters¹ precisam de seus próprios clubes; os operários, de outros. Tão logo todos estiverem em seus lugares, em seus devidos bares no caso, a paz e a ordem voltam a reinar no mundo.

Outro resquício das classes e castas é a noção de que todos devem se manter em seus devidos lugares e posições sociais. O envolvimento com áreas, trabalhos e até (e especialmente) ideias que estejam além da sua posição social é algo errado e digno de reprovação. Isso é visto como um comportamento pretensioso (se você vai de baixo para cima) ou forçado (se você decide ir de cima para baixo). Há um filme sobre a vida do falecido Joe Strummer que mostra a criação diplomática e vagamente aristocrática do músico

e como ele conseguiu esconder muito bem esse fato — ou ao menos não criar muito alarde — já que isso não cairia nada bem para a imagem do herói punk anarquista em busca de justiça que ele veio a se tornar. Eu sempre desconfiei dessa pose rebelde, a despeito da criação que alguém possa ter tido, mas nos últimos anos de carreira, Strummer e seus colegas se aventuraram em outras áreas musicais em que esse fardo da imagem de um herói da classe operária não era mais necessário. Isso, de certo modo, foi uma libertação para ele. Da mesma forma, o Príncipe Charles sempre é criticado quando tenta falar sobre agricultura orgânica ou os males da arquitetura moderna e do mau planejamento urbano. Em geral, os ataques contra o pobre Charles seguem mais a linha do argumento de que “os nobres não devem ser vistos nem ouvidos” do que qualquer outra coisa mais substantiva. Que diferença faz afinal de qual família você veio? Por que as pessoas não são julgadas pelo que elas fazem, produzem e dizem em vez da casta em que nasceram?

Todas as famílias felizes são... excêntricas

Eu me encontro com Michael Morris, da organização pública de artes Artangel, na inauguração de uma galeria. Há seguranças na porta e avisto alguém com uma lista de convidados na mão. Michael tinha me mandado um e-mail mais cedo dizendo que iria “pôr o meu nome na lista”. Para a inauguração de uma galeria de arte? Bom, várias galerias de Nova York já contrataram seguranças particulares, como os museus, então talvez adotar as listas de convidados e cordões de veludo seja o próximo passo.

A galeria é espetacular; andares e mais andares de espaços para exposições em uma área industrial no descolado distrito de Hackney, e uma sala enorme na cobertura com uma parede de vidro dando para uma sacada com vista para o horizonte da cidade. Belas jovens com bandejas passeiam pelo lugar, oferecendo taças de champanhe. A exposição atual é composta por pinturas da falecida Alice Neel, uma pintora de retratos que trabalhou em Nova York por muitas décadas. As obras dela foram desprezadas pelo estilo visto como antiquado e conservador — retratos pintados — mas em seus últimos anos de vida, Alice recebeu uma curta onda de aceitação. Agora, décadas depois, ela está voltando a fazer sucesso. Seriam obras de vanguarda? Ou será que talvez elas só pareçam ser algo de vanguarda a cada década mais ou menos, sempre que alguns jovens artistas começam a produzir coisas vagamente similares? Nesse sentido, ela poderia estar sendo usada para validar o presente enquanto o presente, por sua vez, é usado para validar o passado.

Alguém me apresenta Grayson Perry, o ceramista travesti que ganhou o Prêmio Turner alguns anos atrás. “Já era hora de um ceramista travesti ganhar esse prêmio!”, disse ele quando foi premiado. Ele também disse que o prêmio era mais importante para os ceramistas do que para os travestis. Ele tinha razão. Tenho um vaso dele. Eles são cobertos de imagens e muitas vezes com frases grosseiras. Este aqui se chama *Boring cool people*:



Cortesia de Victoria Miro Gallery. © Grayson Perry

Ele estava usando um *baby-doll* completo de garotinha vitoriana *drag*, parecendo uma versão adulta da *Alice no país das maravilhas*. Uma peruca loira, um vestidinho florido e pernas à mostra que descem até delicadas meias cor-de-rosa com frufus e reluzentes sapatilhas brancas de couro. (Onde ele encontra essas coisas no tamanho dele? Alguém deve fazer tudo isso por encomenda. E sim, ele mesmo admitiu, elas não são baratas.)



Ian Hodgson/Reuters

Ele sabia que eu tenho uma das obras dele, e ficou muito empolgado ao saber disso anos atrás. Adorei conhecê-lo. Ele é casado e tem uma filha — eu guardei uma foto de sua família, que saiu nos jornais britânicos quando ele ganhou o Prêmio Turner. Na foto, ele aparece de vestido ao lado de sua bela esposa de aparência bem normal (ela é psiquiatra!) enquanto ela dá uma gargalhada, com os dois atrás da filha deles, que está com um enorme sorriso no rosto, obviamente feliz por ver o pai ganhando o prêmio de maior prestígio no mundo das artes. Grayson aparece com uma expressão encenada de horror em meio a tudo isso, mas claramente está se divertindo. Se uma família assim pode ser feliz — se uma família assim pode sequer existir — então eu agradeço a Deus pela tolerância inglesa à excentricidade. Em qualquer outro lugar, pessoas assim poderiam ter uma vida horrível de opressão e isolamento. Nem todos os estereótipos culturais — como o do inglês excêntrico — são totalmente exagerados ou perigosos.

Nós papeamos aleatoriamente por um tempo até que C dispara uma saraivada de perguntas que eu achei muito investigativas. “Você faz vários personagens diferentes?” (Sim. A personagem da garotinha se chama Claire.) “Quando você começou a se vestir assim?” (Ele tinha treze anos quando decidiu experimentar as roupas de balé da irmã.)

Frente e verso: estereótipos culturais II

Depois, eu vou jantar em um restaurante descolado onde me sento perto de um casal de

gordinhos norte-irlandeses que, para ser sincero, não pareciam fazer muita parte deste templo da modernidade (agora eu estou aplicando meus próprios estereótipos e julgamentos de classe — o que *eles* estão fazendo *aqui*?). Ele deve ser um técnico de TI passando pela cidade em viagem de negócios e ela veio junto usando o dinheiro para as despesas, imagino eu. O casal parece ter vindo do norte para passear na cidade grande, mas eles comentam que estão hospedados logo ao lado, no Ritz, que é mais caro do que eu imagino que um gerente regional comum poderia pagar. É muito mais do que eu posso pagar. Eles explicam alguns dos pratos típicos da região para nós. “Jersey Royals” são uma espécie de batatas minúsculas que só nascem em certas épocas do ano. Olho para o lado enquanto nós conversamos e, seja por uma taça de vinho a mais ou algum tipo de problema de saúde, a mulher está totalmente vermelha — rosto, pescoço e braços. Mas os dois me parecem tão tranquilos, à vontade e despreocupados que depois de um ou dois minutos eu nem reparo mais nisso.

O restaurante tem porteiros vestidos com as tradicionais casacas inglesas, assim como o nosso hotel. Adoro essa justaposição de dois polos opostos das formas de se vestir e se comportar: de um lado, temos o jeito reservado, educado, perfeccionista e solícito dos empregados em contraste com o mundo chocante e teatral de vulgaridade e horror de tipos como os Chapman Bros., Damien Hirst, Amy Winehouse, *chavs*² e *hooligans*. Acho que tudo precisa ser extravasado — quanto maior for a frente, maior será o verso. Você não pode ter uma parte sem a outra. Isso me lembra dos adesivos que recobrem as cabines telefônicas por aqui, oferecendo sessões de palmadas e humilhação. É de se imaginar que às vezes deve ser muito difícil reprimir tudo isso e manter essa atitude de reserva, especialmente para um sujeito de alta sociedade, então essas pessoas precisam ser “postas em seus lugares” de uma maneira artificial ou teatralizada para de alguma forma restabelecer o equilíbrio de poder. Eu sei que estou abusando dos estereótipos nacionais aqui.

Na Venezuela, há uma rede de lanchonetes em que a clientela, composta quase que exclusivamente por homens, é servida por belas jovens com roupas justas. O grande segredo — que separa essa rede das outras — é que a arquitetura interna dos restaurantes faz com que as garçonetes fiquem acima dos homens. As mulheres ficam atrás de um balcão sobre uma plataforma levemente elevada. Isso significa que o típico latino machão está sendo posto em seu devido lugar (e gostando) ou levado de volta à infância, onde o que ele mais via eram os seios da mãe despontando de forma bastante conveniente sobre ele.

Engomadinhos e baderneiros: estereótipos culturais III

Saímos para beber em um belo lugar no SoHo, com toalhas de mesa brancas, mas nada pomposo. Depois de alguns minutos, enquanto estávamos bebendo, chegam dois torcedores de futebol estufando o peito, tensos, tatuados e talvez meio chapados. Eles dão uma vaga olhada pelo lugar e começam a gritar coisas como “quando a revolução chegar, vocês vão ver só!”. Segue-se um breve enfrentamento com um pobre garçom homossexual que acaba recuando — ao perceber que ia levar um soco — enquanto o resto dos funcionários saca seus celulares.

Os baderneiros avançam pelo restaurante, disparando mais alguns insultos contra os clientes amedrontados (o lugar fica ao lado do The Ivy, um badalado restaurante frequentado por celebridades. Será que os valentões anarquistas erraram o endereço?).

Nada acontece e os dois acabam saindo. Sorrio para um deles, mas ele resmunga alguma coisa do tipo “vou te dar uma surra”, o que me parece uma grande falta de educação, no mínimo. Não há nenhum oficial da “polícia interior” nesses caras.

Eles vão embora, o garçom pede desculpa aos clientes e depois some e não volta mais.

O antagonismo de classes britânico segue firme e forte. É isso o que mantém os baderneiros em seus devidos lugares e os engomadinhos tremendo nos deles. Não é de se surpreender que eles gostem tanto de clubes particulares!

Mais tarde, na mesma noite, desmonto minha bicicleta no quarto do hotel. O banco, o guidom e as rodas saem e o quadro se dobra formando uma mala. É hora de voltar para casa em Nova York. Às vezes, os funcionários do hotel não gostam de me ver chegando de bicicleta, mas em geral ela entra escondida na mala e eles sequer têm ideia de que estou aqui no meu quarto usando uma chave Allen e luvas de borracha para não sujar as mãos de graxa, montando ou, neste caso, desmontando o meu meio de transporte.

Um executivo sentado de frente para mim no saguão do aeroporto Heathrow está fazendo barulhinhos de bebê no celular.

Pego uma cópia da *Newsweek* no avião e logo percebo o quanto as revistas de atualidades dos EUA são enviesadas, tendenciosas e dogmáticas. Não que a imprensa europeia ou britânica também não seja enviesada, com certeza ela é, mas quem vive nos Estados Unidos é constantemente lembrado e levado a crer que a nossa imprensa é livre e independente. Depois de passar tão pouco tempo fora, fico surpreso ao ver o quanto isso é uma mentira descarada — as “reportagens” que apenas papagueiam as declarações do secretário de imprensa da Casa Branca e a miríade de pressupostos inerentes que se tornam óbvios depois que você passa algum tempo em outro lugar. O mito de uma imprensa neutra e isenta é um meio eficaz para se acobertar uma série de preconceitos.

Ao chegar à Nova York, é fácil notar que quase todos os empregos de serviços e trabalho braçal são preenchidos por afro-americanos e imigrantes recém-chegados. A primeira coisa que você percebe nos corredores do aeroporto são as propagandas e fileiras de tevês que estão sempre ligadas na CNN ou Fox News. A ofensiva de mídia começa assim que você desce do avião — não há como evitar a enxurrada.

No entanto, existe um aspecto terceiro-mundista de Nova York quase bem-vindo que mitiga um pouco essa desprezível saraivada de propaganda ideológica: os carrinhos tortos de bagagem pelos quais você precisa pagar, mesmo que a maioria das pessoas que está chegando ainda não tenha dólares, cambistas oferecendo passeios pela cidade e a geralmente caótica algazarra local — xingamentos, gritos e pessoas se empurrando — enquanto o exausto viajante se pergunta como diabos ele vai conseguir chegar em casa. Essa recepção anárquica e agressiva pode ser assustadora para um estrangeiro, mas para mim, é quase um alívio bem-vindo. É algo honesto, brutal — uma imagem da cidade inteira em um só lugar.

¹ N.T.: Jovens adeptos à moda e à cultura alternativa.

² N.T.: Adolescentes e adultos jovens do Reino Unido tidos como agressivos. Em geral, têm estilo casual e são desempregados ou operários com baixa renda.

São Francisco

Estava chovendo quando cheguei aqui ontem à noite, mas hoje o céu clareou e esta cidade brilha com a luz cristalina do norte da Califórnia, que faz tudo se destacar. Todos os prédios e pessoas têm linhas duras e frias. É bucólico e difícil de acreditar – uma paisagem de cartão postal, irreal. A bicicleta dobrável que eu trouxe vai ser útil.

São Francisco é filosófica e politicamente simpática às bicicletas, mas não em termos geográficos – suas famosas ladeiras podem fazer alguém pensar duas vezes antes de dar umas voltas pela cidade, mesmo com a cidade propriamente dita sendo concentrada, como Manhattan ou uma cidade europeia. A organização de ciclismo local lançou um mapa maravilhoso que mostra, pela variação dos tons de vermelho, o quanto cada rua é íngreme. Uma rua marcada de rosa claro é uma subida leve, mas um vermelho escuro é uma grande ladeira a ser evitada, a não ser que você seja um masoquista. Felizmente, esse mapa permite que se planeje uma viagem livre de ladeiras em uma única olhada. Eu não teria pensado nisso, mas você pode planejar uma rota partindo e chegando a quase qualquer lugar e evitar as piores ladeiras – ou quase.

Minha amiga Melanie C organiza uma excursão até a sede da Apple em Cupertino, próximo daqui, ao sul, e um almoço com o diretor de arte, Jonathan Ive. A equipe de Ive desenhou o iMac original e seus sucessores, o iBook original e seus sucessores, o Power Mac, o Power Mac G4 Cube, o PowerBook, a família iPod e muito mais.

Ive faz uma pequena apresentação com um PowerBook desmontado, mostrando-nos que mesmo por dentro ele é inteligente e elegantemente projetado. Ele parece tão orgulhoso dos intrincados mecanismos e peças invisíveis da parte interna como do elegante lado externo. Ele acredita que o design envolve tudo: não é apenas uma decoração do lado de fora que faz tudo parecer bacana, mas se estende às coisas que a maioria de nós nunca vai ver. Nos círculos da Bauhaus e da Wiener Werkstätte, enfeites desnecessários eram proibidos – considerados não essenciais e supérfluos à integridade do objeto ou da arquitetura – e assim eram descartados. É famosa a comparação de Adolf Loos¹ entre a decoração e o diabo. Será que o orgulho de Ive pelo design total de seus Power Books carrega um pouco desse legado?

Não acho que essa demonstração seja apenas uma questão de ego e orgulho. Ive sugere que, de fato, um interior elegante faz a coisa funcionar melhor também – que um bom design se iguala a uma boa funcionalidade – que se o verdadeiro caminho do bom design for seguido de maneira criteriosa, então não só o objeto terá uma aparência atraente, mas será também um objeto melhor. Não só o diabo da decoração supérflua foi banido, mas há ainda uma implicação de que um bom design é, portanto, moralmente bom também – ele está do lado dos anjos. Parece um pouco que ele já fez essa apresentação antes, mas ainda assim é um trabalho bonito. Suspeito, no entanto, que não vamos ouvir nem ele nem qualquer outra pessoa pensando alto sobre aquilo em que eles estão realmente trabalhando no momento, e dizendo, por exemplo, “Agora, se conseguirmos colocar tudo isso em um telefone...” (Tenha em mente que isso foi pré-iPhone.)

Menciono que estou no meio de uma colaboração com Fatboy Slim (cujo nome real é Norman Cook) e Jonathan diz que vai jantar naquela noite com seu amigo John Digweed, um dos maiores DJs de música eletrônica do mundo, e camarada de Norman. A princípio fico um pouco surpreso. Será que Jonathan ouve dance music enquanto trabalha? Mas então olho para esse cara na minha frente, de camiseta e com o cabelo quase raspado, e percebo que, sim, ele parece uma versão um pouco mais velha de qualquer garoto clubber britânico. Será que não deve ser chato para ele aqui em Cupertino?

Cupertino fica ao sul de São Francisco e a oeste de San Jose. É uma cidade pequena que fica encaixada entre colinas costeiras e vinícolas. Não há muito por aqui – alguns centros empresariais, shopping centers e uma maravilhosa mercearia asiática. As colinas a oeste abrigam muitas das novas mansões que os tecnocratas construíram. Não muito longe estão Hewlett-Packard, Google, Sun Microsystems e outras empresas do Vale do Silício, que transformaram uma área anteriormente conhecida como o lar da Universidade Stanford e a pacata cidadezinha de San Jose em uma usina de computadores e TI. A região registra uma intensa concentração de engenheiros, nerds, técnicos, empreendedores, visionários e parasitas.

Pelo que posso dizer, não há muita coisa para se fazer nesta parte da baía. Pedalo minha bicicleta bem sem rumo, descendo por avenidas limpas e impecáveis, e não vejo ninguém por perto – nem caminhando nem de bicicleta. Todas as vias levam a lugares que são versões do que eu acabei de deixar para trás. Pergunto se o pessoal daqui vai para São Francisco para assistir a shows,stras ou para provar a inovadora cozinha dos restaurantes de lá. Não, esses caras simplesmente amam seus trabalhos, então eles ficam plantados aqui em seus belos subúrbios, trabalhando até tarde, ou levam trabalho para casa.

Há quantias gigantescas de dinheiro aqui. Na época dos Carnegies, Fricks, Mellons, Dukes e Lauders, bilionários faziam estardalhaço apoiando o museu de arte local, hospitais, bibliotecas ou outra causa ou instituição de caridade – como Bill Gates fez com sua Gates Foundation e Paul Allen fez com o Experience Music Project. Mas o que eu mais sinto é que esta turma prefere encarar desafios dentro de seus próprios ramos escolhidos – desenvolvimento de software, tecnologia de Internet, aparelhos bacanas e o que acontece quando você junta tudo isso. Tenho a sensação de que pelo menos alguns deles não ligam muito para todo o dinheiro que estão ganhando também – eles estão ocupados demais para contá-lo. Tudo é tão real quanto o Second Life.

Lembro de São Francisco durante o primeiro *boom* das ponto-com. Naquela época todo mundo ia começar seu próprio negócio on-line, o mundo ia mudar da noite para o dia e os investidores estavam fazendo fila para dar dinheiro a todos os *geeks* com uma ideia vaga, uma boa conversa e algumas habilidades em programação. O fervor e o entusiasmo daquela época podem ser comparados ao Projeto Manhattan e seu empenho na construção da bomba atômica. Isto é, era excitante e tinha potencial para mudar o mundo. Mas aqui a mesma paixão missionária foi incorporada pelos inventores/empreendedores malucos. Havia propostas de sites para toda e qualquer coisa – serviços para o seu bicho de estimação ou alguns que cuidariam de todos os seus afazeres por você. O futuro parecia pré-ordenado – ninguém jamais precisaria sair de casa novamente. Toda ideia era uma ótima ideia, revolucionária, abalaria o mundo. Não é de se estranhar que o mundo da Web às vezes seja descrito como um legado da era hippie – mas com brinquedos mais caros.

Não é por acaso que a humilde garagem onde Bill Hewlett e Dave Packard começaram sua sociedade em Palo Alto é um ícone aqui. Como o estúdio Sun, em Memphis, onde nasceu o rock, ou Menlo Park, em Nova Jersey, onde Edison iluminou o mundo, essa garagenzinha bagunçada é reverenciada, em parte, porque não é nada especial. Ser tão comum é justamente o xis da questão. O primeiro produto deles foi um oscilador de áudio para testar equipamentos de som. A HP se refere a ele como “o tom ouvido ao redor do mundo”.



David Paul Morris/Getty Images

A garagem é considerada o local de nascimento do Vale do Silício, o que a transforma na perfeita metáfora visual da doutrina qualquer-um-pode-fazer, que ainda está bem viva por aqui. Comece pequeno, pense grande. Pense fora da caixa. Pense diferente.

São todos pensamentos hippies, mas com outras palavras.

No primeiro *boom* das ponto-com, os preços das propriedades em uma cidade cercada como São Francisco (ou Manhattan) naturalmente dispararam. Garotos recém-formados que não estavam no mundo das ponto-com – jovens artistas, músicos, escritores, atores, excêntricos e boêmios, o tipo de gente pelo qual essa cidade era anteriormente famosa (e que podem ter sido a inspiração para os sujeitos das ponto-com) – foi empurrado para as margens ou para Oakland e outros lugares.

No final dos anos 90 tudo aquilo ruiu, mas os preços das propriedades nunca baixaram de volta ao que eram antes. O vasto número de espíritos livres e boêmios nunca voltou após ter sido desalojado. O mundo mudou sim um pouquinho com a primeira revolução ponto-com, mas não de forma total, radical e completa como alguns imaginavam. Nem todo mundo estava pronto para viver inteiramente on-line tão rápido quanto alguns tinham apostado.

Talvez com a Web 2.0, com seus websites comerciais mais socialmente interativos e responsivos – e com Wi-Fi e banda larga mais rápida e bem mais distribuída – algumas dessas mudanças imaginadas possam realmente ocorrer em nossas vidas, mas não com as coisas que a primeira revolução prometeu. Quem ainda quer filmes de videocassete entregues em sua casa em menos de quinze minutos?

Paradoxalmente, enquanto se torna cada vez mais fácil organizar todo tipo de serviço por nossos telefones ou laptops e acessar informações sem limite, o interesse e a procura por coisas que não podem ser digitalizadas aumenta: performances ao vivo, encontros cara a cara, interações, experiências, gostos, tranquilidade. Aqueles que frequentam redes de relacionamento social passam a valorizar a autenticidade como um tipo de compensação, já que essas qualidades podem ser falsificadas com muita facilidade no mundo on-line.

Vamos nos perder

O proselitismo e a ânsia por mudar o mundo, a intensidade e devoção nerd dos digerati² realmente parecem ter sido transmitidos pelas várias correntes endêmicas de entusiasmos excêntricos dessa vizinhança.

Grupos marginalizados têm sido uma grande tradição aqui. Mesmo que seja exagero daqueles que não se sentem confortáveis nessa cidade (terra de frutas e nozes³), a Bay Area tem a fama de sediar imensos espetáculos anárquicos de todos os tipos. Há alguns anos havia o Temple of the People – que não deve ser confundido com o People's Temple⁴ e o Ki-Suco da morte. Esse templo mais antigo, originalmente localizado perto da praia de Pismo, era influenciado principalmente pela teosofia, uma espécie de mistura improvisada de várias religiões e filosofias, fundada por Madame Helena Blavatsky por volta de 1870.

De uma motivação e de um mundo muito diferentes veio um grupo não-tão-diferente. Os acampamentos do Bohemian Grove – refúgios rurais dos ricos e poderosos membros do Bohemian Club⁵ de São Francisco – também começaram em 1870 e existem até hoje. Eles fazem performances e rituais no meio do mato em um mangue. Muitos presidentes dos Estados Unidos já participaram desses eventos, e o planejamento do Projeto Manhattan começou lá. É tudo muito secreto, e embora fazer contatos profissionais seja severamente desencorajado, é difícil imaginar que alguns vínculos não sejam mantidos entre os participantes. Se fosse acampar com Henry Kissinger, você não sentiria como se tivessem uma experiência em comum?

Embora os beats fossem na maioria estabelecidos em Nova York, São Francisco foi o cenário de seus livros e muitas de suas leituras aconteceram aqui – lugar onde o Oeste Selvagem encontrou o Leste cósmico. Assim, North Beach, com seus bares de expresso italiano e os imundos antros vizinhos na Broadway, é muito mais identificada com aquele movimento do que Nova York. De alguma forma, a percepção é de que havia também uma corrente inquebrável e direta da geração beat com a era do paz e amor uma década mais tarde. Neal Cassady – a inspiração para o Dean Moriarty de *On the road (Pé na estrada)*, de Jack Kerouac – estava de verdade com o “pé no ônibus” com Ken Kesey, cujos lendários testes de ácido incluíram o Grateful Dead – então não é uma ideia assim tão improvável. Aqui, os anos 60 produziram o movimento do rock psicodélico, quadrinhos underground, pôsteres psicodélicos, o *The Whole Earth Catalog*⁶, *be-ins*⁷ e os anárquicos acampamentos-espetáculos dos Cockettes, uma lendária trupe drag musical e teatral.

Afirmar que existe uma conexão entre os Cockettes e o mundo ponto-com pode parecer forçado para alguns, mas o princípio básico de fazer uma revolução só por fazer os *une*. O livre-para-todos da blogosfera e a loucura total das coisas que as pessoas postam on-line compartilham uma bela sensação de tanto faz. A sensação de liberdade anárquica permanece e, devo acrescentar, essa turma é legal com as bicicletas.

Vim aqui pela primeira vez no começo dos anos 70, atraído pela visão hippie-eco-tech personificada pelo *The Whole Earth Catalog*. Juntei-me a um amigo na tentativa de construir uma cúpula num campo em Napa County. Acabei perdendo o foco do projeto da cúpula e toquei com outro amigo pelas ruas de Berkeley em troca de dinheiro – ele tocava acordeom, eu tocava violino e ukulele e fazia poses irônicas. Fizemos sucesso. Percebi naquela época que eu estava mais interessado em ironia do que em utopia.

O coração sombrio do paz e amor

Visito Mark Pauline no galpão de seu grupo de performances artísticas Survival Research Laboratories. Nunca consegui assistir um de seus espetáculos, mas li muitas entrevistas, assisti a vídeos e ouvi relatos de um caos altamente inspirador.

Na chegada, o lugar parece um prédio industrial baixo comum, com uma quantidade terrível de máquinas espalhada aqui e ali do lado de fora, a maior parte delas coberta. Mark me conduz entre as máquinas, explicando o que cada uma faz. Uma atira bolas de cobre fundido a centenas de metros e outra dispara uma enorme chama a mais de 25 metros. Elas são gloriosas e assustadoras. Chocantes e impressionantes por si só; bom, também é bem bonito.

O trecho a seguir está no site deles:

Um dos principais projetos do SRL no último ano tem sido a reconstrução da V-1. A V-1 foi fabricada no SRL em 1990. Ela serviu tanto como um gerador de alta potência e baixa frequência quanto como um aparelho lança-chamas/jateador em muitos shows do SRL desde aquela época. O design do propulsor da SRL V-1 foi baseado nas dimensões coletadas pelos militares norte-americanos e equipes de inteligência após a 2ª Guerra Mundial. É uma réplica exata do design original alemão.

Sua montagem improvisada (da SRL) funcionava bem, a não ser pelo irritante fato de que a cada vez que a máquina trabalhava por um determinado período de tempo, diversas válvulas quebravam e desapareciam. Isso reduzia a emissão da máquina depois de aproximadamente 30 minutos de uso – tempo de operação suficiente para um show do SRL, mas um potencial risco para a plateia.



O V1. Cortesia de Survival Research Laboratories, foto de Karen Marcelo

Essas pequenas dicas sobre riscos de segurança e iminente perigo, claro, tornam os projetos do SRL ainda mais atraentes. Uma máquina estranha atira um pequeno anel de ar comprimido. Mark a descreve como uma espécie de tornado de alta velocidade e formato de anel. Quando bate diretamente, ela pode despedaçar uma placa de vidro, mas, quando direcionada às pessoas, Mark diz que é como ser atingido por um travesseiro. Claro que, depois de testemunhar uma explosão invisível despedaçar um vidro, a maioria das pessoas fica apavorada com essa coisa, mesmo que, não sendo rígidas como um pedaço de vidro, elas não possam ser feridas.

Um dos itens mais esquisitos é a máquina arremessadora. Ela usa um motor de carro V-8 para acelerar duas rodas, uma em cima da outra, até uma velocidade super alta. Então lascas

de madeira são colocadas no buraco e – pam! – elas são ejetadas a uma velocidade incrível. Uma lasca ejetada pode penetrar aço. Essa máquina, construída a partir de peças de carro disponíveis no mercado, é uma arma perigosa.



Máquina arremessadora. Cortesia de Survival Research Laboratories, foto de Karen Marcelo

Nem é preciso dizer que não são muitos os museus ou espaços públicos favoráveis à ideia de sediar um show do SRL hoje em dia. Provavelmente, para um curador oficial eles parecem algo que poderia ser facilmente mal interpretado como um manual do tipo “como-fazer” para maníacos e terroristas. Mesmo que eles tomem todas as precauções necessárias para garantir que os espectadores não possam se machucar, a real natureza de suas performances é sobre força extrema, violência e perigo – e nossa atração por essas coisas.

São Francisco sempre teve seu lado sombrio. Sempre existiram gangues, subculturas e esquisitices marginais, combinadas com um desejo de flertar com o proibido e o perigoso. Algumas vezes esses impulsos eram baseados na ideia de que tudo e todas as experiências deveriam estar disponíveis e de que nada deveria ser proibido. Nessa visão, é claro que ninguém poderia confiar no governo ou na igreja para ditar quais experiências poderiam ser prazerosas ou úteis, então o melhor seria simplesmente permitir ou experimentar tudo. Alguns exploradores experimentais e psíquicos tiveram maravilhosos insights e epifanias, e de fato quebraram mesmo as barreiras até o outro lado, enquanto outros terminaram com Jim Jones no People's Temple. A abertura para o mundo das experiências e das enormes variedades de expressão nessa bela cidade pode levar facilmente alguém a brincar com fogo – negando que possa sair seriamente queimado. Não que Mark e os caras do SRL sejam sombrios ou maus, mas suas máquinas certamente flertam com essa força e mitologia. É uma coisa poderosa.

São Francisco não é o único lugar onde claro e escuro são igualmente atraentes, mas parece que aqui, mais do que em muitos outros lugares – com a luz brilhante do Mediterrâneo, a proximidade do oceano e a atmosfera tolerante – essas frutas proibidas realmente desabrocham. É o fato de que essa cidade é o mais longe que você pode chegar da Europa e da Costa Leste, ainda estando em terra firme, que permite que todos esses grupos sejam semiaceitos e tolerados? Há quase uma admiração e respeito pela excentricidade e pelos espíritos obsessivamente independentes aqui, enquanto em muitos outros lugares

independência e liberdade são da boca para fora.

* * *

Pedalo até um centro alternativo de arte chamado CELLspace, onde a editora McSweeney's organizou um evento. O lugar é um armazém em um bairro cheio de armazéns. Leio trechos de um livro que escrevi e exibo slides de PowerPoint, como se eu fosse algum tipo de pregador religioso ou motivacional demente. No final todos os outros participantes e eu autografamos nossos livros em uma mesa, o que é um pequeno descanso depois da loucura do evento principal. Logo que me resigno ao lance de autografar os livros, uma fanfarra irrompe pela porta da frente e começa a desfilar tocando marchinhas. A Extra Action Marching Band estava em um festival de rua por perto e decidiu promover uma “intervenção”, como eles fazem de tempos em tempos – trazendo uma agradável dose de música, anarquia e garotas girando seus bastões em sumários uniformes a eventos que eles decidem que precisam de animação. Eles tocam com um groove ótimo – músicas brasileiras, dos Balcãs e próprias, todas misturadas. As meninas e meninos das bandeiras e as garotas dos bastões estão em verdadeiros uniformes de banda, combinados a fios-dentais com lantejoulas, e de alguma forma essa sua mistura e distorção dessa instituição totalmente norte-americana reúne uma nostalgia natural do excitante som das fanfarras e a anarquia hedonista, sensual e sexual que é endêmica na Bay Area. Não demora muito e estou dançando em cima de uma mesa.

Depois que o show acaba, vou ao lugar onde a banda ensaia e vive, no bairro de Bernal Heights, onde os caras da Extra Action e seus amigos estão fazendo uma festa com música ao vivo – uma banda chamada Loop!Station, que consiste em um cara tocando violoncelo com um equipamento eletrônico acompanhado de uma moça que consegue sorrir quase o tempo todo enquanto canta. Quando termina, ela diz oi e continua sorrindo. Em uma sala há um show de luzes típico de São Francisco. Parte dele consiste em dois filmes projetados na mesma tela, um por cima do outro. E em outra parede uma projeção por meio de óleo e água provoca a criação de imagens em forma de bolha, como numa apresentação no estilo de antigamente. A Extra Action se reúne e faz outra pequena apresentação – como eles conseguem ter energia depois de já ter tocado duas vezes (já são mais de duas da manhã a essa altura) eu não sei. Sua música parece gerar energia, ao invés de consumi-la.

Tenho a sensação de que entrei em uma utopia caótica e de alguma forma sexy. As pessoas têm todos os tipos de visual – chapéus vitorianos e bigodes falsos em alguns dos homens, perucas em algumas mulheres e alguns caras nem vestem muita coisa. Há vários cortes de cabelo espalhados pelo lugar. Estou usando uma jaqueta de cowboy azul bebê e sapatos de golfe. A música é variada, feita com entusiasmo e gera uma alegria contagiante – a cantora não é a única sorrindo.

Por que cenas como esta acontecem mais aqui do que em qualquer outro lugar? Um dos músicos da Extra Action tem algumas conexões com o Survival Research Laboratories, o que pode ser visto como uma variação um pouco menos perigosa do mesmo impulso por liberação, uma libertação semelhante. Energia selvagem é liberada nos dois casos.

Máquinas que enganam

De alguma forma, toda essa anarquia excitante me faz pensar se os modelos computacionais do cérebro chegaram a um bloqueio, um beco sem saída, com as recentes tentativas de desatar a criatividade. Suspeito que para imaginar e, conseqüentemente, para criar, uma pessoa tem que visualizar algo que ainda não existe. Assim, criar ficção está muito próximo de mentir – é imaginar a existência de algo que não é literalmente verdadeiro, e escrever ou falar sobre aquilo como se fosse real. Grande parte das ficções tentam nos contar uma história de forma que nos leve a acreditar que aquilo de fato está acontecendo ou aconteceu. As motivações por trás do ato de contar uma história e de mentir são diferentes, mas os processos criativos por trás delas são os mesmos.

Para ter uma máquina verdadeiramente criativa nós vamos inevitavelmente chegar a algo como HAL, uma que não apenas consiga computar, calcular e processar uma quantidade imensa de informações, mas que também possa imaginar, criar, mentir e enganar. Do ponto de vista da máquina pode não haver nenhum modo de distinguir imaginação e mentira.

Nós, bonecos de carne e osso, temos nossas morais, instintos, leis e tabus para nos manter na linha, que é naturalmente centrada na humanidade e por isso não é universal. Gostaríamos de pensar que morais e tabus são enviados por Deus e por isso aplicáveis a todos os seres humanos, mas eles na verdade são apenas o que é bom para nós enquanto espécie – ou, às vezes, bom apenas para nossa tribo, nação ou área geográfica em particular. Bom, essa máquina criativa também terá que ser dotada de algo equivalente a essas leis e ordens. Além disso, se ela for criar de uma maneira que possamos reconhecer, também deverá experimentar medo, amor, fome e tristeza. Nossos instintos e impulsos, nossos sentimentos viscerais, são todos parte da maneira como pensamos, de como tomamos decisões e raciocinamos. Somos tanto guiados por impulsos irracionais e emoções como por análises lógicas, então, para que uma máquina realmente pense como nós ela deverá pensar emocionalmente pelo menos na mesma proporção que ela o faz racionalmente. Você provavelmente pode entender onde esse argumento está nos levando.

Máquinas que criam deveriam então precisar de todo o kit e aparato de instituições humanas – motivações genéticas, vidas sociais e até uma forma de sexo (desejo, anseio, acasalamento, filhos) – a fim de desenvolver redes religiosas e sociais que possam servir, como servem para nós, para amenizar os ódios, decepções e narcisismos que inevitavelmente haverão de emergir dessa caixa de Pandora. Essas estruturas sociais iriam apenas mitigar tendências antissociais de alguma forma, do mesmo modo como essas mesmas estruturas fazem com as pessoas. Nós apenas podemos fazer criaturas à nossa própria imagem – não podemos fazer de outro jeito – e as merdas que aprontamos às vezes serão também passadas para esses “seres”.

Um contra-argumento para essa triste conclusão pode ser o de que se uma bicicleta é, por exemplo, um aperfeiçoamento das pernas, então talvez poderíamos sim criar algo melhor do que nós mesmos? Bom, em termos físicos, pelos menos. Isso é marcenaria, eu acho. Corvos e chimpanzés são ambos capazes de desenvolver mecanismos que alcancem onde seus bicos ou dedos não chegam, mas isso não é exatamente divino. Para isso, alguém teria que fazer uma máquina que é emocional e criativamente “melhor” do que nós somos. Se ela fosse, se nós fôssemos bem-sucedidos, haveria uma boa chance de que nós provavelmente não seríamos capazes de reconhecer o aperfeiçoamento.

Fuga de Alcatraz

Pedalo até a Taqueria Cancun, que tem incríveis tacos e burritos. Você escolhe o tipo de carne do recheio – carne assada, porco ou frango, naturalmente, mas também cabeça, língua e miolos. Então coloco a bicicleta em um ônibus municipal, todos com lugares para prender bicicletas na frente (!). O ônibus que escolhi atravessa a Ponte Golden Gate até Sausalito e Marin County. Há trilhas para bicicleta por todo o promontório e a oeste da Marina, grande parte mantida como área de preservação nacional. É possível ver falcões, urubus, pumas e focas. As trilhas adentram, cercam e estão por todas as colinas áridas e cheias de neblina. Finalmente a maioria das trilhas acaba levando até pequenas enseadas ou praias escondidas. Das colinas dos promontórios você não consegue ver a cidade de jeito nenhum; até a ponte Golden Gate é escondida.



O ar revigorante e a névoa me lembram as sombrias, porém lindas Terras Altas da Escócia, embora a garoa seja menos frequente aqui. Na Escócia, assim como na Islândia e na Irlanda, já existiram florestas que cobriam as colinas, mas gradualmente elas foram todas desmatadas, deixando um território bonito e que parece um outro mundo estranho. Não há como negar que o legado de destruição do homem às vezes é bonito. Minas e represas são de fato impressionantes. Os carneiros que agora pastam nas colinas varridas pelo vento da Escócia garantem que nenhuma árvore vá conseguir crescer mais do que um broto, então mesmo que uma arvorezinha consiga arranjar uma brecha no solo lamacento, suas chances de sobrevivência são mínimas.



Aqui não é tão chuvoso, então as colinas não se transformaram em pântanos e há grupos de árvores nos vales entre os abrigos isolados – construídos para a defesa contra a iminente invasão japonesa.

Dentro e fora

Desço até a Rua Mission, dentro do distrito de SoMa. É meio-dia e está um pouco quente, mas, passando por uma região de *leather bars*, vejo uns sujeitos do lado de fora com a vestimenta macho gay completa. Eles devem estar sofrendo em um dia quente como esse, mas talvez essa seja a intenção. Esta parte da cidade é plana, já que foi criada com o aterramento de antigos cascos de navios estragados, então ela parece diferente, um pouco fora do centro da cidade, embora seja bem ao lado dele.

Paro para assistir uma exposição de arte no Yerba Buena Center, com trabalhos que vêm de um lugar em Oakland chamado Creative Growth, um centro de artes visuais para pessoas que têm problemas mentais e/ou psicológicos. Como fã de muito daquilo que é chamado muitas vezes de arte marginal, adoro alguns desses trabalhos.

Uma dessas artistas, Judith Scott, obsessivamente embrulha coisas em fios e barbantes, criando casulos quase vivos que são fortes, perturbadores e um pouco assustadores. Objetos totêmicos gigantes, talismãs que parecem carregar algum misterioso vudu pessoal.



Judith Scott, *Untitled*, 2001, cortesia de Creative Growth Art Center

Um outro homem, Dwight Mackintosh, fez desenhos que, quando você os analisa, revelam serem compostos de muitas camadas de imagens, como fotos em *stop-motion*, todas transparentes e sobrepostas. Elas são como aquelas imagens que vemos em desenhos animados antigos, quando um personagem se move muito rápido e você vê uma dúzia de imagens de suas pernas simultaneamente, todas se sobrepondo para indicar velocidade. Nas linhas dos desenhos de Mackintosh há tantos braços e pernas se sobrepondo que é difícil logo de cara dizer que imagem está sendo representada ou o que o personagem está fazendo. Então se torna claro – isso é uma mão, aquilo é um...oh, é um pênis. Eles estão todos se masturbando. Em alta velocidade, ao que parece.



Dwight Mackintosh, *Untitled*, 1995, cortesia de Creative Growth Art Center

O termo *marginal*, como é usado no mundo das artes, significa “nós não temos certeza se isso se encaixa aqui, o artista é amador, e talvez ingênuo, mas dê uma olhada”. Ele também implica, às vezes, autodidatismo e provável insanidade ou não funcionamento social nos termos aceitos (isso poderia incluir vários de nós).

Em uma parede próxima há uma série de fotos em preto e branco dos artistas do Creative Growth. Algumas delas eu acho perturbadoras. Não tendo visto antes como os artistas são, tendo sido apenas movido profundamente pelos seus trabalhos, eu mentalmente os classifiquei e acomodei ao lado dos melhores artistas contemporâneos em atividade hoje. Qualitativamente, objetivamente, não vejo nenhuma diferença entre os trabalhos deles e os dos bons artistas conhecidos – exceto pelo fato de que não há nenhum trabalho aqui que lide com os dramas herméticos e intrincados do próprio mundo da arte. Isso, para mim, não é uma grande perda; na verdade é mais ou menos um ganho – embora a arte autorreflexiva às vezes seja bem engraçada. De qualquer forma, quase espero que eles se pareçam “normais”, ou pelo menos parecidos com outros artistas que conheço.

No entanto, ver o retrato de Judith Scott, que tem síndrome de Down, me faz concluir que muitas dessas pessoas não poderiam nunca se ajustar ao sistema de galerias e museus.



Cortesia de Leon Borensztein e Creative Growth Art Center

Isso, então, é o que os classifica como marginais. Esses artistas podem não ter a perspectiva de seus trabalhos como esperamos que artistas profissionais tenham – não que a maioria dos artistas profissionais possa falar lucidamente sobre seus próprios trabalhos também, mas profissionais ao menos têm uma noção de como seu trabalho se encaixa no mundo como um todo, ou dentro do mercado de arte, e podem inventar uma conversa muito bem. Nós supomos que o trabalho de um artista profissional é ligeiramente distante do artista enquanto pessoa – você não precisa saber das amantes de Picasso e de suas rejeições e obsessões psicológicas para gostar de suas pinturas. Com os artistas do Creative Growth e

alguns outros marginais, no entanto, parece que, para muitas pessoas, informações pessoais sobre o artista são consideradas essenciais para julgar, avaliar e entender seu trabalho. O fato de que eles são autodidatas, “loucos”, foram criados em um pântano ou trabalharam durante o dia como zeladores é de alguma forma considerado relevante. Jackson Pollock trabalhou como zelador em uma escola primária de Nova York, e provavelmente roubou alguma tinta de lá também, mas as placas nas paredes dos museus não o descrevem como um ex-zelador. Enquanto artistas profissionais de alguma forma se distanciam e distanciam suas vidas de seu trabalho, Judith obviamente tem um relacionamento íntimo com o seu, que eu imagino que muitos profissionais poderiam invejar e desejar ter também.

Embora alguns profissionais digam que gostariam de eliminar a brecha e trabalhar no território entre a arte e a vida, como Bob Rauschenberg afirmou uma vez, esses sujeitos nunca sequer deixaram essa brecha – para eles não é uma brecha, mas um profundo precipício.

Comparações entre esses artistas e artistas profissionais pedem alguns questionamentos: o que é sanidade? Ser disfuncional às vezes torna um artista melhor? Não acho que torne, embora o mito do louco (gênio) de Van Gogh permaneça vivo e bem. Acho que essas questões, essa dicotomia entre intenções e resultado, podem ser irrelevantes. Para mim, uma mancha na calçada ou um amontoado disforme de entulho podem ter um valor estético igual ao de alguns trabalhos de Franz West, por exemplo. Um apenas calhou de estar exposto em um museu, e o outro é geralmente encontrado jogado fora em algum terreno baldio. Receio que minha definição do que é arte seja muito ampla, e ela não é determinada pela biografia de seu criador. Às vezes, para mim, a arte sequer precisa de um autor. Não ligo para quem ou o que fez aquilo. Para mim a arte acontece entre a coisa – qualquer coisa – e a visão (ou mente) de quem vê. Quem ou o que a fez é irrelevante. Não preciso ver seu currículo para gostar. Mas devo admitir que, às vezes, a história do artista, se tomo conhecimento dela, acrescenta e afeta o que eu vejo.

Se você rabisca obsessivamente em pedaços de papel, como a super famosa artista Louise Bourgeois faz algumas vezes (para escolher um exemplo óbvio), a sua obra é melhor do que alguma obra bastante similar feita por um dos caras do Creative Growth porque você tem mais objetividade sobre seu próprio trabalho? Rabiscar é uma arte melhor quando você tem uma intenção consciente? É um trabalho melhor quando você está ciente do que está rabiscando e poderia fazer outros tipos de desenho se realmente quisesse? Não acredito que exista uma maneira de alguém poder dizer objetivamente, considerando as duas obras, que uma é melhor ou pior do que a outra. Louise Bourgeois faz também outros tipos de trabalho, o que pode fazer algum tipo de diferença, pelo menos para algumas pessoas, mas a maior diferença que eu posso imaginar é que presumivelmente ela decidiu fazer seus rabiscos obsessivos de maneira consciente e deliberada e, supomos (grande suposição aqui), não foi simplesmente levada a fazer as marcas por algum impulso inconsciente. Essa é de fato uma grande suposição, sobretudo no seu caso, porque ela faz um ótimo trabalho sobre a infância ferrada que teve, então talvez precise rabiscar tanto quanto os caras do Creative Growth.

E a questão real é: faria alguma diferença se ela realmente precisasse?

Funcionalidade social, para mim, são as palavras chave na dicotomia dentro/fora, não sanidade. Muitos artistas de galerias “sofisticadas” e bem-sucedidas são bem malucos, perdidos em suas próprias palavras, e muitas vezes são ruínas emocionais – mas eles sabem

como navegar entre os cardumes e recifes do mundo da arte. Bom, um pouco. Eles podem se controlar e se apresentar bem o bastante para ganhar a vida, falar, andar, embora alguns dos famosos possam ser também babões viciados em drogas e nem tenham competência para manter uma conversa.

Para os caras do Creative Growth, fazer arte é terapêutico. Poderia argumentar que também é igualmente terapêutico para o artista profissional. Posso testemunhar pessoalmente que compor e me apresentar me manteve mais ou menos são e me permitiu alcançar um nível de contato social que jamais teria sido possível de outra forma. (Ver a arte, no entanto, não é terapêutico, nem colecionar arte traz algum valor moral – mas isso é outro assunto. O ato de fazer arte, no entanto, é.)

Não tenho certeza se conheço alguém, qualquer um, que seja completamente são. Claro, conheço muita gente que joga o jogo da sanidade com habilidade e ousadia. Suas máscaras de ter tudo sob controle estão bem seguras, e eles não cospem profanidades ou ficam com o olhar perdido e fixo no espaço. Acima de tudo eles aprenderam como funcionar socialmente bem o suficiente para serem aceitos como “normais”. Meus amigos também não são exclusivamente uma multidão de artistas excêntricos – a maioria é aquilo a que poderíamos nos referir como normal.

Os pobres marginais nunca aprenderam ou dominaram essas habilidades sociais. Nem um protótipo de automarqueteiro como o Reverendo Howard Finster de Somerville, na Geórgia, nunca conseguiu fazer isso direitinho. Ou sua pregação e veemência o impediam – fogo e enxofre não combinam com vinho branco e queijo – ou ele não entendia que no mundo da arte uma pessoa não pode ser vista como alguém que fica descaradamente de olho nos bens dos outros, o que Howard não se importava em fazer, porque ele enxergava seu trabalho como algo que serve a uma glória maior. Ele não estava tentando convencer ninguém; ele não estava realmente promovendo “a si mesmo”.

Há uma elaborada coreografia envolvida em se passar por um artista profissional. Para começo de conversa, é necessário ocultar o discurso de venda, e esse protocolo, esses passos de dança, precisam ser dominados, como acontece em qualquer outra profissão. Mas uma pessoa pode ser maluca e auto-obsessiva, pode acreditar em outros mundos e na influência de forças sobrenaturais, e ainda assim ser respeitado, visto como um artista “são” – sem problemas.

Artistas sofisticados que desenham bem – Klee, Basquiat, Twombly, Dubuffet – muitas vezes desenham intencionalmente de uma maneira mais “primitiva”. Eles são vistos, em parte por causa da natureza turbulenta de seu traço, como quem penetra algo grave e profundo. Os traços grosseiros implicam que a pessoa está em contato com forças inconscientes que não irão se submeter às encorajadoras e facilitadoras tendências da técnica e da habilidade. A ideia também não é exagerada ou completamente mentirosa; desenhos não convencionais apertam sim alguns botões elementares, e talvez o trabalho desses artistas venha mesmo de um lugar grave e profundo que não vai se submeter ao polimento. Não estou dizendo que são farsantes. Estou apenas explicando qual a conotação que seus gestos transmitem.

A ideia geralmente aceita é de que, se é rústico, então deve ser mais real, mais autêntico. Já os marginais, cujos traços são, com muita frequência, nem um pouco refinados, não podem evitar desenhar do jeito que o fazem – eles não conseguiriam fazer um traço claro, se tivessem

que fazer. Então eles são deixados de fora do “clube” da arte. Eles estão fazendo o melhor que podem, mas porque acreditamos que sua visível falta de habilidade para desenhar não é sua escolha, eles são frequentemente vistos como artistas menores. Eles não conseguem evitar desenhar uma merda maluca, enquanto os artistas sofisticados conseguiriam desenhar um cachorrinho fofo se tivessem que fazê-lo, ou pelo menos assim imaginamos. Parece tudo uma questão de objetivo. Mas ainda assim, é quase certo que esses artistas marginais tenham objetivos. Eles sabem quando um traço é correto ou quando é “irreal”, de acordo com seus padrões pessoais. Eles têm um planejamento definido para alcançar uma aparência e um efeito visual muito específicos – pelo menos é o que alguém entenderia, considerando que eles muitas vezes trabalham intensamente para recriar aquela visão várias e várias vezes.

A segregação estética parece perversa. Aprecio muito do trabalho dos quatro artistas profissionais bem-sucedidos citados aqui, mas, provavelmente, o que me toca é quando os trabalhos deles alcançam algo profundo que todos nós temos em comum. É aquela mesma coisa na qual os marginais às vezes fazem cócegas e ativam da mesma maneira – prova de que essas linhas e imagens carregadas podem ressoar com quase qualquer um. Eles tocam as mesmas partes profundas e sombrias deles mesmos e de nós. A diferença é que os pobres lunáticos não conseguem abandonar a experiência de se comunicar com extremos de sombra e luz e se afastar. Se distanciar, fingir objetividade; essa então, é a marca de uma pessoa “civilizada”. É uma habilidade social poderosa, possivelmente essencial, mas não é, na minha opinião, um critério pelo qual se julgam obras criativas.

As grandes obras da antiguidade, os clássicos, podem ter sido feitas por anônimos (para nós) malucos obsessivos talentosos – muitas de suas histórias pessoais estão certamente perdidas na história. Então talvez eles também tenham sido completos desajustados – mas quem se importa?

Na próxima página está uma pintura feita por alguém que sofre de enxaqueca. Ela representa – é o que nos dizem – não uma interpretação metafórica da dor de cabeça, mas uma descrição realista do que o paciente sente quando a enxaqueca o ataca.



Cortesia de Migraine Action

Isso faz a gente pensar se Braque e outros cubistas sofriam de enxaqueca e estavam pintando o que eles realmente viam. Isso faria alguma diferença? Nós os encararíamos menos como artistas se esse fosse o caso?

O cruzamento entre os lados de dentro e de fora não está confinado apenas às artes visuais. Beckett, Joyce e Gertrude Stein produziram obras obsessivas e impenetráveis – mas eles conseguiam funcionar e até levaram prêmios por trabalhos que muitos ainda chamam de loucos. Se uma coisa é feita por alguém sofisticado ou por uma pessoa com a funcionalidade comprometida, nas últimas décadas isso muitas vezes tem dado na mesma. E, à medida que o tempo passa, habilidades e técnicas tradicionais se tornam qualidades menos desejáveis, e expressão, verdade e emoção são consideradas mais importantes. Artistas e escritores são encorajados a mergulhar em seus abismos mais profundos, então, não deveria ser nada surpreendente se alguns dos mesmos peixes estranhos fossem pegos. As criaturas das profundezas podem ser muito perturbadoras e esquisitas, mas todos reconhecemos alguma parte de nós nelas, não importa quem as tenha trazido à tona.

Como minha amiga C aponta, é bem comum que alguém tente denegrir a obra criativa de outra pessoa dizendo “eles não são boas pessoas”. É como se o fato de alguém ter uma personalidade abominável, ser um mau pai, gostar de sexo por telefone ou ser obcecado por menininhos ou menininhas implique que seu trabalho é, portanto, pior. Ele é? Claro que ninguém mais liga se um artista é meio muquirana ou se é gay ou não. A maioria das pessoas diria que essas informações são irrelevantes e não têm importância para definir se eles gostam

do trabalho ou não, ou se ele deve ser levado a sério ou não.

Mas para a maioria de nós, o fato de que Ezra Pound fez transmissões de rádio apoiando os fascistas ou que Neil Young era um partidário de Ronald Reagan ou de que alguns compositores e artistas elogiavam Stalin – ou mesmo Hitler – torna seus trabalhos suspeitos, ou mesmo sem valor em alguns casos? Em que ponto a atividade extracriativa da pessoa começa a fazer diferença sobre como avaliamos sua obra? Essa questão pressupõe que aquelas simpatias políticas ou perversões sexuais realmente aparecem no trabalho – e eu nem estou falando sobre obras que são escancaradamente propagandistas. Se optarmos por denegrir a monumental arquitetura de Speer, então existem muitos outros arquitetos que, a julgar pela aparência de seus trabalhos, são igualmente “fascistas”, e muitos deles estão trabalhando hoje.

Qual é o limite? Nós deveríamos julgar apenas pelo que está à nossa frente?

Uma história do PowerPoint

Faço uma palestra sobre o programa de apresentação PowerPoint na Universidade da Califórnia, em Berkeley, para uma plateia de lendas da TI e acadêmicos. Tenho, ao longo dos últimos anos, feito pequenos “filmes” nesse programa, normalmente usado por gente de negócios ou acadêmicos para demonstrações de slides ou apresentações. Nos meus filmes, fiz as setas gráficas e os fundos bregas dissolverem e mudarem sem que ninguém tenha que clicar no próximo slide. Essas “apresentações” sem conteúdo correm sozinhas. Também anexe arquivos de música – trilhas sonoras –, então as peças são como pequenos filmes de arte abstrata que se opõem ao estilo tradicional (para algumas pessoas) do programa. Tirei, ou até nem coloquei, o que geralmente é considerado “conteúdo” e o que restou foi a mídia que apresenta aquele conteúdo. Em uma situação como essa aqui em Berkeley, as pessoas geralmente são convidadas a falar de seus trabalhos, mas em vez disso decidi contar a história do próprio programa de computador. Eu falei sobre quem o inventou e quem o aperfeiçoou e apresentei algumas análises subjetivas do programa – minhas e dos seus críticos e admiradores.

Estou apavorado. Muitos dos caras que originariamente transformaram o PowerPoint em um programa estão presentes. O que eles vão pensar sobre o que eu fiz com a invenção deles? Bom, eles não poderiam simplesmente levantar e falar sobre isso? Eles poderiam me desafiar e me condenar!

Por sorte, não estou falando dos detalhes de programação, mas sobre a onipresença do software e como, por causa do que ele faz e da maneira como o faz, ele limita o que pode ser apresentado – e, portanto, o que é discutido. Toda a mídia faz isso até certo ponto – ela faz certas coisas bem e deixa outras totalmente de fora. Isso não é novidade, mas trazendo à tona, lembrando todo mundo, eu espero ajudar a dispersar o mito da neutralidade que cerca muitos softwares.

Também proponho que uma palestra com slides, o contexto no qual esse software é usado, é uma forma de teatro contemporâneo – uma espécie de teatro ritual que se desenvolveu em salas de reunião e meios acadêmicos, em vez de palcos da Broadway. Ninguém pode negar

que uma palestra é uma performance, mas novamente existe um difundido mito de objetividade e neutralidade com o qual devemos lidar. Há um preconceito silencioso corrente nesses “espaços performáticos” acadêmicos e corporativos – de que fazer uma performance é interpretar e, conseqüentemente, não é “real”. Reconhecer uma palestra como performance é, portanto, um anátema. Quero dispersar um pouco esse mito da autenticidade, de uma maneira divertida e suave.

A palestra vai bem. Posso relaxar, eles estão rindo. Bob Gaskins, Dennis Austin e Peter Norvig estão todos aqui; Bob Gaskins foi um dos caras que aperfeiçoou o programa original e percebeu seu potencial. Bob não aceitou ser apresentado, então apelo para uma foto de uma concertina⁸ quando menciono seu nome. (Ele está aposentado e agora compra e vende concertinas antigas.) Isso provoca risos. Ele me diz mais tarde que gosta da ideia do PowerPoint-como-teatro, o que é um alívio. Quero dizer, há muita aversão a esse programa lá fora, e um monte de gente ri com a simples menção de *bullet points*, então ele deve se sentir meio vulnerável.

Trabalhando nessas peças, e em outras, notei que existe uma pirâmide de controle e influência entre texto, imagem e som. Percebo que hoje damos ao texto uma posição preferencial: uma etiqueta embaixo de uma imagem “define” aquela imagem, mesmo que contradiga o que vemos. Pergunto-me: em um tempo antes de o texto se tornar onipresente, era a imagem (um símbolo, um gesto, um sinal) a mídia mais importante? O som – vozes, canto, ritmo – vinha em segundo, e o texto, limitado como ele deve ter sido há milhares de anos, em terceiro? Foi alguma vez o texto um servo da imagem e do som, que gradualmente conseguiu usurpar seus lugares e assumir o controle? A pirâmide do poder de comunicação em algum momento se inverteu?

Wittgenstein disse a famosa frase: “Os limites da minha linguagem são os limites da minha mente. Tudo o que eu sei é aquilo para o qual tenho palavras”. Sou um prisioneiro da minha linguagem.

Isso pressupõe que a consciência não pode acontecer sem linguagem verbal ou escrita. Eu discordo. Sinto que muito da comunicação acontece não verbalmente – e não me refiro às piscadelas e aos acenos com a cabeça. Quero dizer que imagens nos capturam, assim como os sons. Elas nos prendem e seguram emocionalmente. Cheiros também. Eles podem nos tomar de um jeito que é difícil de explicar verbalmente. Mas, talvez, para Ludwig isso simplesmente não estivesse acontecendo. Ou talvez porque ele não pudesse explicar em palavras o que os sons, cheiros e imagens fazem, ele tenha preferido ignorá-los, negar que eles fossem formas de comunicação.

Vamos abrir um clube!

Chamo um táxi e dobro minha bicicleta, coloco-a no porta-malas e volto para São Francisco. O taxista seria perfeito para o papel de Ignacious, do romance *A confederacy of dunces*. Ele é um homem grande, com grandes óculos escuros, cabeça raspada e, nesse dia estranhamente quente para São Francisco, usa um gorro de lã, enrolado. Ele me reconhece e me diz que sabe que o guitarrista do Talking Heads mora em Marin (ele se refere a Jerry Harrison). Também sabe onde Dana Carvey mora, então ele começa a tentar me convencer a

me associar ao Dana e abrir um clube. “Mesas legais, algumas bebidas, um pouco de comédia e boa, ótima música: como poderíamos sair perdendo?”

Então ele passa a discutir a “contaminação negra”, pela qual eu acho que ele se refere às letras obscenas e violentas do gangsta rap. Seu favorito em música é Huey Lewis, que ele acha que deveria ser mais tocado pelas rádios. Ele me sugere que talvez Huey e eu poderíamos tocar no clube, yeah!

No aeroporto, meu voo está atrasado, e posso ouvir o homem de negócios atrás de mim dizendo “Não é o pior slide que você já viu até hoje?”, enquanto segura uma impressão de um slide de PowerPoint – um triângulo com palavras dentro.

¹ N.T.: Arquiteto europeu conhecido pela autoria de um ensaio/manifesto intitulado Ornamento e crime, no qual proclama que a evolução da cultura progride com a eliminação da ornamentação em objetos utilitários.

² N.T.: Pessoas com grandes conhecimentos sobre tecnologias digitais, de digital+literati.

³ N.T.: Apelido do estado da Califórnia, no original, “*land of the fruits and nuts*”, em que “*fruit*” refere-se à população gay, e “*nuts*” aos malucos.

⁴ N.T.: Seita fundada em 1955 por Jim Jones. Em 1978, Jones convenceu os fiéis que viviam com ele em uma comunidade na Guiana a cometer suicídio coletivo. No dia 18 de novembro daquele ano, 918 pessoas morreram após tomar um suco envenenado.

⁵ N.T.: Clube masculino privado, cujos membros incluem de artistas e músicos a homens de negócios.

⁶ N.T.: Revista que marcou o movimento de contracultura nos EUA.

⁷ N.T.: Espécie de happening, evento característico da contracultura.

⁸ N.T.: Espécie de acordeom, mas com formato hexagonal.

Pedalo quase todos os dias aqui em Nova York. Está ficando mais seguro fazer isso, mas tenho que ficar bem alerta quando faço isso nas ruas em vez de na ciclovia do Rio Hudson ou outras rotas mais protegidas. A cidade criou muitas ciclovias nos últimos anos, e agora afirmam que há mais delas aqui do que em qualquer outra cidade dos Estados Unidos. Porém, infelizmente, a maioria delas não é segura o bastante para que alguém se sinta realmente tranquilo, como é possível na quase finalizada ciclovia ao longo do Hudson ou em muitas cidades europeias. Isso está mudando, aos poucos. À medida que novas ciclovias são feitas, algumas delas são mais seguras, construídas entre a calçada e os carros estacionados ou protegidas por uma barreira de concreto.

Entre 2007 e 2008 o tráfego de bicicletas em Nova York cresceu 35%. Difícil dizer quem causa o que aqui – se ter mais ciclovias inspirou um maior uso de bicicletas ou se foi o contrário. Fico feliz em suspeitar que, pelo menos até o momento, tanto o Departamento de Transportes como os ciclistas de Nova York estejam na mesma sintonia. Quanto mais jovens criativos passam a residir no Brooklyn, mais aumenta o número de suas bicicletas cruzando as pontes. O tráfego de bicicletas na Ponte de Manhattan quase quadruplicou ano passado (2008) e o da Ponte de Williamsburg triplicou. E esses números vão continuar a crescer, já que a cidade continua a fazer melhorias em suas ciclovias e a criar bicicletários e outras facilidades. Nesse sentido a cidade está, de certo modo, se adiantando em relação a algo que vai acontecer em um futuro próximo – muito mais pessoas vão usar bicicletas para ir ao trabalho ou para se divertir.

Em uma bicicleta, estando apenas um pouquinho acima do nível de visão de um pedestre e de um carro, tem-se uma visão perfeita do que está acontecendo em sua própria cidade. Diferentemente do que acontece em muitas outras cidades americanas, aqui em Nova York quase *todo mundo* é obrigado a pisar numa calçada e encontrar outras pessoas pelo menos uma vez por dia – todo mundo faz pelo menos uma breve aparição pública. Eu uma vez tive que desviar para não atropelar Paris Hilton, segurando seu minúsculo cachorrinho, atravessando a rua no sinal aberto e olhando ao redor, como se dissesse “Eu sou Paris Hilton, vocês não estão me reconhecendo?”. Do ponto de vista de um ciclista você vê tudo isso muito bem.

Bem em frente a um teatro em Midtown um homem passa de bicicleta – uma daquelas estilo lowrider¹. É um homem adulto, com uma aparência bastante normal, exceto pelo fato de ter um sistema de som monstruosamente grande preso à frente da bicicleta.

Eu continuo pedalando a minha e poucos minutos depois outra bicicleta com *boom box* passa. Desta vez é uma mulher, estilo leitora-de-Jane-Austen-que-veste-sapatos-confortáveis. Ela está em uma bicicleta comum, mas, mais uma vez, com um *boom box* (menor) preso à traseira... Não consigo identificar a música.

Há uma revista na prateleira da entrada do restaurante paquistanês onde eu costumo almoçar, chamada *InvAsian: Um diário para os culturalmente ambivalentes*.

O que existe em certas cidades e lugares que incentiva atitudes específicas? Sou eu que estou imaginando que isso existe? Até onde a infraestrutura das cidades molda as vidas, o trabalho e as emoções de seus habitantes? Muito significativamente, eu imagino. Toda essa conversa sobre ciclovias, prédios feios e densidade populacional não envolve apenas essas coisas, trata-se também do tipo de gente em que essas coisas nos transformam. Eu não acho que seja imaginação minha que as pessoas que se mudam de qualquer lugar para Los Angeles inevitavelmente perdem as características do ambiente de onde vieram e acabam criando trabalhos tipo-LA e sendo pessoas tipo-LA. As atitudes criativas, sociais e cívicas dependem do ambiente de onde vivemos? Sim, eu acredito nisso. Como isso acontece? É algo que se infiltra sorrateiramente através da pressão dos amigos e de conversas casuais? É a água, a luz, o clima? Há uma sensibilidade de Detroit? Memphis? Nova Orleans? (Sem dúvida.) Austin? (Certamente.) Nashville? Londres? Berlim? (Eu diria que há um senso de humor berlinense, com certeza.) Düsseldorf? Viena? (Sim.) Paris? Osaka? Melbourne? Salvador? Bahia? (Com toda certeza.)

Eu estive recentemente em Hong Kong, e um amigo de lá comentou que a China não tem um histórico de engajamento civil. Tradicionalmente, na China, uma pessoa tem que se adequar a dois aspectos da humanidade – o imperador e sua burocracia, e sua própria família. E, mesmo que essa família seja bem grande, ela não inclui vizinhos ou colegas de trabalho, então grande parte do mundo é deixada de fora. Pro inferno com eles. Desde que o imperador ou seus ministros não estejam atrás de mim e minha família esteja bem, então está tudo certo com o mundo. Eu fiquei muito chocado com o nível de destruição de qualquer coisa que se relacione a lazer social e interação social em Hong Kong – mercados de rua, parques, marinas, ciclovias (claro) – fiquei impressionado com o fato de que tudo o que foi projetado para o bem comum rapidamente é demolido, privatizado ou substituído por um condomínio ou uma torre de escritórios. De acordo com o meu amigo, a vida cívica simplesmente não faz parte da cultura deles. Então, pelo menos neste caso, a cidade é um reflexo físico e exato de como a cultura se enxerga. A cidade é uma manifestação 3-D do social e do pessoal – e eu estou sugerindo que, por sua vez, a cidade, fisicamente falando, reforça esses valores e os recria em sucessivas gerações de moradores locais e naqueles que emigraram para lá. As cidades autopetuem as mentalidades que as criaram.

Talvez cada cidade tenha uma sensibilidade única, mas nós não temos nomes para elas ou não identificamos todas. Ainda não podemos apontar exatamente o que torna a população de cada cidade única. Quanto tempo uma pessoa tem que morar em um lugar até começar a se comportar e pensar como um local? E onde essa cidade psicológica começa? Há um ponto no mapa onde as atitudes mudam? E o inverso é verdade? Existe um lugar onde nova-iorquinos se tornam pessoas de Long Island? Vão existir placas nas rodovias com uma foto de Billy Joel avisando aos motoristas “atenção, entrando na mentalidade de Nova York”?

Viver em Nova York incentiva uma atitude durona e séria? É assim que alguém descreveria a mentalidade de Nova York? Eu ouvi recentemente que os cariocas têm um senso de “ok, ok, vá direto ao assunto” parecido. Será o legado de uma série de acontecimentos históricos que faz uma cidade? É daí que isso vem? É uma visão mundial constantemente mutável e que se

desenvolve lentamente? A repercussão das políticas e leis locais influencia a forma como enxergamos uns aos outros? Isso vem da mistura socioeconômica e étnica? Será que as proporções na mistura urbana são cruciais, como em uma receita? A dissipação da fama e do glamour cobre toda LA como chantilly? As populações latinas e asiáticas que são barradas dos playgrounds das celebridades se misturaram a essa receita, resultando em um tipo peculiar de fusão sociopsicológica? Isso, e o jeito como as luzes dos refletores aparecem sobre a pele, fazem com que certos tipos de trabalho e atividades de lazer sejam mais apropriados lá?

Talvez isso seja apenas um pouco de mito, um desejo deliberado de dar a cada lugar sua aura exclusiva. Mas toda crença coletiva não acaba se tornando uma espécie de verdade? Se um número suficiente de pessoas age como se algo fosse verdade, isso não se torna mesmo “verdade”, não objetivamente, mas no sentido de que vai determinar como eles irão se comportar? O mito da personalidade urbana única e das sensibilidades únicas em cidades diferentes existe porque nós queremos que ele exista.

Cidade das pequenas fábricas – a velha louca Nova York I

Participei do Five Boro Bike Tour² esta manhã. Quarenta e duas milhas! Isso parece muito para algumas pessoas, mas leva pouco mais de três horas. E há pausas. Eu achei que ia ficar mais cansado do que estou, já que eu geralmente pedalo só em passeios por perto para resolver afazeres ou para trabalhar ou sair à noite. Pode parecer meio ridículo, mas me sinto como se estivesse participando de um importantíssimo evento cívico. As pessoas no Queens, Brooklyn e Staten Island colocam placas em seus jardins e saúdam as multidões de ciclistas que passam, como se faz com os corredores na maratona – só que nesse passeio ninguém está competindo. Ninguém está marcando quem chega em primeiro.

Os organizadores fecharam parte da autoestrada FDR³, da BQE⁴, da Belt Parkway⁵ e da Ponte Verrazano, para que nós participantes tenhamos a emoção de estar pedalando no meio de uma rodovia, e sem ter que parar nos sinais vermelhos. Lá se vão as preocupações com os onipresentes pedestres de Nova York que não estão nem aí para as regras de trânsito em suas obstinadas missões suicidas.



9h30: A vista em direção à Randall's Island, debaixo de uma ponte ferroviária.

Existem algumas paradas obrigatórias – para água, bananas grátis e biscoitos com pasta de amendoim – em Queens e próximo ao lado Brooklyn da Ponte Verrazano, então correr e tentar chegar à frente dos outros não te leva a nada – exceto, talvez, às melhores bananas.



12h00: Estou pedalando pela Ponte Verrazano, o que significa que quase acabei. Daqui é um caminho curto até a Staten Island Ferry e de volta a Manhattan.

Há muita lycra, lycra demais. Há um som de lycra deslizando pelo asfalto que eu já ouvi algumas vezes antes. Eu acho que, para algumas pessoas, a diversão nesses eventos, ou a diversão em andar de bicicleta nos finais de semana, está em se vestir de acordo. Uma mudança de trajes anuncia “Eu estou fazendo isso agora! Eu hoje sou um ciclista”.

Claro, alguns caras (e garotas) que participam do evento não seguem muito as regras de etiqueta dos ciclistas, ou talvez eles estejam tentando provar o quanto são viris – tanto para eles mesmos como para todos os outros. Eles voam e manobram em alta velocidade atrás das posições de liderança que não significam nada. Já me alertaram que a parte mais perigosa dessa coisa seria os outros ciclistas – especialmente aqueles que estão determinados a ficar na frente da multidão – onde quer que seja. Eu nem consigo mais ver a frente. O amontoado compacto do ponto de partida em Lower Manhattan rapidamente se expande na hora em que deixa a ilha (isso é provocado intencionalmente, criando alguns gargalos na Sexta Avenida no meio da cidade, que tornam o grupo menos denso). Não é só nos exibicionistas que você precisa prestar atenção. O fato de haver tantos ciclistas que não estão acostumados a pedalar muito e, com certeza, não acostumados a pedalar em massa, espremidos juntos, inevitavelmente leva a alguns atos de distração que podem causar empilhamentos terríveis.

No entanto, o mais importante é que existe uma grande e rara sensação de união civil – algo que nós nova-iorquinos achamos suspeito, mas que é isso aí. Nós temos que nos entregar a isso – a sensação gerada quando uma massa de pessoas faz algo juntas, energicamente, em massa. Como o que acontece em um mosh ou em uma montanha russa – um profundo arrepio biológico é disparado. Diferentemente de algumas multidões, esse é um grupo amigável, feliz em respeitar as barreiras e cones de trânsito (a maioria), correndo à base da energia de bananas e biscoitos com pasta de amendoim.

A parte mais longa da rota passa pelas vizinhanças à margem das águas do Brooklyn e do Queens, o que dá a distorcida e prazerosa impressão de que a velha e enlouquecida cidade

industrial que Nova York foi um dia ainda existe. Essas vizinhanças são compostas por uma infinita série de pequenas fábricas que fazem embalagens plásticas, caixas de papelão, ex-lax⁶, cabides, escovas de cabelo e as caixas d'água de madeira que estão no topo de todos os prédios residenciais de Manhattan. Claro, algumas regiões como Williamsburg, pelas quais nós ciclistas só passamos em um pedacinho, foram tomadas por galerias de arte, cafés e livrarias maravilhosas, enquanto outras áreas são habitadas principalmente por judeus hassídicos e italianos, mas a maior parte da costa ainda é dominada pelas pequenas fábricas. Essas velhas estruturas estão a milhões de milhas dos parques industriais, campi high-tech e matrizes de corporações que vemos do lado oeste (oeste sendo o outro lado do rio Hudson). Elas são pequenas em tamanho e geralmente controladas por famílias. Esses são os lugares que fabricam aqueles anéis de reforço para folhas de cadernos e retiradores de miolo de maçã para os quais você olha e pensa, “Quem pensou nisso? Quem criou isso? Alguém realmente inventou isso?”.

* * *

Alguns dias depois, fui de bicicleta até East New York (uma região do Brooklyn) para ver uma das minhas cadeiras de arte sendo pintada a pó. É uma técnica usada para pintar peças industriais como prateleiras de metal, armários e revestimentos de alumínio, e que deixa um acabamento bastante liso – a ideia é que a cadeira pareça que foi feita na linha de montagem de uma fábrica. O objeto vai dentro de uma câmara e então o ar dentro da câmara é preenchido com tinta em pó, que adere por igual a ele, sem nenhum sinal de pelos de pincel ou tinta escorrida.



Chegando a esta área eu passeio por vários guetos do Brooklyn – dominicano, caribenho, hassídico e negro. Quando digo gueto não quero dizer uma área dominada pela pobreza, desolada ou decadente. Também não quero necessariamente dizer que a área seja negra. Algumas áreas que podem ser consideradas guetos são animadas e efervescentes. East New York, no entanto, é bastante perigosa. Um amigo foi assaltado aqui recentemente e forçado a entrar em uma mercearia e comprar fórmula infantil para um cara! Em suas piores partes a região se parece com alguns dos lugares mais sombrios que eu vi no antigo bloco soviético – casas detonadas cercadas por superestruturas industriais caindo aos pedaços (a linha elevada do metrô daqui parece que não recebe uma pintura há décadas). Esses sinais de decadência e ruína estão misturados a um monte de igrejas e enormes templos, que funcionam em antigos cinemas reformados. A negligência oficial é óbvia e total. Nós demos risada do Borat, mas temos nosso próprio Cazaquistão bem aqui.

Tendo visto o suficiente dessa estimulante sordidez, decido pegar um caminho mais convencional para casa. Eu vou em direção à água, que é perto, e pedalo ao longo da ciclovia que segue Belt Parkway, ao longo da baía do Brooklyn. À minha esquerda estão os pântanos e mangues de Jamaica Bay. Não é bem Nantucket, mas é legal pacas – e é surpreendente que fique dentro dos limites da cidade de Nova York. Hoje é sábado, e há muita gente fazendo churrasco. Eles estão nos gramados ao lado da rodovia e até mesmo naquelas partes que dividem as duas pistas. Seria quase adorável, se a feia rodovia não estivesse tão perto.

Eu paro para comer *scungilli* (mexilhões cozidos em molho vermelho) em um lugar em Sheepshead Bay. Há mesas de piquenique na calçada e uma janela onde você pode pedir mariscos, ostras e vários tipos de frutos do mar. Dizem que a região tem esse nome por causa do delicioso peixe *sheepshead*. Ele já foi abundante, mas agora desapareceu daqui. Também é conhecido como sargo-de-dentes.

Lembro que outro dia eu queria ir de bicicleta a uma exposição de arte no PS1⁷, em Long Island City, mas era o dia da Maratona de Nova York e a ciclovia da Ponte Queensboro estava fechada (para os corredores em cadeiras de roda, disseram, mas ela estava completamente vazia). Então levei a bicicleta no bonde da Roosevelt Island e pedalei por onde fica o manicômio abandonado na ponta sul da ilha que fica no meio de East River. Não havia ninguém por perto. Fantasmagórico. Do topo da ilha há uma vista incrível do prédio das Nações Unidas e uma pequena ilha rochosa repleta de pelicanos – uma coisa bizarra de se ver no meio da cidade.



Quando cheguei a Long Island City, parei para um lanche em um café bacana em Hunters Point e fiquei observando enquanto a equipe de limpeza da maratona recolhia as pilhas de copos e lenços de papel que haviam sido entregues aos corredores. As ruas tinham um brilho amarelo de Gatorade – parecia que todos os maratonistas tinham urinado depois de tomar um monte de vitaminas. Uns últimos retardatários caminhavam e meio que se arrastavam. Fiquei pensando se seria privilegiado em ver a última pessoa da corrida – algo muito mais raro e difícil de conhecer do que quem quer que seja que chegue em primeiro. Acho que eu o vi. Era um homem com uma bandana multicolorida na cabeça, com uma barba de alguns dias. Seu número da maratona estava torto, e eu achei que ele estivesse fumando um cigarro, enquanto subia a rua, se inclinando levemente em direção ao meio-fio.

Como estamos indo?

Além das ciclovias, Nova York tem um número surpreendente de adoráveis rotas para bicicletas. O trecho na página ao lado fica em Upper Manhattan.



Essa rota percorre quase todo o caminho até o topo da ilha, onde há um belo parque bem na pontinha de Manhattan, na região de Inwood. Existe também uma ótima rota ao longo do

calçada da Staten Island, que contorna as praias do Atlântico naquele distrito. Ela se estende por milhas, a partir da Verrazano e sul do Gateway Park. Não há carros e existem alguns lugares para comer. As praias são surpreendentemente limpas e algumas são até particulares (as particulares não são tão limpas; acho que não se pode ter tudo).

No Brooklyn, além do já mencionado caminho ao longo do mangue de East New York (que também pode servir para chegar até as Rockaways), existe um caminho à beira d'água, a partir de Bay Ridge, que passa por baixo da Verrazano e vai até Coney Island. Infelizmente, há uma rodovia em um dos lados, mas a vista do porto do outro lado compensa isso. E você é presenteado com uma banda latina tocando no calçada de Coney Island nos fins de semana do verão.

A velha louca Nova York II

Meu amigo Paul está tocando baixo e cantando em um bar/pizzaria no Village, então eu dou uma parada para dar um alô. O Arturo's é uma estranha combinação de dois ambientes bem diferentes em um só: é um bar de jazz, onde os clientes cantam standards e músicos costumam aparecer depois de uma sessão de gravações ou de um show. E também é uma pizzaria de bairro (as pizzas são ótimas) amigável, barulhenta e um pouco caótica.

O dono, que eu nunca conheci, enche as paredes com suas pinturas. Tem alguns retratos de aparência bizarra e algumas cenas típicas de charmosas ruas arborizadas do Greenwich Village. A filha do dono, Lisa, está sempre lá e me cumprimenta. Eu pergunto a ela o que significam aqueles modelos de aviões esquisitos pendurados no teto e ela diz que seu pai decidiu que chega de pinturas; ele agora está se dedicando ao aeromodelismo.

O Arturo's é um ponto de encontro da região. Há muitos frequentadores. Não é o tipo de lugar que algum dia atrairia a atenção de gourmets sérios ou que seria mencionado em guias modernos da cidade de Nova York. O piano fica plantado no meio do salão, no final do bar, o que força o contra-baixista a se espremer em um canto. Um baterista às vezes se junta a eles com um conjunto rudimentar, composto por uma caixa, um prato e um chimbau. Ele tem que se espremer do outro lado do piano e quase bloqueia a entrada da cozinha. Os cantores pegam um microfone que fica em cima do piano e, muitas vezes, têm que se esquivar de garçons e de clientes que querem usar o banheiro dos fundos, que possui uma banheira. Uma das grandes. Fico imaginando quantas pessoas caíram ali, ou se os funcionários de vez em quando decidem tomar um banho quente.

Uma mulher em formato de pera começa a cantar e recebe aplausos entusiasmados. Alguém me diz que ela é a mãe de Savion Glover, o famoso sapateador. Eu consigo ver a semelhança, pelo menos em seu rosto. Seu cabelo é uma mistura de preto e cinza e está enrolado em um coque, como o de Kim Novak em *Um corpo que cai*. Ela canta um standard, e é ótima, incrível mesmo.

Ela canta mais uma e depois senta em uma mesa próxima com alguns amigos. O pianista mostra a Paul alguns acordes e depois senta no espaço atrás do cantor, perto da porta da cozinha. Ele começa a se concentrar furiosamente em algumas partituras que carrega com ele, espalhando-as por cima do piano. Ele está alheio ao ambiente.

Um homem chamado Jimmy assume o microfone. Ele tinha se apresentado para mim antes. “Eu faço as quintas à noite”, foi o que ele disse. O cabelo de Jimmy é difícil de descrever. É como uma combinação de um *mullet* com um moicano, mas lambido para trás. Ele usa uma jaqueta preta e uma gravata com trompetes amarelos desenhados. Ele canta um standard (todos eles cantam, exceto Paul, que pende para as músicas de Stevie Wonder), colocando o coração e a alma na sua interpretação.

O público do Arturo's, que não é um lugar muito grande, em geral é uma grande mistura: alguns estão prestando atenção no cantor, outros enfiam a comida na boca e alguns estão falando com os amigos. Às vezes as três coisas ao mesmo tempo. Não é de forma alguma o público ideal para um artista, mas isso não parece desencorajar ninguém. Jimmy canta como se tivesse um teatro inteiro à sua frente, ao invés de pessoas devorando seus pratos. Ele está cantando para a fileira de trás, projetando; é incrível.

Jimmy desaparece por um segundo. Ele tem um pianista asiático que está com os olhos fechados e que talvez nem tenha notado sua ausência. Jimmy reaparece com uma jaqueta cor de creme, carregando um guarda chuva creme, combinando. Ele imediatamente começa *Pennies from Heaven* e você se toca que esses são acessórios que ele guarda em algum lugar dos fundos do restaurante especificamente para esse número. “*Oh, ev’ry time it rains, it rains... pennies from Heaven*”⁸ e ele levanta o guarda-chuva, no meio do salão lotado! Pizzas estão sendo servidas, e tem gente pedindo vinho fazendo gestos, já que os garçons não conseguem ouvir nada além de Jimmy cantando. Ninguém aqui parece perturbado ou pelo menos um pouquinho surpreso com a ridícula história do guarda-chuva. Jimmy está transformando a música em um tipo de jazz agora, cantarolando e improvisando – a melodia é quase irreconhecível às vezes. Ele de vez em quando interpreta a letra enquanto está cantando, fazendo um gesto com as mãos como se estivesse rezando ou agarrando a sra. Glover para dançar um passo ou dois. Eles formam um casal improvável. Agora ele também tem um chapeuzinho preto. A certa altura ele está cantando tão apaixonadamente que abandona o microfone em cima do piano, perto do pote de gorjetas, e começa a pular pela sala, literalmente pulando pra lá e pra cá, cantando a plenos pulmões.

Um apagão

Ontem, às quatro e meia, enquanto eu estava gravando um vocal no meu computador aqui em casa, senti que algo tinha desligado inesperadamente. Meu equipamento musical e de gravação está todo ligado em uma espécie de bateria enorme, que é projetada para manter tudo funcionando em um palco por aproximadamente vinte minutos se houver uma variação de força ou interrupção; então, apesar do fato de Nova York inteira ter simplesmente apagado, eu ainda trabalhei por mais alguns minutos, indiferente ao que tinha acontecido. Desliguei meu equipamento de forma apropriada, saí da minha sala de gravações e fui checar o que tinha feito aquele barulho estranho. Eu logo percebi que a energia tinha caído, e olhando pela janela pude ver que parecia ter caído em todos os lugares – era mesmo um apagão. Enchi algumas vasilhas de água, já que o sistema de bombeamento de água não ia funcionar nem aqui e nem em nenhum outro prédio até que isso fosse resolvido.

Todos os relógios – aqueles com ponteiros, claro – nos prédios ao redor marcam agora

quatro e meia. Os digitais estão apagados. No final da tarde há congestionamentos por toda parte e, como eu moro perto da entrada de um túnel, o tráfego por aqui está parado há horas. Alguns táxis circulam pegando passageiros, mas a maioria acaba indo para casa. Está surpreendentemente barulhento. Há alarmes disparando em todos os lugares. Eles começaram a soar logo depois que a energia caiu.

Eu vou de bicicleta até meu escritório para ver se está tudo ok. Um garoto mexicano de bicicleta me pergunta como chegar à Ponte do Brooklyn – imagino que ele esteja indo para casa e normalmente pegue o trem. Eu falo com ele em espanhol e ele diz que está surpreso, julgando pela minha cara, que eu saiba um pouco de espanhol.

Meu escritório se esvaziou imediatamente, todos estavam muito apavorados – lembranças do 11 de setembro, acho.

Depois que o sol se põe eu pedalo por Times Square, que está escura, exceto pela luz das viaturas de polícia. Os grandes luminosos e o brilho intenso que normalmente pode ser visto a quarteirões de distância estão desligados. As placas são apenas formas abstratas agora. É até difícil entender o que algumas delas estão anunciando. A área está estranhamente lotada de gente. Os turistas ainda estão ali, mas não sabem o que fazer. Silhuetas negras, se movendo aos bandos. Centenas e centenas de pessoas. Muitas estão apenas passeando. Talvez elas não possam ir para casa. Um bar irlandês na Rua 45 está aberto e a multidão de bebedores está do lado de fora, enchendo a rua toda.

Centenas de pessoas estão aguardando em todos os pontos de ônibus – todos na esperança de ir para suas casas no Queens, no Bronx, Brooklyn ou para o norte da cidade. Eles também se espalham pelas ruas, em amontoados ao redor das paradas de ônibus, ou simplesmente se sentam no meio-fio, já que o serviço de ônibus, embora continue funcionando, está lento e intermitente, porque os semáforos não funcionam. Todo o tráfego está se movendo lentamente, rastejando de modo hesitante dentro da escuridão, como você faz quando caminha pela casa com todas as luzes apagadas. Quando um ônibus chega, ele é uma enorme figura distorcida com duas luzes cegantes na frente. Eles emergem lentamente da escuridão, como criaturas bioluminescentes do fundo do mar.

As pessoas estão indo para as ruas, e em algumas partes da cidade é difícil enxergá-las. Há um homem gordo no cruzamento da Sexta Avenida com a Rua 12 controlando o tráfego. Ele está usando uma placa – um pedaço de cartolina branca na qual rabiscou “Pare”. Em outro cruzamento mais ao norte da cidade um garoto de calças largas faz o mesmo, mas de maneira feroz, enérgica; ele está se divertindo. Não há saques. Tudo está calmo. As pessoas estão se ajudando, e existem festas espontâneas.

As escadarias do meu prédio estão ficando escuras (o elevador não funciona, claro), e, uma a uma, as luzes de emergência estão apagando. Fachos de lanternas agora se movem erraticamente na escuridão enquanto os inquilinos procuram por seus andares. A maioria deles está agora no telhado, bebendo. Eu me junto a eles por um tempinho. Vemos o prédio de uma corretora a uma quadra de distância. Está aceso por dentro – claro como o dia –, embora não tenha ninguém lá dentro. Podemos ver as mesas cobertas com papéis de trabalho, abandonadas. Acho que eles têm seu próprio gerador. Não me resta muito agora a não ser ir dormir.

De manhã eu levanto e percebo que está começando a ficar abafado aqui. Noite passada ainda estava mais fresco do lado de dentro do que do de fora – um resto do ar condicionado de ontem –, mas a diferença de temperatura não vai durar muito. Estamos em agosto, então ficar sem ar condicionado vai custar caro. Eu esquento algumas sobras para o café da manhã, antes que elas estraguem. A pressão da água se reduziu a um gotejamento. Tenho uma jarra de água na geladeira, mas ela não vai durar muito. Muitas lojas e delicatessens estavam abertas noite passada, vendendo seus estoques de refrigerantes, petiscos e água do lado de fora de suas portas mal iluminadas. Algumas acenderam velas e as colocaram nas prateleiras. As velas as fizeram parecer pequenos santuários. Havia longas filas em lojas de ferramentas – atrás de lanternas e pilhas grandes (tenho ambas). Não dá para receber telefonemas (se bem que consegui fazer ligações usando um velho telefone com fio que eu tinha guardado). Serviços de celular não funcionam. O gás funciona. Estou fazendo café esta manhã.

O trânsito está barulhento lá fora. O que todo mundo foi fazer nas ruas hoje? Para onde estão indo? Percebo que há algumas vieiras descongelando depressa no congelador, então as cozinho para o almoço.

Desço de novo até meu escritório e a energia volta lá pelas três da tarde.

Kara, minha assistente australiana, em breve vai se mudar de volta para a Austrália com o namorado, e eles marcaram uma festa de despedida para esta noite em Greenpoint, onde moram. Imagino que a festa ainda esteja confirmada, então, enquanto escurece, eu pedalo sobre a Ponte de Williamsburg. As pontes estão cheias de ciclistas, já que os serviços de metrô e os ônibus ainda não voltaram à sua capacidade normal, e desse ponto privilegiado posso ver que nem todos os bairros tiveram sua energia de volta na mesma hora em que o Village e o SoHo. Trechos do East Village ainda estão escuros, assim como a maior parte do Lower East Side. A parte norte da cidade está inteira cintilante. Partes do Brooklyn têm energia, e a partir da metade da ponte, onde os postes são abastecidos pelo Brooklyn, de repente há luz. Então a energia elétrica é política. Eu não deveria estar surpreso.

E. B. White, morte e esperança

Li um livreto de E.B. White chamado *Here is New York*, que foi escrito em 1948 a pedido da revista *Holiday*. Não tenho muita certeza de que muitas revistas de viagens e lazer aceitariam uma obra como essa hoje em dia – ela termina com alguns pensamentos muito premonitórios sobre morte e guerra.

Quando ele escreveu esse ensaio, poucos anos depois da 2ª Guerra Mundial, o prédio das Nações Unidas tinha acabado de ficar pronto ou ainda estava sendo construído. Ele aponta que, depois daquela guerra, todas as cidades, com Nova York sendo um exemplo primordial, estavam oferecendo oportunidades para carnificinas e destruições em uma escala nunca imaginada até então: “Uma única esquadrilha de aviões, não maior que uma revoada de gansos, pode rapidamente terminar com a fantasia dessa ilha, queimar as torres, desmoronar as pontes, transformar os túneis do metrô em túneis letais, cremar milhões”.

Seja porque eram cercadas por muros, como as medievais, ou por causa do número de

peessoas que abrigavam, as cidades já foram refúgios seguros para seus cidadãos. Elas eram lugares onde as pessoas não apenas se conheciam e faziam negócios, mas também eram, em certo nível, protegidas. Agora, especialmente com a bomba atômica, como White aponta, esse aspecto protetor do que é uma cidade virou de cabeça para baixo.

Porém, observa ele, ao mesmo tempo em que essa sombra começa a pairar sobre grandes concentrações da humanidade, como Nova York, uma instituição, as Nações Unidas, está se levantando para tentar pôr fim a essa ameaça. Morte e esperança simultaneamente, como sempre.

Que os Estados Unidos tenham clara e descaradamente assumido uma postura anti-Nações Unidas nos últimos anos – em dívida com ela e muitas vezes iniciando atos que desafiam as resoluções e princípios da organização – é um mau sinal. Os EUA não são o único país a fazer isso, mas ele é o maior garoto do quarteirão e isso manda um sinal para todos os outros garotos de que isso é aceitável, um sinal de que morte e medo são, às vezes, mais poderosos do que esperança. As Nações Unidas estão longe da perfeição. Partidos e nações egoístas distorcem a capacidade de realizar suas missões – seus membros são humanos, afinal de contas. Mas o fato de esse pequeno raio de esperança ainda existir, bem aqui na hostil e calejada Nova York, e de que ele não possa ser corrompido por lobistas corporativos, demagogos religiosos e processos eleitorais corruptos – bom, é preciso falar a respeito disso.

O novo World Trade Center está sendo construído em cima de um bunker de concreto com trinta andares e sem janelas. Um monumento ao medo – um retorno simbólico à mentalidade medieval e às cidades muradas. Mesmo que estejamos unidos e conectados de tantas maneiras novas, alguns ainda estão construindo paredes maciças e fortificações que não vão realmente nos proteger de alguém determinado e esperto o suficiente. Muros e barricadas não são realmente meios efetivos de proteção hoje em dia – nada é, na verdade. Toda essa conexão entre as pessoas, que facilitou muito da explosão das megarriquezas na última década, também facilitou a interpenetração de tudo, então ninguém ou nenhum prédio está mais verdadeiramente isolado e “seguro”. A segurança está em se manter boas relações.

Eu pedalo rumo ao norte para ver uma exposição no Studio Museum do Harlem. Eu sigo a ciclovias melhorada na direção norte, ao longo do rio Hudson. Ela fica menos lotada acima da Rua 100. Eu viro à direita na Rua 125 e sigo para o leste, passando por igrejas e lojas de frango frito, e dou de cara com a parada do Dia Afro-americano no Adam Clayton Powell Boulevard. Estão vendendo camisetas que dizem Eu [coração] Meu Nariz (ou Meus Lábios ou Meu Cabelo). É chocante que essa afirmação ainda seja necessária – que os modelos de beleza que nos apresentam não incluam uma porção de nós – e que seja preciso slogans em camisetas para tentar corrigir as coisas.

No caminho de volta para casa, vejo uma freira de patins, subindo a ciclovias do Hudson River Park, com o rosário voando atrás dela.

Como os nova-iorquinos andam de bicicleta

Há mais nova-iorquinos andando de bicicleta do que nunca. E não apenas entregadores. É significativo que, aparentemente, muitos jovens modernos não vejam mais o ato de andar de

bicicleta como algo totalmente cafona, o que sem dúvida era o caso quando comecei a pedalar por aí, no final dos anos 70 e começo dos anos 80. Sinto que podemos estar nos aproximando do ponto de virada, para invocar um termo agora clichê. Os nova-iorquinos estão em um estágio em que podem, se tiverem a chance e a oportunidade, considerar uma bicicleta como um meio válido de transporte – se não para eles mesmos, então ao menos irão admitir que seja um meio válido de transporte para outros nova-iorquinos. Eles podem alguma hora experimentar por si mesmos, e certamente vão se adaptar. Eles podem até apoiar e encorajar.

Então, com algum ténue otimismo, eu decido que pode ser a hora de tentar dar um empurrãozinho à ideia da bicicleta-como-meio-de-transporte, organizando algum tipo de fórum público sobre o assunto. Eu acabo gastando um ano tentando levantar do chão um evento relacionado ao ciclismo, e estou prestes a desistir quando, por meio de uma conexão com outro projeto, a revista *New Yorker* se oferece para patrocinar o evento no Town Hall. É o lugar ideal para algo desse tipo, tendo sido historicamente um lugar onde a pauta do dia era apresentada e debatida. Racismo (com Langston Hughes, em 1945), controle de natalidade (com Margaret Sanger, em 1921) e o estabelecimento do estado judeu de Israel (também em 1945) foram todos discutidos naquele palco.

Eu imagino o evento como uma noite centrada em uma reunião, um fórum, constituído por gente comum, defensores do ciclismo e representantes municipais dos departamentos de transportes, parques, saúde e planejamento urbano, bem como do departamento de polícia. Associado a esse fórum haveria entretenimento relacionado ao ciclismo – música, coisas divertidas e palestras com apresentação de slides irônicos. Parte da minha motivação pessoal para tentar fazer esse evento é questionar se o engajamento civil, propostas de melhorias, discussões e ações podem ser combinados com sucesso à arte e ao entretenimento – se cultura, humor e política podem misturar-se e se tentar fazer da nossa cidade um lugar melhor para viver pode ser divertido. Essa ideia é, para mim, quase tão importante quanto toda essa luta em defesa do ciclismo. Se a luta for chata, então esqueça.

* * *

O tempo passa; há reuniões com agentes municipais e com Yves Behar e a fuseproject, sua empresa de design. Em uma parte do evento, Yves e seu sócio Josh vão apresentar um novo tipo de capacete ciclístico moderno, algo que pessoas não esportistas possam usar. Yves e a empresa estão intrigados pela ideia, assim como o Departamento de Saúde (dentre todos os órgãos oficiais). O que o Departamento de Saúde e capacetes para ciclistas têm a ver? Bom, ter seu cérebro espalhado pelo asfalto não é nada saudável. O Departamento de Saúde fez uma distribuição de preservativos em Nova York, planejada pela fuseproject, e eles colocaram suportes com preservativos grátis em clubes, restaurantes e bares pela cidade (instalados perto dos banheiros, eu imagino). Então há uma relação pré-estabelecida aqui. Se houvesse fundos (privados) eles adorariam fazer uma distribuição maciça de capacetes, ou até de bicicletas – mas essa é uma ideia para o futuro.

O protótipo do capacete da fuseproject consiste em uma dura casca de proteção que pode ser colocada dentro de vários tipos de capa – uma capa quente de lã com protetores de ouvido para invernos frios, uma capa de malha porosa para os dias quentes de verão. Uma ideia muito digital-tecnológica, capas variáveis. A proposta é que fabricantes terceirizados – grifes, marcas de artigos esportivos ou qualquer um que queira uma nova plataforma de propaganda –

possam depois desenvolver suas próprias capas e vendê-las ou patrociná-las. O design permite que quem vai para o trabalho também possa prender a casca na bicicleta e guardar a capa – a única parte que toca a pele da pessoa – discretamente em uma maleta ou bolsa de mão.



Cortesia de fuseproject

Por mais que isso seja bom, eu pessoalmente sinto que capacetes podem ser um passo provisório na direção da integração urbana do ciclismo. Embora eles sempre sejam uma boa ideia, o uso de capacetes sugere que andar de bicicleta é perigoso, o que, hoje, em cidades como Nova York e Londres, geralmente é mesmo. Mas em outras, como Amsterdã, Copenhague, Berlim e Reggio Emilia, na Itália, as ciclovias e rotas são tão seguras que os ciclistas não sentem a necessidade de se proteger. Os ciclistas nesses lugares – crianças, jovens criativos, homens de negócios, idosos – também tendem a pedalar com postura elegante; bem vestidos, e até sexies. É uma atitude diferente da abordagem de guerra da cidade de Nova York.

Talvez, para alguns, parte da adrenalina iria embora se o ciclismo urbano se tornasse seguro. Mas esse poderia ser o preço a ser pago se isso significar que mais pessoas vão começar a usar bicicletas para se locomover. Essa excitação não é exatamente algo apropriado para idosos e crianças em idade escolar. Morar em Nova York costumava ser muito mais perigoso de forma geral, mas isso dificilmente é algo para se ter saudade. Então, enquanto nós precisamos de um capacete legal e estiloso disponível imediatamente, em um mundo mais perfeito ele poderia ser opcional para todos.

* * *

Por meio da Transportation Alternatives, uma organização local, sou apresentado a Jan Gehl, um visionário, porém prático planejador urbano que com sucesso transformou Copenhague em uma cidade simpática para pedestres e ciclistas. Pelo menos um terço de todos os trabalhadores de Copenhague vai para o trabalho de bicicleta agora! Ele diz que metade deles irá aderir em breve. E ele não está sonhando. Nós aqui em Nova York podemos achar que isso é bom e natural para os dinamarqueses, mas que nova-iorquinos são enfezados e têm uma mentalidade mais independente, então isso não pode acontecer aqui (a razão pela

qual as pessoas sentem que dirigir um carro deixa alguém com uma mentalidade mais independente é um mistério para mim). Mas Gehl revela que de início suas propostas foram recebidas lá exatamente com o mesmo tipo de oposição: os moradores disseram, “Nós dinamarqueses nunca vamos concordar com isso – dinamarqueses nunca vão usar bicicletas”.

Em uma apresentação de slides ele mostra as imagens de antes-e-depois de uma rua. Aqui está o depois:



© 2009 Gehl & Gemzoe

Antes, a área que margeia esse canal era usada como estacionamento, os carros circulavam por ali procurando por vagas. Esse lugar adorável era, há não muito tempo, basicamente um feio estacionamento e um lugar de passagem. Agora é um destino. Os carros ainda podem circular por lá, mas não estacionar. E dessa pequena mudança a área explodiu como um agradável ponto de encontro e até turístico. A cidade nem teve que investir em “melhorias” caras para permitir que isso acontecesse. Os usuários e comerciantes locais fizeram as melhorias – colocando cadeiras do lado de fora e instalando toldos – embora no início muitos deles tenham reclamado que se as pessoas não pudessem parar em frente aos seus estabelecimentos seus negócios iriam sofrer. Essa parece ser a maneira como Gehl trabalha, fazendo, aqui e ali, mudanças relativamente pequenas ao longo dos anos que acabam por transformar a cidade inteira, tornando-a um lugar melhor para viver.



© 2009 Ken Kern

Gehl concordou em participar do evento no Town Hall e dar uma pequena palestra! Há pouco tempo ele foi contratado como consultor pela cidade de Nova York e fez estudos da situação em outras cidades – Amsterdã, Melbourne, Sidney e Londres – além do que fez em Copenhague, sua terra natal. O Departamento de Transportes aqui de Nova York pediu maiores recomendações ao seu escritório. Se eles e a cidade vão ouvir é outra história, mas é um passo comovente.

Em relação ao evento no Town Hall eu agora posso me mexer e me dedicar a garantir as partes mais obviamente divertidas do evento proposto. Eu entro em contato com o Young@Heart Chorus. Eles são um coral de Northampton, Massachusetts, e seu integrante mais jovem tem seus setenta e poucos anos. Eles cantam músicas do Sonic Youth, Ramones, Flaming Lips e Talking Heads (foi assim que tivemos contato). Nem preciso dizer que *Road to nowhere* ganha significado ainda maior quando cantada por esse bando. Eu pergunto se eles cantariam a música *Bicycle race*, do Queen, nesse evento – e algumas outras, já que imagino que farão sucesso. Eles nunca tocaram em Nova York antes, o que é uma surpresa, já que se apresentam direto em festivais do circuito europeu de arte. Eles concordam em participar, mas vai ser preciso intervalos para cochilos e banheiros suficientes para trinta pessoas.

Eu lembro de ter visto vários grupos porto-riquenhos e dominicanos pela cidade que enfeitam antigas bicicletas Schwinn, muitas vezes também colocando caixas de som gigantes nelas. As caixas garantem que, quando o grupo circula, ele possa levar sua própria trilha sonora de salsa ou merengue. Eu abordo um grupo, Eddie Gonzalez and the Classic Riders, e pego seu cartão – eles tem um cartão! Eu os convido a mostrar suas bicicletas no palco e explicar rapidamente o que fazem (sua entrada no palco acaba sendo com eles tocando uma música de Hector Lavoe⁹ em sua incrível coleção de buzinas customizadas).

Eu vi um site inglês, da Warrington Cycle Campaign, que tem uma seção chamada “Instalação do mês”, com maravilhosas legendas irônicas para fotos com ciclovias locais que levam para o meio de um trânsito pesado ou dão em cabines de telefone. Um representante desse grupo concorda em fazer uma pequena apresentação humorística de slides.



© 2008 Daniel Barlow

A chamada no site deles diz: “Depois de assistir a um episódio de *Jornada nas estrelas*, os inovadores planejadores de tráfego de Oxford ficaram pensando em como a infra-estrutura de transporte funcionaria no meio do próximo século. Ousadamente prevendo que as bicicletas teriam equipamentos de teletransporte, eles perceberam que poderiam economizar um monte de tinta desenhando ciclovias intermitentes, com ciclistas capazes de se teletransportar de um ponto ao outro”.

Hal, que conserta bicicletas no Bicycle Habitat, na Rua Lafayette, também tem um emprego mais inusitado lá: quando as travas novas chegam à loja, sua tarefa é determinar quanto tempo leva para quebrar cada uma. Algumas travas podem ser quebradas em um segundo, com uma tesoura ou alicate que ele carrega no bolso de trás. Outras requerem ferramentas mais elaboradas. Hal concorda em quebrar algumas travas no palco.

Rhonda Sherman, da *New Yorker*, sugere adicionar um pouco de cultura. Na linguagem da *New Yorker* isso significa mais literatura sobre ciclismo. Calvin Trillin vai ler um texto que ele escreveu sobre andar de bicicleta em Nova York, e Buck Henry vai ler um trecho de uma peça de Beckett sobre uma bicicleta. Rhonda consegue que Mengfan Wu edite uma tocante montagem de quatro minutos com bicicletas em filmes – de Butch Cassidy a Caco, o Sapo até uma cena da série de tevê *Flight of the conchords*. O diretor de teatro Greg Mosher é contatado e coordena a noite, e ele cuida para que tudo corra em um ritmo bom e tira um peso incrível dos meus ombros.

A Transportation Alternatives teve a ideia de providenciarmos manobristas para estacionar as bicicletas no evento (!), já que quase não há lugares para prender bicicletas ao redor do Town Hall e espera-se que muitos ciclistas compareçam.

Estamos quase prontos. Nunca fiz nada assim antes – ser um empresário em vez de me apresentar. Estou um pouco ansioso. Tenho que mudar algumas das minhas ideias para o evento. Torna-se óbvio que um painel de discussões envolvendo numerosas entidades e representantes municipais pode ser um receita para o tédio e os discursos chatos, então eu desisto da ideia de que algum consenso ou compromisso vá ser alcançado entre esse povo todo ao longo de uma noite. Fica decidido que os órgãos oficiais e as organizações vão apenas apresentar o que realmente irão fazer em um futuro próximo – nada de ideias vagas, mas planos concretos. Naturalmente, isso vai proporcionar apresentações menores.

Na noite do evento eu chego com uma câmera presa ao meu capacete – bem, a filmagem e minha narração foram na verdade gravadas no dia anterior, mas parece que é ao vivo. A câmera mostra o meu ponto de vista enquanto eu lido com o trânsito da Rua 42 e percorro o caminho até o teatro, o tempo todo com comentários rápidos sobre dicas para pedalar no trânsito de Nova York (“preste atenção em carros sedan e pessoas com placas de Nova Jersey”). O fato de ter usado uma câmera com lentes de ângulo aberto torna tudo um pouco mais assustador do que é – carros e pessoas aproximam-se de repente da tela – o que deixa mais divertido, mas provavelmente não encoraja muito um passeio.

Eu entendo que as coisas não vão mudar da noite para o dia, mas este evento pode acabar sendo uma chance de reunir um monte de pessoas diferentes em um momento oportuno. Pode servir como um tipo de encorajamento tácito, um reconhecimento visível de que a mudança é possível, talvez até provável, e que usar bicicletas como um meio de transporte na cidade de Nova York pode ser ok – se não agora, então certamente em um futuro bem próximo.

No final, o evento, que aconteceu em outubro de 2007, foi bem-sucedido, embora eu ache que tenha sido um pouco longo. Nós fomos precavidos demais e talvez tenhamos tido mais “atos” do que precisávamos, porque ficamos receosos de não ter conteúdo suficiente. Tivemos muito. Correu tudo bem, mas de vez em quando eu queria apertar o botão de avançar.

Regras da estrada

Eu posso não estar sendo realista, mas acho que, se os ciclistas querem ser mais bem tratados por motoristas e pedestres, então eles têm que obedecer às regras de trânsito tanto quanto eles esperam que os carros o façam, o que não quer dizer muito em Nova York. As bicicletas deveriam ter que parar nos sinais vermelhos e nas placas de pare. Certamente se os carros são obrigados, os ciclistas deveriam ser também. As bicicletas deveriam seguir o fluxo do trânsito, não ir de encontro a ele. E se houver uma ciclovía, os ciclistas deveriam ficar nela e não circular no meio da rua ou na calçada. Como se modifica o comportamento do ciclista nova-iorquino? Como se modifica qualquer comportamento público? Modificação requer imposição? As leis para essas violações já estão nos livros e eu penso se elas fossem impostas, isso iria funcionar? Idealmente, no entanto, seria ótimo se houvesse um meio de fazer isso acontecer sem precisar de mais policiais ou punições mais severas. Estímulo positivo funciona melhor, ou pelo menos foi o que eu aprendi.

Da mesma maneira – não ria agora – carros e caminhões deveriam enxergar as ciclovias como se elas fossem sacrossantas. Um motorista jamais pensaria em subir numa calçada. A maioria deles pensa assim, pelo menos. Pô, há carrinhos de bebê e senhorinhas idosas nelas!

Seria impensável, a não ser em filmes de ação. O motorista receberia uma multa pesada ou talvez até seria preso. Todos ao redor se perguntariam quem era aquele imbecil. Bom, ciclovias deveriam ser tratadas da mesma forma. Você não estacionaria seu carro ou pararia em uma calçada, certo? Bom, então também não estacione em ciclovias, o que força os ciclistas a enfrentar o trânsito onde os pobres bonequinhos não têm a menor chance.

O mesmo vale para os pedestres, que em Nova York são famosos por se enfiar no meio do trânsito sempre que enxergam uma pequena brecha. Eles têm cérebro suficiente para não atravessar na frente de um caminhão, mas não hesitam em entrar bem no caminho de um ciclista, iniciando assim um jogo de queimada urbano. Os ciclistas precisam então forçar seus freios para evitar o sr. BlackBerry ou a sra. Olhe-para-mim.

Enquanto escrevo isto, em 2009, Janette Sadik-Khan, a nova chefe da área de transportes, e outras pessoas fizeram algumas mudanças e estão dando início a uma série de melhorias que estão empurrando Nova York para uma nova direção, a fim de torná-la uma cidade mais sustentável e com mais qualidade de vida. No verão de 2008 a cidade institucionalizou o Summer Streets, uma série de dias sem carros, durante os quais a Park Avenue e outras ruas que ligam o Central Park à Ponte de Williamsburg foram todas fechadas para o trânsito de automóveis. Uma importante ciclovía parece ser criada a cada mês – um trecho incrível da Broadway, com bancos ao ar livre, vai da Rua 42 até a 34. A Rua Prince agora tem uma ciclovía em toda sua extensão, mas a da Rua Grand encontrou alguma resistência local.

Eu pergunto a Janette como ela vê Nova York em termos de transporte em dez anos.

Se a cidade continuar no caminho que está agora, com atenção à sustentabilidade e ao equilíbrio nos transportes, em dez anos teremos uma boa rede de rotas rápidas de ônibus, que irão alcançar as cinco unidades administrativas, teremos muito mais bicicletas nas ruas (talvez mais do que possamos imaginar se Albany¹⁰ não conseguir financiar o trânsito público!), e elas serão totalmente integradas ao sistema de tráfego. Os lugares que agora são completamente pavimentados terão se transformado em praças de bairro ou em mais espaço para pedestres. A cidade estará ainda mais segura ao continuar eliminando locais super movimentados e redesenhando as ruas tendo um trânsito mais seguro como prioridade. Times Square e Herald Square vão ter seus lugares entre as melhores e mais visitadas praças do mundo. Haverá menos tráfego de veículos motorizados porque teremos algum tipo de cobrança por congestionamento ou pedágios ao redor de Manhattan, apenas por isso ser tão necessário para ajudar a custear o transporte de massa. As cidades de toda a América vão seguir essa direção assim que começarem a seguir os passos de uma Nova York mais verde e muito melhor.

Então eu pergunto a ela sobre daqui a cem anos... de acordo com Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, pensar a longo prazo nos liberta de nossos instintos cínicos habituais.

Certamente haverá muitas bifurcações no caminho e muitas escolhas que a cidade irá fazer até o próximo século, e avanços tecnológicos são difíceis de prever, mas eu acredito que podemos estar certos de que a tecnologia da informação estará totalmente integrada ao sistema de transportes, de modo que todos os dados sobre as escolhas de transporte de cada um a qualquer momento, dos horários dos ônibus à disponibilidade de estacionamento, serão acessíveis e claros a partir da casa das pessoas, do trabalho, do celular, de telas em seus guidões, chips na sua cabeça ou o que quer que esteja sendo usado nesse sentido em 2109. A tecnologia adequada será dominante, então as bicicletas serão muito comuns para pequenos percursos e a mudança de zoneamento que será aprovada nesse ano significará que estacionamentos para bicicletas e acessibilidade terão sido incluídos diretamente nas plantas de construção. Os carros serão mais como os “smart cars” de hoje em tamanho, mas com emissão zero e com sistemas de impedimento de colisão vindos da fábrica. A cidade terá resolvido seus problemas com a movimentação de mercadorias enquanto a população e o comércio em geral crescem – mais das coisas de que precisamos serão transportadas por trens e rotas aquáticas. Então também nossos céus e aeroportos lotados terão algum alívio, porque os mercados de transporte aéreo de curta e talvez média distância terão cedido espaço aos muito mais convenientes trens de alta velocidade.

Mas eu me pergunto, sentindo uma crescente batalha em alguns setores, como alguém equilibra os interesses financeiros, os do cidadão comum e o que acho que podemos chamar

de “qualidade de vida”?

A resposta para cidades altamente pós-industriais como Nova York não é tão difícil, porque a qualidade de vida é uma parte importante do humor empresarial. Em uma economia baseada no conhecimento, as pessoas podem viver quase em qualquer lugar e muitas podem pegar suas coisas e se estabelecer em outra parte do mundo com uma crescente facilidade. Nova York tem muito a oferecer, mas com o crescimento da população e a pressão do desenvolvimento (que vai voltar em breve) nós ainda temos que trabalhar por espaços abertos, oportunidades de recreação, trânsito mais calmo e menos barulho nos bairros, opções de transporte, menos lotação no transporte público e por aí vai. A comunidade empresarial da cidade de Nova York vê imensas oportunidades quando novos parques são abertos, quando propomos novas áreas para pedestres em Times Square e mesmo em projetos como a taxa sobre congestionamento.

E, por fim, o que faz de uma cidade um lugar onde alguém queira viver? Por décadas esses foram lugares de onde a classe média fugia.

Muito tem a ver com oportunidades, escolhas e uma vida social e cultural intensa e incrivelmente variada de um lugar como Nova York. As cidades sempre tiveram atrativos para certos tipos de pessoas e, como as cidades americanas se tornaram menos nervosas desde os anos 70, mais e mais pessoas querem fazer parte delas. Agora as mesmas pessoas que valorizam essas coisas querem criar os filhos e envelhecer aqui e isso significa incentivar ou melhorar as condições para que os bairros, espaços abertos, ruas mais seguras e lugares para se divertir (e não apenas clubes e bares) se proliferem. O fato de eu ser secretária de transportes e que, com minha equipe, tenha a oportunidade de criar esse tipo de condições, com ciclovias, novas praças, melhorias no trânsito e daí por diante, é outra das coisas ótimas, incríveis, a respeito de Nova York.

Quando me sinto otimista eu acredito que a alegria, a liberdade e a conveniência que sinto quando pedalo por aí vão ser descobertas por mais e mais pessoas. O segredo será revelado e as ruas de Nova York serão um lugar ainda mais propício para interação e contato pessoal do que elas já têm fama de ser. Como outros já disseram, o colapso econômico de 2008 pode ter sido uma bênção. Uma janela se abriu e as pessoas podem estar querendo repensar o equilíbrio da qualidade de vida.

¹ N.T.: Bicicletas baixas, com pneus menores e mais largos. A posição de pilotagem se assemelha à das motos estilo Harley Davidson.

² N.T.: O maior evento ciclístico recreacional dos EUA, que acontece todo ano no primeiro domingo de maio.

³ N.T.: FDR, ou East Side Highway, como é conhecida a rodovia Franklin D. Roosevelt East River Drive.

⁴ N.T.: A Brooklyn Queens Expressway é uma rodovia expressa, que começa no sudeste do Brooklyn e termina no Grand Central Parkway, no Queens.

⁵ N.T.: Também conhecida por Belt System ou Circumferencial Parkway, é um conjunto de rodovias expressas que formam um círculo completo ao redor do Brooklyn e do Queens, em Long Island.

⁶ N.T.: Marca de um tradicional laxante, à venda nos EUA há mais de 100 anos.

⁷ N.T.: Centro de arte contemporânea afiliado ao MoMA.

⁸ N.T.: “Oh, toda vez que chove, chove... centavos do céu.”

⁹ N.T.: ícone da salsa porto-riquenha.

¹⁰ N.T.: Capital do estado de Nova York, a cerca de 200 km ao norte da cidade de Nova York

Epílogo: o futuro da locomoção

Em um artigo recente da revista *New Yorker* (intitulado “Ida e Volta”), li que um em cada seis trabalhadores norte-americanos leva mais de quarenta e cinco minutos no trajeto de casa ao trabalho, em cada direção. Um número crescente de pessoas gasta ainda mais tempo – noventa minutos para chegar ao emprego não é nada fora do comum nos dias de hoje. Embora algumas destas pessoas usem transporte público – trens urbanos e metrô – há uma boa porcentagem de motoristas sozinhos aí também. É insustentável. Insustentável significa que alguma hora o comportamento será inevitavelmente alterado ou modificado, seja de forma intencional e voluntária, seja como resultado de consequências trágicas. De qualquer maneira, não vai continuar assim por muito tempo.

O fato é que no século XX o automóvel foi subsidiado em larga escala. As ruas lindamente pavimentadas que dão acesso às menores cidadezinhas e regiões obscuras nos Estados Unidos não foram construídas e mantidas pela GM ou pela Ford – ou mesmo pela Mobil ou pela Esso. Estas corporações se beneficiaram enormemente do sistema. Os trajetos ferroviários para cidades pequenas foram abandonados e os caminhões se tornaram, para a maior parte dos produtos, o meio mais barato, e às vezes único, de transportar produtos de um lugar a outro.

Agora eu tenho que admitir que é legal dirigir por um continente e parar onde e quando eu quiser. O romantismo de estar “na estrada” é inebriante, mas um passeio através do país é uma coisa ocasional. Não é um trabalho diário, um modo de viver, ou mesmo o melhor jeito de chegar do ponto A ao ponto B. Na Espanha, o novo trem de alta velocidade nos leva de Madri a Barcelona em duas horas e meia. Pela estrada, leva-se no mínimo seis. Ainda que o governo espanhol tivesse investido todo esse dinheiro em mais autoestradas, você não chegaria lá mais rápido.

Leio no jornal britânico *The Guardian* que o Pentágono enviou um relatório à administração Bush em 2004 informando que a mudança no clima é real e uma ameaça maior que o terrorismo, e terá – não “poderá ter”, mas *terá* – repercussões políticas globais extremas. Eles preveem uma luta global pela sobrevivência e por recursos naturais, que irá inevitavelmente resultar num estado de guerra quase constante em todo o mundo. Parece animador. E isto veio do Pentágono, não da Agência de Proteção Ambiental!

Andar de bicicleta não vai evitar que esta ou outras muitas previsões sombrias aconteçam enquanto estivermos vivos, mas, talvez se algumas cidades enfrentarem as realidades de clima, energia e transporte agora, elas possam sobreviver, ou mesmo prosperar – embora a ideia de prosperidade pareça quase mórbida, visto que tantas cidades insustentáveis estão fadadas a perecer em enchentes, estiagens, desemprego e falta de energia. Acredito que algumas das cidades pelas quais andei de bicicleta tendem a desaparecer enquanto eu ainda estiver por aqui – elas engolem recursos como porcos, e o resto de seu continente e do mundo não aguentará isso por muito tempo. Não ando de bicicleta para todo lugar por ser ecológico ou digno de nota. Faço principalmente pelo senso de liberdade e êxtase. Percebo que logo verei ter mais companhia que no passado, que algumas cidades estão se preparando para essas mudanças inevitáveis, e estão tendo diversos benefícios como resultado.

Recentemente assisti a uma curta conferência de Peter Newman, um professor e ecologista urbano australiano, que cunhou originalmente a frase “dependência automobilística”. Ele apresentou um gráfico assustador que mostrava o consumo de energia – a maior parte usada em locomoção – em várias das grandes cidades do mundo. Os Estados Unidos usam a maior parte, com Atlanta – que cresceu incrivelmente nas últimas décadas – encabeçando a lista. A Austrália vem depois, seguida pela Europa e, lá no fim, a Ásia. Eu pensava, vendo fotos da maciça poluição que acompanhou o *boom* da economia asiática, que a Ásia estaria entre os primeiros da lista de uso de energia, mas a densidade de uma cidade – e aquelas cidades são muito densas – muitas vezes significa que seus cidadãos usam menos energia em deslocamento, assim como menos energia para aquecimento, refrigeração e coleta de lixo. Por essa razão, Nova York é na verdade mais verde que várias cidades que, ao menos aparentemente, com suas inúmeras árvores e quintais, parecem ser mais bucólicas e supostamente mais ecológicas. Mas um campo de golfe não é ecológico.

Os chineses também utilizam bicicletas, ou costumavam utilizar, o que mantinha seu consumo de energia baixo. E eles não podem pagar aquecimento central ou ar-condicionado. Mas tudo isso está mudando agora com carros baratos sendo introduzidos ali e na Índia – uma tendência que não traz bons presságios ao se pensar em longo prazo. Parece injusto esperar que os chineses e indianos sejam mais conscientes sobre sua pegada de carbono e sua poluição do que nós do ocidente, mas o fato é que se eles alcançarem nossos níveis de uso de carros e consumo de combustível fóssil, o planeta inteiro se tornará insustentável.

Por que as pessoas fazem coisas que parecem não favorecê-las? Não apenas os chineses – todos nós. Bom, por status, para começo de conversa. De um ponto de vista genético, um passo acima na escada do status vale mais do que qualquer outra coisa. Pense no louva-a-deus que é devorado imediatamente após depositar seu esperma – geneticamente, ele se deu bem na verdade. O louva-a-deus macho, o veículo de entrega, é sacrificável deste ponto de vista – pelo menos se ele tiver cumprido seu trabalho. Desta perspectiva, se ter um carro melhora sua imagem e status e, portanto, suas chances de procriação, então o sacrifício – assim nossos instintos nos dizem – é absolutamente válido. Na verdade, no final das contas, não é, mas essa pode ser a direção que nossas bússolas apontam. E, se um carro maior oferece ainda mais status, bom, compre um carro utilitário ou uma daquelas coisas que parecem enormes tanques armados, é óbvio.

A cidade de Nova York está saindo na frente ao lidar com a congestão do tráfego, embora não seja exatamente uma cidade-modelo neste aspecto. Algumas cidades europeias – Copenhague, Berlim, Amsterdã e Paris – estão muito adiante nisso. Mas eu vivo aqui, então estou curioso para ver como a grande e cruel Nova York vai lidar com este elefante.

O Departamento de Transporte (DDT) tem criado ciclovias aqui e ali pelos últimos dez anos. Até agora a maioria delas tem sido útil, mas muitas ainda estão muito aquém do que precisam ser. Na maioria dos casos, essas vias consistem em linhas brancas entre os carros estacionados e o trânsito. Desse modo, veículos entram e saem das ciclovias constantemente. Além disso, estar perto do trânsito significa que muito regularmente motoristas invadem a ciclovia para parar, descarregar ou estacionar – ou, sem sinalizar, cruzá-la quando viram uma esquina. É necessário estar constantemente em alerta. Eu não gostaria que meu filho andasse nessas ciclovias.

Criar mais ciclovias como essas que eu descrevi é meio perverso, porque é uma resposta aparente ao problema, mas de um jeito que, na minha opinião, é destinado ao fracasso. Sadik-Khan e outros parecem estar reconhecendo isto, já que as novas ciclovias criadas na Nona Avenida, na Broadway e na Grand Street são ou totalmente protegidas por uma barreira de concreto ou posicionadas do lado da calçada, dando aos carros estacionados o espaço entre a ciclovia e o tráfego.

Nas palavras de Enrique Peñalosa, que instituiu ruas para pedestres e ciclistas e transporte público de massa em Bogotá quando foi prefeito, se uma ciclovia não é segura o suficiente para uma criança de oito anos, não é uma ciclovia de verdade. Tentei fazer minha filha andar um pouco de bicicleta em Nova York quando ela estava no colégio, mas não rolou – em parte por este motivo e em parte porque talvez não fosse descolado.

Posso notar a diferença quando vou para o centro pelas novas ciclovias da Nona Avenida, coisa que faço com frequência. Instantaneamente sinto como se um peso tivesse sido tirado. Não sinto mais a necessidade de ser tão paranoico. Não tenho medo de que um motorista resolva entrar na “minha” pista e, de certa forma, o estado de adrenalina em que entro quando estou negociando espaço nas ruas de Nova York quase se dissipa, por algumas quadras pelo menos. Me movo mais rápido também – não preciso ficar manobrando entre carros em fila dupla, pedestres, caminhonetes de entrega e táxis pegando ou desembarcando passageiros.

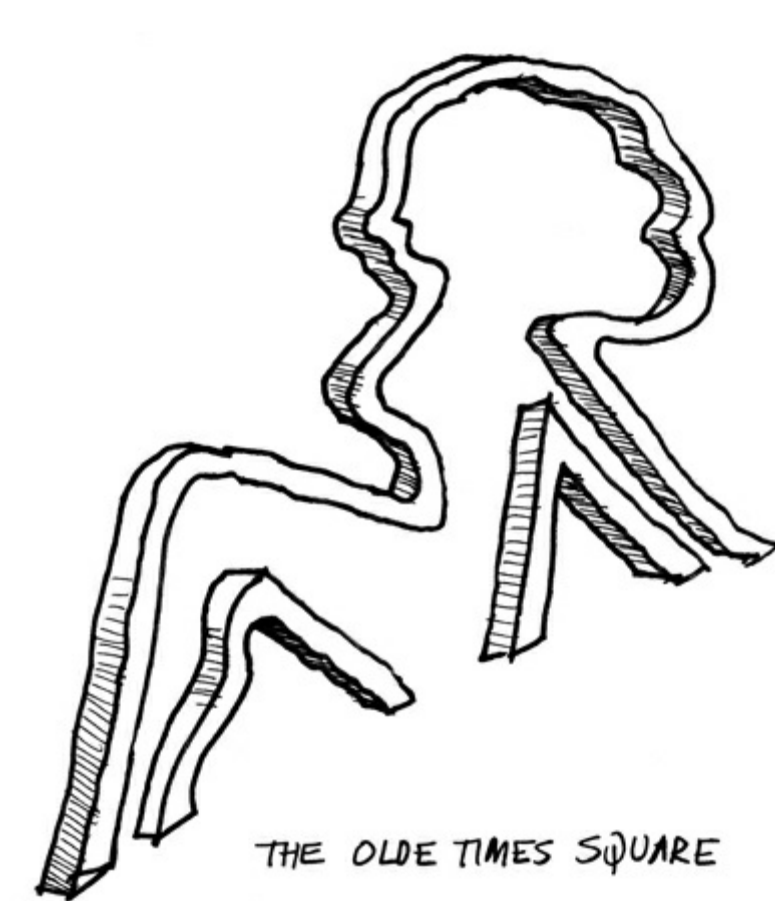
Após o evento no Town Hall, o Departamento de Transportes me procurou para julgar um concurso para projetar novos estacionamentos de bicicleta para a cidade de Nova York. Concordei, e sugeri que embora precisemos de mais paraciclos individuais aqui e ali, é nos lugares onde as pessoas se reúnem – ou se congregarão no futuro – que o assunto deve ser priorizado. Cinemas multiplex, casas de espetáculos, escolas, feiras e parques onde os novaiorquinos tomam banho de sol e se encontram precisam de muitos bicicletários, não apenas alguns paraciclos. Em Williamsburg, um ponto de estacionamento ao lado da estação da linha L da Avenida Bedford – a principal estação de metrô que leva e traz os moderninhos para Manhattan – foi tomado pelo DDT e modelado para fazer uma área de estacionamento de bicicletas do tamanho de uma vaga de carro. Um bom número de bicicletas cabe ali, e está lotado a maior parte do tempo. Trocar uma vaga de carro aqui e ali por espaço para estacionar bicicletas parece prático – não há outros lugares que comportem um paraciclo grande, a menos que um prédio na vizinhança tenha uma praça.

Em Tóquio pedalei até um complexo que incluía cinemas, restaurantes, um museu e lojas finas. Ele tinha uma sala dedicada a estacionar bicicletas com mecanismos que possibilitam empilhá-las em dois andares. E gratuito. De certa forma, aquela sala foi construída para evitar que pessoas como eu prendam suas bicicletas em cercas e postes – lugares que poderiam causar engarrafamento de pedestres. Portanto, não é apenas 100% de altruísmo – é prático também.

Quando concordei em ser um dos jurados dos projetos de paraciclos, desenhei algumas ideias divertidas para suportes menores, cada um para um bairro específico de Nova York, e as passei para o DDT. Não eram propostas sérias, mas um incentivo para descontrair. Para minha surpresa, o DDT respondeu: “Vamos fazê-los! Se alguém pagar pela fabricação, vamos instalá-los”. Há um suporte em forma de cifrão para Wall Street, um em forma de sapato de salto alto para a Quinta Avenida, um em forma de cachorrinho para o Village, uma forma

abstrata para o MoMA, etc. Como foram pensados para bairros específicos, não são feitos para serem produzidos em massa – daí o DDT pedir que alguém banque os custos de fabricação.

Aqui está meu desenho de um chamado *A Times Square de Outrora*.



Aqui está um em frente à loja de departamentos de luxo Bergdorf Goodman:



Cortesia de PaceWildenstein, Nova York, foto de Kerry Ryan McFate

Como estes paraciclos são únicos, eles não são mesmo oferecidos como uma solução para o problema das vagas para bicicletas. Mas eles chamaram a atenção para o assunto. Alguns meses depois o verdadeiro vencedor foi escolhido – um projeto elegante e prático em forma

de roda.



© 2009 Danielle Spencer

* * *

No ano passado, a Transportation Alternatives me convidou para uma reunião na Universidade de Columbia, organizada pelo presidente do distrito de Manhattan para tratar das questões de transporte em Nova York. Não pude ficar até o fim, mas fiquei feliz por conhecer Enrique Peñalosa e ouvir seu discurso.

As inovações de Peñalosa tiveram o efeito de aliviar o congestionamento, impulsionar a economia e fazer de Bogotá e seus subúrbios periféricos um lugar melhor para se viver. Algum crédito também deve ir para Jaime Lerner, o ex-prefeito de Curitiba, uma cidade brasileira que executou algumas dessas mudanças há algum tempo e que serve de inspiração e exemplo contínuo para o planejamento urbano inteligente e barato. Nos anos 70, Lerner propôs um sistema de transporte público de massa baseado em ônibus para a cidade em desenvolvimento, que é agora usado por 85% dos habitantes. Funciona tratando os ônibus como se fossem trens ou metrô, com ruas exclusivas – meio como trilhos de trem – e estações tubulares onde passageiros pagam antecipadamente, portanto o embarque é rápido, do mesmo modo que em uma estação de trem ou metrô.

O sistema se mostrou muito bem-sucedido e tornou-se um modelo para outras cidades ao redor do mundo. Embora não tão limpo e permanente como o trem, é mais barato e pode ser implantado rapidamente. (Os trilhos têm a vantagem extra de estações fixas, permitindo a lojas e outros negócios surgirem ao redor deles sabendo que estas estações vão estar ali por um bom tempo.) Infelizmente, Curitiba ainda é para mim uma cidade bastante chata, mas estas mudanças a tornaram muito mais habitável para seus moradores.



© 2009 Carlos E. Restrepo

Peñalosa implementou um plano semelhante em Bogotá, assim como criou a rua de pedestres (e bicicletas) mais longa do mundo – vinte quilômetros. Ele começou fechando determinadas ruas nos finais de semana. Depois, gradualmente, à medida que o comércio percebeu que isto na verdade aumentou as vendas e melhorou o ânimo geral, acrescentou mais dias e fechou mais ruas. Isso transformou a vida na cidade. Desnecessário dizer, também reduziu o congestionamento. As pessoas começaram a entrar mais em contato umas com as outras, saíam para passear a pé e curtiam sua cidade. Peñalosa teve que lutar contra um plano alternativo que já estava na pauta – um projeto de vias expressas de 600 milhões de dólares que teria destruído grandes partes da cidade sem resolver o problema. Como o que Robert Moses fez com Nova York.

Aqui mais alguns dos pensamentos de Peñalosa, de um texto que ele escreveu chamado “A política da felicidade”:

Uma medida comum de quão limpo é um córrego na montanha é procurar por trutas. Se você as encontrar, o habitat é sadio. O mesmo é válido para a presença de crianças numa cidade. Crianças são uma espécie de indicador. Se conseguirmos construir uma cidade boa para crianças, teremos uma cidade boa para todos...

Toda esta infraestrutura para pedestres mostra respeito pela dignidade humana. Estamos dizendo às pessoas: “Você é importante – não porque você seja rico ou porque você tem um Ph.D, mas porque você é humano”. Se as pessoas são tratadas de forma especial, até mesmo sagrada, elas se comportam de acordo. Isto cria um tipo diferente de sociedade.

Na Universidade de Columbia, sou apresentado a alguns figurões do mundo político de Nova York; o chefe do Comitê de Táxis e Limusines, alguém do Departamento de Transportes, um representante do escritório do presidente do distrito. É outro mundo para mim, e não posso dizer que me sinto muito confortável nele. Peñalosa sobe ao palco, mostra alguns slides de Bogotá e fala sobre o que ele fez lá. Alguns trechos de sua fala:

- Congestionamentos nem sempre são ruins. A prioridade não deve ser sempre aliviá-los. Eles vão forçar as pessoas a usar transporte público.
- Transporte não é uma finalidade – é um meio de ter uma vida melhor, uma vida mais agradável – o real objetivo não é [apenas] melhorar o transporte, mas melhorar a qualidade de vida.

- Um lugar sem calçadas privilegia o automóvel, portanto, os ricos que têm carros têm mais direitos. Isto não é democrático.

Peñalosa tende a ligar igualdade, em todas as suas formas, à democracia – uma conexão execrada por muitos nos Estados Unidos. Nas palavras dele, “Em cidades de países em desenvolvimento, a maioria do povo não possui carros, por isso digo, quando você constrói uma boa calçada, você está construindo democracia. Uma calçada é um símbolo de igualdade... Se a democracia deve prevalecer, o bem público deve prevalecer sobre interesses privados”.

Ele diz ainda: “Desde que tomamos estas medidas [em Bogotá], vimos uma redução no crime e uma mudança de atitude em relação à cidade”. Posso entender o porquê. Quando há pessoas constantemente nas ruas, elas ficam automaticamente mais seguras. A falecida Jane Jacobs apontou isto em seu famoso livro, *Morte e vida de grandes cidades*. Em bairros saudáveis, as pessoas cuidam umas das outras. Estar dentro de um carro pode parecer mais seguro, mas quando *todo mundo* dirige, isso na verdade torna uma cidade menos segura.

Para Nova York, Peñalosa recomendou primeiro imaginar o que uma cidade poderia ser, o que desejariam que ela fosse e o que poderia ser alcançado daqui a cem anos ou mais. Assim como com as grandes catedrais góticas, é necessário imaginar algo que não será visto em uma vida, mas algo que os filhos e netos possam viver. Isso também nos libera de dispensar rapidamente uma ideia por ser idealista demais ou improvável de um ponto de vista pragmático. Claro, assim como lidar com o aquecimento global, planejamento a longo prazo depende de vontade política, o que é algo inconstante, sobe e desce. Podemos ficar otimistas, com cautela, porque mesmo que às vezes haja pouco dessa vontade, não quer dizer que nunca haverá.

Ele pediu para que imaginássemos a Broadway, a rua mais extensa nos Estados Unidos, como uma rua de pedestres. Ele pediu para que imaginássemos retomar contato com o East River e desmontar a FDR Drive. E, como medida provisória, ele sugere que comecemos lentamente, transformando uma rua longa, como a Broadway ou a Quinta Avenida, numa rua de pedestres apenas nas tardes de domingo. (O fato de o comércio de Nova York não depender muito de acesso a carros e de não existirem grandes estacionamento para carros, como nas lojas nos subúrbios, torna tudo isto bem possível.) Enfim, Sadik-Khan ouviu o conselho da última parte, e o fechamento da Park Avenue no verão de 2008 foi um passo nessa direção.

Na minha opinião, a rua 42 poderia muito bem ser uma rua de pedestres – bem, já é quase isso agora, com todo o trânsito parado, pessoas tirando fotos e atravessando fora da faixa. Imagine-a como uma praça estendida, com teatros, restaurantes, árvores e, no meio da cidade, lugares para sentar e cafés ao ar livre... e WiFi de graça.

* * *

Desde a invasão do automóvel no meio do século passado e os esforços de seus idealizadores, como Robert Moses em Nova York, a reação padrão aos congestionamentos tem sido construir mais estradas, especialmente rodovias de alta velocidade e acesso limitado. Uma hora ficou claro que, na verdade, construir mais estradas não alivia os congestionamentos – nunca. Simplesmente mais carros parecem ocupar estas novas estradas e mais gente imagina que suas tarefas e trajetos serão mais fáceis nestas novas vias expressas.

Sei. As pessoas acabam dirigindo mais, e em vez dos níveis de tráfego existentes permanecerem constantes e se dispersarem nas novas faixas de concreto, o trânsito simplesmente aumenta até que elas também estejam repletas. Isso é o que Nova York e várias outras cidades estão notando agora. O velho paradigma está finalmente sendo abandonado.

Em Lyon, um sistema de aluguel de bicicletas começou há alguns anos e foi agora introduzido em Paris. Neste sistema, chamado Vélib (*velo* = bicicleta, *lib* = livre/liberdade), um assinante passa um cartão de crédito numa das várias estações para pegar uma bicicleta. Esta é liberada, e a primeira meia hora é gratuita. O cartão de crédito é para garantia: roubou, comprou.



Boris Horvat/AFP/Getty Images

Há estações por toda Paris – a maioria a não mais de trezentos metros da outra – assim, sua bicicleta pode ser devolvida no local para onde se está indo ou muito próximo dele. Se você fizer um trajeto mais demorado, maior que trinta minutos, você passa a ser cobrado, e o custo sobe consideravelmente, o que desencoraja viagens longas. Portanto, fazer apenas viagens curtas – encontrar um amigo para jantar ou almoçar ou ir ao cinema ou comprar pão e leite – sai praticamente de graça, já que a taxa de assinatura é mínima.

O sistema Vélib foi parcialmente financiado por um acordo feito com uma companhia de outdoors, a JCDecaux. A empresa pagou pelo direito de vender espaços publicitários em estruturas da cidade, como banheiros públicos (que são construídos pela empresa), paradas de ônibus e bancas de jornal; em troca, eles financiaram o sistema Vélib. Este acordo na verdade gera dinheiro para a cidade, assim como revolucionou o modo de se deslocar dos parisienses.

A mudança se deu não só na forma como eles se locomovem, mas também em que tipos de escolhas eles fazem como cidadãos e como eles se sentem em relação à sua cidade. No passado, as atividades poderiam ter sido consideradas restritas aos horários e itinerários do metrô, disponibilidade de táxis e outros fatores como estacionamento e trânsito. As bicicletas liberaram as pessoas de todas essas preocupações, assim como ajudaram a criar um clima de convivência e conforto social – assim como em Bogotá.

Diz-se que este sistema será testado em Governors Island, lá na ponta sul de Manhattan – para ver se a tecnologia do cartão de crédito funciona, suponho. E depois ouvi dizer que será testado numa área limitada, como o Lower East Side ou o East Village, o que parece adequado, já que muita gente vai a eventos, trabalha nessas áreas e nunca sai de lá.

De alguma maneira, todas essas pessoas que estão se esforçando para revigorar suas cidades devem muito a Jane Jacobs, que em 1968 lutou contra o plano de Robert Moses de fazer uma autoestrada cortando o centro de Nova York. Moses parecia impossível de se deter. Ele conseguiu fazer parecer que era a voz do progresso inevitável, e que fazer bairros desaparecerem para se aproximar da visão de Le Corbusier ou da Cidade Radiante futurista da General Motors era a voz da razão. Jacobs, além de elucidar o que fazia alguns bairros funcionarem e outros não, defendeu que as cidades fossem lugares onde uma vida boa e estimulante pudesse ser possível.



Jane Jacobs na White Horse Tavern. © 2009 Cervin Robinson.

Isto foi novidade para muita gente. Naquele tempo – o final dos anos 60 e começo dos 70 – muitas pessoas nos Estados Unidos pareciam acreditar que as cidades iriam em breve se tornar coisa do passado, que a vida moderna poderia ser apenas vivida bem numa casa de subúrbio com quintal, conectada ao trabalho urbano – um aglomerado de arranha-céus comerciais – por uma rede de autoestradas. Um lugar para trabalhar, outro para morar. Los Angeles e outras cidades semelhantes eram a onda do futuro, e Nova York, para sobreviver, seria forçada a seguir seu exemplo. Ou assim se pensava.

No final das contas, a maioria das pessoas agora está mais inclinada à percepção de Jacobs de que a fórmula de separar habitação e trabalho inevitavelmente resulta em pouca vida real acontecendo em qualquer uma das áreas. Os subúrbios viraram estranhas e silenciosas comunidades-dormitório onde os jovens morrem de tédio. Seus pais apenas dormem ou fazem

compras ali, portanto para eles não faz diferença – até que os filhotes se envolvam com drogas ou comecem a massacrar os coleguinhas.

Jacobs tornou célebre a expressão com a qual definia o que acontecia diariamente em seu quarteirão no Greenwich Village: “balé das calçadas”.

“Eu faço minha primeira entrada um pouco depois das 8, quando ponho o lixo para fora... Logo depois... homens e mulheres bem vestidos, elegantes até, carregando suas pastas, emergem das portas e travessas; simultaneamente, emergem várias mulheres vestidas como donas de casa e, à medida em que se cruzam, fazem pausas para conversas rápidas que soam ou como risadas ou como indignação coletiva, mas, ao que parece, nunca algo no meio do caminho.”

Ela percebeu que o uso misto era a chave. Que quando uma rua ou parque são usados por diferentes tipos de pessoas, em horas diferentes do dia, ela se mantém social e economicamente saudável, e mais segura. Você não precisa de mais policiamento e leis severas para tornar uma vizinhança segura. Você precisa evitar sugar a vida dela. Jacobs viu que o que alimenta um parque ou rua afeta a saúde daquela rua tanto quanto o que de fato está nela. Nada em uma cidade está isolado, e nenhuma parte permanece sem ser afetada pela vida (ou não vida) dos quarteirões em volta. Evidentemente, todas essas estruturas e processos orgânicos que ela percebeu e elucidou não eram ditadas por um poder superior. Não havia um planejador urbano que desenhou estes bairros saudáveis e cheios de vida como eu posso ter sugerido no capítulo de Manila. Em vez de destruí-los, os planejadores poderiam e de fato aprenderam com os bairros.

No final das contas, Jacobs percebeu que forças invisíveis – leis que governam pagamentos de hipotecas, empréstimos para moradias e, é claro, zoneamento – poderiam criar, revigorar, preservar ou eviscerar um bairro. Bairros negros urbanos nos Estados Unidos nunca tiveram uma chance, por mais que seus cidadãos tenham se esforçado – já que as leis de aluguéis estavam contra eles. Essas leis antiquadas tiveram efeitos enormes e visíveis. O Garment District – onde moro atualmente – está passando por uma transformação radical como resultado de mudanças do tipo na legislação. Há cinco anos, era proibido construir aqui condomínios e grandes prédios de apartamentos. O objetivo era preservar a base de manufaturas pequenas que fazem o Garment District funcionar como uma área de artesanato criativa e vibrante – ao menos durante o dia.

A área se desenvolveu ao longo das décadas até se tornar um lar para artesãos, estilistas de moda, atacadistas de botões e zíperes, cortadores de moldes, atacadistas de tecidos e outros negócios pequenos que abastecem as necessidades das indústrias de roupas e moda. Se um estilista precisar de um padrão cortado ou quiser usar um tipo estranho de botão, bom, o mais provável seria que ele fosse feito e estivesse disponível a alguns quarteirões de distância. Portanto, necessidades e impulsos criativos caminhavam lado a lado com o crescimento destes pequenos negócios. Tudo era bastante eficiente. Na tentativa de proteger esta sinergia, as leis controlavam quem podia construir, possuir ou alugar imóveis nesta área. Alguém percebeu que todos estes negócios funcionavam porque existiam próximos uns aos outros. Eles não conseguiriam existir isolados. Você não consegue mandar um botão por e-mail. Densidade é fundamental.

Quando os valores dos imóveis dispararam (antes da recente crise de crédito/hipotecas), os

construtores começaram a cobrir a área. Não foi surpresa que ela tenha sido rezoneada para que os prédios residenciais pudessem ser planejados, construídos e alugados. O resultado inevitável é que as pequenas indústrias de vestimentas estão sendo expulsas. Alguns dos negócios de roupas já se mudaram para Nova Jersey ou ainda mais longe. Quando a densidade cai abaixo um certo nível, não funciona mais.

Não digo que tudo seja ruim. Provavelmente o fato desta área ter se desenvolvido como um bairro de uso único tenha ajudado a torná-la tão nefasta e perigosa à noite. *Hell's Kitchen*. Até recentemente, a parte oeste de meu bairro era notória por seus drogados e prostitutas, a maioria travestis (os pobres travestis estão sempre sendo empurrados de uma zona negligenciada para a outra).

Agora há prédios altos em cada quarteirão. A vizinhança se tornou mais segura, mas infelizmente outros pequenos comerciantes estão partindo também – um a um. Havia dois peixeiros na Nona Avenida até alguns meses atrás. Agora há apenas um. Havia ainda dois açougueiros até há pouco tempo, mas um deles acabou de fechar. O mercado de frutas e verduras operado por uma família latina fechou ano passado, e outro restaurante tailandês ocupou seu espaço. Agora há três restaurantes tailandeses numa área de dois quarteirões.

Suspeito que muitas destas mudanças – nem todas foram para pior, no caso de minha área – são principalmente o resultado das mudanças na lei e no zoneamento, decisões invisíveis tomadas na surdina que com o tempo têm efeitos devastadores. Não temos nem consciência de algumas delas, a menos que frequentemos reuniões locais, portanto é um pouco difícil ver como elas vão afetar a cidade. Mas muitos de nós reconhecemos instintivamente as coisas pelas quais vale a pena lutar e reagimos quando as vemos sendo destruídas – esperando que não seja tarde demais.

Portanto, embora não tenha sido algo planejado, acabei me tornando uma espécie de advogado. Concordo com Jan Gehl: embora eu ande nelas, as ruas de Nova York não estão prontas para lidar com todos este ano. Ainda não, pelo menos. Nova York não deve ser inundada de ciclistas da noite para o dia. Minhas recomendações para amigos sobre onde andar de bicicleta em Nova York limitam-se às ruas, parques e esplanadas onde isto é possível. E há cada vez mais delas.

Estou nos meus cinquenta, portanto, posso afirmar que andar de bicicleta como meio de locomoção não é algo reservado apenas para os jovens e enérgicos. Você não é obrigado a usar roupas de lycra, a não ser que você queira, pedalar não é necessariamente tão extenuante. É o sentimento de liberdade – a sensação física e psicológica – que é mais persuasivo do que qualquer argumento prático. Ver coisas de um ponto de vista próximo ao dos pedestres, vendedores e vitrines de lojas, além do fato de se locomover de forma não inteiramente afastada da vida que ocorre nas ruas, é puro prazer.

Observar e participar da vida de uma cidade – mesmo para uma pessoa reticente e frequentemente tímida como eu – é uma das maiores alegrias da vida. Ser uma criatura social – isto faz parte do que significa ser humano.

Dicas de segurança

Hal, da Bicycle Habitat, demonstrou para o público no Town Hall como é fácil cortar um cabo (cinco segundos) ou serrar um cadeado (um minuto) ou quebrar uma corrente com uma lixadeira (quatro minutos). Você se perguntaria: quem carrega lixadeiras e onde eles a ligam na tomada? Acontece. Não tanto quanto antes, mas acontece. O conselho de Hal é usar o máximo de segurança possível que você conseguir (mais de um tipo de tranca se possível, porque torna necessário o uso de múltiplas ferramentas), e usar a pior bicicleta que você puder – se você for deixá-la na rua.

Eu acho que ele está certo, mas talvez duas travas diferentes sejam um pouco demais. Comprei há pouco tempo dois parafusos de segurança que requerem ferramentas específicas para serem desaparafusados. Os parafusos substituem as blocagens das rodas e do assento, e parecem estar funcionando – nem minhas rodas nem meu selim foram roubados até agora. Algumas empresas os fabricam. Você recebe um troço especial que parece uma chave e os parafusos são realmente difíceis de soltar sem ela. O inconveniente é que se você precisa tirar uma das rodas para conserto, bom, você precisa ter a chave consigo.

Em termos de cadeados, uma loja de bicicletas daqui recomenda uma trava curta em U em vez das longas, porque, como dizem, é difícil conseguir enfiar um cano no espacinho mínimo que sobra nas travas curtas para apoiá-lo e quebrar a trava. Isso tem funcionado bem até agora.

Manutenção

Uma vez comprei uma bicicleta realmente muito legal, com marchas e freio caros – tudo a que tinha direito. Mas mantê-la regulada e andando suavemente era um processo tão interminável, que quando ela foi finalmente roubada (na verdade, apenas a metade dianteira foi roubada) nem me dei ao trabalho de substituí-la. Era como um animal de raça: precisava de cuidados constantes e era muito cheia de frescuras. Se você é do tipo que curte carros esportivos importados e adora ficar mexendo na garagem, você vai amar essas bicicletas top de linha.

Capacetes e vestimentas

Capacetes são notoriamente deselegantes. Experimentei várias coisas como capacetes. Capacetes de montaria ingleses parecem bastante seguros (bastante acolchoamento de isopor) e são bem elegantes (são recobertos de veludo e têm um laço de cetim na parte de trás), mas zero de ventilação. Deus sabe como ficava o cabelo das damas e cavalheiros quando voltavam das caças. Argh!

Uma vez tentei um capacete de batedor (de beisebol) também – que cobre uma orelha (a que fica de frente para o lançador). Eles ficam presos sem tiras (apertando firmemente sua cabeça), o que funciona para batedores, já que eles os tiram depois de três minutos na posição. Mas andar de bicicleta com um desses, mesmo por pouco tempo, me deu uma dor de cabeça tremenda.

Tentei enfeitar meus capacetes também. Um ano vi um portorriquenho vendendo caudas de guaxinim num carrinho de supermercado. Comprei um e o preendi na parte de trás do capacete. Davy Crockett! Rei do Oeste Selvagem! Esse capacete foi roubado muito rápido.

No inverno e em dias frios, uso um capacete de skatista. Eles cobrem uma boa parte da cabeça e não têm buracos, então são quentes. Quando o clima está mais ameno, uso um modelo de corrida mais caro, com vários furos, que não evita o cabelo amassado, mas permite que meu couro cabeludo respire um pouco. Minha amiga C acabou de comprar um capacete dobrável no Japão – tiras de couro recheadas de material almofadado duro que se achatam quando não estão na sua cabeça.

Lycra – nunca tentei. Eu tenho um par de shorts de ginástica meio soltinhos com um protetor genital. Nós homens já ouvimos histórias a respeito de bicicletas e a próstata. Uso esses apenas se eu sei que vou dar uma volta muito longa ou cansativa. Muito raramente tive bolas adormecidas. É uma sensação estranhíssima, e o protetor evita que isso aconteça.

Eu acho que, a menos que esteja muito calor lá fora, eu posso me vestir normalmente, o que em geral quer dizer calças compridas e uma camisa de colarinho. Se eu relaxar e não forçar muito a velocidade, não viro um chafariz – e posso ir a reuniões, shows e eventos sociais sem me preocupar muito (eu tinha um chuveiro instalado em meu escritório/estúdio – para o caso de chegar lá ensopado de suor, precisando estar decente pra uma reunião de negócios. Tive que explicar e conseguir a liberação com o departamento de construções, já que é um prédio comercial e eles acharam que eu pudesse estar construindo um apartamento para aluguel escondido. Na verdade acabei não o usando muito – pode perguntar para o pessoal do escritório se isso foi um problema). Eu me mantenho nas ciclovias ao longo do rio o quanto posso, já que são pelo menos dez graus mais frescas do que a área de tráfego de carros. É, o tráfego não só polui, como também esquenta as nossas cidades. Nem todo mundo pode pedalar ao longo de um rio, mas fazê-lo perto de árvores também é quase a mesma coisa.

Na primavera e no outono eu consigo até vestir terno ou um paletó se o evento pedir. Se eu não fizer muito esforço pedalando, fico bem. Ou enrolo a perna da calça direita ou a prendo com um pregador, já que nem todas as bicicletas têm aqueles protetores para manter a graxa da corrente longe das pernas das calças desse lado.

Por fim, eu sei que é ainda mais nerd do que andar de bicicleta, mas comprei uma cesta removível e funcionou muito bem. Posso fazer compras no caminho para casa, colocar minha maleta ou mochila ali se estiver carregando um laptop ou algo meio pesado assim. Além de tirar o peso do meu corpo, significa que não fico com as costas suadas pela mochila.

Viajar

Experimentei algumas bicicletas dobráveis, mas não todas, então isto não é uma reportagem

para consumidores. Eu tenho preconceito com as dobráveis que têm rodas pequenas, apesar de ter começado a fazer turnês de música com uma pequena Peugeot dobrável com rodinhas, e ela aguentou muitos anos. Agora uso, principalmente, dobráveis de tamanho normal que tenham alguma forma de suspensão – ou no garfo frontal ou no assento. Uma vez meus pulsos ficaram realmente doloridos, e eu acho que foi de tanto pedalar sem suspensão sobre as ruas de paralelepípedo do SoHo. Para um guitarrista, isso é preocupante. Montague e Dahon fazem bicicletas dobráveis com rodas normais. Brompton, Birdy, Moulton e Dahon – todas fazem dobráveis com rodas menores.

As bicicletas de tamanho normal se dobram cabendo numa mala grande com rodinhas (que também comportam um capacete), que pode ser despachada como segunda peça de bagagem. Antigamente você podia ter duas peças de bagagem sem custo extra – isso é raro hoje em dia. Já tive que encarar taxas de 125 dólares para despachar equipamento esportivo (acho que essa taxa é para sacos de golfe ou esquis), então eu pensaria duas vezes antes de empacotar uma bicicleta para uma viagem curta hoje em dia. Se eu vou ficar em algum lugar por uma semana, não só é prático e divertido como também econômico, mesmo com a taxa da bagagem.

Uma alternativa para todo esse negócio de bagagem e empacotamento é alugar uma bicicleta quando você chegar ao seu destino. Está cada vez mais fácil fazer isto nos lugares para onde vou. Recentemente, aluguei uma bicicleta em Berlim por uma semana, e outra em Salvador, no Brasil, por dois dias.

Organizações e links

Transportation Alternatives

<http://www.transalt.org>

Gehl Architects

<http://www.gehlarchitects.com>

EMBARQ The WRI Center for Sustainable Transport

<http://www.embarq.org>

Institute for Transportation & Development Policy

<http://itdp.org>

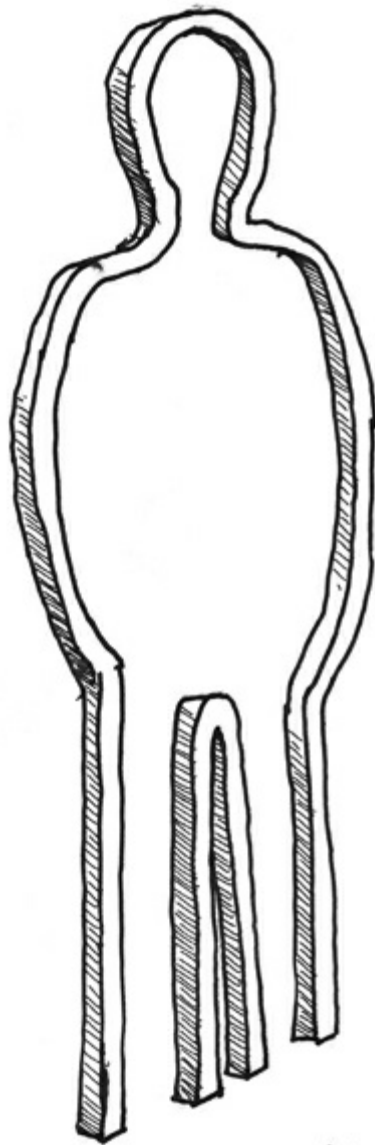
New York City Department of Transportation

<http://www.nyc.gov/html/dot/html/home/home.shtml>

Institute for Sustainability and Technology Policy

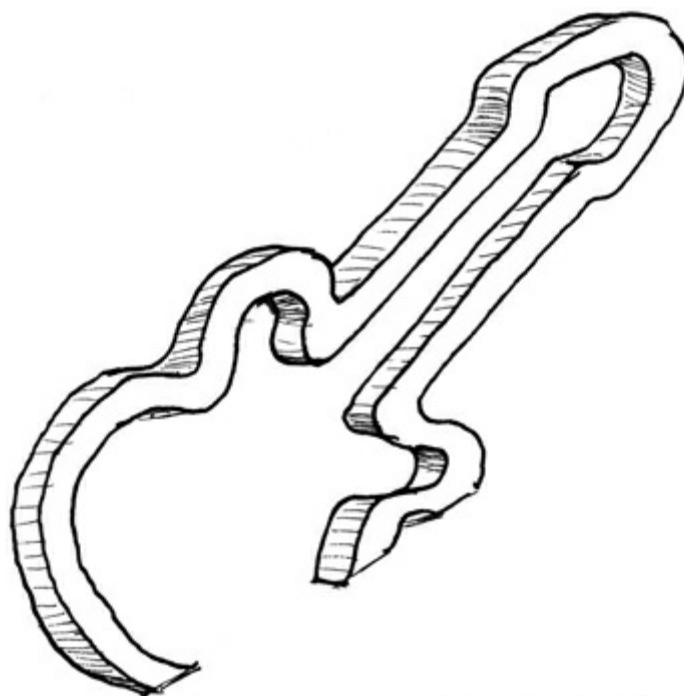
<http://www.istp.murdoch.edu.au>

Outros desenhos de David Byrne para paraciclos em Nova York



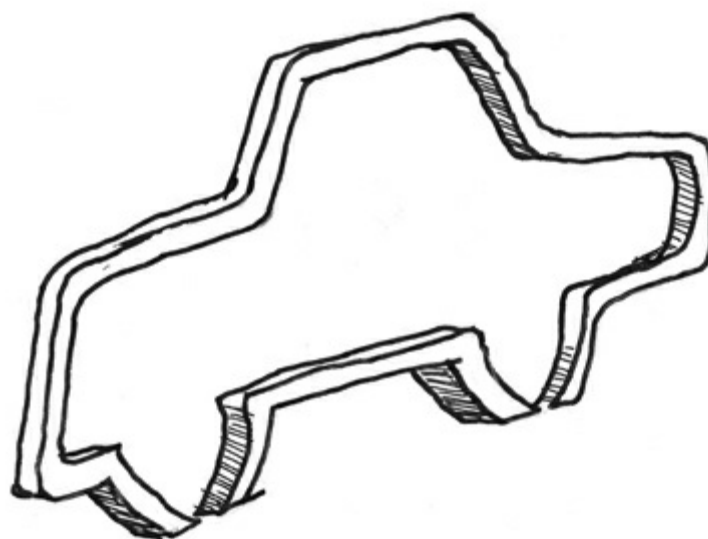
THE CHELSEA

*O Chelsea



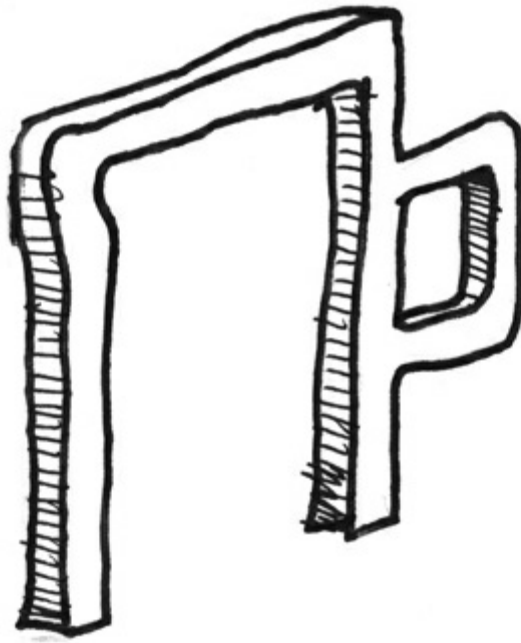
THE HIPSTER

*O hipster (o antenado)



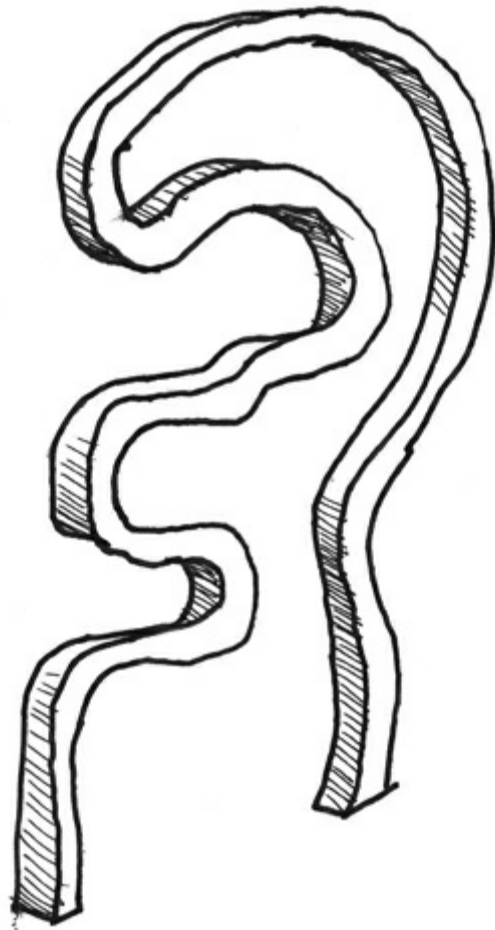
THE JERSEY

*O Jersey



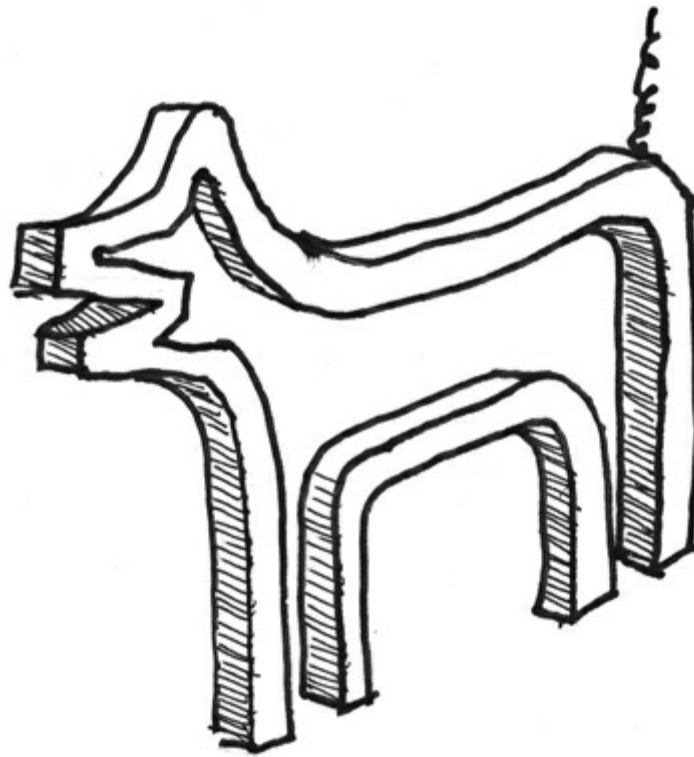
THE COFFEE CUP

*A caneca de café



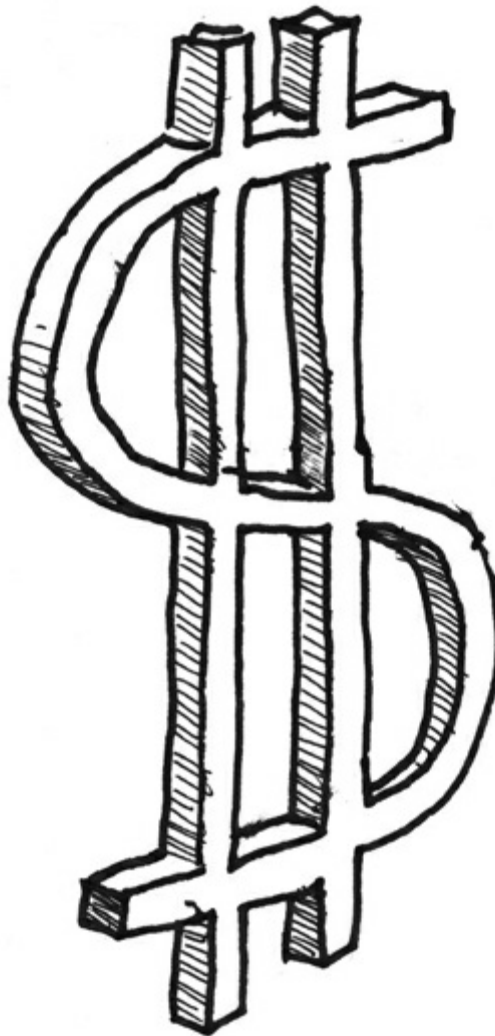
THE MOMA

*O MoMA



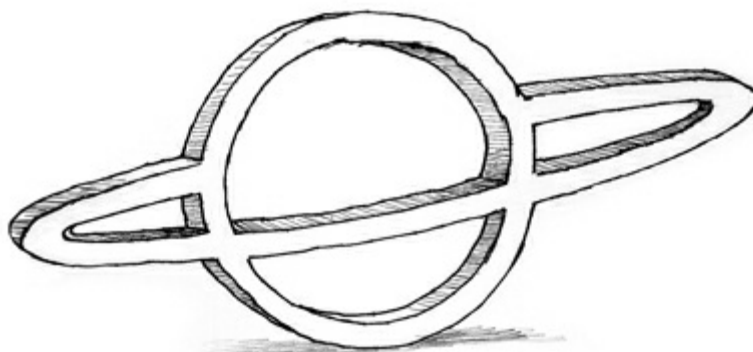
THE VILLAGER

*O do Village



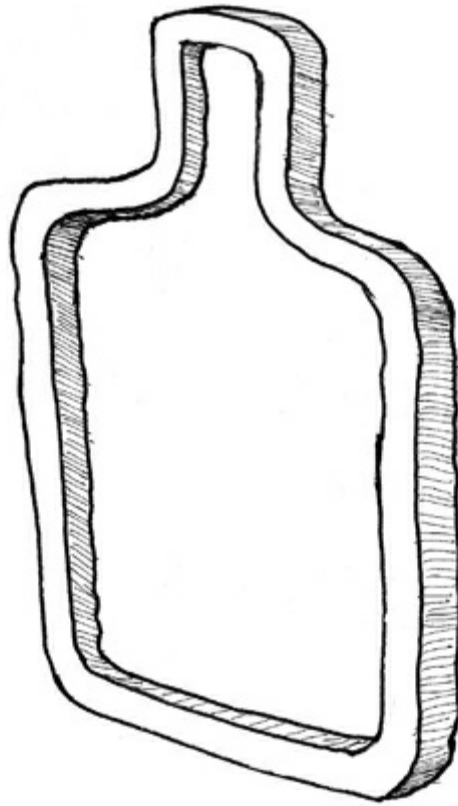
THE WALL ST

*O de Wall Street



THE AMERICAN MUSEUM OF NATURAL HISTORY
PLANETARIUM

*O planetário do Museu Americano de História Natural



THE BOWERY

*O Bowery

Agradecimentos

Scott Moyers, meu agente na Wylie Agency, sugeriu há algum tempo que isto aqui poderia dar um livro, tendo como fio de ligação minhas explorações de bicicleta por várias cidades. Sua referência foi W. G. Sebald, mais especificamente seu livro *Os anéis de saturno*, que usa uma caminhada errante no interior da Inglaterra como modo de conectar vários pensamentos, reflexões e anedotas. Não posso ter a pretensão de ter chegado perto de Sebald como escritor, mas estabelecer um padrão tão alto me deu algo a almejar. Posso também ter mencionado a Scott sobre *Verdade tropical*, o relato de Caetano Veloso sobre os anos da Tropicália no Brasil, no qual ele usa suas memórias da época como trampolim para discutir uma série de questões e eventos. Os dois livros saem em muitas tangentes, o que, ao menos para eles, funciona muito bem. Vi que era possível fazer o formato funcionar.

Embora eu tenha mantido um diário de viagem e turnês por décadas, Danielle Spencer, em meu estúdio, ajudou a me incentivar e a facilitar a transposição para a forma on-line. Blogar, como eles dizem. Ainda estou descobrindo onde me encaixo na blogosfera – percebi logo que eu não queria produzir só um metablog (uma série de links para coisas interessantes vistas e lidas on-line) nem um diário exclusivamente pessoal – não acho que minha vida pessoal seja muito interessante ou diferente. Contudo, descobri que o diário/blog é um ótimo jeito de tentar expressar e articular pensamentos, sensações e ideias – muitas das quais me ocorreram durante viagens, o que significava geralmente andar de bicicleta por várias cidades. E o blog permite links, fotos, vídeos, áudio e todo tipo de coisa que acaba por fazer parte da experiência de leitura – uma experiência que espero que os leitores digitais consigam reproduzir algum dia.

Agradeço aos editores Paul Slovak e Walter Donohue pelas notas e comentários – todos percebemos que um blog não é um livro. Obrigado à minha namorada, Cindy, pelos comentários e pela companhia em alguns desses passeios. E obrigado também à Emma e ao Tom, meus pais, por me darem a minha primeira bicicleta.

Sobre o autor



© Todo Mundo

David Byrne é mundialmente conhecido por seu trabalho como músico à frente da banda Talking Heads, cult dos anos 80, e por seus álbuns solo e em parceria com Brian Eno, como *Everything that happens will happen today*, uma de suas mais recentes colaborações. Sob o selo independente Luaka Bop, Byrne foi o responsável por distribuir internacionalmente grandes nomes do que se convencionou chamar de world music (entre os artistas brasileiros, lançou trabalhos de Tom Zé, Yoñlu, +2 e Os Mutantes). Além da música, o artista também encabeça uma série de projetos nas artes plásticas, no teatro e no cinema, colaborando com nomes como Caetano Veloso, Marisa Monte, Thwyla Tharp, Robert Wilson, Jonathan Demme e Bernardo Bertolucci.

Nascido em Dumbarton, na Escócia, em 1952, David Byrne frequentou a Rhode Island School of Design e o Maryland Institute College of Art. Atualmente, vive em Nova York.